

Wellington César Martins Leite

A REPRESENTAÇÃO DO CAIPIRA NA UNESP FM

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Campus Bauru-SP, como requisito para obtenção do Título de Mestre em Comunicação, desenvolvido sob orientação do Prof. Dr. Mauro de Souza Ventura.

Bauru

2013

Leite, Wellington César Martins.
A Representação do caipira na UNESP FM / Wellington
César Martins Leite, 2013
335 f.

Orientador: Mauro de Souza Ventura

Dissertação (Mestrado)-Universidade Estadual
Paulista. Faculdade de Arquitetura, Artes e
Comunicação, Bauru, 2013

1. Caipira. 2. Rádio. 3. Sertanejo. 4. UNESP FM.
5. Comunicação. I. Universidade Estadual Paulista.
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação. II.
Título.

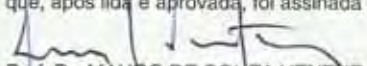



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação
Campus Bauru




ATA DA DEFESA PÚBLICA DA DISSERTAÇÃO DE Mestrado DE WELLINGTON CÉSAR MARTINS LEITE, DISCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO, DO(A) FACULDADE DE ARQUITETURA, ARTES E COMUNICAÇÃO DE BAURU.

Aos 20 dias do mês de agosto do ano de 2013, às 14:30 horas, no(a) Sala de Defesas dos Programas de Pós-graduação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação, reuniu-se a Comissão Examinadora da Defesa Pública, composta pelos seguintes membros: Prof. Dr. MAURO DE SOUZA VENTURA do(a) Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Profa. Dra. MARIA CRISTINA GOBBI do(a) Departamento de Comunicação Social / Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação de Bauru, Profa. Dra. ALICE MITIKA KOSHIYAMA do(a) Departamento de Jornalismo e Editoração / Universidade de São Paulo, sob a presidência do primeiro, a fim de proceder a arguição pública da DISSERTAÇÃO DE Mestrado de WELLINGTON CÉSAR MARTINS LEITE, intitulado "A representação do Caipira na UNESF FM". Após a exposição, o discente foi arguido oralmente pelos membros da Comissão Examinadora, tendo recebido o conceito final: APROVADO. Nada mais havendo, foi lavrada a presente ata, que, após lida e aprovada, foi assinada pelos membros da Comissão Examinadora.


Prof. Dr. MAURO DE SOUZA VENTURA


Profa. Dra. MARIA CRISTINA GOBBI


Profa. Dra. ALICE MITIKA KOSHIYAMA

Este trabalho é dedicado a minha família, especialmente a minha mãe, Regina, minha mulher, Isabela, e aos meus dois filhos.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente a Deus.

Ao meu caríssimo orientador Mauro de Souza Ventura, pela confiança e elegância.

À banca de qualificação, composta pelos professores Dra. Maria Cristina Gobbi e Dr. Cláudio Bertolli, pelas preciosas dicas, correções e incentivos.

Aos professores Dra. Alice Mitika Koshiyama, que integrou a banca que analisou a dissertação final (junto com a professora Dra. Maria Cristina Gobbi) e Dr. Maximiliano Martin Vicente pelas preciosas correções e dicas e pelo apoio.

Aos professores do programa de pós-graduação em Comunicação da UNESP Bauru, fundamentais na minha formação.

Aos queridos colegas de classe pela amizade e ânimo.

Ao poeta Lázaro Carneiro e aos amigos do Clube da Viola.

Aos colegas da rádio UNESP FM.

À professora Célia Retz e suas alunas de Relações Públicas, especialmente, Cristiane Versuti, pela contribuição.

Aos funcionários da Pós-graduação, sempre apostos e gentis.

Aos familiares que me ajudaram a multiplicar meu tempo, às vezes, abdicando de suas próprias obrigações: minha mãe e Marcelo e meus sogros Flávia e Afonso.

E, finalmente, a todos que indiretamente ajudaram-me a concretizar esse projeto.

"Circuladô de fulô ao deus ao demodará que deus te guie
porque eu não posso guiá eviva quem já me deu circuladô de
fulô e ainda quem falta me dá
soando como um shamisen e feito apenas com um arame tenso
um cabo e uma lata velha num fim de festafeira no pino do sol a
pino mas para outros não existia aquela música não podia
porque não podia popular aquela música se não canta não é
popular se não afina não tintina não tarantina e no entanto
puxada na tripa da miséria na tripa tensa da mais megera
miséria física e doendo doendo como um prego na palma da
mão um ferrugem prego cego na palma espalma da mão
coração exposto como um nervo tenso retenso um renegro
prego cego durando na palma polpa da mão ao sol [...]
o povo é o inventalínguas na malícia da mestria no matreiro da
maravilha no visgo do impriviso tenteando a travessia azeitava
o eixo ao sol[...]
e não peça que eu te guie não peça despeça que eu te guie
desguie que eu te peça promessa que eu te fie me deixe me
esqueça me larga me desamargue que no fim eu acerto que no
fim eu reverto que no fim eu conserto e para o fim me reservo e
se verá que estou certo e se verá que tem jeito e se verá que
está feito que pelo torto fiz direito que quem faz cesto faz cento
se não guio me lamento pois o mestre que me ensinou já não dá ensinamento"

Circuladô de Fulô - música de Caetano Veloso e texto de Haroldo de Campos (do livro Galáxia) - CD Circuladô de Fulô, reeditado em 2002.

LEITE, Wellington. C. M. **A Representação do Caipira na UNESP FM**. 2013, 335f Dissertação (Mestrado em Comunicação). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Universidade Estadual Paulista (UNESP). Bauru, 2013.

RESUMO

O presente trabalho tem por objeto alisar o programa "Vida Caipira" da UNESP FM. Nosso intuito é verificar traços da cultura caipira idealizada pelos produtores do programa radiofônico "Vida Caipira", analisando trinta gravações. Para tanto, usamos os pressupostos de Carlos Brandão, Emílio Willems, Jesús Martín-Barbero, Néstor Canclini, Amadeu Amaral, Mario Kaplún e Mikhail Bakhtin em diferentes momentos da pesquisa: primeiramente para compreender o que significa a cultura caipira (oriunda do Estado de São Paulo, mas com traços fortes da cultura medieval europeia); depois, para identificar a importância da mediação na Comunicação. E, finalmente, caracterizar o objeto plasticamente (como ele se apresenta em termos de estilo e estética radiofônica) e analisar as falas do programa, com o foco em uma comunicação popular e transformadora.

Palavras-chave: caipira, comunicação, rádio, sertanejo, UNESP FM

LEITE, Wellington. C. M. **The representation of the rustic culture in UNESP FM.** 2013, 335f. Dissertation (Master's Program in Communication). Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação – Universidade Estadual Paulista (UNESP). Bauru, 2013.

ABSTRACT

The present study has as object the radio program "Vida Caipira" (Cracker Barred Life, in a free translation) of UNESP FM. Our focus is find some rustic features idealized by the program producers, researching thirty records of it. To reach our goal, some authors were importants, like Carlos Brandão, Emílio Willems, Jesús Martín-Barbero, Néstor Canclini, Amadeu Amaral, Mario Kaplún and Mikhail Bakhtin, in different moments of the research: first, to understand what the meaning of the rural culture from São Paulo State (closely related to european culture of Middle Age); second, identify the importance of mediation in Communication; finaly, describe and analyse the records of the speaking of the radio program, focusing in a popular and transforming communication.

Keywords: rustic culture, communication, radio, country music, UNESP FM

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - 5 primeiros Autores + Rendimentos ECAD de janeiro de 2010	67
Quadro 2 - 5 primeiros Autores + Rendimentos ECAD de janeiro de 2011	67
Quadro 3 - 5 primeiros Autores + Rendimentos ECAD de janeiro de 2012	67
Quadro 4 - 5 primeiros Autores + Rendimentos ECAD de janeiro de 2013	68
Quadro 5 - Censo demográfico urbano e rural de 2010 do IBGE	81

SUMÁRIO

1	Capítulo 1 - Introdução e Fundamentos teóricos e metodológicos	11
1.1	Fundamentos Teóricos e Metodológicos	20
1.1.1	Fundamentação teórica	21
1.1.2	Metodologia	32
2	Capítulo 2 - Moda Caipira e moda sertaneja	47
2.1	Caipira ou sertanejo?	47
2.2	Percurso da viola na América Latina até o estado de São Paulo	53
2.3	Existem diferenças entre música caipira e sertaneja?	61
2.4	E o "caipira" de hoje?	72
3	Capítulo 3 - Vida Caipira: como programa de rádio e como objeto de pesquisa	80
3.1	A cidade de Bauru: pequeno histórico, suas emissoras e os programas sertanejos	80
3.2	Aspectos gerais da UNESP FM	84
3.3	Caracterização do programa "Vida Caipira"	98
3.3.1	A estrutura responsável por levar o programa "Vida Caipira" ao ar	104
3.3.2	Vinheta de abertura	105
3.3.3	Programação musical do Vida Caipira	108
4	Capítulo 4 - A tênue separação entre criador e criatura	117
4.1	A entrevista	117
4.2	Os dois roteiros: o impresso e o imaginado	127
4.3	Técnicas e traços marcantes da locução de Lisboa	140
4.3.1	Traços caipiras	148
4.3.2	Traços de urbanidade	152
	Considerações finais	160
	Referências bibliográficas	167
	Sítios visitados	172
	Anexo 1 - Transcrição dos programas	173
	Anexo 2 - Letra da música "Cheiro de Relva"	286
	Anexo 3 - Carta de João Pessoa	287
	Anexo 4 - Exemplo do roteiro do programa	289
	Anexo 5 - Entrevista com Walter Lisboa	290
	Anexo 6 - Questionário UNESCO aplicado na UNESP FM	317

CAPÍTULO 1 - Introdução e Fundamentos Teóricos e Metodológicos

Após anos dedicando-nos totalmente ao rádio AM e FM, principalmente o cultural e educativo, não poderíamos deixar de usar nossa experiência e angústias nessa pesquisa. Inquietações sobre o alcance da mensagem, as possibilidades (aproveitadas e perdidas) de dialogar com os ouvintes e de colaborar com nossa sociedade.

O rádio, meio de comunicação tão popular, cada dia com menos participação no total de investimentos publicitários, há anos busca renovar-se e atrair mais público. Por razões comerciais, as emissoras foram excluindo alguns gêneros musicais das grades de programação, enquanto outros poucos gêneros as dominam. Às vezes, menos que poucos gêneros, mas somente os cantores mais conhecidos do momento. Satelitizações e conglomerações têm diminuído o número de trabalhadores nas emissoras, o que tem reflexo direto nas produções: a maioria dos programas de rádio é musical e quase não há radiodramatizações e outras modalidades que requerem uma produção mais elaborada. De outro lado, enquanto mera jukebox, enfrenta um concorrente eficaz: os reprodutores de música digital, cada vez menores em tamanho e gigantes na capacidade de armazenamento. Com o MP3 à disposição de todos, especialmente aos mais jovens, a "reinvenção" do rádio como modelo de negócio continua urgente.

Já nas emissoras educativas ocorre o inverso: quase tudo o que é considerado popular é negado. Pluralidade é a palavra de ordem para preencher a grade de programação. Classificações e delimitações de gênero são enfatizadas. Produtores buscam instituir e preservar patrimônios culturais. O sucesso é praticamente ignorado. Dotações orçamentárias do Estado garantem a compra de discos e a contratação de profissionais. Mas também existe um dilema: como "produto" pago por nossos impostos e "entrega" gratuita, as emissoras culturais e educativas não sabem qual conteúdo agradará mais seu ouvinte. Mais do mesmo? Ou dedicar-se ao que as comerciais excluem em nome do lucro?

A cidade de Bauru, centro-oeste do estado de São Paulo, até dezembro de 2012, possuía duas emissoras educativas que não eram usadas comercialmente, ou seja, não dependiam de verbas publicitárias. Por estarem ligadas a instituições mantenedoras e que percebiam a necessidade de existência de uma comunicação que não fosse

meramente comercial, que não explorasse apenas as "músicas de trabalho", o sucesso e os cantores da moda, essas rádios dedicaram a maior parte de suas programações àquilo que as outras desprezavam, ou seja: música brasileira com mínimo apelo comercial, independente, música instrumental, erudita, choro e vários outros gêneros musicais.

Em nossa visão, a pluralidade de ritmos, vozes e opiniões são fundamentais no rádio (seja ele educativo ou comercial). O que não significa que os gêneros mais populares devem ser excluídos pelo simples fato de assim o serem.

Logo, o rádio sem pretensões econômicas, mas que não se nega a buscar um caminho entre a cultura erudita e a popular é nosso alvo preferencial. Como podemos constatar empiricamente, foi estabelecida uma divisão entre o que é "cultural" e o que é "popular" nos meios de comunicação.

Ocupando espaço na acirrada luta pela atenção do ouvinte em Bauru temos a emissora cultural, educativa e pública UNESP FM. Sem medidores de audiência disponíveis, a UNESP FM mantém o "Vida Caipira" em sua grade há vinte e dois anos. No mesmo horário de sua veiculação, outras emissoras da cidade (as comerciais 94FM, Auri-Verde AM, Hot FM e Tupi FM) - sem mencionarmos as web rádios existentes - também se dedicam à música com elementos considerados rurais ou que são desdobramentos desse tipo de música, que constituem o gênero musical sertanejo. Todas as emissoras comerciais citadas exploram a música do momento, o comumente denominado "sertanejo universitário".

Para seguir a lei de radiodifusão pública, a UNESP FM mantém uma grade plural e uma pergunta constante: como fazer a ponte entre o cultural, o educativo e o interessante ao público? Como fugir da ditadura da audiência ou do completo desinteresse por ela?

Como trabalhador de emissoras comerciais, pensávamos na audiência. Como trabalhador de educativas há quase uma década, pensamos em como agradar ao público sem pôr de lado o conteúdo artístico e cultural que não acha espaço na mídia comercial. Após nossa graduação, em que pesquisamos o samba-canção (gênero popular que deu base à Bossa-Nova e foi veementemente negado pelos jovens da classe média da época), nos estudos do mestrado resolvemos unir ao rádio outro gênero musical popular: o sertanejo. Assim surgiu o interesse por nosso objeto, o programa "Vida Caipira".

Dentro de sua grade geral de programação (que vai do samba à música erudita) a rádio universitária UNESP FM apresenta o programa "Vida Caipira", dedicado às modas de viola. Em nossa opinião, é dos exemplos mais próximos que temos, dentre os programas de rádio na cidade de Bauru, que buscam um diálogo entre o popular e cultural (excluindo-se aí as chamadas "piratas" e as web rádios). Nosso objeto de pesquisa vai ao ar de segunda a sexta-feira, das seis horas da manhã às seis horas e quarenta e cinco minutos. Nele, basicamente, não há espaço para a música sertaneja feita atualmente.

De um lado, ao explorar as músicas sertanejas mais antigas, deu-nos a impressão de servir como preservador da cultura rural paulista. De outro, como separar uma manifestação artística de seus frutos diretos, como se estivesse parado no tempo?

A dúvida não é somente nossa. Ao conversarmos com os idealizadores e produtores do "Vida Caipira", percebemos que também enxergam no programa alguma utilidade cultural. Encaram a emissão de modas de viola como preservação da cultura caipira. Grupo de apreciadores de moda de viola que conhecemos negam o sertanejo atual, às vezes, classificando-o como "impuro". Mas qual manifestação cultural pode ser considerada realmente pura? Será que o "Vida Caipira" é realmente caipira? Quais traços da antiga tradição rural paulista chegam-nos através da veiculação desse programa?

Assim, gostaríamos de conhecer mais profundamente o "Vida Caipira" e identificar quais elementos da cultura caipira ainda são veiculados pela UNESP FM, seja através das músicas selecionadas, seja pela intervenção do locutor. Tentaremos, no decorrer deste trabalho, mostrar alguns dos prováveis motivos que levaram à valorização das músicas sertanejas consideradas de raiz, a ponto do programa ser considerado interessante para uma emissora cultural e educativa.

Como os produtores do programa são funcionários públicos que, em tese, não sofrem pressões do mercado e têm liberdade para escolher os temas de suas produções, gostaríamos de saber como traços dessa cultura são absorvidos pelos profissionais da UNESP FM e repassados ao ouvinte.

Isso levou-nos a conhecer o que dizem produtores de cultura sertaneja em Bauru e o locutor do "Vida Caipira", Walter Lisboa, que inventou um estilo, um

personagem, para apresentar o programa. Com passado rural e apreciador de modas de viola, Lisboa até pareceu-nos assumir-se como caipira.

Interessados em mais exemplos, participamos de encontros com os catireiros do Clube da Viola de Bauru, em seus ensaios. Modistas, poetas, violeiros, dançarinos e apreciadores de Catira e de Moda de viola surpreenderam-nos ao dialogar tranquilamente com o passado, pesquisando gravações raras, históricas, trocando discografias inteiras em seus *pendrives*, publicando sua agenda de apresentações e algum conteúdo em um blogue. Alguns apreciadores da música sertaneja atual, outros críticos ferozes dessa adaptação ao mercado. Alguns compondo novas modas de viola e fazendo contato com os programas de rádio que tocam música sertaneja para divulgar seus discos e shows.

Mesmo alguns estando vestidos à caráter (usando botinas, chapéus, lenços, cinturões, etc.) eram trabalhadores de empresas urbanas, alguns aposentados, outros estudantes. Enquanto conversavam, apresentavam o legítimo sotaque bauruense, ou seja, nada mais do que um erre "inglês", algum ritmo na junção das palavras. Nada que se aproxime do famoso sotaque piracicabano, por exemplo.

Nosso interesse teve o mesmo intuito: entender o passado e as transformações que chegaram até nossos dias e explorar métodos de diálogo, de troca com o público. Dar continuidade ao pensamento que inclui os ouvintes na programação de rádio. Não aquela programação vertical, em que radialistas falam e ouvintes ouvem. Mas tentar incluir as manifestações populares e seus grupos produtores na grade da emissora. Sem a falsa sensação de promover um programa rico em conteúdo e que pouco importa aos que servimos.

Para isso, no primeiro capítulo desta dissertação, debruçamo-nos sobre o objeto de pesquisa, os objetivos, justificativas e breve revisão bibliográfica. Aqui, também, uma breve descrição teórica e dos procedimentos metodológicos que guiam nosso trabalho.

A busca por respostas começou com a leitura de Jesús Martín-Barbero, Néstor Canclini, Maria Immacolata Vassallo de Lopes, Nilda Jacks, Mauro Wilton de Souza e outros no que se refere à Comunicação e Cultura.

Emílio Willems, Waldenyr Caldas, Carlos Brandão, Gislene Silva, Eunice Durham, Romildo Sant'anna, José Ramos Tinhorão, Darcy Ribeiro, Antônio Cândido, Paulo Castagna, Álvaro Catelan e Ladislau Couto e Amadeu Amaral para entendermos melhor a cultura e a música caipiras.

Baseados nos autores citados, que pesquisaram e relataram as transformações da cultura rural paulista durante os séculos, passando pelo advento e emergência da Indústria Cultural no Brasil até nossos dias, supomos que traços dessa cultura foram tomados como características identitárias de alguns indivíduos. Seja por mera afinidade ou por alguma ligação ancestral com o campo.

Simplificações sobre a cultura rural paulista também chegam até nossos dias, seja através de amigos e parentes que viveram no campo ou são descendentes de migrantes, seja pela literatura, cinema, música, etc. Há ainda o sentimento de retorno à natureza, a busca por uma vida mais simples, menos violenta e poluída. Idealizações à parte, gostaríamos de saber quais características chegaram-nos até hoje e quais ficaram para trás. E de que modo o apresentador do programa usa esses elementos para construir um personagem.

Após o período de levantamento histórico sobre a cidade de Bauru, suas emissoras de rádio e a relação de ambas com o gênero sertanejo, tentamos entender as atualizações musicais e adaptações do gênero à Indústria Cultural. Contextualizamos os termos "caipira" e "sertanejo" e, com auxílio das pesquisas orientadas pela professora Dra. Célia Retz, tentamos levantar os dados que faziam menção ao nosso objeto e a situação da UNESP FM perante sua audiência.

Pudemos demonstrar que a cultura caipira é tipicamente paulista, mas não é expressão pura dos habitantes do Estado de São Paulo (ou da capitania de São Vicente): é expressão histórica de todos os povos envolvidos na formação do povo brasileiro - desde seus colonizadores (exploradores e catequizadores), os povos indígenas e africanos escravizados e dizimados, os imigrantes e seus descendentes. Podemos afirmar que essa cultura manteve-se em transformação desde sua formação no Brasil Colônia, mas registrou alterações cada vez mais radicais após a implantação da lógica da Indústria Cultural.

No segundo capítulo essas informações tiveram o intuito de descrever quem foi o caipira e quem seria ele nos dias atuais em que mais de 80% da população brasileira está nos centros urbanos.

Já na terceira parte, seguimos em direção do programa em si, caracterizando-o. Para isso, sentimos necessidade de descrever o cenário em que ele está inserido, já que o alcance da UNESP FM é restrito à pequena região que circunda a cidade de Bauru. Como veremos, Bauru tem origem rural e sotaque conhecido como "caipira", apesar da população moradora em seu perímetro urbano ser cinquenta e oito vezes maior que a camponesa.

Nesse capítulo falamos sobre aspectos técnicos, legais e de organização da emissora, o que exigiu que fôssemos muito descritivos. Buscamos na Constituição Federal (especialmente o capítulo V, da Comunicação Social) e a Constituição do Estado de São Paulo para definirmos e conhecermos os objetivos e valores que devem guiar uma emissora pública. Conforme veremos, para fugir de simplificações e erros pessoais de leitura, aplicamos um extenso questionário, com quase duzentas perguntas, à diretoria da UNESP FM. Esse questionário, iniciativa da UNESCO, de autoria de Eugênio Bucci, Marco Chiaretti e Ana Fiorini, estabeleceu parâmetros contemporâneos para medir quantitativamente e qualitativamente algumas características de emissoras públicas, tais como transparência administrativa, independência, pluralidade, etc. Como emissora paga por todos, ocupando espaço no espectro de frequência, dentro de uma Universidade Estadual, cremos que as informações levantadas foram ricas e necessárias a nossa compreensão das suas atividades.

Para, assim, finalmente, chegarmos à descrição e análise do objeto em termos plásticos: sua vinheta de abertura e seleção musical. Dividindo o processo da comunicação em produção, mensagem e recepção, nosso trabalho dedica-se a analisar a produção. Mais exatamente, as ferramentas usadas pelos produtores para construir as imagens sonoras na mente dos ouvintes do programa "Vida Caipira", que são as seguintes:

a) primeiro, a vinheta de abertura do programa. Elementos que chamamos "plásticos" no rádio têm a capacidade de aumentar a experiência sonora dos ouvintes. Em seus quarenta e cinco minutos de duração, o "Vida Caipira" apresenta apenas uma vinheta, a de abertura. Toda identificação institucional, a ambientação e criação de imagens visuais fica a cargo do locutor das músicas. Assim, descrevemos em detalhes a

vinheta e tentamos, através de autores como Mario Kaplún, Miguel Ortiz e Jesús Marchamalo, José Lopes Vigil, Décio Pignatari e outros, medir a eficácia desse instrumento de comunicação indireta com o ouvinte;

b) e quais são as características da programação musical do programa "Vida Caipira". Como outro mecanismo de comunicação com o receptor, a programação musical, é alvo de considerações e extensa descrição para entendermos como sua existência pode ajudar a caracterizar o programa, dialogar com outros programas da emissora e, ainda, confirmar as informações sobre o modo de expressão musical rústico, feito no estado de São Paulo.

Basicamente, o programa "Vida Caipira" é um programa de flashback, que traz as modas de viola de volta ao rádio.

No quarto e último capítulo, nosso objeto de pesquisa foi analisado no que se refere às gravações, quatro diárias em cada um dos trinta programas (total de cento e vinte *offs*); nelas, o apresentador mantém traços dessa cultura caipira em sua fala (através do sotaque, uso de palavras e menção a hábitos tipicamente rurais).

Antes, porém, para dirimir dúvidas e não inventarmos outro personagem, sentimos a necessidade de entrevistarmos o locutor, Walter Lisboa. Em seus últimos meses de atividade profissional (antes da aposentadoria compulsória aos setenta anos, procedimento comum no serviço público), quisemos registrar sua biografia profissional e dados pessoais que o relacionavam com o programa "Vida Caipira", principalmente sua origem e a de seus antepassados.

Com base nas transcrições das trinta edições do "Vida Caipira" analisadas e com o exemplo de espelho da programação entregue pelo programador ao operador de áudio e ao locutor, buscamos mostrar a existência de dois roteiros paralelos: um impresso (contendo os nomes de música, seus autores e intérpretes) e outro existente na mente do locutor (como abrirá o programa, cumprimentará seus ouvintes, dirá os santos e efemérides do dia, os créditos, o número da caixa postal e a mensagem do dia, além, é claro, do nome das músicas). Criado e decorado seu próprio roteiro, Lisboa dá asas à improvisação. Comentários são feitos entre os itens dos dois roteiros, sem perder o controle do tempo ou da estrutura preestabelecida do programa.

Logo depois, com base no modo de trabalho radiofônico proposto por Mario Kaplún, Jose Vigil, Ortiz e Marchamalo, nos pressupostos de Mario Kaplún, Mikhail Bakhtin e Amadeu Amaral, fizemos análise das falas. Para isso, buscamos entendê-las através das técnicas de locução presentes nos manuais de Vigil, Kaplún e Ortiz e Marchamalo. Com um estilo de locução AM, personalista, Walter Lisboa forja um diálogo, pergunta e responde, desabafa, rememora aspectos pessoais e faz comentários dos mais diversos, tomando sua opinião como se fosse a do seu ouvinte.

Sua locução, assim como o roteiro, também divide-se em duas: um estilo institucional, claramente urbana, em tom grave, que segue as regras da gramática e da fala considerada "radiofônica"; e outra considerada "caipira" devido ao sotaque e aos regionalismos.

A primeira é dedicada a dizer a mensagem do dia, texto de autoajuda ou espírita, com o intuito de aconselhamento e reflexões metafísicas. Mesmo a maioria delas sendo considerada de autoajuda, a fonte dos textos lidos é atribuída a espíritos (psicografada) e a grupos da religião espírita.

A segunda, mesmo caipira, possui também traços urbanos. Os indícios caipiras buscamos na pesquisa de Amadeu Amaral; são poucos, mas suficientes para que saibamos que se trata de uma programação rural, principalmente ao mencionar temas rurais (sua paixão por cavalos e a infância nas cercanias rurais de Bauru e Teófilo Otoni), ao cometer pequenos desvios da norma culta propositalmente. São dedicados ao entretenimento.

E há, como veremos, traços urbanos em sua fala. Dizem respeito à religiosidade, ufanismo, comentários sobre o trânsito, futebolísticos, sua condição de idoso que dança, faz "peripécias" e que "tem a idade que quer" e sobre a origem espanhola do locutor. Nada impessoal, seu discurso, como diz-nos Bakhtin, reflete socialmente suas opiniões.

Esperamos, sem pretensões de esgotar o tema, que o presente trabalho possa lançar luz sobre a necessidade de aprofundarmos os estudos sobre a presença do rádio nas comunidades, sobre o diálogo cultural entre as várias camadas da sociedade e seus meios de Comunicação.

Como instrumento de divulgação, esperamos que as descrições aqui presentes sejam didaticamente interessantes a todos que gostam de rádio e entendem sua importância.

E mais: que sua concretização possa servir para agradecer a todos que direta e indiretamente contribuíram para nosso desenvolvimento profissional e acadêmico e que, por razões que fugiram de nosso controle, não tivemos a chance de agradecer devidamente.

1.1 - Fundamentos Teóricos e Metodológicos

Ao debruçarmo-nos sobre o programa de rádio "Vida Caipira", objetivamos entender como a emissora pública, cultural e educativa representa o que, *grosso modo*, chama-se caipira (um dos entes ancestrais dos bauruenses) nesses tempos de Sertanejo Universitário.

Antes, porém, dois parênteses fazem-se necessários: primeiro, como trabalhador da mesma emissora, procuramos estabelecer a distância necessária para uma análise que permitisse os outros pontos de vista que não fossem tão parciais quanto o nosso poderia ser (CANCLINI, 1999, p.29); segundo, usaremos o substantivo gênero no sentido de estilo. Comumente essa palavra é utilizada para classificar as músicas que têm características em comum e os dicionários registram-na (FERREIRA, 1988, p.254). Assim, gênero musical pode ser o sertanejo, o samba, o choro, etc. Consequentemente, usaremos a palavra subgênero para mencionar alguns outros modos de fazer músicas que partilham das características gerais do gênero, mas que em determinado momento passaram a diferenciar-se como subgrupo.

Isto posto, mencionamos, à título de ilustração, a pesquisa do grupo IBOPE publicada em 30 de janeiro de 2013 que trata sobre o gênero sertanejo no rádio brasileiro. Os dados do Target Group Index da empresa foram colhidos nas regiões metropolitanas de São Paulo, Curitiba, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Salvador, Recife, Fortaleza, Brasília e nos interiores das regiões sul e sudeste, com pessoas de 17 a 75 anos¹.

Dos que ouviram rádio nos últimos sete dias, 47% afirmaram ouvir o gênero frequentemente.

A chamada "Classe C" responde por 52% desses ouvintes, seguida pelas classes AB (36%) e DE (12%). Os adultos correspondem a 23% dos entusiastas dessa modalidade musical. Curiosamente, o gênero é mais apreciado em Brasília (56%) e Curitiba (53%).

1 - <http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/47-dos-ouvintes-de-radio-escutam-musica-sertaneja.aspx>, acessado em 15 de janeiro de 2013.

É importante frisar que esse sertanejo do qual fala a pesquisa é a música de várias duplas e alguns cantores solo da atualidade, tais como Victor e Leo, Fernando e Sorocaba, Paula Fernandes, Michel Teló, Luan Santana, só para citarmos alguns. Popularmente, esse gênero também tem sido chamado de sertanejo universitário. Muitos falam, de modo geral, de música caipira, enquanto alguns pesquisadores dividem-no entre música caipira e sertaneja.

1.1.1 - Fundamentação teórica

Para o presente trabalho, consideraremos como sertanejo toda essa música que preserva algum traço ou ligação com um passado rural, subdividido, popularmente, em moda de viola, romântico, universitário e outros subgêneros pouco mencionados hoje em dia. Dedicamos o capítulo 2 para aprofundarmos essa e outras questões.

Apenas é necessário dizer que esse gênero musical tem, de fato, uma origem que chamamos caipira, apresentando modificações lentas e pouco profundas enquanto manifestação rural (apesar da grande diversidade de ritmos); na segunda década do século XX foi adaptada para a indústria do disco, porém, as grandes modificações que sofreu vieram com a "emergência da indústria cultura", nos anos 1960 e 70 (ORTIZ, 2001, p.8). Os vários ritmos musicais e estilos de fazer músicas rurais existentes até então foram, de modo popular, reunidos sob o nome de moda de viola. Principalmente após os anos 1970.

Quando voltamos nossos ouvidos à programação da rádio UNESP FM, percebemos que a música sertaneja feita atualmente (e explorada à exaustão pelas emissoras comerciais) não tem espaço na grade da emissora.

A maioria das músicas selecionadas para os quarenta e cinco minutos do "Vida Caipira" é classificada como moda de viola. O sertanejo denominado universitário não aparece. Pouco há do sertanejo romântico (feito a partir das décadas de 1980 e 1990). Aparecem também algumas composições nordestinas e de nomes da música popular brasileira (especialmente composições bucólicas - no que se refere a idealizações sobre a vida agrária - e telúricas - música mais ligada à terra, à natureza, numa abordagem menos romântica e ingênua).

O que percebemos na grade geral de programação da emissora foi uma busca pela pluralidade de gêneros musicais (com vários programas eruditos, de jazz, blues, rock, música brasileira, música internacional - não somente norte-americana -, música de relaxamento, samba, choro, instrumental brasileira, infantil, orquestrais, música independente, biografias de artistas, poesias e outros), jornalismo não investigativo que busca apenas atualizar os ouvintes das notícias mais veiculadas e algumas informações sobre a universidade. Pluralidade é considerada uma qualidade positiva, expressa em lei, que quase não encontramos em emissoras do tipo comercial. Ao afirmarmos isso, consideramos o que foi definido na Constituição Brasileira² sobre a radiodifusão e em uma das discussões da série Debates da UNESCO, intitulada "Indicadores de Qualidade nas Emissoras Públicas"³. Aprofundaremos essa questão no terceiro capítulo (no qual caracterizaremos nosso objeto), mas algumas ideias dos dois textos listamos agora:

Entre os princípios estabelecidos em lei, analisaremos: a promoção do acesso à informação por meio da pluralidade de fontes de produção e distribuição do conteúdo; produção e programação com finalidades educativas, artísticas, culturais, científicas e informativas; promoção da cultura nacional, estímulo à produção regional e à produção independente; respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família; não discriminação religiosa, político partidária, filosófica, étnica, de gênero ou de opção sexual; observância de preceitos éticos no exercício das atividades de radiodifusão; autonomia em relação ao Governo Federal para definir produção, programação e distribuição de conteúdo no sistema público de radiodifusão; e participação da sociedade civil no controle da aplicação dos princípios do sistema público de radiodifusão, respeitando-se a pluralidade da sociedade brasileira.

Sob estes aspectos, tentamos, descritivamente e ponto por ponto, mostrar se a UNESP FM cumpre suas funções legais. A comparação foi feita usando dados colhidos na web página da emissora (nome dos programas e as breves explicações sobre eles).

Já o questionário qualitativo proposto pela série "Debates" da UNESCO que mencionamos, publicada em 2012, de autoria de Eugênio Bucci, Marco Chiaretti e Ana Maria Fiorini, foi respondido pela direção da UNESP FM .

2 - Artigos 220 a 224 e a Lei nº 11.652, de 7 de abril de 2008 que versam sobre a radiodifusão.

3 - Em unesdoc.unesco.org/images/0021/002166/216616por.pdf de junho de 2012, acesso em maio de 2013.

Os autores frisam, logo após o título Indicadores de Qualidade nas Emissoras Públicas, que a "avaliação" é "contemporânea". Mas o que isso significa?

A UNESP FM, enquanto cenário em que se insere nosso objeto, é uma emissora pública, cultural e educativa que segue ideais que restringem a busca por programas considerados mais populares. Diferente do que ocorria com as rádios de mesmo tipo há poucos anos, como a rádio Nacional dos anos 1940 (ORTIZ, 2001, p.52). Realidades diversas marcadas por uma divisão clara de pensamento: enquanto a emissora Getulista buscava ser campeã de audiência e vendas de anúncios, a UNESP FM é fruto de outra mentalidade de emissora pública, onde esse índice não é determinante para definir, escolher e avaliar programas e a comercialização de horários é dificultada. Isso é marcante porque, como veremos oportunamente, as ações do Estado são, basicamente, preservacionistas, fundadas no ideário datado do início do século XX. Para garantir a pluralidade cultural e de opiniões, as emissoras públicas têm dotações de verbas garantidas por lei e isenções de impostos para facilitar a veiculação desses conteúdos. Por esses motivos, a competição com as emissoras comerciais na busca por audiência passa a ser considerada injusta (o que não explica a inobservância de alguns dos pontos expressos na Constituição, por parte das comerciais). Mas, como medir se a postura das emissoras públicas é benéfica e transparente ao público que paga pela sua existência?

Bucci, Chiaretti e Fiorini propõem diversas maneiras de avaliarmos qualitativamente as emissoras públicas, sob a ótica contemporânea. A lista de características é variada, apresenta muitas formas de medir a qualidade de uma emissora pública. Além de extensa, muitos dos indicadores são inéditos aos profissionais de emissoras públicas (até pela escassez de obras sobre a radiodifusão pública). Como o documento e o questionário não foram debatidos na UNESP FM (a direção sequer tinha conhecimento dele), para ampliarmos os pontos de vista presentes neste trabalho, pedimos à direção da emissora para respondê-lo. No capítulo 3 debateremos mais profundamente os tópicos propostos pelos autores e as respostas da emissora.

Voltando à discussão sobre a grade geral da UNESP FM, os gêneros musicais mais populares presentes na emissora são o samba e o sertanejo. O primeiro tem espaço nas tardes de domingo (chama-se Batuque na Cozinha, uma produção voluntária, ou seja, o responsável não é funcionário da emissora, tampouco percebe qualquer incentivo para realizar a tarefa). O último, nosso objeto, de segunda a sexta-feira das seis às seis e

quarenta e cinco minutos da manhã (produção própria da emissora, com o mesmo apresentador há vários anos).

Como constatamos em sua abertura, o intuito do programa "Vida Caipira" é apresentar, "através da música de raiz, os "causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo"- conforme podemos ver na transcrição da vinheta de abertura de todos os programas, presentes no Anexo 1 (a partir da página 173).

Porém, quando pensamos na palavra caipira, presente no título do programa, passamos a discutir as justificativas possíveis da sua existência, quais traços dessa identidade são usados pelos produtores do programa "Vida Caipira" ao desempenharem suas funções. O que há de caipira na fala do locutor Walter Lisboa e nas músicas selecionadas por Sérgio Magson? Podemos usar a palavra caipira quando nos referimos à programação musical de modas de viola (fazendo coro com a denominação popular dessas composições, também conhecidas como sertanejo raiz, música de raiz, moda, modão, etc.)?

Caldas e outros autores demonstram que essa música, como produto da Indústria Cultural, não é nova, mas não é folclore (CALDAS, 1979, p.85). Percebemos, através de Carlos Brandão, Amadeu Amaral, Antônio Cândido, Romildo Sant'anna e outros que para denominarmos uma música como caipira, seriam necessárias diversas características que não encontramos mais nessas expressões artísticas desde que foram adaptadas ao disco de acetato por Cornélio Pires em 1929. Além de ser masculina e grupal, a música caipira exigia interação entre as duplas (como nas "linhas", que são desafios de adivinhação, respondidas também em forma poético-musical) e, normalmente, possuía uma duração que os discos não suportavam (e talvez, nem a indústria do disco aceitaria). Ou seja, para ser considerada música caipira, não basta ser acompanhada por violas caipiras e duplas cantando em terça.

Assim, também passamos a debater de que forma essa reprodução do imaginário caipira contribui para gerar, manter ou renovar identidades multiculturais. Como lembra-nos Canclini, industrializações da cultura, sob critérios de *marketing* e buscando a difusão de massa, são apenas uma das dimensões de todo processo de intercâmbio entre os países periféricos e os países que lideram a chamada globalização. (1999, p.20).

Há, segundo Canclini, a necessidade de que "realizemos análises cuidadosas da remodelação dos espaços públicos e dos dispositivos que se perdem ou se recriam para o reconhecimento ou a proscrição das múltiplas vozes presentes em cada sociedade" (1999, p.21). Estaria a UNESP FM mantendo o que esse autor chama de "miopia anacrônica das políticas estatais centrada na preservação de patrimônios monumentais e folclóricos" ao manter por mais de duas décadas um programa desse feitio?

Renato Ortiz lembra-nos que os intelectuais brasileiros que viveram a passagem do século XIX para o XX tinham o popular como sinônimo de tradicional, numa visão romântica. Isso levou à ideia da necessidade de proteção desse patrimônio. Segundo o autor "a emergência do pensamento folclórico no Brasil está, como na Europa, também associada à questão nacional, uma vez que as tradições populares encarnam uma determinada visão do que seria o espírito de um povo" (2001, p.160). Movimento semelhante, porém mais politizado, aconteceu nos anos 1950 (2001, p.162), reinterpretando o conceito de cultura para além do folclórico. O que importa, segundo Ortiz, é sabermos que o conceito de identidade é "fruto da construção ideológica" dos grupos que se enfrentam em determinado período e da "emergência da indústria cultural e de um mercado de bens simbólicos" (2001, p.164).

Nas análises das falas do locutor do programa, constatamos memórias e confissões saudosistas. Muitas dessas lembranças estão relacionadas com a fazenda dos avós do apresentador. Outro ponto, mais importante nessa consideração, é que programas de rádio com seleções de músicas antigas são muito comuns - percebemos que aquela manifestação artística do passado, as modas de viola, ainda é muito importante para várias pessoas com as quais conversamos. Por isso, em princípio, não qualificamos o programa como uma mera forma de preservação da cultura caipira.

Devido à ausência de medidores de audiência da UNESP FM e falta de tempo hábil para realizá-la nessa dissertação, não pudemos constatar a opinião dos ouvintes. Valemo-nos de alguns dados das pesquisas realizadas por alunas de Relações Públicas da UNESP Bauru sobre a rádio UNESP - (AMARAL et al, 2012) e (VERSUTI, 2012) - para nos concentrarmos na produção do programa. No ar desde 1991, cremos que o programa acaba por criar hábitos em seus ouvintes. Dessa forma, por hábito ou por afinidade, poderíamos saber o quanto desses traços da cultura caipira selecionados pelos produtores do programa "Vida Caipira" são compartilhados por ouvintes da UNESP FM.

Com o intuito de conhecer um pouco mais esse universo "caipira" da cidade de Bauru, informalmente, no dia 14 de maio de 2012, estivemos no ensaio do Clube da Viola. Fomos em busca dos famosos catireiros⁴ de Bauru, muito presentes em festividades da cidade e região. O encontro deu-se numa segunda-feira, dia de ensaio, no Clube da Vovó, às 20 horas. Lá, cerca de vinte e uma pessoas. Mais da metade, homens. Dois terços com mais de 60 anos (faixa etária do apresentador do programa Vida Caipira). Havia um menino de 13 anos (cavaleiro que disputa provas na hípica da cidade) e uma menina de 10 (bailarina).

Muitos tinham suas próprias duplas, normalmente cantando as modas de viola que consideravam raras (desconhecidas do público) e suas próprias composições (melodias e letras). Dentre eles, um escritor de poemas telúricos e críticos ao modo como a natureza e os trabalhadores rurais são tratados.

Em nossa conversa informal, eles afirmaram que integravam o grupo por entender que a Catira é um bem cultural importante.

Sabemos que, por esse motivo, o grupo não formaria um público ideal a ser pesquisado. Nosso intuito foi apenas de constatar alguns apontamentos das análises preliminares que realizamos (especialmente ao investigarmos os programas de 30 de novembro e 1º de dezembro de 2011).

Foi interessante notar, nesta noite, que os integrantes do Clube da Viola trocavam músicas através de seus *pendrives* e alimentavam um blogue⁵ com fotos e informações sobre as apresentações - verdadeira "relação fluida" entre o grupo tradicional e a modernidade (CANCLINI, 2008, p.240). Nas conversas, a maioria dos presentes afirmou conhecer o programa "Vida Caipira" e alguns aprovavam sua seleção musical (havia até os que tiveram composições próprias veiculadas no programa).

4 - Catira (ou cateretê, ou chula) é uma dança de provável origem ameríndia registrada em São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso, Goiás e alguns estados do nordeste. Nela, basicamente, "cinco ou mais pares vestidos com roupas comuns dançam num salão ou galpão ao som de duas violas. Ao centro são formadas duas colunas e à frente de cada uma delas posta-se um violeiro cantador. Um é o mestre - que faz a primeira voz e é o autor da moda cantada - e o outro, o contramestre, que faz a segunda voz. Na coluna do mestre fica o palmeiro ou tirador de palmas; na outra, o tirador de sapateado ou orela". É possível que uma pessoa desempenhe as duas funções (além de bater os pés). Os dançarinos batem palmas ou "pateiam" (batem com os pés fortemente e de maneira ritmada), mas não cantam. (MARCONDES, 1998, P.181)

5 - <http://clubedavioladebauru.blogspot.com.br>, acessado em 20 de maio de 20112.

Outro passo em direção a esse universo foi a realização de uma entrevista com o locutor Walter Lisboa. Buscamos, com isso, delimitar as diferenças entre o profissional e o personagem que ele criou para apresentar o programa. Como Lisboa não criou um nome para o personagem, cremos que confusões poderiam surgir. Queríamos seu depoimento a respeito da origem rural dos seus pais, suas férias na fazenda dos avós (sempre citadas nas edições do programa que ouvimos) e a composição do personagem.

Uma parte dos integrantes do grupo Clube da Viola (os mais idosos) e o personagem criado para apresentar o programa "Vida Caipira", ao relatarem ligações com um passado no campo, parecem reconhecerem-se caipiras. Estaríamos diante de verdadeiros caipiras? Em princípio, tivemos a impressão de que sim, ou de que se tratava da existência de identidades múltiplas, por serem cidadãos oriundos, saudosos ou admiradores do campo, vestidos ao estilo rural, etc., o que não se confirmou - como veremos no capítulo 2 ao usarmos diversas referências bibliográficas.

Como demonstraremos adiante, ocorreram diversas transformações com a música sertaneja, desde os primeiros anos do descobrimento do Brasil, forçando adaptações às alterações sociais. Todavia, o mesmo não ocorreu com o caipira. Ao chegar na cidade, deixou de constituir um grupo fechado, com hábitos próprios. Integrou-se ao centro urbano e seus hábitos. Assim, tornou-se um cidadão, como todos.

Mesmo após um passado rural (próprio ou dos pais), o que restou foi o gosto por manifestações artísticas e músicas que idealizam o campo, que possuem uma estética comum.

Canclini alerta-nos que na "noção de identidade há apenas a ideia do mesmo" (1999, p.28) e sugere-nos, retomando Paul Ricouer, que mudemos a ênfase para uma política de reconhecimento.

Segundo ele, reconhecimento "é um conceito que integra diretamente a alteridade, que permite uma dialética do mesmo e do outro".

Conforme afirma-nos o autor de *Consumidores e Cidadãos*, devido à degradação das instituições e da política, "outras formas de participação se fortalecem" (CANCLINI, 1999, p.37). O cidadão responderia a perguntas como "a que lugar pertencço", por exemplo, consumindo bens e meios de comunicação de massa de forma

privada. Ou seja, a "participação coletiva em espaços públicos" foi deixada de lado, junto com as "regras abstratas da democracia".

Fazemos uma ponte dessa afirmação de Canclini com a descrição do modista (o camponês que compõe modas de viola) feita por Romildo Sant'anna:

[...] o modista é um personagem poetizador, ou sujeito da enunciação textual cantada, que funciona como criatura inserida na própria ficção que realiza. Promove translações ideológico-culturais, por conexões imediatas estabelecidas pela subjetividade do intérprete real que canta e de quem ouve; e, sobretudo, promove com o auditório um arrendamento de fatos e circunstâncias imaginários, apresentados *como se fossem* reais. (2000, p.124)

Não assusta, pois, sentirmo-nos entre caipiras quando estivemos no ensaio. Estávamos, sim, em frente a alguns modistas (poetas, letristas, compositores). Citadinos, mas genuínos. Sant'anna completa: parecem "posseiros, não de terras, mas de quimeras" (2000, p.124).

É certo, como já dissemos, que há um imaginário caipira rondando nossas mentes, vindo de experiências próprias ou das histórias que ouvimos das pessoas mais próximas ou da mídia. Cremos que, mesmo consciente disso, o personagem de Lisboa deixa passar outras informações.

Se comunicar-se é, aproximadamente, pôr a mensagem em comum, sabemos como age e veste-se o caipira, como é (ou deveria ser) seu comportamento. Essa imagem simplificada do caipira vai além da pura transmissão da mensagem. Há um filtro por onde passam essas e outras informações. Por isso, focamos no apresentador.

Também olhamos a seleção musical porque convencionou-se, popularmente, chamar algumas músicas sertanejas de moda de viola ou sertanejo raiz, especialmente as que tratam do campo, de disputas de violeiros, etc. de forma ingênua, bucólica. Aqui não há consideração acerca de ritmos, apenas da forma como se apresenta: dupla de cantores, som destacado da viola caipira e tema relacionado ao universo caipira.

Logo, antes de tentarmos captar o que existe de caipira nas intervenções do apresentador do programa, sentimos a necessidade de compreender melhor a cultura rural paulista. Poderemos, dessa forma, descrever mais apropriadamente o que há e o que falta de cultura caipira nas amostras selecionadas.

Canclini em seu livro "As culturas populares no capitalismo" (p.29) restringe o uso do termo cultura para

[...] a produção de fenômenos que contribuem, mediante a representação ou reelaboração simbólica das estruturas materiais, para a compreensão, reprodução ou transformação do sistema social, ou seja, a cultura diz respeito a todas as práticas e instituições dedicadas à administração, renovação e reestruturação do sentido. (1982, p.29)

E explica:

[...] a definição que estamos propondo não opera uma identificação do cultural com o ideal e do social com o material, muito menos supõe que seja possível analisarmos estes níveis de maneira separada. Ao contrário, os processos ideais (de representação ou reelaboração simbólica) remetem a estruturas mentais, a operações de reprodução ou transformação social, a práticas e instituições que, por mais que se ocupem da cultura, implicam uma certa materialidade. E não é só isto: não existe produção de sentido que não esteja inserida em estruturas materiais. (1982, p.29)

Logo, Néstor García Canclini exclui aquela concepção popular de que cultura é um "ato espiritual" (1982, p.30), "alheia, exterior e posterior às relações de produção". Estando determinada pelo social, a prática, qualquer prática, é "simultaneamente econômica e simbólica".

Em outro texto, ele afirma:

[...] Vamos nos afastando da época em que as identidades se definiam por essências a-históricas: atualmente configuram-se no consumo, dependem daquilo que se possui, ou daquilo que se pode chegar a consumir. As transformações constantes nas tecnologias de produção, no desenho de objetos, na comunicação mais extensiva ou intensiva entre sociedades - e do que isto gera na ampliação de desejos e expectativas - tornam instáveis as identidades fixadas em repertórios de bens exclusivos de uma comunidade étnica ou nacional. (1999, p.39)

Logo a cultura é um "processo de montagem multinacional" (1999, p.41). Mostraremos, mais adiante, que a cultura sertaneja é assim.

Creemos que consumir a chamada moda de viola veiculada no programa da UNESP FM, na cidade de Bauru, implica algo além do simbólico: significa que o ouvinte tem um aparelho receptor, que acorda cedo (por hábito, por obrigação), que divide este gosto com algumas pessoas (ou o defende delas) e que, eventualmente, procura produtos e eventos relacionados com esta cultura: apresentações de violeiros,

catireiros, compra de discos, descarregamento de áudios em MP3 e até uso de roupas, adesivos em automóveis e linguagem similares aos seus ídolos. Percebemos até que há os que defendem as modas de viola das músicas sertanejas atuais, como mais autênticas e coisas do gênero. Ou seja, ostentar esta cultura como se fosse caipira é uma maneira de distinguir-se. Nostalgicamente, autoafirmar-se. Como diz Gislene Silva, "a maioria de nós continua na busca desesperada pela sensação de pertencimento. Se não à sua terra, a seu tempo". (2009, p.287). No que com concorda Canclini (1999, p.46). Assim, esses cidadãos tentam equilibrar seus sonhos "caipiras" com sua realidade na cidade.

As inovações tecnológicas e os estudos de autores brasileiros e latino-americanos da Comunicação e outras disciplinas têm-nos dado mostras suficientes das variadas cores que compõem nossa realidade. Podemos fazer coro com a brincadeira popular de que o Brasil é “pura mistura”, assim como toda América Latina também o é. Os motivos todos sabemos e o poeta Olavo Bilac ilustrou o início da gente e da cultura brasileiras, no poema “Música brasileira”:

“De selvagens, cativos e marujos:/ E em nostalgias e paixões consistes./
Lasciva dor, beijo de três saudades,/ Flor amorosa de três raças tristes.”
(1964, p.263).

Por "raça" entendemos que o poeta faz alusão ao índio, ao africano e ao branco, mas cremos importante adicionarmos que havia (e ainda há) diversas etnias ameríndias no Brasil e várias outras africanas trazidas para cá. Hoje, todos partes importantes da nossa formação cultural (CÂNDIDO, 1987, p.80). Por “marujos”, além dos portugueses, podemos adicionar todos os que, mais tarde, vieram ao país. E quando falamos de europeus nessa fase colonial do Brasil é que percebemos um conjunto de saberes que ligam os dois continentes, inclusive algumas características medievais, momento histórico pelo qual o Brasil não passou porque ainda não teria sido "descoberto".

Romildo Sant'anna, esforça-se em detectar alguns dos sinais medievais em várias modas de viola (seja no uso de formas preestabelecidas, como nas rimas, seja na retomada de "antigas motivações temáticas" (2000, p.51) e uso de palavras de uso corrente na língua portuguesa medieval). A explicação seria o uso da "Gaia Ciência", "conjunto de princípios que, na Idade Média, regiam a 'arte de poetar'". Assim compositores e letristas "iletrados" (2000, p.78), geralmente autodidatas, desenvolvem melodias e poemas baseados em sua vida e na da comunidade, usando apenas a

memória - relembando, "recitando", cantando, ouvindo (2000, p.91). Logo, a música caipira, ameríndia, soma os métodos ibéricos de composição, instrumento de origem moura, com o sentimento e realidade do povo rural paulista.

A música sertaneja, nos seus mais variados estilos e ritmos, é parte da cultura brasileira desde a chegada do colonizador. Como dissemos, adaptando-se frente a mudanças sociais, ao seu uso na indústria do disco e à época de maior popularização do rádio. Sem dúvida, um dos frutos mais populares de toda miscigenação étnica brasileira.

Porém, quando analisamos a cultura sertaneja, apesar de popular e presente nos meios de comunicação desde os primórdios, percebemos que ela sempre foi taxada como cultura popularesca. Esse mesmo tratamento é dispensado a tudo que é considerado "popular" (BARBERO, 2003, p.115).

O autor de "A Moda é Viola" faz coro com Barbero e registra a "contradição entre a linguagem escrita e a oral, entre a cultura citadina e a rural, entre o estrangeiro e o nacional, entre o rico e o pobre", etc. (SANT'ANNA, 2000, p.51). Claro que essa contradição não é exclusividade brasileira, mas em nosso país chegamos a legalizá-la, por exemplo, quando "iletrados" (ou seja, a maioria) sequer tinham o direito de votar (2000, p.24). Essas contradições culturais, no decorrer do século XX, vão diluindo-se (sem deixar de existirem concretamente). A cultura popular vem firmando-se majoritária, principalmente com o uso cada vez mais generalizado de meios de comunicação de massa.

Como afirma Canclini (1999, p.42), algumas manifestações culturais foram submetidas aos valores que "dinamizam o mercado e a moda". Demonstraremos adiante que, mais do que uma questão de gosto, algumas manifestações veiculadas pela mídia e transformadas em moda em algum período, são tão marcantes a alguns indivíduos (especialmente os jovens) que, depois de algum tempo, são cultuadas como "a música do meu tempo". Daí o sucesso de alguns programas de rádio que conhecemos como *flashbacks*.

Renato Ortiz, em seu "A moderna tradição brasileira" (2001), afirma que a "discussão da cultura popular e da cultura brasileira constitui uma tradição entre nós" porque é através dela que "se configuram as contradições e o entendimento da formação da nacionalidade na periferia" (2001, p.13). Logo, o debate sobre nossa identidade está ligado ao problema da cultura popular, do Estado. Porém, Ortiz continua:

Em contrapartida há um relativo silêncio sobre a existência de uma "cultura de massa", assim como sobre o relacionamento entre produção cultural e mercado. No plano acadêmico, é praticamente na década de [19]70 que surgem os primeiros escritos que tratam dos meios de comunicação de massa, fruto sobretudo do desenvolvimento das faculdades de comunicação. Análises fragmentadas, muitas vezes de pouca profundidade, e que se ressentem da ausência de uma boa reflexão teórica mais aprofundada sobre o tema. É também neste período que a Sociologia se volta para o estudo de algumas manifestações da indústria cultural e aparecem teses de mestrado sobre a telenovela, a fotonovela e os programas de auditório. (2001, p.14)

Ortiz lembra-nos que, até os anos 1950, a indústria cultural brasileira e a cultura popular de massa emergente "se caracterizam mais pela sua incipiência do que pela sua amplitude" (2001, p.44). A situação precária dos meios impressos e cinemas também é estendido ao rádio, o meio de comunicação mais popular: em "1952 o Brasil possuía dois milhões e quinhentos mil aparelhos, número que sobe para quatro milhões e 700 mil receptores em 1962" (2001, p.47). A razão entre aparelhos de rádio e população é de 6,6 receptores para cada 100 habitantes. Mesmo um número tão baixo, colocava o Brasil como o 13^o país latino-americano com mais aparelhos. Para nós, os dados levantados por Ortiz mostram o grande isolamento da população mais pobre em relação aos meios de comunicação de massa, muito caros nessa época. Logo, como afirma o autor, seria "difícil aplicar à sociedade brasileira deste período o conceito de indústria cultural introduzido por Adorno e Horkheimer" (2001, p.48).

Fica claro que, quando pensamos em música sertaneja, a massificação do gênero aumenta com a popularização dos meios de comunicação de massa. De forma paralela, esse crescimento é identificado por Caldas (1979 e 1987), Catelan e Couto (2005), Lopes (1988) e Marcondes (1998) em seus respectivos trabalhos, oportunamente detalhados mais adiante.

1.1.2 - Metodologia

Nosso objeto, o programa "Vida Caipira" tem mais de vinte anos de existência, quarenta e cinco minutos de duração a partir das seis horas da manhã, de segunda a sexta-feira. Seu apresentador, Walter Lisboa, assume um personagem para colocar-se em pé de igualdade com seus ouvintes. Mas nosso objetivo não é estudar o programa

desde sua estreia, ou seja, de 1991 até hoje. Para empreender essa análise, foram ouvidos trinta programas (mais de vinte e duas horas de gravações, incluindo as quatro falas diárias do apresentador - totalizando cento e vinte - e trezentas músicas). Queremos entendê-lo hoje, ao dizer-se caipira. Para isso, apoiamo-nos em Mikhail Bakhtin (2006) e sua análise do discurso. Além das falas do locutor e das músicas, sentimos a necessidade de realizar duas entrevistas: uma proposta no documento "Indicadores de Qualidade nas Emissoras Públicas - uma análise contemporânea" (2012) entregue à direção da UNESP FM; a outra, biográfica, foi dirigida ao apresentador do "Vida Caipira", Walter Lisboa. Para fundamentá-las, usamos os pressupostos de Bardin (2009).

Após o início da pesquisa, decidimos fazer uma audição em sequência, nos meses de abril e maio de 2012 de vinte e oito programas. A transcrição de duas primeiras edições do "Vida Caipira", nosso pré-teste, foi feita seguindo a linguagem padrão, receio nosso de caricaturizar o personagem. Após percebermos, junto com nosso orientador, a ação performática do apresentador, decidimos transcrever os vinte e oito programas restantes tal qual os ouvimos. Assim pudemos perceber não somente o sotaque caipira, mas os desvios da norma culta da língua portuguesa que o apresentador faz propositalmente.

A quantidade de programas selecionados pode parecer exagerada quando pensamos em analisar as falas improvisadas (*offs*) e vinhetas de uma produção com roteiro tão rígido. Mas quando miramos a programação musical sertaneja, que variou entre modas de viola, MPB e sertanejo romântico, cremos que o número foi adequado. Pudemos, assim, detalhar um pouco melhor a linha de programação que segue o discotecário/programador Sérgio Magson.

Para tentarmos detectar o que resta de "caipira" no programa "Vida Caipira", primeiro buscamos autores que pudessem dar-nos fundamentação teórica nesse diálogo entre a comunicação radiofônica e a cultura popular a que, comumente, chamamos caipira. No âmbito da comunicação, seguimos os passos de Jesús Martín-Barbero, Néstor Canclini, Nilda Jacks e outros. Ao falarmos da cultura rural paulista, Carlos Rodrigues Brandão, Emílio Willems, Waldenyr Caldas e mais alguns outros autores.

O segundo passo foi dado ao aprofundarmos, também bibliograficamente, a conceitualização das palavras caipira, sertanejo, moda de viola e os costumes que

sobrevivem da antiga cultura rural paulista. Também nessa parte do trabalho, tentamos descrever o ambiente musical sertanejo da atualidade. Os pressupostos de vários autores contribuíram para compreendermos os traços identitários da cultura rural paulistas. Basicamente, para fazermos a relação entre os dados bibliográficos e as características do programa, primeiro:

a) tentamos identificar o que resta de caipira nas manifestações sertanejas de hoje;

b) fizemos um breve relato histórico das origens do caipira, da adaptação da sua música para indústria do disco, as transformações nas décadas de 1940, 1960/70, 1980/90, 2000 e 2010;

c) outro ponto que abordamos foi a origem dos usos da viola (CASTAGNA, 2012), o que fundamenta nossas impressões acerca do uso tão popular quanto antigo desse instrumento. Nesse ponto, a abrangência da viola caipira espalha-se da capitania de São Vicente (atual São Paulo) para outros estados e até países;

d) também abordamos o modo de socialização, as festas, a catira, os métodos de trabalho e algumas observações de intelectuais da época acerca desse habitante dos campos brasileiros;

e) depois, o esfacelamento da cultura caipira e o padrão melodramático de algumas de suas variantes mais atuais e populares também abordados bibliograficamente;

f) outro ponto de análise foi a descrição do ambiente passado (tido como popularesco) e atual do gênero sertanejo, principalmente quando falamos do sertanejo universitário (um sucesso mercadológico);

g) além disso, com auxílio de Eunice Durham e Gislene Silva, focamos as relações do público atual com seu passado agrário e com o sonho de voltar à natureza, como contrapontos à violência, poluição, etc., da cidade grande.

Com isso, tentamos dar mostras que o caipira não conseguiu resistir à urbanização da sociedade brasileira, integrou-se. E que a música que está ligada a essa figura, a moda de viola que conhecemos hoje, diz respeito ao passado de indivíduos de origem rural ou dos descendentes desses migrantes. Ou seja, a partir dos anos 1920,

constitui-se como um produto da indústria cultural, mesmo que ainda incipiente em nosso país.

Na terceira parte, empreendemos uma caracterização do nosso objeto: seu cenário, ou seja, Bauru - como centro urbano de origem rural -, suas emissoras legalizadas (excluindo-se as piratas e as virtuais), a população urbana e rural (segundo o IBGE no censo de 2010) -, a UNESP FM - aspectos técnico-práticos e legais sobre a grade de programação da rádio, participação do ouvinte, aspectos organizacionais da emissora - e a relação desses três itens com a cultura caipira. Aqui fizemos uso de dois questionários, com o intuito de mantermos a distância necessária para realizamos a análise: o primeiro questionário foi sobre a emissora, seguindo os pressupostos elencados por Bucci, Marchetti e Fiorini (2012); o segundo foi aplicado para dar voz ao locutor do programa, em termos biográficos.

Detalhamos também o programa "Vida Caipira", no que tange a vinheta de abertura, seleção musical, roteiro, perfil do locutor Walter Lisboa, usando como base os manuais radiofônicos de Mario Kaplún, José Vigil, Miguel Ortiz Jesús Marchamalo.

Dentro do mesmo capítulo, há os dados de duas pesquisas realizadas dentro da UNESP Bauru sobre a UNESP FM, dando pistas da sua pouca abrangência em relação às emissoras comerciais. Dedicamos toda a terceira parte para caracterizarmos melhor o objeto. Usando os pressupostos de Jesús Martín-Barbero, Canclini e Nilda Jacks analisaremos os programas "Vida Caipira", no quesito "produção": falas do locutor, vinhetas de abertura e encerramento e uma visão geral sobre a seleção musical. Nosso foco foi entender como se dá a representação do caipira nas ondas da UNESP FM.

Após isso, voltamos a citar Martín-Barbero, falando sobre a hegemonia comunicacional do mercado e as relações com a cultura popular. Passagem necessária para percebermos que o gênero sertanejo foi e continua sendo usado para suprimir linguagens diferenciais e ampliar o público. Multiplicar o consumo. Do popular, constrói-se, assim, o maciço (2004, p.119) em poucos anos. Isso mostrou-nos que os "consumidores em potencial" que Caldas identificou nos anos 1970 (1979, p.28), que ainda não possuíam recursos para comprar discos e produtos relacionados aos seus ídolos sertanejos, hoje, aparentemente, ajudam a sustentar esse mercado.

Continuamos o texto, também apoiados em variada bibliografia, e passamos a falar sobre aspectos técnicos, dentre eles:

a) os levantados por Miguel Ortiz e Jesús Marchamalo (2005), quando definem vinheta radiofônica e as técnicas de programação;

b) e sempre que possível, dialogamos com os textos de Mario Kaplún (1978), antigos mas ainda muito úteis, como quando menciona a riqueza de "imagens auditivas" (1978, p.59), que em nossa opinião fazem falta nas emissoras em atividade hoje;

Nesse ponto, falaremos sobre o personagem criado por Walter Lisboa (ou o estilo, como ele prefere dizer). Para sabermos as diferenças entre criador e criatura, fizemos uma entrevista biográfica com ele. Cremos que a intervenção foi necessária, principalmente, para eliminar distorções possíveis entre as afirmações, desabafos, confissões que o locutor faz no programa e sua história de vida. A relação entre as falas e a entrevista teve por base a origem rural de Lisboa, um dos temas (KIENZT, 1973, p.165) presentes em nosso *corpus*.

A entrevista aconteceu no dia 11 de julho de 2013, foi gravada em vídeo e está completamente transcrita no anexo 5 deste trabalho (página 290). Faremos uma análise temática (ou categorial) da entrevista no terceiro capítulo, mostrando o modo de falar de Lisboa (bastante diferente de quando apresenta o programa no que se refere à observação da norma culta) e as explicações de sua origem (as mesmas que constam na sua apresentação radiofônica, usadas para estabelecer um laço com seu ouvinte imaginado). Ademais, a entrevista serviu para confirmarmos a posição do locutor como produtor de conteúdo, usando experiências pessoais para fundamentar um personagem, dialogando com o que ele entende ser necessário a um programa de modas de viola. Como a análise é qualitativa e a entrevista é um complemento à toda análise das falas veiculadas, cremos que a realização de uma entrevista foi suficiente.

Laurence Bardin (2006) classifica as entrevistas planejadas de "semidirectivas" ou semi-estruturadas (2009, p.89) e diz que a entrevista é a encenação "livre daquilo que esta pessoa viveu, sentiu ou pensou a propósito de alguma coisa". Tínhamos algumas questões prontas e várias delas não precisamos fazer por terem sido respondidas espontaneamente pelo locutor (bastante prolixo). Com as respostas e suas manifestações subjetivas tentamos identificar o sistema de pensamentos, os processos cognitivos, os valores, emoções, afetividade e aflorações do inconsciente do entrevistado. Tivemos o cuidado de explicar ao entrevistado nossos objetivos: conseguir entender melhor sua

locução no programa Vida Caipira, seus laços com o ambiente rural e futura análise na conclusão da presente dissertação de mestrado.

c) outro autor de manual de rádio, José Vigil menciona a postura de produtores de rádios educativas, muito preocupados com o conteúdo e, por vezes, espantando ouvintes - característica identificada na pesquisa de Versutti (2012, p.26) que citaremos no mesmo capítulo. Nestes casos, falta dialogar com a sociedade. Porém, o "Vida Caipira", mesmo gravado, acaba por demonstrar interesse na opinião dos ouvintes (geralmente por carta). Assim, abrimos espaço para nova discussão sobre o modelo de programação da UNESP FM, que em nossa opinião é outra maneira de diálogo com o ouvinte.

Em nossa análise, comparamos as exigências legais às emissoras públicas e o conteúdo programático da emissora. Para permitir outros pontos de vista, aplicamos o questionário "Indicadores de Qualidade nas Emissoras públicas (BUCCI et al, 2012) à direção da UNESP FM.

Apoiados em nossa experiência de quase uma década nas funções de produtor, locutor, programador musical, operador de áudio, roteirista e editor de áudio em rádio - além de professor de locução e diretor regional do Sindicato dos Radialistas há dois anos -, observamos os modos de trabalho, técnicas, mão de obra e softwares envolvidos na produção do programa Vida Caipira. O intuito foi explicar, didaticamente, os meios físicos para levar ao ar este programa de entretenimento. No que se refere à mão de obra, Canclini afirma que a organização social é item que deve ser levado em conta (1983, p.32). Tentamos estabelecer relações entre a realidade da UNESP FM e a lei do Radialista (que limita, por exemplo, que um profissional exerça muitas funções).

Na sequência, apoiamo-nos em Néstor Canclini, Mario Kaplún, Miguel Ortiz, Jesús Marchamalo e José Vigil para nos debruçarmos sobre três pontos: a organização e a estrutura UNESP FM; análise da vinheta de abertura; sua programação musical, descrevendo o cenário musical e o método usado pelo programador/discotecário Sérgio Magson;

Nesse último ponto, tentamos identificar quais das trezentas músicas são classificadas como modas de viola (que incluem diversos ritmos que, por falta de conhecimento musical, agrupamos em um subgênero) e sertanejo romântico (conforme proposto no capítulo 2), quais das canções encaixam-se em rótulos de outro tipo, como

ritmos nordestinos e MPB (Música Popular Brasileira); além de outras considerações sobre a seleção musical;

e) e, finalmente, iniciando o quarto capítulo, buscaremos decodificar os signos que compõem a fala do locutor do programa. Para Bakhtin, o "processo de descodificação (compreensão) não deve, em nenhum caso, ser confundido com o processo de identificação" (2006, p.98). Em nosso caso, buscaremos traços da urbanidade que emanam do discurso do apresentador e os traços caipiras que estão em seu imaginário.

Em outras palavras, ao analisarmos qualitativamente as quatro falas de cada um dos trinta programas "Vida Caipira" - que assim constituem nosso *corpus* - optamos por uma amostra em sequência, tentando construir um número considerável de intervenções do locutor, a fim de que pudessem deixar claras suas intenções e técnicas ao se dirigir aos ouvintes da UNESP FM e também demonstrar claramente que as músicas selecionadas têm um perfil que varia pouco. Constatamos que o modo de falar do apresentador é fundamental para demonstrarmos o quanto ele é performático. No que tange às músicas, demonstra-nos, ao nosso ver, certa fixação em um modo antigo de expressão sertaneja.

Amadeu Amaral em seu "O Dialeto Caipira" (1976) descreve foneticamente o falar do camponês paulista. Alguns deles, ainda presentes em nosso modo de falar aqui no interior do Estado de São Paulo. Em linhas gerais, o autor diz que o tom da prosódia - "ritmo e musicalidade da linguagem" (1976, p.45) - é "lento, plano e igual, sem a variedade de inflexões, de andamento e esfumaturas" (1976, p.45) do português. De fato, podemos notar que a fala do locutor é mais lenta ao apresentar o "Vida Caipira", mas não percebemos a falta de inflexões, pelo contrário. É sim cantada e bem pronunciada, especialmente o erre "inglês" (1976, p.48), como Amaral percebeu nos caipiras em que baseou sua pesquisa (característica que estendeu aos paulistas de modo geral, inclusive ao pronunciar vogais átonas e monossílabos átonos). Outro detalhe que Amaral destaca é a explosão do ch e j como fazem ingleses e italianos, mas que não encontramos nas falas do locutor. Percebemos que o apresentador não troca o GU por U, como o autor também descreveu em seus estudos. Porém, ao identificarmos os encontros consonantais lh, por diversas vezes percebemos o som de i; bem como a "redução ditongal" (2000, p.126), como nos encontros de e+i que viram apenas um ê

bem pronunciado. Empiricamente, também notamos esse modo de falar em conversas cotidianas pela cidade e região.

Ou seja, quando atua na apresentação do programa, o personagem que Walter Lisboa inventou para apresentar o "Vida Caipira" tem um pronunciado sotaque, comumente chamado caipira, mas que é característico do interior do Estado de São Paulo. O que chama atenção é que quase nenhum locutor profissional dá asas ao seu sotaque. O próprio Lisboa ao apresentar outros programas, disfarça seu sotaque interiorano.

Amadeu Amaral explica que o modo de falar caipira "estendia sua influência à própria minoria culta" (1976, p.41). Mesmo com a afirmação de Bakhtin de que as "formas sintáticas são mais concretas que as formas morfológicas ou fonéticas" e que "são mais estreitamente ligadas às condições reais da fala" (2006, p.142), em nossa investigação, consideramos a fonética fundamental. Principalmente pelo fato de ser uma das características que Lisboa mais dá ênfase, juntamente com o desrespeito à norma culta da língua portuguesa, quando interpreta seu personagem-apresentador.

Porém, como lembra-nos Amaral, o dialeto caipira sofreu com as "grandes alterações do meio social". Sua pesquisa foi publicada pela primeira vez em 1920 e o autor já encontrava dificuldades de encontrar esse caipirismo em estado "puro". Para ele, nessa época, o dialeto achava-se "acantado em pequenas localidades", subsistindo "na boca de pessoas idosas" (1976, p.42). Assim, descreveremos melhor o que é esse dialeto caipira para entendermos quais traços chegam até o locutor e dele até os ouvintes do programa Vida Caipira.

Em seguida, destacamos amostras da rigidez do roteiro. Exemplos de como o locutor, apesar de improvisar, mantém um esquema do programa em mente. Isso possibilitou, despretensiosamente, descobrirmos quais programas foram gravados especialmente para aquele dia e quais eram "frios", ou seja, gravações genéricas que podem ser encaixados em qualquer data. No caso do programa Vida Caipira, o dia do mês mostrou-se muito importante, já que o apresentador costuma dizer as efemérides e os santos católicos de cada dia.

Usando os manuais radiofônicos de Kaplún, Ortiz & Marchamalo e Vigil, empreendemos uma análise da técnica comunicacional (da performance do locutor Walter Lisboa) no que se refere a: expressividade (Ortiz, 2005, p.20); estilo da locução;

redundância (PIGNATARI, 1997, p.49) (KAPLÚN, 1978, p.111); modos de apropriação do que se convencionou chamar "dialeto caipira" pelo locutor, segundo Fausto Neto (1995) e Amadeu Amaral (1976); desabafos pessoais; efeitos sonoros feitos pelo próprio apresentador momento da gravação; tipos de histórias usadas para encerrar o programa; exemplos de domínio da linguagem (KAPLÚN, 1978, p.59); modelos de participação da audiência (KAPLÚN, 1978, p.120),

Para descobrirmos mais detalhes, como os sinais de urbanidade, também usaremos a análise de discurso, o que fecha nosso quarto capítulo. Segundo Marina Yaguêlo, que prefaciou a edição brasileira de "Marxismo e Filosofia da Linguagem" (2006) de Bakhtin, para este autor, "a palavra é a arena onde se confrontam aos valores sociais contraditórios" (2006, p.15), ou seja, a "comunicação verbal, inseparável das outras formas de comunicação, implica conflitos, relações de dominação e de resistência, adaptação ou resistência à hierarquia, utilização da língua pela classe dominante para reforçar seu poder etc.". Considerando que toda linguagem é ideológica, Bakhtin afirma:

Um produto ideológico faz parte de uma realidade (natural ou social) como todo corpo físico, instrumento de produção ou produto de consumo; mas, ao contrário destes, ele também reflete e refrata uma outra realidade, que lhe é exterior. Tudo que é ideológico possui um significado e remete a algo situado fora de si mesmo. Em outros termos, tudo que é ideológico é um signo. Sem signos não existe ideologia. Um corpo físico vale por si próprio: não significa nada e coincide inteiramente com sua própria natureza. Neste caso, não se trata de ideologia. (2006, p.29)

Mas o que é signo? Para Bakhtin, "ao lado dos fenômenos naturais, do material tecnológico e dos artigos de consumo, existe um universo particular, o universo de signos". E ele continua:

Os signos também são objetos naturais, específicos, e, como vimos, todo produto natural, tecnológico ou de consumo pode tornar-se signo e adquirir, assim, um sentido que ultrapasse suas próprias particularidades. Um signo não existe apenas como parte de uma realidade; ele também reflete e refrata uma outra. Ele pode distorcer essa realidade, ser-lhe fiel, ou apreendê-la de um ponto de vista específico, etc. Todo signo está sujeito aos critérios de avaliação ideológica (isto é: se é verdadeiro, falso, correto, justificado, bom, etc.). O domínio do ideológico coincide com o domínio dos signos: são mutuamente correspondentes. Ali onde o signo se encontra, encontra-se também o ideológico. Tudo que é ideológico possui um valor semiótico. (2006, p.30)

Para ele, cada "signo ideológico é não apenas um reflexo, uma sombra da realidade, mas também um fragmento material dessa realidade" (2006, p.31). Em concordância com o autor, buscaremos em meio à performance de Walter Lisboa os sinais que mostram seu verdadeiro universo, ou seja, a cidade. Como sinal sonoro, a fala do apresentador que gravamos, é "totalmente objetiva e, portanto, passível de um estudo metodologicamente unitário e objetivo" (2006, p.31).

Mas Mikhail Bakhtin ressalva:

No entanto, o ideológico enquanto tal não pode ser explicado em termos de raízes supra ou infra-humanas. Seu verdadeiro lugar é o material social particular de signos criados pelo homem. Sua especificidade reside, precisamente, no fato de que ele se situa entre indivíduos organizados, sendo o meio de sua comunicação. Os signos só podem aparecer em um terreno *interindividual*. Ainda assim, trata-se de um terreno que não pode ser chamado de "natural" no sentido usual da palavra: não basta colocar face a face dois *homo sapiens* quaisquer para que os signos se constituam. É fundamental que esses dois indivíduos estejam socialmente organizados, que formem um grupo (uma unidade social): só assim um sistema de signos pode constituir-se. A consciência individual não só nada pode explicar, mas, ao contrário, deve ela própria ser explicada a partir do meio ideológico e social. A consciência individual é um fato sócio-ideológico. Enquanto esse fato e todas as suas consequências não forem devidamente reconhecidas, não será possível construir nem uma psicologia objetiva nem um estudo objetivo das ideologias. (2006, p.33)

Para o autor de "Marxismo e Filosofia da Linguagem", ideologia só pode ser definida objetivamente, pelo viés sociológico:

A consciência não pode derivar diretamente da natureza, como tentaram e ainda tentam mostrar o materialismo mecanicista ingênuo e a psicologia contemporânea (sob suas diferentes formas: biológica, behaviorista, etc.). A ideologia não pode derivar da consciência, como pretendem o idealismo e o positivismo psicologista. A consciência adquire forma e existência nos signos criados por um grupo organizado no curso de suas relações sociais. Os signos são o alimento da consciência individual, a matéria de seu desenvolvimento, e ela reflete sua lógica e suas leis. A lógica da consciência é a lógica da comunicação ideológica, da interação semiótica de um grupo social. (2006, p. 33)

Portanto, após caracterizarmos o objeto no capítulo 3, empreenderemos a análise (que consta do capítulo 4 do corrente texto) buscando, além das marcas que já dissemos, esses sinais sociais que emanam do apresentador. Ou, nas palavras de Bakhtin, "como realidade (a infra-estrutura) determina o signo, como o signo reflete e refrata a realidade em transformação" (2006, p.40).

Para o autor, o interesse não é tanto pela pureza semiótica da palavra, mas o que ele denomina sua "ubiquidade social". E ele segue:

Tanto é verdade que a palavra penetra literalmente em todas as relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. É portanto claro que a palavra será sempre o indicador mais sensível de todas as transformações sociais, mesmo daquelas que apenas despontam, que ainda não tomaram forma, que ainda não abriram caminho para sistemas ideológicos estruturados e bem formados. A palavra constitui o meio no qual se produzem lentas acumulações quantitativas de mudanças que ainda não tiveram tempo de adquirir uma nova qualidade ideológica, que ainda não tiveram tempo de engendrar uma forma ideológica nova e acabada. A palavra é capaz de registrar as fases transitórias mais íntimas, mais efêmeras das mudanças sociais. (2006, p.40).

Bakhtin afirma que, o que chama, psicologia do corpo social não é algo metafísico, interior, da "alma". Ela é exteriorizada pela palavra, pelo gesto, enfim, pelos atos comunicativos. Por acumulação, como mencionamos, a palavra expressa as produções ideológicas dos indivíduos, frutos da sua realidade cotidiana.

Assim, ele deduz que a psicologia do corpo social deve ser estudada de dois pontos de vista diferentes: "primeiramente, do ponto de vista do conteúdo, dos temas que aí se encontram atualizados num dado momento do tempo; e, em segundo lugar, do ponto de vista dos tipos e formas de discurso através dos quais estes temas tomam forma, são comentados, se realizam, são experimentados, são pensados, etc." (2006, p.41).

Portanto, para o autor, cada época e cada grupo social possuem um discurso. E a cada "forma de discurso social, corresponde um grupo de temas". Por isso que "a classificação das formas de enunciação deve apoiar-se sobre uma classificação das formas da comunicação verbal" (2006, p.42). No que toca nosso objeto, a maneira de "falar bem" ou "corretamente" é claro sinal da origem de classe, hierarquização que, *grosso modo*, poderíamos resumir assim: o rico fala "direito", no que fica subentendido que o pobre não. A fala do caipira, nesse aspecto, pode ser considerada fala do "pobre", hierarquicamente mais baixa na sociedade. O mesmo inferimos a respeito do "conhecimento", pois, quanto mais exprime-se-lhe, mais importância a sociedade reconhece no indivíduo. Colocamos tais características entre aspas devido à subjetividade possível ao interpretá-las. Nem nos interessa fazer quaisquer juízos de valor.

O que importa para essa pesquisa é que cada locutor - no sentido amplo, quem emite a palavra - produz fisiologicamente um som. Esse som, para ser compreendido,

deve estar inserido em um código, que é comum ao receptor. Esse som, essa palavra, "serve de expressão a *um* em relação ao *outro*. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade" (2006, p.115).

Mas como Bakhtin define esse "locutor"? É o "dono" da palavra quando a produz com seus órgãos fonadores. Mas pensando na "materialização da palavra como signo", sua propriedade é questionada. Diz o autor, "Deixando de lado o fato de que a palavra, como signo, é extraída pelo locutor de um estoque social de signos disponíveis, a própria realização deste signo social na enunciação concreta é inteiramente determinada pelas relações sociais"(2006, p.115).

Ou seja, ela é socialmente dirigida. E Bakhtin continua:

Antes de mais nada, ela é determinada da maneira mais imediata pelos participantes do ato de fala, explícitos ou implícitos, em ligação com uma situação bem precisa; a situação dá forma à enunciação, impondo-lhe esta ressonância em vez daquela, por exemplo a exigência ou a solicitação, a afirmação de direitos ou a prece pedindo graça, um estilo rebuscado ou simples, a segurança ou a timidez, etc. A situação e os participantes mais imediatos determinam a forma e o estilo ocasionais da enunciação. Os estratos mais profundos da sua estrutura são determinados pelas pressões sociais mais substanciais e duráveis a que está submetido o locutor. (2006, p. 116)

Bakhtin afirma que todo enunciado possui um único tema. Para ele, "tema é sistema de signos dinâmico e complexo, que procura adaptar-se adequadamente às condições de um dado momento da evolução. O tema é uma reação da consciência em devir ao ser em devir" (2006, p.132). Já a significação "é um aparato técnico para a realização do tema", não se podendo apartar um tema de sua significação. Ele resume:

[...] é impossível designar a significação de uma palavra isolada (por exemplo, no processo de ensinar uma língua estrangeira) sem fazer dela o elemento de um tema, isto é, sem construir uma enunciação, um "exemplo". Por outro lado, o tema deve apoiar-se sobre uma certa estabilidade da significação; caso contrário, ele perderia seu elo com o que precede e o que segue, ou seja, ele perderia, em suma, o seu sentido. (2006, p.132)

Logo, o tema "constitui o estágio superior real da capacidade linguística de significar", por ser o atributo da enunciação completa (2006, p.133). Essa distinção entre tema e significação é importante, principalmente quando faz-se a "investigação da significação de um ou outro elemento linguístico" que pode segundo Bakhtin, "orientar-se para duas direções: para o estágio superior, o tema; nesse caso, tratar-se-ia da investigação da significação contextual de uma dada palavra nas condições de uma enunciação concreta" - que é o nosso intuito. Ou, a análise "pode tender para o estágio

inferior, o da significação: nesse caso, será a investigação da significação da palavra no sistema da língua, ou em outros termos a investigação da palavra dicionarizada" (2006, 134).

Ele segue afirmando que qualquer "tipo genuíno de compreensão deve ser *ativo* deve conter já o germe de uma resposta. Só a compreensão ativa nos permite apreender o tema, pois a evolução não pode ser apreendida senão com a ajuda de um outro processo evolutivo" (2006, p.134). E é o que pretendemos aqui. Sabedores da atuação performática do locutor do programa "vida Caipira", buscamos os sinais de urbanidade presentes em sua fala e os traços tidos como caipiras que chegam-nos até hoje. Quanto melhor for o diálogo que estabelecemos com o enunciado, quanto mais palavras nossas relacionarmos às palavras que buscamos compreender, melhor e mais substancial será a compreensão.

Dessa forma, Bakhtin afirma que "cada um dos elementos significativos isoláveis de uma enunciação e a enunciação toda são transferidos nas nossas mentes para um outro contexto, ativo e responsivo. A compreensão é uma forma de diálogo; ela está para a enunciação assim como uma réplica está para a outra no diálogo". Para ele, compreender é "opor à palavra do locutor uma *contrapalavra*" (2006, p.135).

Outro ponto indicado por Mikhail Bakhtin é a "inter-relação entre a apreciação e a significação". Isto é, "toda palavra usada na fala real possui não apenas tema e significação no sentido objetivo, de conteúdo, desses termos, mas também um acento de valor ou apreciativo" (2006, 135). O que denomina "entoação expressiva" pode dar sentido diferente à uma palavra. Ela pode ser dita com raiva, com entusiasmo, entre os dentes, e, a cada vez, apresentar uma significação distinta (às vezes, funcionando até como antônimo da palavra). Esses valores, essas apreciações "são inteiramente determinadas pela situação social imediata em cujo quadro se desenvolve a conversa" (2006, p.137). Bakhtin qualifica-as como "auxiliares marginais das significações linguísticas".

Porém, ele ressalva:

[...] nem todos os julgamentos de valor são como esses. Em qualquer enunciação, por maior que seja amplitude do seu espectro semântico e da audiência social de que goza, uma enorme importância pertence à apreciação. É verdade que a entoação não traduz adequadamente o valor apreciativo; esse serve antes de mais nada para orientar a escolha e a distribuição dos elementos mais carregados de sentido da enunciação. Não se pode construir

uma enunciação sem modalidade apreciativa. Toda enunciação compreende antes de mais nada uma orientação apreciativa. É por isso que, na enunciação viva, cada elemento contém ao mesmo tempo um sentido e uma apreciação. Apenas os elementos abstratos considerados no sistema da língua e não na estrutura da enunciação se apresentam destituídos de qualquer valor apreciativo. (2006, p.138)

Ele continua afirmando que as "formas sintáticas são mais concretas que as formas morfológicas ou fonéticas e são mais estreitamente ligadas às condições reais da fala" (2006, p.142). E que

Para penetrar completamente no seu conteúdo, é indispensável integrá-lo na construção do discurso. Se nos limitarmos ao tratamento do discurso citado em termos temáticos, poderemos responder às questões "Como" e "De que falava Fulano?", mas "O que dizia ele?" só pode ser descoberto através da transmissão das suas palavras, mesmo que só sob a forma de discurso indireto. (2006, p.147)

Nos capítulos 3 e 4 tentaremos ilustrar todas essas características com exemplos presentes nos trinta programas. O intuito não é pegar frases soltas, mas mostrar também o contexto em que se encontravam no momento da transmissão. Assim, a enunciação citada torna-se tema "autônomo", tema de um tema, segundo o autor. E mais: toda enunciação vem somar-se ao nosso discurso interior, ou seja, sabemos que o discurso do apresentador do "Vida Caipira" passará pelo crivo de nosso "fundo perceptivo" (2006, p.151). Por isso nossa preocupação em realizar citações completas, de forma "dogmática", em "estilo linear" (2006, p.153), isolando o discurso analisado - preservando assim as declarações, entoações e perguntas (2006, p.199) de Walter Lisboa -, e em fundamentar nossa análise em autores diversos.

Assim, sem tentar esgotar as possibilidades de interpretação dos dados, esperamos conseguir ler o diálogo entre o improvisado do locutor e a programação do discotecário, na construção do programa Vida Caipira.

CAPÍTULO 2 - Moda caipira e moda sertaneja

Neste capítulo, nomearemos o que entende-se por caipira, por sertanejo, suas origens e aspectos na cultura rural paulista, além dos usos populares nos dias de hoje.

2.1 - Caipira ou Sertanejo?

É comum o uso popular da palavra sertão, como registra o dicionário Aurélio: "zona pouco povoada do interior do país" (FERREIRA, 1988, p.467). O mesmo dicionário ressalva que sertão é, especialmente, "a parte norte-ocidental [brasileira], mais seca do que a caatinga".

Por proximidade, o uso popular da palavra sertanejo também acaba por misturar delimitações: segundo o mesmo dicionário, sertanejo é aquele que é "do sertão, ou que o habita. [...] Rústico, agreste. [...] caipira" (1988, p.467).

José Ramos Tinhorão também atesta o uso pouco preciso da palavra, definindo muitos brasileiros como "sertanejos": basicamente os do interior dos estados do Rio de Janeiro, Espírito Santo, São Paulo, Minas Gerais, Mato Grosso e Paraná (TINHORÃO, 1991, p.193) e ressalva: na década de 1920, os "sertanejos mais famosos" eram nordestinos (1991, p.207).

Já Darcy Ribeiro (2006, p.317) defende que os sertanejos estejam no nordeste e centro-oeste do Brasil. Como constatamos no próprio título do capítulo 4, "O Brasil sertanejo", do livro "O Povo Brasileiro":

[...] Para além da faixa nordestina das terras frescas e férteis do massapé, com rica cobertura florestal, onde se implantam os engenhos de açúcar, desdobram-se as terras de uma outra área ecológica. Começam pela orla descontínua ainda úmida do agreste e prosseguem com as enormes extensões semi-áridas das caatingas. Mais além, penetrando já o Brasil Central, se elevam em planalto como campos cerrados que se estendem por milhares de léguas quadradas.

Toda essa área confirma um vastíssimo mediterrâneo de vegetação rala, confinado, de um lado, pela floresta da costa amazônica e fechado ao sul por zonas da mata e campinas naturais. (2006, p.306)

Bem como nessa passagem, em que relata como são feitas as concessões de glebas por políticos:

[...] Em todos os desvãos do Mato Grosso e Goiás, do Maranhão, do Pará e do Amazonas, milhões de hectares de terras virgens foram concedidos, nas últimas décadas, a 'donos' que nunca as viram, mas um dia se apresentam para desalojar os pioneiros sertanejos (...). Mais para o sul, nas matas de Minas Gerais, de Mato Grosso e de Goiás, o processo já se estabilizou. . (2006, p.306)

Mesmo no livro "Gentidades" (2011, p.89) Darcy Ribeiro chama a população maranhense que circunda o rio Gurupi, vizinhos dos índios Urubus, de "sertanejos". Ou seja, Ribeiro, nas duas publicações é específico: aos habitantes do nordeste e centro-oeste chama-os sertanejos; o autor destina aos paulistas o adjetivo "caipira" (2006, p.329), como conferimos no título do capítulo 5 "O Brasil Caipira" e na passagem que segue do livro "O povo brasileiro": "Enquanto os núcleos açucareiros da costa nordestina cresciam e enriqueciam, a população paulista revolvía-se numa economia de pobreza". E continua, ao falar da dispersão e fixação desse tipo brasileiro, seus hábitos e sua língua, a língua portuguesa:

O equilíbrio é alcançado numa variante da cultura brasileira rústica, que se cristaliza como área cultural caipira. É um novo modo de vida que se difunde paulatinamente a partir das antigas áreas de mineração e dos núcleos ancilares de produção artesanal e de mantimentos que a supriam de manufaturas, de animais de serviço e de outros bens. Acaba por esparramar-se, falando afinal da língua portuguesa, por toda a área florestal e campos naturais do Centro-Sul do país, desde São Paulo, Espírito Santo e estado do Rio de Janeiro, na costa, até Minas Gerais e Mato Grosso, estendendo-se ainda sobre áreas vizinhas do Paraná. (2006, p.346)

Antônio Cândido também (1987, p. 21) dedica aos paulistas o adjetivo caipira. Aliás, o próprio Antônio Cândido (1987, p.79) identifica certo "lençol de cultura caipira", mesmo com variações, por toda capitania de São Paulo, abrangendo Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso. É o que denomina de "expansão geográfica dos paulistas nos séculos XVI, XVII e XVIII pelas Bandeiras e Entradas" com a finalidade de incorporar "terras à Coroa":

Podemos considerar que a fixação generalizada do paulista ao solo, em seguida ao fim dos ciclos bandeirantes, no século XVIII, fez com que se espraiasse pela capitania, até os limites do povoamento, uma população geralmente marcada pelas características acima definidas [pobre, mestiço, isolado, subsistente, rústico, que trabalhava em mutirão...]. [...] Cultura ligada a formas de sociabilidade e de subsistência que se apoiavam, por assim dizer, em soluções mínimas, apenas suficientes para manter a vida dos indivíduos e a coesão dos bairros.

E completa: "após a posse [da terra pelos bandeirante], juntou-se ao explorador os tipos indígenas, negros e colonos estrangeiros" (CÂNDIDO, 1987, p.80).

Como mostra-nos Carlos Rodrigues Brandão, o "caipira que os primeiros cientistas descreveram" (1983, p.17), como Augusto de Saint-Hilaire, Luís da Câmara Cascudo e até Monteiro Lobato, não era apenas o homem do campo. De "sem trato", "canhestro" e "rústico" (1983, p.9), passam a descrevê-lo como "tímido, desajeitado", "sonso", "que não sabe vestir-se", "injurioso" (1983, p.10), depois "imundos", "estúpidos", "embrutecidos pela ignorância, pela preguiça" (1983, p.15), "indolente" (1983, p.16) e "violentos" (1983, p.17) até chegarem a adjetivos piores, frutos do determinismo da época, que hoje consideramos preconceituosos. De fato, o apreço dos cronistas da elite à vegetação brasileira, à geografia, aos escravos, missionários e donos de terra, é inversamente proporcional com relação aos homens livres e pobres da terra (1983, p.14), gente mestiça de branco, com negros e indígenas (1983, p.17).

Eram os que simplesmente habitavam as terras após a expulsão dos índios - mortos ou "empurrados para longe" (1983, p.23) - pelos bandeirantes. Os mesmo que, mais tarde, após manterem os indígenas afastados e limparem os terrenos - para se tornar pasto ou plantação extensiva (1983, p. 41) -, seriam expulsos pelos que detinham a "posse legal" da terra (1983, p.35). Assim, "nômades", não trabalhavam em suas próprias terras, construíam casebres simples de erguer e desmanchar, plantavam apenas o necessário para não passar fome e possuíam apenas o que pudesse ser carregado. Condições precárias, desestimulantes, que certamente explicam boa parte dos adjetivos que recebiam dos cronistas da época.

Alguns outros observadores da sociedade agrária, mais sensíveis a essa cultura ou conhecedores mais profundos dessa gente, como Oliveira Viana e Cornélio Pires, passam a descrevê-los de outra maneira: fiéis à palavra dada, probos, respeitáveis e independentes moralmente (1983, p.24), gente de honra "medievalmente cavaleiresca", corajosos (1983, p.25), "verdadeiro colonizador", expropriado (1983, p.27), francos, argutos, trabalhador incansável e de múltiplas aptidões (1983, p.28) e assim por diante (apesar de restar algum traço determinista, principalmente quando mencionam os "tipos mestiços" de caipira: branco com negro, branco com índio, etc. (1983, p.30).

Mesmo imaginando os pequenos trabalhadores pobres e sem terra, podemos facilmente quebrar a ideia de que seriam preguiçosos: basta pensar no trabalho cíclico das culturas (1983, p.50), cada uma exigindo um tipo de trabalho em cada época do ano; há culturas de chuva (ou do inverno), outras que são plantadas ou colhidas em tempo de seca, o que demanda vários dias a cada pequeno cultivo (1983, p.54); o preparo da terra, que pode ser a mata virgem ou o terreno que está descansado, o que também poderia

levar dias, mesmo com a ajuda de uma parelha de bois (1983, p.53); capinar a roça de ervas daninhas; tratar das criações; armazenar sementes; confeccionar roupas e ferramentas e até artesanato (que exige colheita e preparo anteriores, sejam de insumos vegetais, sejam de animais); beneficiar alimentos, tais como descascar, pilar, moer, torrar, etc. (1983, p.51); catar mel e outros produtos na mata; pescar; dar manutenção às ferramentas; tratar do transporte e venda até o comércio mais próximo; sem mencionar os serviços mais domésticos, como lavar, cozinhar, criar os filhos. É o chamado "regime de policultura rústica" (1983, p.54). Trabalho árduo, complexo, que exige que o conhecimento seja passado de geração a geração. E que pode não render excedentes por diversos motivos (seca, praga, etc.) e, às vezes, nem o necessário à vida da família.

Nem sempre trabalhavam sozinhos, segundo Brandão. Há registros de grupos de família compondo uma unidade de produção (1983, p.68), unindo forças contra a escassez e a violência.

Certo mesmo é que o bandeirante desbravava a terra, o caipira ocupava e o "senhor" civilizava (1983, p.38). Quase sempre à bala. Com a justiça da época a seu serviço. Nos livros de registro de boa parte das cidades (e em Bauru também, como demonstraremos a seguir), a reunião de casas e moradores de uma região só passa a ter a existência e importância reconhecidas com a posse (ou chegada) de algum senhor-proprietário (1983, p.39). É ele quem "mostra" aos habitantes da região como se planta, se cria, se constrói casas de "bom gosto". Tudo isso, com a força de seus escravos.

E os expropriados que se mudassem - geralmente mais para oeste (1983, p.40). Alguns conseguiam trabalho na terra do grande proprietário. Poucos, um pequeno pedaço de terra. Após 1888, abolição da escravatura, e a valorização dos plantios extensivos de café e cana, voltam a ser expulsos, como seus pais também o foram anos antes.

Brandão afirma que

[...] em sucessivos momentos da ocupação dos sertões de São Paulo, donatários de sesmarias, bandeirantes e seus descendentes, revertidos à condição de agricultores, senhores de grandes posses, ocuparam pela força, ou com força de direitos senhoriais sempre negados aos lavradores pioneiros, as extensões maiores das melhores terras da província, desde onde empurravam famílias e levas de lavradores caipiras sertão adentro. (1983, p.41)

O autor ainda afirma que, durante "boa parte da colonização dos oestes paulistas, os caipiras que não migravam em família", conseguiam manter "laços

estreitos" com sitiante e fazendeiros. Laços econômicos, para abastecer as fazendas e cidade; laços políticos, participando da "reserva armada" do fazendeiro (1983, p.43); e até laços de amizade e compadrio. Alguns alfabetizados. Outros, serviçais da fazenda, morando na terra de favor.

E assim, em um ambiente perpassado pela violência (do bandeirante contra o indígena, do fazendeiro contra o caipira ou contra outros fazendeiros), o pequeno trabalhador pobre reproduz a violência no seu sistema de organização de vida e trabalho: "códigos estreitos" de troca entre as pessoas, baseados no trabalho, respeito mútuo, valores religiosos, honra e solidariedade, etc., acabam fazendo parte da vida do camponês paulista (1983, p.46). Brandão justifica isso dizendo que essa "gente [...] afinal precisou aprender lições de ataque e defesa para sobreviver física, social e simbolicamente". Sua bravura, os desafios (que, por exemplo, existem entre violeiros), a honra que se lava com sangue e o aparente "pouco valor" à vida (sua e dos outros) foram testemunhados pelos viajantes na época colonial (1983, p.47).

Fora da sua casa (espaço feminino) e da sua roça (espaço masculino) a família caipira saía para festas de batizados, casamentos, partos, enterros e "encomendas de almas", mutirões de trabalho, reza do terço, festas de devoção coletiva (com comida, reza, canto e dança) e festejos juninos (BRANDÃO, 1983, p.77).

Brandão afirma que era nestes "pequenos espaços de vida" que as pessoas eram socializadas. Passavam por rituais que mostravam sua posição na sociedade. Viviam na e da comunidade (1983, p.78).

Etimologicamente, a palavra caipira está ligada à entidade demoníaca da mata, o caipora ou curupira. Do tupi-guarani "capiâbiguâra" (1983, p.11), sendo que a partícula "caí", "caapi" e outras remetem aos termos mato, fechado, oculto.

Porém, como já citado anteriormente, Carlos Brandão refuta a tese de isolamento, dizendo que a "ideia de uma sociedade e uma cultura caipira isoladas é falsa, tanto quanto a ideia de que a economia caipira sempre foi de 'subsistência' [mas] existiu "à margem" das economias agrícolas escravocratas e, posteriormente, capitalista (1983, p.78).

Além das festas e do comércio que já mencionamos, há registros do mutirão ou "adjutório": quando um trabalhador vai ajudar outro nos momentos de trabalho mais intenso. A ajuda mútua acontece entre parentes, vizinhos e, quando necessário, amigos de longe. O que recebeu ajuda fica tacitamente obrigado a ajudar aos que lhe estenderam a mão (1983, p.80) e fornecer comida para o festejo no fim do dia (1983,

p.81). O mutirão poderia acontecer também na construção ou reparo de algum bem de uso comunitário (uma igreja, uma ponte, etc.). Emílio Willems também registra essas formas de ajuda coletiva (1961, p.49). A festa ao fim do dia, portanto, tinha função específica: agradecer, alimentar e divertir aos convidados.

Durante o trabalho coletivo, podia-se ouvir uma "moda de brão" (BRANDÃO, 1983, p.83). Eram quadrinhas entoadas sem instrumento em que o "patrão", ou seja, quem recebe os companheiros para ajudar no serviço, juntava-se com outro para saudar os amigos, demonstrar amizade, falar da saudade dos companheiros, etc. As duplas revezavam-se durante todo o dia de trabalho e até desafiavam os ouvintes com "linhas", que continham enigmas que exigiam respostas também em formas de quadras.

De todo modo, em relação à cidade, estavam sempre à margem. Brandão diz-nos que essa condição marginal ou subalterna é o que constitui o sistema social agrário da época. E afirma que o caipira "não existiu fora" dessa "economia agrária colonial e, depois, capitalista" (1983, p.43). À época em que escreveu seu livro, Carlos Rodrigues Brandão percebeu que mesmo o camponês proprietário de terra quanto os "últimos lavradores tradicionais de trabalho familiar sobre terras de arrendo" não conseguem preservar a unidade familiar no trato da terra. Segundo ele, devido à "aguda expropriação da propriedade fundiária em muitas regiões do estado" (1983, p.69). O destino dos que estão em idade para trabalhar era o centro urbano, desempenhando algum trabalho assalariado. Não existiria mais que alguns "bolsões de vida e cultura caipira" no estado de São Paulo (1983, p.92).

Nas palavras de Emílio Willems, estudando uma comunidade do Vale do Paraíba na década de 1940, os traços "coletivistas" da estrutura social alternam-se para individualistas (1961, p.12). A nova modalidade de trabalho não reverte frutos ao bem familiar ou comunitário. Assalariado, esse indivíduo participa de outros processos de coletivização, "menos suscetíveis de controle do que os de âmbito comunal" (1961, p.14).

Esse autor enumera outras transformações, além da individualização: secularização, entendida como o desprendimento "do ritual religioso ou mágico que outrora" permeava as suas atividades (1961, p.14); e a "desorganização social", aqui entendida como as mudanças na religião (católica, mas sincrética, para a protestante), na medicina (da popular para a científica), do sistema de "respeito" na divisão de terra entre herdeiros para a agrimensura e várias outras. Mas Willems deixa claro que as mudanças ocorridas em determinadas fases históricas de uma sociedade não são boas

nem más. Algumas inovações, por exemplo, podem ser incorporadas "ao acervo cultural existente" (1961, p.12), suscitando nova acomodação ao *status quo*. Willems registra que, basicamente, "curiosos" e "forasteiros" desempenharam papel ativo na "introdução de novos elementos materiais e tecnológicos" (WILLEMS, 1961, p.132)

Waldenyr Caldas (1987, p.15) reforça a ideia, falando do ciclo do café, no século XIX, e a complementa falando do hibridismo cultural (das culturas indígenas, africanas, italianas, espanhola e portuguesa): ritmos, danças e canções que "após passarem por diversas transformações e se adaptarem à realidade brasileira e às diferenças regionais, deram origem ao que hoje chamamos de música caipira".

Como demonstramos, o termo caipira remetia, pejorativamente, aos homens e mulheres que "vinham do mato". Injustamente, o termo referia-se à incapacidade de trocar experiência com o outro por excesso de timidez, preguiça e ignorância. Enfim, pelas informações levantadas por Carlos Brandão, Waldenyr Caldas, Emílio Willems e outros, mostramos que a cultura rural paulista é formada por muitos elementos externos.

Mas há outros aspectos que pretendemos discutir.

Se adaptações ou implementações foram ocorrendo com o passar dos anos, também há informações de que essa cultura está presente no interior do Brasil, mais especificamente na capitania de São Vicente, desde poucos anos após o descobrimento. É o que discutiremos no próximo tópico, quando falaremos da viola.

Logo depois, passaremos a falar do que sobrou dessa cultura. Percebemos que o termo pejorativo do passado deu lugar à uma característica honrosa, que demonstra o orgulho da origem rural. Algumas pessoas identificam-se como caipiras. A divulgação e o sucesso de público de músicas consideradas caipiras e sertanejas podem ter contribuído para isso, mas também acabou reforçando certa diferenciação entre os dois termos.

2.2 - Percurso da viola na América Latina até o estado de São Paulo

Para falar da cultura rural paulista mais tradicional escolhemos um dos seus instrumentos de expressão mais conhecidos: a viola. Como instrumento popular, é preponderante ao piano, instrumento considerado de elite. O poeta baiano Gregório de Matos (1636 - 1695), um violeiro que, com "mãos curiosas", construía sua própria viola com cabaças, registra o uso do instrumento de corda:

Que eu o ponho à viola
na postura de um cruzado

Tem-na lá, senhor vizinho,
a minha Ilária, Senhor?

Fugiu perdida de amor
pela manhã bem cedinho. (MATOS, 1992, P.9)

Ao lermos Jesús Martín-Barbero e o seu “Dos meios às mediações” (2003, p. 230), quando se detém a explicar-nos como a América Latina foi incluída na modernidade industrializada, lembra-nos imediatamente do nosso objeto de pesquisa, o programa "Vida Caipira" da UNESP FM de Bauru.

Um pequeno levantamento histórico faz-se necessário e o pensamento de Martín-Barbero permite que o diálogo seja maior, incluindo boa parte do continente sul-americano, não obstante a diversidade cultural, geográfica e étnica presente em nós.

Durante o processo de reorganização de nossas economias, na década de 1920 (surgimento de novas burguesias controlando política e negócios, com migração de pessoas do campo para a cidade e imigração de europeus e japoneses para América), as novas burguesias favorecem o surgimento de “um novo nacionalismo, baseado na ideia de uma cultura nacional” (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.228). O intuito não era somente tornar os territórios mais unificados, mas ligar cada um deles ao centro de poder.

Martín-Barbero diz que, nessa lógica, duas correntes sobressaem-se: “Uma identifica o progresso nacional com o da classe que o orienta e com o esforço de industrialização. Outra (...), pretende conciliar a nova nacionalidade com aquela outra Nação que existia antes e que ‘vem de baixo’”. (p.230)

A busca pela unidade da pátria, pela identidade, fez com que o Estado encarnasse a Nação, impondo “o acesso político e econômico das massas aos benefícios da industrialização” (GALEANO, 1978, p.148). Fez também com que as manifestações

mais particulares fossem projetadas sobre o conjunto da Nação, às vezes, como no romance indigenista, tornando-se um modo de manifestação da consciência nacional. No plano massivo-cultural, populistas usaram, por exemplo, o folhetim de radioteatro na Argentina (MARTÍN-BARBERO, 2003, p.246) e o samba no Brasil (2003, p.250).

Mas Martín-Barbero continua o raciocínio afirmando que onde a diferença cultural não era tão evidente, era “folclorizada, oferecida como curiosidade aos estrangeiros” (o que, cremos, ocorreu com a música sertaneja).

Jacks confirma isso, quando diz que

[...] no Brasil, a cultura regional, como questão, inicia sua trajetória com as construções da nação, tendo como marco a Proclamação da República, quando para fortalecer o novo regime, foram necessárias discussões sobre nacionalidade e região.

E segue:

Desde então foi temática, durante a influência do Romantismo, sobretudo em uma das de suas correntes, o Indianismo, cujo representante mais destacado foi José de Alencar; No Movimento Modernista de 1922 que, apesar de apresentar como proposta a atualização do Brasil em relação aos movimentos estéticos internacionais, no nível temático, evidenciou o caráter nacional, buscando raízes e valorizando o que a cultura apresentava de mais 'autêntico', resgatando, em dado momento, as manifestações regionais. (JACKS, 1995, p.154)

A autora cita ainda o Manifesto Regionalista de Gilberto Freyre e a repressão aos símbolos regionais no Estado Novo, por Getúlio Vargas, e na ditadura civil-militar, a partir de 1964.

Como atesta Haroldo Barbosa, "é difícil apontar com exatidão quando começa a formação cultural de um país. Sobretudo quando a relação entre as partículas envolvidas no processo tem um comportamento desigual, difícil e preconceituoso" (BARBOSA, 2000, p.17). Inclusive, dizem os compositores e pesquisadores musicais, quem andasse pelas ruas portando um violão na primeira metade do século XX, poderia ser preso por "vadiagem". Isso explicaria a quantidade de sanfoneiros surgida nesse período, instrumento artificialmente adotado e, pouco depois, superado pelo violão definitivamente como o instrumento do brasileiro.

E assim voltamos ao nosso objeto: o programa "Vida Caipira" explora as chamadas modas de viola, fruto da tradição violeira moura e medieval que passou pela

península ibérica e, conseqüentemente, chegou até a América Latina, ainda subdividida em colônias de exploração. A viola, o violão, ou guitarra, são os pontos que nos une.

Myriam Taubkin (2007), mesmo centrada no violão tipicamente brasileiro, conta as prováveis histórias do instrumento até chegar nos dias de hoje. Só no Brasil usamos a palavra "violão" (2007, p.21). A palavra guitarra, que aqui indica o instrumento do jazz e do rock, e seu termo original *gittern* têm registros medievais (europeus ou árabes) nos séculos XII a XIV (2007, p. 20).

Já o termo *vihuela* floresceu na Espanha, no mesmo período, e designava a todos os instrumentos de corda. A diferença nos modos de tanger esses instrumentos é que os especificavam: *vihuela de pendola* (palheta), de arco e de *mano* (mão). Os termos guitarra (ou gitterna) e vihuela coexistem durante esse período.

A autora cita diversas fontes: entrevista de Francisco Araújo, professor de Tatuí, PUC-SP e Faculdade São Judas; Mário de Andrade e o seu "Dicionário Musical Brasileiro; Stanley Sadie, que organizou o livro "Dicionário Grove de Música"; o português Luís Henrique e o livro "Instrumentos musicais"; o sempre presente José Ramos Tinhorão e o seu "Música popular de índios, negros e mestiços"; Cecília Prada e o artigo "a magia do violão"; Jairo Severiano e a publicação "Discografia brasileira em 78 RPM 1902 - 1964; e o chorão e compositor Henrique Cazes e o seu livro "Choro: do quintal ao Municipal". As discussões giram em torno das possíveis origens do violão brasileiro, ora fruto do instrumento trazido pelos jesuítas para catequese dos índios (2007, p.22), ora fruto da guitarra de ciganos expulsos de Portugal na época da Inquisição, no século XVI.

Para alguns dos pesquisadores citados por Taubkin, a *vihuela* trazida por portugueses, daria origem à viola caipira, parecida com o violão, mas com cordas duplas e afinação diferente.

Certo mesmo é que, antes do choro (2007, p.23), antes da música popular tal como a conhecemos hoje, a viola é o instrumento mais popular, mais presente nas manifestações de toda ordem, fora do âmbito das elites (que preferiam o piano). Sempre presente desde o aparecimento dos primeiros "centros urbanos no Brasil colonial".

Luiz Beltrão, em seu livro "Folkcomunicação" (1980, p.49), explicando as culturas marginalizadas e citando Couto Magalhães, fala sobre uma das expressões mais

populares dos caipiras: a catira, também conhecida como cateretê ou chula. Vem "dos tempos coloniais, e foi incluída por Anchieta nas festas religiosas, havendo o missionário composto versos 'em seu ritmo e solfa', por considerá-la 'honesta'".

Em uma série de treze programas para a rádio Cultura FM de São Paulo, o professor do Instituto de Artes da UNESP Paulo Castagna explorou a música antiga da América. Como sabemos, o projeto de cristianização e unificação cultural do Novo Mundo feito pela Igreja Católica em latim era padrão. Jesuítas aqui estiveram nos séculos XVI, XVII e XVIII (até serem expulsos em 1767). O pesquisador, no roteiro 1 do programa "Alma Latina: música das Américas sob domínio Europeu" (2012, p.4)⁶, mostra-nos traços da música europeia na atual música guarani (indígenas presentes do Paraguai até o litoral do Rio de Janeiro):

Sobreviveram poucas dentre as nações indígenas que receberam a catequese. Uma delas é a nação Guarani, cuja música atual possui nítidas marcas da música européia, que estes assimilaram desde a fase de catequese. Interessante, na música Guarani, é que tais marcas são predominantemente originárias da música antiga européia e não da música mais recente.

A explanação de Castagna, no roteiro 2 (2012, p.1)⁷, de certa forma também explica o que estamos perseguindo: para fugirem dos Bandeirantes e não irem parar em mercados de escravos, muitos preferem participar das "Missões ou Reduções dos Jesuítas". Sobrevivência que custou a cultura desses indígenas. Certamente, este é um dos fortes indícios para explicar nossa base musical comum na América do Sul.

No mesmo segundo roteiro, Paulo Castagna (2012, p.2) afirma que, além de músicas em latim serem compostas nas missões, índios construía instrumentos, tocavam e cantavam em coros. Normalmente música sacra, mas também música instrumental e até óperas. Mais adiante, Castagna (2012, p.3) nos conta que esses indícios persistem, inclusive, na música de compositores indígenas. Na Bolívia, o autor diz que música jesuítica faz parte, até hoje, da cultura de alguns povos remanescentes. Prova da dominação cultural europeia que nos foi imposta.

6 - Em <http://ia701201.us.archive.org/27/items/AlmaLatina-01/AlmaLatina-01De13.pdf>, maio de 2013.

7 - Em <http://ia600809.us.archive.org/1/items/AlmaLatina-02/AlmaLatina-02De13.pdf>, maio de 2013.

Após a expulsão dos jesuítas, compositores ibéricos foram substituídos, oficialmente, por compositores da terra, mestiços. Estes passaram a compor os vilancicos no lugar dos europeus.

Mas à época dos jesuítas, esses Vilancicos, que eram canções caricaturais sobre os mais pobres, executados em palácios e agrupamentos de ricos, no século XV, foram compostos em língua local, indígena e africana, para explicar os principais trechos das missas e celebrações dentro de igrejas - flexibilidade da Igreja que objetivava conquistar mais "almas" (2012, p.2)⁸. Ainda no quarto roteiro da série (2012, p.5), o autor registra até o uso da guitarra: "Até o final do século XVII, os vilancicos eram compostos apenas para coro e baixo contínuo, que poderia incluir fagotes, harpas, guitarras ou outros instrumentos de registro grave".

Já o pesquisador e violonista Roberto Corrêa relata o uso de instrumentos similares à viola que é usada por nordestinos e por caipiras do centro do Brasil em "civilizações que floresceram há cerca de quatro mil antes de Cristo": templos hititas, na atual Turquia, 2500 a.C. e, claro, na tradição dos povos mouros invasores da península ibérica (2003, p.11). E assim, também confirma a história dos jesuítas violeiros (2003, p.7). Para ele, a *vihuela* espanhola é a mesma guitarra, sem a sexta e a primeira cordas (lembrando que o padre José de Anchieta, considerado um dos fundadores de São Paulo, era espanhol, parente de Inácio de Loyola, fundador da Companhia de Jesus).

Interessante que Corrêa cita um documento de 1752 publicado em Lisboa, tratando do ensino do estilo rasqueado, tão presente na viola caipira paulista. Mais um indício de sua tese de que a guitarra foi substituindo a *vihuela* com o passar dos anos.

Como citamos anteriormente, autores como Tinhorão (1991, p.193), Darcy Ribeiro (2006, p.312) e Antônio Cândido (1987, p. 21) defendem a possibilidade da cultura caipira ter partido de São Paulo em direção aos estados vizinhos e até países fronteiriços do sul do Brasil. Mas, não se pode dizer que seja um produto exclusivo da cultura paulista (Caldas, 1979, p.12).

Tinhorão (1991, p.274) alerta-nos sobre a "continuidade sociocultural na área da fronteira paraguaio-brasileira, marcada pelas semelhanças de paisagem e de vida às

8 - Em <http://ia700806.us.archive.org/4/items/AlmaLatina-04/AlmaLatina-04De13.pdf>, acesso em maio de 2013.

margens do rio Paraguai" e "a presença de tropeiros paulistas na vasta área que se estende desde a região cuiabana e as barrancas" do mesmo rio até o "sul de Campo Grande, na direção do Rio Paraná". Isso justificaria, segundo o autor, a "nacionalização" da Guarânia paraguaia com o movimento chamado de Tupiana, (1991, 277).

José Ramos Tinhorão ainda frisa que, na época da colônia brasileira, a única música que podia ser ouvida eram os

[...] cantos das danças rituais dos indígenas, acompanhados por instrumentos de sopro (flautas de várias espécies, trombetas e apitos) e por maracas e bate-pés; os batuques africanos (na maioria das vezes também rituais e à base de percussão de tambores, atabaques e marimbas e, ainda, palmas, xequerés e ganzás); e, finalmente, as canções dos europeus colonizadores [...]

e o "cantochoão das missas e hinários religiosos e toques e fanfarras militares" (1991, p.7)

Enfim, é a tradição urbana musical (da religião aos divertimentos domésticos) brasileira usando violas, que geraram ritmos como o Arromba, o Gandum e o Cubanco, registrados em poemas de Gregório de Matos, presentes no roteiro 7 do pesquisador Paulo Castagna (2012, p.2)⁹. Mas a viola não estava somente nos centros urbanos.

No campo, o caipira suportava sua realidade dura entremeando folgedos, trabalho familiar e trabalho comunitário, quase sempre com uma viola em mãos.

Antônio Cândido (1987, p.184) identificou em sua pesquisa que o lúdico era uma das vigas da cultura caipira. À época de sua pesquisa, já percebia que esta cultura era "obliterada pelo ritmo de trabalho, a abertura de uma economia dependente e a diminuição dos incentivos" de outros tempos.

As transformações parecem ser (e ainda são) constantes nesse universo cultural. Mais adiante na história, mesmo tendo tentado resistir à implantação das fazendas (RIBEIRO, 2006, p.352), depois de vencido, o caipira integrou as culturas dos imigrantes europeus a sua.

9 - Em <http://ia701205.us.archive.org/17/items/AlmaLatina-07/AlmaLatina-07De13.pdf>, acesso em maio de 2013.

Antônio Cândido (1987, p.217) mostra-nos que as culturas rústicas foram, com o passar dos anos, formando-se com pedaços de culturas eruditas. Graças a essa capacidade, "compreende-se que o caipira consiga frequentemente, no espaço de alguns anos, se não assimilar-se, ao menos acomodar-se satisfatoriamente nos padrões propostos pela civilização urbana."

O mesmo raciocínio percebemos em Canclini, quando diz:

As culturas populares (...) se constituem por um processo de apropriação desigual dos bens econômicos e culturais de uma nação ou etnia por parte dos seus setores subalternos, e pela compreensão, reprodução e transformação, real e simbólica, das condições gerais e específicas do trabalho e da vida. (1983, p.42)

Da mistura inicial, passando a incorporar elementos da elite e dos países vizinhos (como as influências, no fim do século XIX e início do XX, dos violonistas Agustín Barrios, nascido em 1885 no Paraguai, e Isaías Sávio, de 1900, do Uruguai, que divulgaram e exportaram métodos de estudo e diversas composições para violão, sendo considerados expoentes do instrumento e referência aos estudantes brasileiros dessa época até nossos dias), hoje, com a grande influência dos Meios de Comunicação de Massa, não surpreende no que tornou-se a música sertaneja. Nem o apelo comercial que as músicas do interior do país, ou melhor, fora do eixo Rio-São Paulo, vem ganhando pelo país. O que leva a várias outras misturas, como veremos adiante.

Além da viola, não consideraremos o que Martín-Barbero diz ser o gênero "em que se reconhece a América Latina popular, mas também a culta... quando se embriaga", ou seja, melodrama (p.315). Ortiz também identifica esse "padrão" (ORTIZ, 2001, p.177). Não por discordarmos do ponto de vista dos autores. Cremos que, no melodrama, está o que Barbero chama de nosso "drama do reconhecimento", enquanto sul-americanos:

[...] do filho pelo pai ou da mãe pelo filho, o que move o enredo é sempre o desconhecimento de uma identidade e a luta contra as injustiças, as aparências, contra tudo o que se oculta e se disfarça: uma luta por se fazer reconhecer. Não estará aí a secreta conexão entre o melodrama e a história deste subcontinente? (2003, p.317).

Há indícios históricos que comprovam o respaldo que o atual sertanejo (chamado popularmente como universitário) encontra nas mídias dos países que

citaremos na matéria da revista Billboard (Argentina, Venezuela, Chile, Colômbia, além dos países da Europa e Ásia)¹⁰. Não somente as características de melodrama.

Porém, constatar os indícios melodramáticos presentes nas modas de viola dos programas "Vida Caipira" que analisaremos, foge de nosso objetivo.

Interessa-nos, assim, apenas mostrar o uso disseminado de instrumentos de corda nas manifestações culturais mais populares. No nosso caso, a viola caipira, como percebemos empiricamente, além da mesma origem, é mais um exemplo de como esta cultura adaptou-se para sobreviver até nossos dias.

Agora, passamos a falar da música acompanhada e produzida com essa a viola caipira e seus desdobramentos.

2.3 - Existem diferenças entre música caipira e sertaneja?

Ficou-nos claro que a contraposição que, empiricamente, sabemos existir entre caipira e sertanejo, acabou por significar, respectivamente, velho e novo, quando tratamos de música popular. E a diferenciação tem relação com o conceito de saudade, nostalgia, que abordaremos mais adiante.

Lembrando-nos das memórias musicais e radiofônicas de nossa própria infância, somadas a nossa experiência em programação de rádio, podemos afirmar: muitos dos jovens de hoje, certamente, ouvirão no futuro programas ou seleções musicais com os sucessos de hoje, as músicas que embalaram seus melhores momentos (ou os mais marcantes). Boa parte deles ouvirão o que chamam "sertanejo universitário".

Do mesmo modo, muitos dos apreciadores de "moda de viola" de hoje relacionam essas músicas a sua juventude, às festas familiares e comunitárias.

Nisso baseia-se a grande popularidade de programas que chamamos no rádio de *flashbacks*: seleções musicais de músicas das décadas passadas.

10 - Em www.billboard.biz, acesso em janeiro de 2013.

Além dos que foram jovens nesse determinado período de tempo, claro que há os que no momento são jovens entre os apreciadores de tais programas. Assim, já adiantamos que, nesse aspecto, o "Vida Caipira" é um programa que explora os sucessos do passado, as músicas que foram sucesso antes dos anos 1990 (quando os sucessos sertanejos românticos ficaram mais fortes). Hoje, comumente, essas músicas são chamadas de modas de viola, caipiras ou sertanejo raiz.

Atualmente o adjetivo "sertanejo" é, notoriamente, um termo usado para classificar um tipo de música (não importando sua origem). Pesquisadores como Waldenyr Caldas, Roberto Corrêa, Álvaro Catelan e Ladislau Couto e José Ramos Tinhorão enfatizam uma divisão: caipira é a música dos primórdios, aquela feita no campo e trazida para cidade ou que fala sobre o campo; sertaneja é já o produto da Indústria Cultural, geralmente falando de amor, "dramas passionais e desequilíbrios emocionais do homem urbano" (Catelan & Couto, 2005, p.39).

Porém, há divergências. A Enciclopédia de Música Brasileira Popular, Erudita e Folclórica, de Marcos Antonio Marcondes, ao registrar que "desde o começo do século XX, temos música urbana produzida com sotaque interiorano, caracterizando até gêneros como samba sertanejo e valsa sertaneja", diz:

[...] tanta confusão é aumentada pelo fato de muitos estudiosos fazerem distinção entre caipira e sertanejo. Música sertaneja é, para eles, a música caipira feita nos grandes centros urbanos por não-caipiras, "fabricada" por imitação, humorismo ou comércio puro e simples; ou, como diz J.R. Tinhorão, a música caipira é manteiga e a música sertaneja é margarina." (1998, p.544)

O autor da enciclopédia afirma que a aceitação popular das chamadas "canções sertanejas" teve início a partir do sucesso carnavalesco de 1914. Era a toada "Cabocla de Caxangá", de autoria de João Pernambuco e Catulo da Paixão Cearense. Nas classes "média e alta desde o sucesso da apresentação, na noite de 28 de dezembro de 1915, no Teatro Municipal de São Paulo", iniciativa do escritor Afonso Arinos, e "algumas cenas do 'antiguíssimo' bumba-meu-boi, conhecido em todo o Brasil" (1998, p.544).

No mesmo tópico, citando as diferenças entre a música caipira e sertaneja na visão de Inesita Barroso, o enciclopedista menciona: a caipira "só canta sobre a vida no campo, incluindo histórias de bichos, chegando muitas vezes a ser fábula musicada", ao que o autor acrescenta que há também a menção de "causos" ligados "à religião e de entreveros resultantes do contraste entre pessoas ou coisas caipiras e urbanas" (1998,

p.544). Já a música sertaneja só fala de temas da cidade, sendo, em geral, mais dramática e negativa, com perdições, traições e adultérios" (1998, p.544).

Marcondes define música sertaneja como a

[...] denominação mais genérica e usual para toda música popular com características rurais, notadamente uso de violas caipiras e acordeons, vocalizações em terças paralelas (ou seja, as melodias das duas vozes se mantêm separadas pela mesma distância na escala) e atmosfera interiorana. O termo costuma ser utilizado como sinônimo de música caipira, ou seja, a música da região Centro-Sul (também chamada "Paulistânia"). Mais amplamente, música sertaneja seria também o baião, o xaxado, enfim, toda música produzida nas regiões norte-nordeste, onde efetivamente há sertão e que têm em comum o fato de não serem cultura de cidade grande. (1998, p.544)

Consta ainda que "música sertaneja" é

[...] o nome genérico sob o qual compositores profissionais urbanos passaram a designar, a partir do início da segunda década do século XX, as estilizações de ritmos rurais que denominavam, arbitrariamente, de modas, toadas, cateretês, chulas, emboladas e batuques, que se identificavam por letras invariavelmente evocativas da beleza bucólica e romântica da paisagem, da vida e da gente do interior e que, por serem nascidas e criadas longe das grandes cidades, eram tão livres quanto possível das influências norte-americanas e europeias (jazz, fox-trote, música francesa, canção napolitana) sofridas pela cultura urbana. (1998, p.544)

Outra generalização diz respeito à moda de viola. Aparentemente, os ritmos rurais mais populares no início do século XX foram realocados no termo moda de viola (também chamada de sertanejo raiz), talvez para diferenciá-las das músicas sertanejas de sucesso mais atuais.

Na Enciclopédia de Música Brasileira Popular, Erudita e Folclórica, encontramos o verbete moda descrito da seguinte forma:

Palavra que em Portugal e no Brasil tem significado de canto, melodia ou música. Também designa no Brasil um tipo de canção rural, a moda-de-violas, ao que parece limitada aos estados de São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Rio de Janeiro. Pela natureza dos seus textos, em maioria absoluta as modas são legítimos romances, narrativas de fatos que impressionam a imaginação popular, casos de todo gênero, descrição satírica de costumes, histórias divertidas de bichos.

E continua:

Mais raramente, são líricas e amorosas. Há também modas de um tipo que quase se poderia chamar surrealista, absolutamente desinteressadas da inteligibilidade lógica [sic]. A estas os caipiras dão o nome de modas-de-patacoadas, isto é, de absurdo, de tolice. As modas são cantadas a duas vezes em intervalo musical de terças e acompanhadas por viola. Quanto à métrica, apresentam, geralmente, versos de sete sílabas, podendo aparecer também os de cinco. As formas estróficas mais adotadas são a sextilha, a oitava, a quadra e, mais raramente, a décima. (1998, 525)

A enciclopédia segue comparando as modas caipiras paulistas com as canções de violeiros nordestinos (nomeadas pela forma: sextilhas, moirão, martelo, quadrão, galope). Segundo o autor, as composições nordestinas visam mostrar a "capacidade improvisatória" no que se refere às rimas com os motes selecionados por si ou pela plateia. Há também, no nordeste, mais desafios entre violeiros do que na área paulista. Na região abrangida pela cultura caipira, é mais comum o "encontro amistoso de cantadores em festas. Nessas ocasiões, cada um se limita a cantar suas modas e o aplauso do público decide os méritos de cada um" (1998, p.525).

Assim, para efeitos didáticos, em concordância com a Enciclopédia de Música Brasileira Popular, Erudita e Folclórica (MARCONDES, 1998, p. 544), usaremos o termo sertanejo para designar o gênero que abrange toda música que apresente traços rurais, adaptada ao uso de técnicas de gravação, ou seja, do início do século XX. Logo, música caipira fica sendo a música que existiu entre os caipiras e que, portanto, não é mais feita nos dias de hoje na cidade de Bauru.

Em consonância com a denominação atual e com mesma publicação (1998, p.525), usaremos o termo moda de viola para nos referirmos, de forma ampla, a outros subgêneros da música sertaneja, tais como chula, toada, guarânia, tupiana, moda de brão, etc. que foram registradas em disco - CDs ou LPs. Devido aos nossos insuficientes conhecimentos musicais, não teremos condições de classificar de forma exata as músicas selecionadas para os programas Vida Caipira que analisaremos.

Temos, sim, condições de reconhecer os elementos musicais que caracterizam os subgêneros moda de viola, bem como, sertanejo romântico e sertanejo universitário, além de conhecermos a época em que cada música foi feita (especialmente as que foram lançadas a partir de 1990).

Em sua pesquisa, Caldas (1987, p.15) lembra-nos os passos que levaram Cornélio Pires, chamado de "pioneiro da música caipira", ao estrelato: em 1926 alcançou o sucesso com seus shows de causos caipiras, disputas entre violeiros e canções em duplas. Com o dinheiro, em 1929 lançou discos - com recursos próprios, já que as gravadoras da época recusaram-se a apostar em "música caipira".

Era o início da massificação da cultura caipira que, para isso, foi adaptada, principalmente em dois quesitos: no número de participantes necessários às cantorias, resumidas a apenas uma dupla; e no tempo de duração das músicas, reduzida ao padrão do disco comercial, com cerca de três minutos.

Após o início da massificação da música rural paulista, o autor afirma que outros ritmos foram incorporados ao que, nessa pesquisa, denominamos "modas de viola": "cateretê, toadas paulistas, enrolados nordestinos, batucadas, maracatus do Recife, guarânias, rasqueados e até boleros mexicanos" (1987, p.61).

O compositor Raul Torres, bastante presente nos programas que analisaremos, é tido como o introdutor da guarânia paraguaia no Brasil, segundo Caldas, na década de 1940. Interessante o registro de incorporação e repúdio das guarânias paraguaias com o movimento Tupiana, que não passou do primeiro disco (TINHORÃO, 1991, 277).

Da mesma época, os boleros foram incorporados à música sertaneja a partir do sucesso de filmes mexicanos que a Companhia de Filmes Pelmex do Brasil exibia na "Cine Broadway, em São Paulo, na avenida São João" (CALDAS, 1987, p.61).

Mudanças pouco significativas quando comparadas aos anos 1970, quando o Iê-iê-iê, as guitarras elétricas e filmes de cowboy norte-americanos (1987, p.70) "modernizaram" a música sertaneja, mudando os nomes das duplas para nomes estrangeiros (como Ringo Black, Kid Holliday, etc.), arranjos de sons eletrônicos e temáticas mais violentas, como nas músicas de bandido e mocinho de Léo Canhoto e Robertinho.

O pesquisador Ricardo Cravo Albin em seu "Dicionário Cravo Albin de Música Popular Brasileira"¹¹, versão online, diz que "a fase moderna da música sertaneja inicia-se no final dos anos 1960".

11 - Em <http://www.dicionariompb.com.br/musica-sertaneja/dados-artisticos>, acesso em maio de 2013.

O modelo, segundo ele, é a jovem guarda, "sendo que um de seus integrantes, Sérgio Reis, começa a gravar o repertório tradicional sertanejo".

Se antes o circo e os rodeios eram os lugares mais comuns de encontrarmos os artistas sertanejos, com a popularização do gênero pelo rádio (primeiro na AM, depois, na década de 1980, na FM), logo ganharam outros palcos. Cravo Albin registra os programas de TV e trilhas de novelas, a guinada romântica que o gênero sofreu, principalmente na passagem da década de 1980 para 1990.

Alguns nomes despontam nessa época: as duplas Chitãozinho e Xororó, Leandro e Leonardo, Zezé Di Camargo & Luciano, Christian & Ralf, Trio Parada Dura, Chico Rei & Paraná, João Mineiro & Marciano, Nalva Aguiar, Gian & Giovani, Rick & Renner, Gilberto & Gilmar e Roberta Miranda.

Não somente para Cravo Albin, mas para outros pesquisadores também, a "unidade estilística" da música sertaneja está "no uso consistente do estilo vocal tenso e nasal", além da temática que varia entre o "épico" rural e o "individualista" romântico e o uso de instrumentos e efeitos externos à tradição.

Após os anos 2000, o sertanejo moderniza-se novamente, fortalecendo a temática urbana e características da música pop. São dele os principais contratos (com gravadoras e produtoras de shows) e remunerações. Dessa época podemos listar: Bruno e Marrone, Rio Negro & Solimões, Guilherme & Santiago, Edson & Hudson, Jorge & Mateus e outros.

O subgênero "sertanejo universitário", segundo Albin, surge no fim da primeira década dos anos 2000, com influências que vão "do axé, da música eletrônica" até o "funk carioca" (nomeadas como axé-nejo, funk-nejo, arrocha e eletro-nejo). Entre vários artistas, podemos mencionar Michel Teló, Luan Santana, Munhoz e Mariano, etc.

Como veremos agora, a abrangência atual da música sertaneja, especialmente os subgêneros romântico e universitário, dá mostras que essas músicas têm elementos que agradam não somente aos paulistas, como vê-se nos Quadros 1, 2, 3 e 4¹², direto da página do ECAD (Escritório Central de Arrecadação e Distribuição de direitos autorais).

12 - Fonte: <http://www.ecad.org.br/viewcontroller/publico/RankingAutoral.aspx>, acesso em 20 de janeiro de 2013

A Associação civil sem fins lucrativos que funciona sob a Lei Federal n. 5.988, de 1973 (artigo 115), mantido nos termos do artigo 99, da Lei Federal n. 9.160 de 1998, mantém uma página na internet onde podemos verificar, sob diversas indexações, o quadro dos direitos autorais no ramo musical. A seguir, as cinco primeiras posições do *ranking* dos compositores com maior rendimento de 2010 a 2013:

Quadro 1:

5 primeiros em "Compositores + Rendimentos" do ECAD - Janeiro de 2010				
Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul
Victor Chaves	Victor Chaves	Victor Chaves	Victor Chaves	Victor Chaves
Sorocaba	Roberto Carlos	Rick	Roberto Carlos	Sorocaba
Rick	Erasmio Carlos	César Augusto	Nando Reis	Rick
Dorgival Dantas	Beno César	Zé Henrique	Rick	Dorgival Dantas
Euler Coelho	Solange de César	Nando Reis	Sorocaba	Euler Coelho

Fonte: <http://www.ecad.org.br/viewcontroller/publico/RankingAutorial.aspx>, em maio de 2013.

Quadro 2:

5 primeiros em "Compositores + Rendimentos" do ECAD - Janeiro de 2011				
Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul
Roberto Carlos	Roberto Carlos	Sorocaba	Sorocaba	Sorocaba
Sorocaba	Victor Chaves	Victor Chaves	Victor Chaves	Victor Chaves
Erasmio Carlos	Erasmio Carlos	Hmberto	Thiaguinho	Rick
Pe. Zezinho	Ramon Cruz	Rick	Roberto Carlos	Thiaguinho
Pitty	Nando Reis	Zé Henrique	Erasmio Carlos	Zé Henrique

Fonte: <http://www.ecad.org.br/viewcontroller/publico/RankingAutorial.aspx>, em maio de 2013.

Quadro 3:

5 primeiros em "Compositores + Rendimentos" do ECAD - Janeiro de 2012				
Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul
Victor Chaves	Victor Chaves	Victor Chaves	Victor Chaves	Sorocaba
Pe. Zezinho	Roberto Carlos	Sorocaba	Sorocaba	Victor Chaves
Sorocaba	Thiaguinho	Gusttavo Lima	Thiaguinho	Gusttavo Lima
Erasmio Carlos	Erasmio Carlos	Euler Coelho	Roberto Carlos	Thiaguinho
Pe. Reginaldo Manzotti	Paula Fernandes	Paula Fernandes	Erasmio Carlos	Paula Fernandes

Fonte: <http://www.ecad.org.br/viewcontroller/publico/RankingAutorial.aspx>, em maio de 2013.

Quadro 4:

5 primeiros em "Autores + Rendimentos" do ECAD - Janeiro de 2013				
Norte	Nordeste	Centro-Oeste	Sudeste	Sul
Victor Chaves	Roberto Carlos	Sorocaba	Victor Chaves	Sorocaba
Zezé di Camargo	Erasmus Carlos	Victor Chaves	Sorocaba	Victor Chaves
Sorocaba	Victor Chaves	Thiago Servo	Roberto Carlos	Zezé di Camargo
Nicco Andrade	Renato Moreno	Zezé di Camargo	Zezé di Camargo	Thiago Servo
Caetano Veloso	Zezé di Camargo	Jorge	Erasmus Carlos	Roberto Carlos

Fonte: <http://www.ecad.org.br/viewcontroller/publico/RankingAutorial.aspx>, em maio de 2013.

Vejamos, rapidamente, quem são os compositores que estão neste quadro dos compositores mais lucrativos do triênio 2010-12: Victor Chaves é o autor da dupla sertaneja Victor & Léo. Sorocaba é o autor da dupla Fernando e Sorocaba. Rick faz dupla com Renner. Dorgival Dantas é compositor, sanfoneiro e cantor potiguar de forró. Zé Henrique também atua no sertanejo universitário em dupla com Gabriel. Humberto faz dupla com Alencar. César Augusto fazia parte da dupla César & César, até a morte do parceiro e hoje ostenta mais de duas mil composições, desde o sertanejo romântico dos anos 1990. Euler Coelho, além de autor, é empresário da dupla João Bosco e Vinícius. Ramon Cruz é baiano e compositor de axé. Paula Fernandes é cantora solo e compositora de músicas sertanejas, bem como Gustavo Lima. Thiaguinho é autor de pagodes.

Nicco Andrade é compositor de pagodes, especialmente para o grupo Sorriso Maroto. Thiago Servo faz dupla com Thaemme. Renato Moreno é compositor carioca que começou com funk e especializou-se em forró.

Os padres Zezinho e Reginaldo Manzotti e os compositores Beno César e Solange de César dedicam-se ao ramo religioso. Erasmus Carlos e Roberto Carlos são os nomes do movimento Jovem Guarda na ativa desde os anos 1960. Caetano Veloso surgiu no movimento Tropicalista também nos anos 1960. Nando Reis surgiu com o grupo Titãs nos anos 1980 e passou à carreira solo. E, finalmente, a roqueira baiana Pitty está nas paradas de sucesso desde o início dos anos 2000.

Podemos perceber que não há compositores de modas de viola nessa lista.

Continuando o raciocínio, se antes o consumo desse tipo de músicas era considerado precário, em segundo plano nas gravadoras e lojas de disco, Caldas nos

lembra que, além dos parques consumidores na capital e no interior, havia uma verdadeira multidão de "consumidores em potencial" (1979, p.28 a 35), esperando melhorar sua condição de vida para poder consumir também. Hoje, talvez essa hipótese se confirme, devido à melhora da economia das últimas décadas, como constata o autor: "A música sertaneja tornou-se uma força, altamente expressiva da indústria do disco no Brasil. Consequentemente, seu alcance ultrapassou as áreas de influência da cultura caipira".

Caldas ainda nos lembra (1979, p.47) que, após o golpe militar de 1964, a dita MPB (sigla de Música Popular Brasileira, um rótulo para composições quase sempre feitas no eixo Rio-São Paulo, que exploram todas as nuances que fizeram a música brasileira reconhecida internacionalmente: melodias fáceis com arranjos complexos e poesia mais elaborada, excluindo-se, basicamente, a música feita no interior do Brasil), entra em crise devido à censura. O que, somado à tecnologia usada nas gravações de duplas sertanejas mais modernas (como Leo Canhoto e Robertinho e o som da guitarra e a moda *country* norte-americana a partir da década de 1970) e os Meios de Comunicação de Massa, criou o ambiente para o início do crescimento desse gênero tão popular.

Se antes, como já dissemos, a música do povo era desqualificada, hoje podemos sentir um movimento distinto do que ocorria décadas atrás: o popular tornou-se admirado e rentável.

Em entrevista a um programa de televisão (Senhor Brasil, TV Cultura, em 20 de abril de 2010), o cantor e compositor Renato Teixeira registrou o momento: a música brasileira sofreu um deslocamento do eixo Rio-São Paulo para o interior do Brasil.

Se antes alguém ouviria um programa policial ou de músicas ditas popularescas com algum receio, escondendo-se de possíveis testemunhas e do preconceito (Caldas, 1979, p.31), ou dizendo que tomou conhecimento sobre o fato ou música "no rádio da empregada", hoje o inverso: programas policiaiscos e músicas mais populares dominam a televisão, o rádio, o jornal impresso, a internet.

Os que ouvem o sucesso do momento ostentam-no sem pejo nos sons automotivos e nos aparelhos pessoais de reprodução de músicas, frequentam feiras agropecuárias ou salões nobres, usam roupas e acessórios dos seus ídolos, publicam conteúdo nas redes sociais, etc. Ou seja, consomem e reproduzem o conteúdo preferido.

Mesmo parecendo haver uma desfragmentação dos vários "sertões" nas metrópoles, parece haver uma continuidade: a música caipira, antes da massificação, ligada ao trabalho, à religião, às “coisas” do campo, aos relacionamentos familiares e a algumas piadas ou “causos” deu lugar às modas de viola. Mas, ainda, uma música ligada aos migrantes e seus descendentes.

Logo depois, como já demonstramos, há pequenas mudanças na música sertaneja nos anos 1970, 1990, 2000 e 2010. Distancia-se pouco a pouco daquela música com mostras de conduta rígida e temas rurais para uma outra: a música da festa, da “balada”, da “pegação”, bebedeiras e liberdade sexual misturada com desbragado romantismo (tais como Camaro Amarelo de Munhoz e Mariano, Bebo Pa Carai de Gino e Geno, Amo noite e dia de Jorge e Mateus, Fugidinha de Michel Teló, Luz, Paixão e Rodeio de Paula Fernandes, Balada de Gustavo Lima e vários outros exemplos).

Caldas (1979, p.11) identifica o nascimento dessa situação na década de 1970: seria um efeito das horas escorchantes de trabalho por baixo salário, péssima qualidade dos serviços públicos e sua substituição por privados. Tudo o que se quer é "não sentir solidão na cidade grande". Cansados da dura realidade, preferem a música que fala de amor e diversão. Pelo visto, não apenas a classe trabalhadora prefere o sertanejo, mas jovens também. O pesquisador Ricardo Cravo Albin registra o surgimento do sertanejo universitário nos "festivais de música das Universidades das regiões metropolitanas de Goiânia (GO), Campo Grande (MS), Cuiabá (MT), Belo Horizonte (MG) e São Paulo (SP)"¹³. Daí o nome sertanejo universitário.

É ilustrativo o sucesso global do sertanejo Michel Teló e sua autêntica sanfona paranaense. A jornalista Emmanuelle Saliba da *Billboard* (talvez a maior e mais popular lista de sucessos musicais do mundo, instalada nos Estados Unidos) disse em 30 de março de 2012:

Desde seu lançamento em novembro de 2011, 'Ai Se Eu Te Pego' alcançou o primeiro lugar em 15 países da Europa, Europa Ocidental e América Latina.

13 - Em <http://www.dicionariompb.com.br/sertanejo-universitario/dados-artisticos>, acesso em maio de 2013.

O vídeo oficial da música foi visto por mais de 240 milhões de vezes no YouTube e traduzido e legendado para várias línguas, tais como inglês, polonês e italiano. 'Ai Se Eu Te Pego' alcançou a primeira posição em listas de sucesso de rádios na Argentina, Venezuela, Chile, Colômbia, Bulgária e Rússia. Também conseguiu o primeiro lugar no iTunes em 23 países. A gravadora de Michel Teló, Som Livre, estima que a música tenha sido baixada dois milhões de vezes em todo o mundo.¹⁴

Interessante notar que a coreografia da música de Teló por jogadores famosos de futebol e basquete catapultou-o ao sucesso planetário, rendendo milhões de reais.

Registramos que o mesmo não aconteceu com a violeira sul-mato-grossense Helena Meireles, eleita pela respeitada revista norte-americana *Guitar Player* como uma das cem melhores em seu instrumento, em 1993. Serviu somente para tirá-la do anonimato e jogá-la nas graças de especialistas.

A identificação com essa música, dançante e romântica, parece não ter mesmo mais ligação alguma com a origem dos que optam por ouvi-la. Martín-Barbero (2003, p.271) descreve a situação atual, mestiça, dos atores sociais latino-americanos:

[...] o reconhecimento desse conhecimento é, na teoria e na prática, o surgimento de uma nova sensibilidade política, não instrumental nem finalista, aberta tanto à institucionalidade quanto à cotidianidade, à subjetivação dos atores sociais e à multiplicidade de solidariedades que operam simultaneamente em nossa sociedade.

E de uma linguagem que procura dizer da imbricação na economia da produção simbólica e da política na cultura sem se restringir uma operação dialética, uma vez que mistura de saberes e sentires, seduções e resistências que a dialética desconhece. É como mestiçagem e não como superação - continuidades na descontinuidade, conciliações entre ritmos que se excluem - que estão se tornando pensáveis as formas e os sentidos que a vigência cultural das diferentes identidades vem adquirindo: o indígena no rural, o rural no urbano, o folclore no popular e o popular no massivo.

14 - Since its release in November 2011, 'Ai Se Eu Te Pego' has reached no.1 in 15 countries across Europe, Eastern Europe and Latin America. The official music video has been viewed over 240 million times on YouTube, and has been translated and subtitled in multiple languages including English, Polish and Italian. 'Ai Se Eu Te Pego' hit number 1 on radio charts in Argentina, Venezuela, Chile, Colombia, Bulgaria and Russia. It also hit no.1 on iTunes in 23 countries. Michel Telo's record label, Som Livre, estimated the single has been downloaded two million times around the world. (www.billboard.biz)

Assim, a moral conservadora e os causos caipiras, sem mencionar os desafios entre violeiros e as coreografias rurais, cedeu espaço à essa música "desterritorializada". Hoje permitindo que mulheres toquem, cantem e componham. Totalmente adaptada aos padrões da indústria do disco.

A título de registro, Waldenyr Caldas (1979, p.145) menciona em sua pesquisa o caráter conformista e alienante da música caipira. Características que também identifica na música sertaneja, mais voltada para o consumo. Ortiz, ao falar das décadas de 1960 e 70 e a censura oficial da ditadura militar - que tinha "duas faces: uma repressiva e outra disciplinadora" (ORTIZ, 2001, p.114) - e seu apoio aos empresários de vários setores da economia (para fortalecer o capitalismo tardio em que nos encontrávamos) também dá pistas dos motivos do sucesso de músicas, filmes e publicações só para diversão. Caldas registra a pressão militar sobre a MPB, como já mencionamos (CALDAS, 1979, p.74) e Ortiz explica que os militares censuravam "as peças teatrais, os filmes, os livros, mas não o teatro, o cinema e a indústria editorial" (ORTIZ, 2001, p.114). Coincidência ou não, é desse período o começo da ascensão de músicas menos preocupadas politicamente, de programas tidos como "popularescos" promovidos por emissoras que se "autocensuravam" (2001, p.120), das coletâneas de músicas, que diluem a noção de obra (2001, p.128), crescimento editorial de revistas específicas (2001, p.123), crescimento das demandas meramente mercadológicas em detrimento de questões artísticas, políticas, etc. Discussão interessante, mas que não consta dos nossos objetivos.

Enfim, exemplos da oposição velho e novo (ou seja, os que se dizem caipiras e os que curtem o sucesso do sertanejo universitário) não nos faltam. Como nosso objeto trata quase que exclusivamente das modas de viola, tentaremos entender algumas características desse autointitulado caipira.

2.4 - E o "caipira" de hoje?

Para Tinhorão (1991, p. 198), o interesse do público urbano pelas primeiras modas de viola (no início do século XX, principalmente), que idealizavam o campo, e o bucolismo era fruto do choque de realidade (desemprego, carestia, falta de paz, etc.) causada pela expansão das primeiras indústrias nos centros urbanos.

O sociólogo Waldenyr Caldas, na introdução de seu livro "Acorde na Aurora" menciona:

[...] as populações que, ao serem submetidas à proletarização periférica, portam culturas em processo de desarticulação montadas em valores rurais, cujo significado tende a esvaír-se no universo urbano. O modo de vida agrário, suas expectativas, normas e aspirações podem, num primeiro momento, sustentar-se pela idealização do passado, pelo sonho de um retorno vitorioso à terra. Entretanto, já numa segunda geração, isso sequer faz sentido. (1979, p.xv)

Havia nessas comunidades rurais algumas características marcantes que chegam-nos até hoje: algumas letras das chamadas modas de viola mostram a posição firme diante da vida, rompantes de coragem, o código moral bastante rígido (em flagrante contraposição às músicas sertanejas de hoje), a hospitalidade humilde, a devoção, etc. Como diz Emílio Willems, os violeiros e suas modas representam os "órgãos da opinião pública da população rural, sobretudo das classes média e inferior" (WILLEMS, 1961, p.104).

Willems registra, ainda, a crença em benzedeadas contra uma série de doenças e males e, também, pedindo favores e ajuda nas necessidades (WILLEMS, 1961, p.154), o que até pouco tempo atrás era bastante comum.

Outro detalhe que podemos perceber em nossos dias é sobre a vestimenta dos camponeses do Vale do Paraíba, descrita por Willems: na época, predominavam as roupas de algodão, muitas vezes remendadas, sem calçados. Segundo o autor, devido às dificuldades econômica do passado, por hábito, os moradores continuavam "extremamente parcimoniosos nos seus trajes" (1961, p.127). Podemos perceber que esse traço está presente em nosso imaginário quando presenciamos, nas festas Juninas de escolas infantis, crianças fantasiadas com roupas remendadas, chapéus de palha (apesar de não estarem descalças). Registramos que há indícios também que o caipira guardava seus "artigos de luxo" (melhores animais de montaria, arreios e vestimentas) para ocasiões de festa, ou seja, não se apresentaria maltrapilho em comemorações e eventos públicos (DURHAM, 1978, p.87). Característica que parece não ter resistido ao tempo e à popularidade do caipira como Jeca (personagem de Monteiro Lobato).

Considerando os desabafos do locutor do programa Vida Caipira, Walter Lisboa, 69 anos (presentes nas amostras selecionadas do programa "Vida Caipira") e do contato que tivemos com o grupo de catireiros e violeiros do Clube da Viola, a maioria

com mais de 60 anos, como já dissemos no primeiro capítulo, percebemos a existência sincera de um sentimento de pertencimento à cultura que, chamam, caipira.

Já o público consumidor de música sertaneja e os ídolos da música sertaneja, em sua maioria, não se comportam, nem sequer mencionam referências caipiras. Exceto pelo modo de cantar, pelo sotaque, pela maneira de alguns vestirem-se (usando chapéus, botas enfeitadas, fivelas grandes, etc.) e alguns poucos temas musicais, além do fato de lotarem as milionárias festas de peão de boiadeiro pelo Brasil. A produção em torno do chamado sertanejo universitário é algo bastante diferente do que acontecia com as duplas mais velhas. Assim, o sertanejo hoje gosta de baladas, carros caros, bebem, festejam, enfim, selecionam temas urbanos para suas músicas que, cada vez mais, distanciam-se daquelas feitas há mais de 30 anos.

Como já dissemos, o caipira é colocado como algo do passado. Talvez, pelo fato de traços dessa cultura ainda presentes em nosso cotidiano, distanciem-se, cada dia mais, do que se chama, hoje, de cultura sertaneja, ou moda sertaneja. E aqui não vai nenhum julgamento de valor, tampouco a ideia de que o sertanejo não poderia atualizar-se. É o que demonstraremos nesse tópico.

Caldas afirma que não há cultura como "expressão" da personalidade de um povo. Não há um "conjunto de tradições ou de essências ideais, preservadas de modo etéreo" (1979, XV) pois toda manifestação cultural está ligada às estruturas materiais, condições de vida e conflitos com setores hegemônicos. Mas há os que se autotitulam caipiras e rejeitam os novos modos de fazer música sertaneja.

Canclini (1999, p.28) sugere-nos que mudemos a ênfase: de identidade passemos a investigar uma política de reconhecimento. Assim, tentaremos entender como persiste a diferenciação entre caipiras e sertanejos.

Como já vimos, os processos de urbanização, industrialização e as transformações econômicas dos processos produtivos rurais acabaram por estimular a busca por trabalhos assalariados. Com essas mudanças, a adoção de novos padrões de comportamento e conseqüente negação de antigos. Como diz-nos Eunice Durham, havia no século XIX o conceito simplista de "dois Brasis" e a oposição entre o rural e o urbano (1978, p.8).

Observando os agentes mencionados anteriormente (locutor e catireiros), ouvindo suas histórias, a maioria menciona o campo como habitat anterior.

Sendo filhos de antigos moradores do campo, ou netos de migrantes, alguns traços e costumes da roça ainda parecem muito significativos a essas pessoas. Consideram-se caipiras (além de estarem envolvidos na difusão das músicas, consideradas por eles, caipiras, usam botinas, chapéus, etc.), mesmo tendo trabalhado e morado a maior parte da vida na cidade, dirigindo automóveis, acessando computadores, enfim, usufruindo das benesses da vida na cidade de Bauru e também sofrendo as consequências disso.

Ao fim, como nota Eunice Durham, percebemos que essas pessoas misturam memória e imaginação, alimentando memórias pessoais com as coletivas (2009, p.137). E como a memória individual "gosta de eloquência", a memória histórica também acaba por dar ênfase a engrandecimentos, de forma épica (2009, p.146). Ou seja, é possível que o locutor (ao se lembrar do sítio dos avós) e os integrantes do Clube da Viola (que mencionam um passado rural) alimentem, superlativamente, suas memórias.

Sabemos que, academicamente, o caipira é o trabalhador livre e pobre da área rural dos estados desbravados por bandeirantes. Que foram explorados, sofreram violência de "coronéis" e foram expulsos de tempos em tempos, não podendo fixar-se em suas próprias terras. Logo, só existiram naquele período histórico. Então, como nomearmos seus descendentes? Ou os filhos dos seus descendentes?

Eunice Durham analisou as modificações no "equipamento cultural original" das populações rurais que migraram para a cidade de São Paulo, na década de 1960 (1978, p.11). Segundo ela, a "posse de padrões culturais comuns não dá origem, na cidade, a uma comunidade de migrantes rurais". Eles integraram-se aos moradores da cidade. Assim, "as diferenças culturais não são suficientemente marcadas para criarem a consciência de uma situação comum, como a que preside à formação de comunidades étnicas, que se apresentam como sistemas socioculturais relativamente autônomos dentro da sociedade complexa" (1978, p.14).

Ela continua:

[...] o migrante não vive mais em um universo relativamente fechado; as atividades se dissociam; rompe-se a teia de significados inter-relacionados que abrangia a quase totalidade dos modos de vida. Permanecem apenas a

família e os parentes, como grupos de relações pessoais que orientam a participação no novo universo sociocultural e dentro dos quais se elaboram as novas representações. (1978, p.14)

Para Durham, a mudança fundamental dá-se quando o migrante passa de um sistema socioeconômico para outro (1978, p.41). E como sua organização social foi, geralmente, mais simples, permitiu que se adaptasse "sem grandes modificações desde o fim do período colonial até os dias de hoje" (1978, p.81). Como outros autores já citados aqui defendem, Durham também atesta que as comunidades caipiras nunca foram "completamente isoladas nem autossuficientes", pois seu conhecimento, suas ferramentas, etc., eram sempre oriundos ou adaptados de "sociedades tecnologicamente mais complexas" (1978, p.82).

Pensando na realidade que investigamos, unindo-a a que é apresentada pelo locutor do programa "Vida Caipira", Walter Lisboa, quando fala de si mesmo, constatamos o seguinte: é neto de moradores do campo, mora em ou conhece condomínios de prédios, é kardecista, tem o hábito de dançar com sua esposa aos fins de semana, tem filhos formados e casados e alguns netos. No próximo capítulo, quando formos caracterizarmos melhor nosso objeto, disporemos de uma entrevista com ele.

Adiantamos, todavia, que há anos ele é um trabalhador assalariado do rádio, não desempenhou jamais a agricultura de subsistência, a que Durham chama a "única forma de trabalho livre" no campo (1978, p.48). Nunca formou com sua família uma unidade de produção (1978, p.60). Até onde sabemos, não pratica nenhuma atividade cultural ligada às tradições rurais, nem possui propriedades fora do centro urbano.

Como observadores da sua atividade profissional há anos (sua atuação foi, quase sempre, como locutor esportivo e comentarista em outras emissoras de rádio de Bauru), sabemos que na UNESP FM ele apresenta o Vida Caipira e outros três programas: Conjuntos e Orquestras, Musical UNESP e Caindo no Choro. Nestes, apresenta-se o locutor de voz padrão, o que significa que foge de sotaques mais proeminentes, pronunciando a letra erre como um paulistano (antigo modelo de locução radiofônico brasileiro, que primava "falar a todos os públicos" independente de onde estariam ouvindo).

No "Vida Caipira", como demonstraremos nos próximos capítulos, o apresentador desempenha performaticamente o papel de caipira, principalmente exagerando no sotaque caipira ou nos desvios da norma culta do português, etc. E acaba dando vazão a desabafos e comentários do que ele entende serem agradáveis aos "caipiras" bauruenses.

Porém, por mais afinidades com a cultura caipira e saudades que tenha do seu passado nas cercanias de Bauru, não podemos considerá-lo caipira.

O mesmo poderíamos dizer dos integrantes do Clube da Viola: apesar de reunirem-se espontaneamente para dançar a catira e tocar modas de viola (e de alguns cavalgarem, comporem músicas ou poemas rurais), grande parte deles era composta de aposentados. Trabalhadores assalariados, moradores da periferia bauruense.

Em estudo recente sobre os leitores sem propriedade rural da revista *Globo Rural*, Gislene Silva destacou "o sonho da casa no campo". Isso significa, para o público investigado, os desejos de ausência de "violência", de "trânsito pesado" e "poluição" e um "convívio mais harmonioso e solidário com a natureza e com os outros homens" (2009, p.15). A autora afirma que

[...] assistimos ou participamos do crescimento de fenômenos como o diversificado mercado de produtos 'naturais'; a inauguração de restaurante de comidas típicas; os pacotes de turismo ecológico e rural para hotéis-fazenda; o uso na cidade de carros como modernas picapes e jipes, tido antes como modelos de veículos rurais; a abertura de lojas de moda *country*; os recordes de venda de discos de música sertaneja; os televisivos e concorridos rodeios; os inúmeros pesque-pague no entorno metropolitano; [...] a audiência de novelas com temas rurais; a abertura de casas noturnas de forró para público universitário [que, notamos, foi seguida de sertanejo para universitários]; oferta de chácaras de lazer para venda e aluguel; isolados condomínios rurais de luxo e outras expressões mercadológicas. (2009, p.18)

De acordo com Gislene Silva, é "falsa a crença numa ruptura total entre cultura e natureza" (2009, p.21).

Se, como veremos adiante, a proporção de habitantes do campo na cidade de Bauru é cinquenta e oito vezes inferior à população urbana, algo semelhante ocorre em,

praticamente, todo país. Segundo a autora, 80% dos brasileiros vivem em cidades. Inversão que ocorreu muito rápida e "agressivamente": em um espaço de quarenta anos, a maioria dos brasileiros deixou de morar no campo para estar nas cidades (2009, p.23).

Porém, o "universo rural" não deixou de existir. Segundo Silva, "passou a ser associado, ao mesmo tempo, a uma forma natural de vida - de paz, inocência, tradição, virtude, harmonia, abundância, bucolismo, berço da natureza - e ao lugar de atraso, da ignorância, limitação e rotina" (2009, p.38). Já o universo urbano apresenta as características opostas: "centro de realizações, do saber, comunicação, civilização, luz e instrução, mas também como o lugar do barulho, mundanidade, vício, tumulto, burocracia, ambição, crime e conflito" (2009, p.38). Diferenciações que, apesar de antigas, persistem. E, para muitos, o campo "encarna" o bem, o "refúgio contra os mais diversos males" (2009, p.38). Após alguns exemplos, a autora afirma que é no bojo "do crescimento das cidades" e dos "sentimentos de quem estava afastado do cotidiano no campo e dele começava sentir falta" é que surgem esse bucolismo, essa "valorização do meio rural" (2009, p.39).

Ou seja, segundo a autora, a existência do referido "universo rural" é pessoal ou é compartilhado por um grupo de pessoas. Como demonstramos, o que havia de caipira não pode ser mais reproduzido. A cultura sertaneja resiste nas manifestações musicais, refúgios turísticos e gastronômicos, publicações agropecuárias, etc.

Podemos, por analogia, voltar ao locutor do programa Vida Caipira e aos integrantes do Clube da Viola com os quais mantivemos contato e afirmar que, de fato, existe muita nostalgia em suas declarações. Também foram seduzidos pelo "ideário pastoral", como aponta a autora. Sedução esta que sempre esteve presente "na vida de moradores metropolitanos" (2009, p.52) - apesar da mudança do que entendemos por "natureza", em comparação com a concepção do século XVII (2009, p.70).

Todos, poderíamos dizer, são "caipiras em espírito". Os mais velhos acabam projetando sua compreensão do que é o caipira ao público para o qual se apresentam. Aos que têm laços ancestrais com o meio rural, Durham, em seu livro "A caminho da cidade", denomina-os "migrantes rurais" (1978, p. 183), o que parece-nos mais adequado.

Já a autora de "O sonho da Casa no Campo", Gislene Silva, afirma que o sentimento de nostalgia da natureza (memória e fantasia) e o modo de vida na cidade

acabam por enfatizar o sentimento de perda que algumas pessoas sentem. Seja o indivíduo nascido "de fato" ou figuradamente nesse lugar feliz. A ideia de "sacralização das origens" faz parte da história dos povos (2009, 178), explicando a criação do mundo e sempre ligada à ideia de felicidade, abundância, etc. (2009, p.179). Em outras palavras, são metáforas sobre o paraíso perdido, como o jardim do Éden hebraico, como a Idade do Outro grega, etc. (2009, 181). Sentimentos que Gislene Silva afirma chegarem até nossos dias na forma mencionada da saudade e também na busca pelo sucesso, entre outros.

No que se refere ao locutor do programa "Vida Caipira", para essa pesquisa consideraremos o que foi determinado pelos autores já mencionados: o caipira não existe fora das condições anteriormente citadas e denominaremos os que vieram do campo como migrantes rurais. Os que descendem de caipiras são cidadãos nostálgicos do seu tempo de infância (2009, p.189).

Assim, esperamos deixar claras as separações existentes entre os indivíduos e a cultura caipira e os seus descendentes e aficionados. Logo, podemos explorar as características da produção do programa "Vida Caipira" e sua preferência pelas modas de viola.

CAPÍTULO 3 - Vida Caipira: como programa de rádio e como objeto de pesquisa

Nesta parte, nosso intuito é caracterizar melhor nosso objeto de pesquisa. Para isso, sentimos necessidade de descrever o cenário em que ele está inserido, já que o alcance da UNESP FM é restrito à pequena região que circunda a cidade de Bauru (menos de 100 quilômetros de diâmetro, conforme consta em sua web página¹⁵). Como veremos, Bauru tem origem rural e sotaque conhecido como "caipira", apesar da maioria dos habitantes estar no centro urbano.

Também dedicamos parte deste capítulo para falar sobre aspectos técnicos, legais e de organização da emissora, o que exigiu que fôssemos bem descritivos. Por isso, destacamos que usaremos o adjetivo "pública" para nos referir à condição de emissora estatal da UNESP FM (ligada à Universidade Estadual Paulista).

Para, assim, finalmente, chegarmos à descrição e análise do objeto em termos plásticos: sua vinheta de abertura e seleção musical.

Lembramos que a análise compreende trinta gravações do programa (pré-teste feito nas edições de 30 de novembro e 1º de dezembro de 2011 e as edições de 17 de abril a 24 de maio de 2012). Como dissemos, cada programa apresenta quatro intervenções do locutor e dez músicas, totalizando cento e vinte *offs* e trezentas músicas.

3.1 - A cidade de Bauru: pequeno histórico, suas emissoras e os programas sertanejos

Consta no sítio do IBGE¹⁶, além de dados do último censo, algumas informações históricas sobre a cidade de Bauru. Fica na região centro-oeste do Estado de São Paulo. Conhecida como "sertões desconhecidos-índios caingangs" há pouco mais de um século. A violência com que os nativos repeliam o invasor branco é bastante conhecida. Hoje, pouco (ou quase nada) resta dos caingangs.

15 - www.radio.unesp.br. No link "A Rádio", clicando-se no subitem "Sobre a Rádio UNESP" podemos ler: "com potência de transmissão de 3.000 watts e antena de 41 metros, a emissora atinge um raio de 100 km, atendendo a cidade de Bauru e região". Acesso em junho de 2013.

16 No link sobre a história do município de Bauru, entre outros itens, em: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=350600&search=sao-paulo|bauru#historico> acesso em junho de 2013.

Atribuem ao mineiro Azarias Ferreira Leite, sua esposa e sogro, o feito de organizar uma fazenda nessas "terras férteis" em 1889. Nessa fazenda, como em várias do país nesse período, cultivavam o café. Leite é descrito na página como "verdadeiro bandeirante".

A maior vila da região, a qual Bauru pertencia, era Espírito Santo da Fortaleza, ligada à Lençóis Paulista. Como já vimos anteriormente o "senhor civiliza" (BRANDÃO, 1983, p.38). Registros são raros sobre os moradores dessa região antes da chegada de Azarias Leite, nesse caso, o senhor que veio civilizar Bauru. Depois de passar a distrito de paz (em 1893), só em 1º de agosto de 1896 Bauru passou a ser um município.

O texto do IBGE continua relatando o que iria se tornar a marca da cidade na mente de seus cidadãos: "em 1905, já iniciada a construção da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, chegaram os trilhos da estrada de Ferro Sorocabana, e em 1910 os da Companhia Paulista de Estradas de Ferro". Podemos afirmar que esse entroncamento ferroviário que ligava pontos extremos do país acabou por transformar o modo como o bauruense enxergava o mundo. De sociedade rural, cafeeira, começou a destacar-se no comércio para atender, entre outros, aos viajantes.

A cidade de Bauru, devido a esse fato histórico bastante distinto de outras regiões é considerada "chão de passagem" (Sant'Agostino, 1995) por excelência: devido a esses primeiros caminhos e os posteriores entroncamentos ferroviários (comunicação no seu sentido mais primário), à posição estratégica bem no centro do Estado, deixou de ter os olhos voltados somente para a sua gente e sua cultura. Os "caipiras" bauruenses sempre tiveram muito contato com os turistas que circulavam pela cidade, espalhando as notícias dos centros mais desenvolvidos.

Não demorou para que outros meios de comunicação surgissem na cidade (já haviam alguns jornais na cidade e o rádio começa a ganhar espaço no Brasil a partir de 1922). Avançando no tempo e falando especificamente do meio rádio e da música sertaneja, Sandro Caldeira registrou que Bauru é como as demais cidades do interior paulista: as programações musicais das suas emissoras de rádio estão repletas de música sertaneja há muitos anos. Sertanejo comercial desde sempre, sejam as modas de viola de maior sucesso, seja o "romântico" dos anos 1990, seja o "universitário" dos últimos anos.

Caldeira (1983, p.23) registrou que a primeira emissora de rádio de Bauru - responsável pela segunda transmissão radiofônica do interior paulista, em 1934, ou seja, 12 anos após a primeira transmissão de rádio no Brasil (Ferrareto, 2001, p.93) -, a famosa PRG-8, funcionava apenas nos períodos matutino e vespertino. E que exatamente ao meio-dia e meia, tocava trinta minutos de músicas da dupla de maior destaque da época, Alvarenga e Ranchinho, no programa "Tá-tá-tá e coisa". O autor também registra que a dupla Cascatinha e Inhana, em 1948, "cantava num parque de diversões e numa visita a Bauru, estiveram cantando na G-8 (no Jardim Bela Vista)". Após o sucesso da dupla, os telefones da emissora pioneira "não paravam de elogiar os cantores. O locutor que os apresentava conseguiu então organizar um programa com eles num outro dia. O êxito se repetiu" (CALDEIRA, 1983, p.25).

Com o passar dos anos, vários programas de grande audiência dedicaram-se exclusivamente às músicas sertanejas, quase sempre pela manhã. Na Bauru Rádio Clube o "Sala de caboclo" (1983, p.40) e na Auri-Verde o "Lá no meu sertão" (1983, p.42) - que ainda existe - são bons exemplos disso. Podemos dizer que, seja por motivos históricos ou modismos, a música sertaneja é um dos alvos preferenciais das emissoras comerciais da cidade de Bauru. E, talvez pela percepção antiga de que o homem do campo acorde cedo, a maioria dos programas ia ao ar no início da manhã.

Mas e hoje? Citando as informações do censo demográfico 2010 do IBGE, sabemos que a população urbana de Bauru é mais de 58 vezes superior à rural. Os dados são os seguintes:

Quadro 5

Faixa etária	População Urbana	População Rural
0 a 4 anos	20403	95
5 a 9 anos	22284	194
10 a 14 anos	25715	204
15 a 19 anos	26509	190
20 a 24 anos	28570	1172
25 a 30 anos	30186	1128
31 a 39 anos	53362	1386
40 a 49 anos	47853	523
50 a 59 anos	38324	449
60 a 69 anos	23633	231
70 anos ou mais	21147	180
Total	337986	5752

Fonte: <http://www.ibge.gov.br/cidadesat/xtras/perfil.php?codmun=350600>

No que se refere à programação matutina de programas sertanejos, temos a seguinte situação: há, registradas e em funcionamento na cidade, as emissoras AM: Auri-Verde, Bandeiras e Canção Nova. As FM são 87FM (comunitária), 94FM, 96FM, Rede Aleluia FM (ex-Líder FM, atualmente arrendada à Igreja Universal do Reino de Deus) e a UNESP FM (a única cultural e educativa, além de pública, dessa lista). Até dezembro de 2012, também havia a Veritas FM, cultural e educativa ligada à instituição particular¹⁷. Não listamos emissoras não legalizadas (vulgarmente chamadas "piratas") nem web rádios.

Das oficiais, exceto as AMs (e religiosas) Bandeirantes¹⁸ e Canção Nova (sem web página) e as FMs 96¹⁹ (notícias e pop rock) e Rádio Aleluia (também religiosa)²⁰ não apresentam programas sertanejos matutinos. A rádio Auri-Verde²¹ apresenta das 4 às 7 horas da manhã, de segunda a sábado, o programa "Lá no meu sertão". A 94 FM²² apresenta o "Toca Todas" das 4 às 6 horas da manhã de segunda a sábado e das 4 às 7 horas no domingo. A comunitária 87 FM²³ apresenta o programa "Bom dia 87" das 6 às 8 horas da manhã de segunda a sábado e da 1 às 5 horas e 55 minutos no domingo, com uma seleção sem locutor, com várias músicas sertanejas. A Veritas FM apresentava o programa "Sertanejo Bom Demais" das 5 às 7 horas da manhã até dezembro de 2012.

17 - Emissora fechada, atendendo à decisão judicial em favor do Ministério Público Federal (MPF) de Bauru, em que cassou-se a validade da outorga da Veritas FM: para o órgão, a outorga para canal educativo deve obedecer ao artigo 175 da Constituição Federal, que determina que a concessão de serviços públicos, do qual faz parte o serviço de radiodifusão de imagem e som, deverá ser sempre precedida de licitação". Mais tarde, em janeiro de 2013 a emissora conseguiu autorização para voltar ao ar, contudo ainda permanece desligada. Até então, Bauru contava com duas emissoras culturais e educativas transmitindo músicas não comerciais, como sugere a lei.

18 - <http://www.radiobandeirantesbauru.com.br/> acesso em junho de 2013.

19 - <http://www.96fmbauru.com.br/programacao/> acesso em junho de 2013.

20 - <http://www.redealeluia.com.br/emissora.php?s=29&i=60> acesso em junho de 2013.

21 - <http://www.auriverde.am.br/> acesso em junho de 2013.

22 - <http://94fm.com.br/programacao/> acesso em junho de 2013.

23 - <http://87fmbauru.com.br/> acesso em junho de 2013.

A única emissora de rádio pública da cidade é a UNESP FM. E como já dissemos, o "Vida Caipira" vai ao ar no mesmo horário em que os programas sertanejos comerciais são veiculados. Parece-nos que é um clichê do rádio a escolha por esse horário. Como é relativamente recente a presença de emissoras culturais e educativas na cidade de Bauru (a UNESP FM é de 1991) e o ideal de programação dessas emissoras, geralmente, exclui seleções musicais muito populares, percebemos que o programa "Vida Caipira" e suas modas de viola parecem servir para preservação histórica, seriam "publicamente valiosas" (CANCLINI, 1999, p.45).

Mesmo não sendo exatamente caipira, esse tipo de música que a UNESP FM exhibe acaba ligada ao patrimônio histórico e cultural do interior paulista e servindo como opção ao sertanejo mais atual divulgado pelas outras emissoras no início do dia.

Por falta de pesquisas de audiência, não temos dados para informar qual a emissora mais ouvida e a colocação das mais ouvidas na cidade. Por experiência profissional sabemos que as mais populares são as emissoras Auri-Verde AM , 94FM e 96FM.

Lembramos também que emissoras da região também podem ser sintonizadas em Bauru: Band FM de Duartina (arrendada a uma igreja pentecostal no início de 2013), HOT FM²⁴ de Lençóis Paulista e Rede Tupi FM (que dedica-se somente ao sertanejo, sem web página) de Macatuba. Também são conhecidas do público bauruense, mas não desfrutam do prestígio das três emissoras locais que mencionamos. Porém, as três emissoras tocam música sertaneja no período matutino.

Como podemos observar, o ouvinte bauruense tem poucas opções em seu rádio nesse horário. Há pouca segmentação e, por esse motivo, só pode escolher uma programação pop rock (96FM) e outra só sertaneja (Tupi FM) dentre as várias comerciais variadas e religiosas. Como não podemos falar que a emissora educativa é segmentada, devido à diversidade de ritmos, artistas e assuntos que dela emanam, podemos dizer que Bauru tem também outra opção por ser única em seu modelo de concessão, ou seja, uma outorga cultural e educativa (isso, após dezembro de 2012, com o fechamento da Veritas FM).

Assim, a UNESP FM (105,7 MHz) constitui-se em um caso a parte: tem programação plural, não depende de verbas comerciais e dedica-se a programas

diferenciados. É uma emissora cultural e educativa nos moldes da lei. E é sobre suas características gerais que falaremos a seguir.

3.2 - Aspectos gerais da UNESP FM

Na página eletrônica da UNESP FM encontramos um pequeno histórico: foi criada em 13 de maio de 1991. Está sediada no campus de Bauru da Universidade Estadual Paulista (sendo dirigida por ela), na região centro-oeste do Estado de São Paulo. A emissora, que é pública, com caráter cultural e educativo mantém uma grade de programação diversificada, oferecendo aos seus ouvintes, como consta em sua página na internet, cultura, educação, prestação de serviços, informações e orientações, veiculando programas temáticos nas mais diferentes áreas. Transmite em 105,7 MHz e, simultaneamente, pela internet.

Como sabemos, o espectro de frequência (que é o espaço no qual todas as frequências de radiação eletromagnéticas circulam) é um bem público. Nele estão, não somente, os canais de rádio e televisão, mas de telecomunicações, micro-ondas, infravermelho e outros.

No artigo 21 da Constituição Federal ficou estabelecido que compete à União explorar esse bem público, "mediante autorização, concessão ou permissão, os serviços de telecomunicações" e "os serviços de radiodifusão sonora e de sons e imagens" (BRASIL, 2013, p.9)²⁴. No artigo seguinte, a União declara-se a única capaz de legislar sobre radiodifusão, com auxílio do Congresso Nacional, como complementa o artigo 48 do mesmo texto (2013, p.14).

No artigo 23 da Constituição (2013, p.10) lemos que é "competência comum da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios" zelar, entre outros, por "documentos, as obras e outros bens de valor histórico, artístico e cultural, os monumentos, as paisagens naturais notáveis e os sítios arqueológicos; [...] impedir a

24 - texto original publicado pela Secretaria Especial de Informática do Senado Federal, disponível em http://www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.pdf (acesso em julho de 2013).

evasão, a destruição e a descaracterização de obras de arte e de outros bens de valor histórico, artístico ou cultural;[...] [e] proporcionar os meios de acesso à cultura, à educação e à ciência". Em um mesmo artigo notamos ecos do ideal preservacionista, como já mencionado no capítulo 1. Renato Ortiz afirma que "a emergência do pensamento folclórico no Brasil" está associado "à questão nacional, uma vez que as tradições populares encarnam uma determinada visão do que seria o espírito de um povo" (ORTIZ, 2001, p.160). Como também já destacamos, movimento semelhante, porém mais politizado, aconteceu nos anos 1950 (2001, p.162). A preocupação com a cultura e informação nacionais fica bastante evidente.

Logo, não há surpresa quando no artigo 222 (BRASIL, 2013, p.36), a Constituição reserva somente a "brasileiros natos ou naturalizados há mais de dez anos" a propriedade de empresas que explorem os serviços de radiodifusão. No artigo 221 podemos ler:

A produção e a programação das emissoras de rádio e televisão atenderão aos seguintes princípios:

I - preferência a finalidades educativas, artísticas, culturais e informativas;

II - promoção da cultura nacional e regional e estímulo à produção independente que objetive sua divulgação;

III - regionalização da produção cultural, artística e jornalística, conforme percentuais estabelecidos em lei;

IV - respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família. (2013, p.36)

Sabemos que o capítulo V da Constituição Federal, o da Comunicação Social, ainda precisa ser completamente regulamentado. Mas vários itens já o foram, como a anteriormente mencionada lei nº 11.652, de 7 de abril de 2008²⁵, que trata de emissoras públicas do poder Executivo, principalmente as federais. Como veremos, os ideais de comunicação pública presentes na esfera federal acabam por inspirar a estatal.

Em seu segundo artigo, essa lei diz que a "prestação dos serviços de radiodifusão pública por órgãos do Poder Executivo ou mediante outorga a entidades de sua administração indireta deverá observar os seguintes princípios": complementaridade entre os sistemas privado, público e estatal (no qual encaixa-se a UNESP FM);

25 - http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-2010/2008/lei/111652.htm, acesso em junho de 2013.

promoção do acesso à informação por meio da pluralidade de fontes de produção e distribuição do conteúdo; produção e programação com finalidades educativas, artísticas, culturais, científicas e informativas; promoção da cultura nacional, estímulo à produção regional e à produção independente; respeito aos valores éticos e sociais da pessoa e da família; não discriminação religiosa, político partidária, filosófica, étnica, de gênero ou de opção sexual; observância de preceitos éticos no exercício das atividades de radiodifusão; autonomia em relação ao Governo Federal para definir produção, programação e distribuição de conteúdo no sistema público de radiodifusão; e participação da sociedade civil no controle da aplicação dos princípios do sistema público de radiodifusão, respeitando-se a pluralidade da sociedade brasileira.

O artigo 3º trata dos objetivos dos serviços de radiodifusão pública e diz que é sua obrigação: oferecer mecanismos para debate público acerca de temas de relevância nacional e internacional; desenvolver a consciência crítica do cidadão, mediante programação educativa, artística, cultural, informativa, científica e promotora de cidadania; fomentar a construção da cidadania, a consolidação da democracia e a participação na sociedade, garantindo o direito à informação, à livre expressão do pensamento, à criação e à comunicação; cooperar com os processos educacionais e de formação do cidadão; apoiar processos de inclusão social e socialização da produção de conhecimento garantindo espaços para exibição de produções regionais e independentes; buscar excelência em conteúdos e linguagens e desenvolver formatos criativos e inovadores, constituindo-se em centro de inovação e formação de talentos; direcionar sua produção e programação pelas finalidades educativas, artísticas, culturais, informativas, científicas e promotoras da cidadania, sem com isso retirar seu caráter competitivo na busca do interesse do maior número de ouvintes ou telespectadores; promover parcerias e fomentar produção audiovisual nacional, contribuindo para a expansão de sua produção e difusão; e estimular a produção e garantir a veiculação, inclusive na rede mundial de computadores, de conteúdos interativos, especialmente aqueles voltados para a universalização da prestação de serviços públicos.

E para fechar, apenas destacamos o parágrafo único da mesma lei: " É vedada qualquer forma de proselitismo na programação".

Podemos ler na constituição estadual²⁶, no artigo 273 que a ação do Estado, no

26 - texto original publicado em <http://www.legislacao.sp.gov.br/legislacao/index.htm> (acesso em julho de 2013).

campo da comunicação, deve fundar-se sobre os seguintes princípios: democratização do acesso à informação; pluralismo e multiplicidade das fontes de informação; visão pedagógica da comunicação dos órgãos e entidades públicas. No artigo seguinte, o Estado de São Paulo decreta que os "órgãos de comunicação social pertencentes ao Estado, as fundações instituídas ou mantidas pelo Poder Público" serão "utilizados de modo a assegurar a possibilidade de expressão e confronto das diversas correntes de opinião".

Logo, voltando à UNESP FM, percebemos muito claramente sua defesa do princípio da pluralidade, principalmente de conteúdos musicais e artísticos. Uma rápida verificação pode ser feita ao olharmos a página da rádio na internet²⁷. Quando clicamos em "Musicais" podemos ler: Balanço Brasil (seleção de ritmos brasileiros), Batuque na Cozinha (samba), Caindo no Choro, Conjuntos e Orquestras (programa diário de música instrumental), Fim de Tarde (seleção de raridades, clássicos e novidades da música pop, jazz, blues e MPB), FM Especial (musical nacional e internacional intercalada de programetes), Lounge UNESP (principais tendências da música eletrônica mundial), Madrugada Brasileira, Manhã Popular Brasileira, Musical 105 (música pop internacional), Musical UNESP (música pop nacional e internacional, intercalada de boletins jornalísticos e mini-programas) e o nosso objeto "Vida Caipira".

Clicando em "Núcleo de Produção" várias outras amostras da busca da emissora pela pluralidade: A Música no Tempo (história da música erudita), Brasil Instrumental, Canta Brasil (biografias de artistas brasileiros), Clássicos UNESP (música barroca à contemporânea), Domingo Musical (biografias e histórias dos sucessos nacionais e internacionais de todos os tempos), Esse Tal de Rock'n Roll, Estação Blues, Interação Comunitária (entrevistas e informações sobre a periferia bauruense), Jazz in Concert, Música Interior (música New Age, de relaxamento, descanso e meditação), Música Ligeira (raridades, clássicos e lançamentos do mercado fonográfico), Os Grandes Mestres (repertório das salas de concerto do mundo todo), Pé na Estrada (divulgação de músicas e informações dos novos lançamentos da MPB), Perfil Literário e Unespinha (programa com músicas, curiosidades e histórias infantis).

27 - <http://www.radio.unesp.br/programacao>, acesso em junho de 2013.

Quando o assunto é diversidade de fontes e opiniões, democratização do acesso à informação e cidadania, continuando nossa rápida inspeção à web página da UNESP FM, encontramos dois itens de produção de conteúdo: "Núcleo de Jornalismo" e "Programetes". Ao clicarmos no primeiro, encontramos os seguintes programas de cunho jornalístico: Agenda Cultural (eventos culturais da cidade), Cidade Universitária (informações sobre as universidades de Bauru e região), Notícias do Campo (informações e cotações agropecuárias), Observatório do Esporte (informação, entrevistas e debates semanais sobre várias modalidades esportivas), UNESP em Foco (boletins diários sobre os eventos da Universidade Estadual Paulista) e UNESP Notícias (radiojornal e entrevista diários sobre os fatos de maior relevância regional e nacional).

Ao entrarmos em "Programetes", duas produções: Conexão Brasil (intercâmbio musical entre as emissoras filiadas à Associação das Rádios Públicas do Brasil, a Arpub) e Minuto Consciente (criação dos alunos de Comunicação da universidade, através da Agência Propagação, para divulgar propagandas sociais e projetos experimentais).

Fica claro, portanto, a grande variedade de ritmos a que a UNESP FM se dedica e, no programa Conexão Brasil, a promoção de parcerias, previstas em lei, com o intuito de fomentar produção audiovisual nacional.

No que tange à proibição de proselitismo, seja religioso ou partidário, não conseguimos identificar nenhum exemplo na grade da programação. Claro que, principalmente no aspecto político, seria necessário uma análise mais acurada dos programas e programetes, especialmente dos conteúdos jornalísticos, para negarmos isso categoricamente.

Todo esse esforço descritivo que empreendemos é útil para sabermos o que a lei brasileira espera dos meios de comunicação de massa que usufruem do espectro de frequência. Também serve para mostrar que, em linhas gerais, a UNESP FM procura seguir a Constituição federal e estadual. Porém, o debate fica vago, pois as leis que determinam princípios e regras, mas não oferece, por exemplo, formas para medirmos quantitativamente e qualitativamente o que uma emissora é, de fato.

Como já mencionado anteriormente, em um documento publicado pela UNESCO em 2012, o professor Dr. Eugênio Bucci e os jornalistas Marco Chiaretti e Ana Maria Fiorini discutem os "Indicadores de Qualidade nas Emissoras Públicas - uma

avaliação contemporânea"²⁸. Já debatemos os motivos pelos quais tal análise é considerada contemporânea e esboçamos alguns de seus itens. Porém, nesse espaço, faz-se necessário uma explicação mais aprofundada do documento, sempre relacionando-o com a UNESP FM. Percebemos no texto citado, um esforço para compreender e aprimorar a experiência de emissoras públicas. E a atuação dos autores é bastante conhecida na área, especialmente a do professor Dr. Eugênio Bucci, ligado aos cursos de Comunicação da USP e com atuação na Fundação Padre Anchieta - que dirige a TV pública, cultural e educativa Cultura de São Paulo -, Radiobrás e Arnaspal (Associação de Rádios Nacionais de Serviço Público da América Latina), além de ser autor de diversos livros sobre o assunto. Marco Chiaretti e Ana Fiorini são jornalistas.

Em nossa visão, os indicadores propostos têm a qualidade de poder adaptar-se à realidade das diversas emissoras públicas que existem no país e servem como parâmetro a superar dificuldades ou empreender esforços na busca por democratizar o acesso às informação sobre os meios de comunicação públicos.

Como essas emissoras são um bem de todos, devem ter critérios claros de como administram suas verbas, como contratam, demitem ou promovem funcionários, qual seu público (2012, p.11), e outros. Ou seja, para os autores "sem indicadores não há gestão transparente e não há democracia nas emissoras públicas" (2012, p.12). A intenção deles é, "em primeiro lugar, fortalecer a fiscalização, pela cidadania e pelos seus representantes democraticamente eleitos, da gestão da instituição pública de comunicação social" e em "segundo lugar, [...] desenvolver instrumentos que permitam à sociedade participar com mais clareza e mais assiduidade na avaliação dos serviços que as emissoras lhe prestam" (2012, p.12).

Isto posto, os autores deixam claro que não querem medir esteticamente as emissoras, apenas querem "medir com indicadores o que pode efetivamente ser medido por indicadores na qualidade das programações", tais como a diversidade da programação ou "o volume e a gravidade dos erros de informação jornalística" (2012, p.12).

Após uma breve discussão sobre a independência das emissoras em relação aos governos democráticos e ao mercado (com a garantia de financiamento), ao direito da livre circulação de informação, cultura, críticas, diversidade de vozes e abrangência, uma discussão entre os modelos de financiamento ideais, padrões impessoais de gestão e qualidade do sinal recebido, entre outros, os autores passam às proposições de conceito.

As emissoras podem ser governamentais, legislativas, judiciárias ou públicas. Esta última, que nos interessa diretamente, no que se refere à propriedade e natureza jurídica, em primeiro lugar "não a vinculam direta ou indiretamente ao Estado, nos termos da legislação que rege a administração pública, mas também não a caracterizam como empresa comercial, uma vez que ela não tem finalidade de lucro e não é financiada pelo mercado anunciante". Em segundo lugar, "seu financiamento é de natureza pública, ou seja, ela vive de dotações regulares vindas do Estado ou da sociedade" (2012, p.22).

E assim, Bucci, Chiaretti e Fiorini chegam ao "roteiro para criação de indicadores" (2012, p. 25) - que podem ser medidos de forma simples e outros que carecem de juízo e valor. De modo resumido, os autores afirmam que tais indicadores são úteis quando: a) embasam a formação de políticas públicas para o setor; b) fornecem critérios objetivos e mecanismos de avaliação de sua conduta e corpo diretivo; c) são basais quando se refere à gestão interna.

Dessa maneira, os autores listaram perguntas diretas, divididas em dez eixos (transparência de gestão, diversidade cultural, cobertura geográfica e oferta de plataformas, padrão público do jornalismo, independência, pressupostos da independência, independência na operação da linha da emissora, interação com o público, caráter público do financiamento, grau de satisfação da audiência, experimentação e inovação de linguagem e padrões técnicos). Para cada pergunta cinco respostas, com valores de 5 a 1 (sim, com muito frequência; sim, com certa frequência; sim, com frequência; sim, com pouca frequência; e não).

Com o intuito de verificar outro ponto de vista, pedimos à direção da UNESP FM que respondesse ao questionário. A direção preferiu justificar algumas respostas e às restantes, limitou-se a responder sim ou não (apesar de termos explicado como Bucci, Chiaretti e Fiorini sugeriram responder o questionário e de termos encaminhado

o texto completo da UNESCO à diretoria). A íntegra do questionário, contendo as 189 respostas, estão no Anexo 6 deste trabalho (página 317). Foram 95 respostas positivas e 94 negativas. A seguir, tratamos brevemente sobre as justificativas dadas pela direção da UNESP FM.

No primeiro eixo de perguntas, sobre a missão e os propósitos da empresa ou instituição (2012, p.26), a diretora da UNESP FM, Cleide Moreira Portes, destacou a existência do Regimento Interno do Centro de Rádio e Televisão Cultural e Educativa, normatizando as atividades da emissora, com um olhar voltado ao público (página 317 do Anexo 6). Ela disse ainda que novo regimento tramita na Assessoria Jurídica da universidade. E deixa evidente a necessidade de renovação da grade da emissora, que mantém a mesma estrutura de anos. A diretoria afirma que novos projetos vêm alterando a grade geral paulatinamente (página 317). Os critérios para a montagem da grade não são de conhecimento público e a comissão para analisar esses critérios não existe.

Depois, o documento propõe questões sobre a administração dos recursos (2012, p.27). Há apenas uma análise de desempenho profissional promovida anualmente pelo setor de Recursos Humanos da UNESP que atinge a todos os servidores individualmente. Logo, a formação de equipes não é feita formalmente. No que se refere aos critérios para a escolha dos dirigentes da emissora, Cleide Portes menciona que a lista tríplice que é elaborada na Universidade, no Conselho Superior, é enviada ao reitor (página 318). Sobre a prestação de contas da UNESP FM, a direção informa que é controlada pela Contabilidade da Reitoria e que depende da aprovação do Tribunal de Contas do Estado. Logo, todos os detalhes orçamentários são públicos, publicados juntamente com o orçamento da Universidade Estadual Paulista.

O terceiro conjunto de questões, mira o nível de diálogo com a sociedade (2012, p.27). Os cidadãos bauruenses não são estimulados a participar administrativamente. A rádio limita-se a responder questões eventuais. Caso as questões seja técnicas ou artísticas, os funcionários responsáveis são convidados a responder ao ouvinte. Há a proposta de que um Ombudsman seja inserido na emissora, através da Ouvidoria da UNESP. A diretoria afirma que, através das redes sociais, a presença da emissora ainda é "tímida" (página 322).

Ao chegarmos ao grupo de questões relativas à diversidade cultural, não houve justificativas, apenas as respostas Sim ou Não.

No que refere ao cobertura geográfica e oferta de plataformas (BUCCI et al, 2012, p.28), temos as seguintes respostas de Cleide Portes: o jornalismo regional ou de outras cidades do país e do exterior fica a cargo de agências de notícias, parcerias com outras emissoras e organizações.

Os autores seguem sua proposta, agora perguntando sobre o padrão público do jornalismo (BUCCI et al, 2012, p.29). Aqui também não houve destaques ou justificativas, apenas a confirmação ou negação das perguntas.

Ainda em relação à independência, agora sobre a operação de linha da emissora (2012, p.29), a direção da UNESP destaca que, mesmo independente da Universidade e do governo estadual, sua grade de programação está sujeita à aprovação do Conselho Superior.

Quanto ao caráter público do financiamento (2012, p.31), a emissora está totalmente inserida no modelo público, pois recebe suas dotações orçamentárias do Estado, sem complementações de outras fontes. Logo, não dispõe de equipes de captação de renda nem percebe a necessidade de separar o jornalismo da área comercial, como é proposto pelos autores.

Bucci, Chiaretti e Fiorini propõem, agora, meios para medir o grau de satisfação da audiência (2012, p.32), tópicos que analisam a experimentação e inovação da linguagem (2012, p.31) e índices para avaliar o padrão técnico das emissoras públicas (2012, p.33). Nos três eixos não houve justificativas, apenas as respostas sim ou não.

Sabemos que, além das dificuldades e características de uma comunicação pública de qualidade, plural e cidadã, ainda há aspectos trabalhistas, discutidos no Iº Encontro de Trabalhadoras e Trabalhadores de Emissoras Públicas (realizado de 22 a 23 de novembro de 2012 em João Pessoa, Paraíba - encontro que gerou a "Carta de João Pessoa", que corresponde ao anexo 4 deste texto, página 289). Aspectos que não analisamos profundamente, mas que sabemos importantes e que fazem parte de nossa trajetória profissional e sindical. Apenas gostaríamos de descrever o ambiente profissional da emissora, a título de ilustração, apoiados no Manual do Radialista, do Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Rádio e Televisão do Estado de São Paulo, onde consta a descrição de funções regulamentadas anexa ao decreto número

84.134 de 30 de outubro de 1979 - como também no livro de Luiz Artur Ferrareto, resumidamente (2001, p.42).

A UNESP FM conta com seis locutores apresentadores (apenas uma mulher); seis operadores de áudio (dividindo-se entre o estúdio principal e o de gravação), dentre os quais está o coordenador artístico ou de programação; são dois programadores ou discotecários, responsáveis pela programação musical e cuidados com os milhares de LPs e CDs; três produtores, responsáveis por alguns programas especiais, nos quais selecionam as músicas, digitam o roteiro, enfim, preparam o programa para gravação; dois técnicos em eletrônica, responsáveis por pequenas instalações, manutenções e problemas técnicos; seis jornalistas, dos quais uma é editora-chefe e outra é a diretora; sem mencionarmos os funcionários administrativos, estagiários e colaboradores..

Enfim, é uma emissora que, assim como segue o ideário e formatação que constam na Constituição, cumpre a lei do radialista. Não apresenta acúmulos de função (ou seja, contrata trabalhadores para apenas uma função) e, provavelmente por isso, consegue manter no ar vários programas não apenas musicais, pesquisas e boletins que as emissoras comerciais, percebemos empiricamente, não exibem com a mesma frequência. Ortiz & Marchamalo confirmam: "sem dúvida, a realização de programas musicais em rádio é a que apresenta menor complexidade, dentro da oferta dos assim denominados, programas de entretenimento" (2005, p.103). E, obviamente, a quantidade de mão de obra reflete isso.

Dando sequência à caracterização do nosso objeto, falando ainda da UNESP FM, tivemos acesso às pesquisas coordenadas pela professora Dra. Célia Retz, para a disciplina "Pesquisa de Opinião II - Qualitativa", feitas pelas alunas do 5º termo de Relações Públicas da UNESP, campus de Bauru, Nicolle Sampaio Amaral, Ana Luiza Panveloski Costa, Natália Bonicontró Fonsati, Raisia C. e Souza Kamaura, Nathalia Martins Rosas e Christiane Delmondes Versuti. Duas pesquisas não publicadas, que têm pontos que interessam a nossa pesquisa e que nos ajudarão por não termos conseguido realizar uma pesquisa própria, por falta de tempo hábil.

A primeira investigação feita pelo grupo denomina-se "Relatório de Pesquisa Qualitativa - Grupo Focal: Rádio UNESP FM 105,7 - População em geral de faixa etária entre 25 e 55 anos" e usou a técnica de pesquisa com um grupo focal "com expoentes da população bauruense". Assim puderam "obter dados e opiniões sobre o

objeto de estudo, mediante dinâmicas elaboradas". Além disso, houve a participação do mediador que, por meio do roteiro, pôde levantar diversas questões e nortear os participantes ao foco do estudo. Para tanto, usaram na coleta de dados três dinâmicas, com o objetivo de fazer "a integração do grupo, além de incitar os indivíduos a compartilhar suas opiniões, favorecendo as discussões."

Na dinâmica 1 foram distribuídos cartões com trechos de canções bastante conhecidas, para que cada participante localizasse a sequência da música, que estava com outra pessoa da sala. Na dinâmica 2 os entrevistados foram estimulados a citar as emissoras de rádio de Bauru que conhecem. E na dinâmica 3 o moderador solicitou aos participantes que fechassem os olhos por alguns segundos e dissessem a primeira palavra que viesse a cabeça quando se fala em Rádio UNESP. Após isso foram passadas frases a respeito da rádio para que eles pudessem completar, incitando a discussão e a sugestão de melhorias para a mesma.

Dois participantes, dos sete, citaram o programa Vida Caipira nominalmente (2012, p.42). Os locutores e a programação foram elogiados (2012, p.22). Porém, a emissora foi criticada em alguns pontos, como falta de divulgação e sintonia difícil (2012, p.20). Lembrando um dos tópicos do questionário proposto por Bucci, Chiaretti e Fiorini, o sexagésimo, que pergunta "A emissora pode ser sintonizada em todo o território de cuja população recebe recursos?", a UNESP FM apresenta um problema. Como representar a todos, divulgar todas as manifestações culturais e artísticas se dentro da cidade há os que não conhecem a rádio?

Outro ponto negativo levantado "foi o distanciamento das notícias em relação à comunidade de entorno" e "falta de interatividade" (2012, p.20). Mesmo perante a variedade de programas de cunho jornalístico veiculados pela UNESP FM, ainda há lacunas. No octogésimo terceiro índice do documento da UNESCO temos "Os cidadãos e as comunidades que a sustentam são também protagonistas das notícias, das coberturas, dos documentários e dos debates veiculados por ela?". O artigo 221 da Constituição fala em regionalização da informação como um dos atributos dos meios de comunicação de massa que exploram o espectro de frequência. Logo, a pesquisa aponta mais uma falha que deve ser corrigida para melhoria e democratização dos conteúdos da emissora.

Finalizando, a pesquisa com o grupo focal apontou que as vinhetas da emissora são "pouco atrativas". Como veremos adiante, melhorar a plástica da emissora é fundamental para incrementar a experiência sonora do ouvinte.

A segunda pesquisa, de Christiane Delmondes Versuti (2012), chama-se "A pesquisa qualitativa e o papel do relações públicas na sedimentação da imagem organizacional de uma rádio educativa: Rádio UNESP Bauru". Em continuidade à primeira pesquisa, esta outra fez uma pesquisa de opinião, usando o método quantitativo para configurar a imagem da rádio UNESP FM.

Versuti utilizou-se de um questionário com questões abertas, aplicado numa amostra de cento e vinte pessoas representativas da população:

A escolha para a coleta de dados foi por tipicidade escolhendo-se dois bairros: um representante da classe popular e outro da população mais escolarizada e de melhor renda financeira. As amostras também foram subdivididas por cotas segundo o gênero (50% de cada) e faixa etária (de 15 a 35 anos e de 36 anos ou mais). Esta pesquisa objetivou identificar os atributos da Rádio UNESP FM, mensurando a percepção e o grau de importância desta junto aos públicos de interesse nas dimensões: sensoriais, emocionais, racionais e simbólicas. (2012, p.16)

Com perguntas do tipo sensorial e afetiva, emocional, axiomática, entre outras, a pesquisadora concluiu a investigação, e dos dados relacionados diretamente com nosso objeto de pesquisa, citamos: 3% dos entrevistados do bairro popular (Mary Dota) mencionaram o programa "sertanejo da manhã" (2012, p.20), mesmo índice dos que responderam "o que mais gostam" na grade da emissora (2012, p.25); Já quando a aluna pesquisa o bairro de classe média (Jardim América), temos um amostra de outro ponto de vista: na pergunta sobre o que não gostam, 15% mencionaram o programa (2012, p.26).

Perante as informações levantadas por Versuti, podemos supor que o tipo de música veiculada no "Vida Caipira" (moda de viola) é mais próxima das classes mais populares.

Analisando as respostas, as demandas do bairro popular foram, basicamente "mais músicas atuais e foco na educação" e mais "notícias locais, informação sobre oportunidades de emprego, espaço para os jovens, mais músicas do momento repartindo espaço com as antigas" (2012, p.42). Quando nos debruçamos sobre as opiniões do

bairro de classe média temos que a UNESP FM precisa de mais "qualidade, mais divulgação e repertório diverso" (2012, p.42).

Ao fim, Versuti conclui que "para alguns dos entrevistados (...) a imagem da Rádio está atrelada a chato, aborrecido, distante da população" (2012, p.53). A voltarmos ao artigo 3º da lei nº 11.652, de 7 de abril de 2008, sabemos que as emissoras públicas devem encarar o desafio de direcionar sua produção e programação pelas finalidades educativas, artísticas, culturais, informativas, científicas e promotoras da cidadania, sem com isso retirar seu caráter competitivo na busca do interesse do maior número de ouvintes ou telespectadores. Há, pelo visto, falta de informação sobre a emissora porque percebemos que há a consciência da necessidade de existir uma emissora voltada à "educação" e de "repertório diverso", como mencionado no parágrafo anterior. Mas, como também vimos, a programação da UNESP FM é bastante variada.

É comum em vários países, como lembra-nos Vigil (2004, p.53), e a UNESP FM Bauru não está livre disso, que as boas intenções de locutores, produtores e toda uma equipe de funcionários mantidos pelo Estado em uma emissora pública, cultural e educativa choquem-se com os interesses do público.

Ao lermos o que diz José Ignacio López Vigil em seu "Manual urgente para radialistas apaixonados" (2004, p.20), encontramos: os meios de comunicação legitimam o que transmitem (devido à fé que o público dedica aos meios), estabelecem a realidade (de forma que, só o que aparece na mídia existe) e representam os cidadãos (locutores, apresentadores e jornalistas, "não só falam em público, mas em nome do público"). Mas para isso, é necessário diálogo, ou interação, como mencionaram os entrevistados da primeira pesquisa.

A pesquisadora Valci Regina Mousquer Zucoloto em seu artigo "A história do Rádio Público no Brasil: um resgate pela linha do tempo"²⁹, afirmou:

Entretanto, apesar da importância da sua história, feita de permanências como também de descontinuidades, e de se proclamarem emissoras públicas, as estações estatais, culturais, educativas e universitárias continuam em busca de um modelo próprio e ainda não atendem totalmente aos requisitos maiores do rádio público:

29 - <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2283-2.pdf> acesso em junho de 2013.

financiamento, gestão e programação democráticas, independentes e autônomas. E embora venham conceituando que transmitem um modelo público por meio de suas programações, nem mesmo pelas produções que veiculam de norte a sul do país estas emissoras podem ser classificadas totalmente como públicas. O rádio público no Brasil ainda é um modelo em construção. (2011, p.11)

Falando mais especificamente da UNESP FM, podemos dizer que há ainda outros motivos: os sucessos musicais explorados exaustivamente pelas emissoras comerciais de rádio e TV não constam na programação da rádio; os locutores não são livres para conquistar o público, são orientados a manter certa sobriedade e não são autorizados a alterar os programas; pedidos musicais são desestimulados na quase totalidade dos programas; a "plástica" da emissora também não segue um padrão, as vinhetas são poucas, quase não há aberturas e encerramentos de programas, sendo possível ouvir a rádio por vários minutos e sequer identificar em qual emissora se está sintonizado; a programação musical, essa arte tão necessariamente metódica para estabelecer uma comunicação com o ouvinte, não segue um padrão geral nem usa critérios fixos (talvez, pelo fato de existirem vários profissionais autorizados a inserir músicas, o que não ocorre com frequência nas emissoras comerciais. Nestas, apenas um programador/discotecário tem a função de estabelecer e seguir critérios e programação).

Porém, quando ressalvamos o programa "Vida Caipira" e afirmamos que é uma exceção na grade da emissora, o fazemos baseados nos seguintes motivos: apesar de gravado, tem uma seleção de músicas mais próximas dos sucessos comerciais da atualidade (estilo musical); deixa seu locutor mais livre na apresentação; o mesmo estimula a participação dos ouvintes (por carta) sistematicamente; apesar de não haver vinhetas entre as músicas, o som das violas seguem-se naturalmente, criando um ambiente ou paisagem sonora, não havendo grandes distorções (o único efeito é a hora certa, que entra automaticamente em todos os blocos, uma voz masculina sem fundo musical); e, por fim, o programa tem objetivos claros para quem o ouve, como mostraremos adiante.

Devido aos seus mais de vinte anos no ar, à existência do grupo de catireiros com um público que o acompanha e também, como demonstrou a segunda pesquisa (VERSUTI, 2012, p.20), uma pequena porcentagem de ouvintes mencionando espontaneamente o programa, cremos que o programa é dos mais conhecidos da

UNESP FM. Mesmo não sabendo o número de exato da audiência há um claro interesse por modas de viola em Bauru.

Com isso em mente, partimos para uma descrição mais aprofundada do nosso objeto e as suas relações com a cultura sertaneja.

3.3 - Caracterização do programa "Vida Caipira"

O programa “Vida Caipira”, apresentado pelo locutor Walter Lisboa, seguindo a programação de Sérgio Magson, tenta, como diz sua abertura, preservar os valores e bens simbólicos das pessoas “simples do campo”. Como já discutimos, caipira é o habitante da zona rural do estado de São Paulo (Cândido, 1987, p.22). E nessa programação musical, nada de “sertanejo universitário”. Começou ao vivo, com o nome de "Mundo Rural", de segunda a segunda, com uma hora de duração e, atualmente, é gravado e tem apenas 45 minutos. É seguido por um jornal chamado “Notícias do Campo” há sete anos.

Ambos mantêm clichês radiofônicos, tais como: o ouvinte rural acorda cedo e quer notícias sobre cotações de produtos agropecuários, valoriza falas com conotações religiosas e de aconselhamento, receitas culinárias, etc. Certamente um estudo de recepção poderia confirmar a validade desses clichês do rádio.

Ademais, como já afirmamos, a escolha por esse horário descumpriria o objetivo de uma rádio cultural e educativa não fosse o tipo de música sertaneja que veicula: as modas de viola.

Usando os pressupostos de Jesús Martín-Barbero e Nilda Jacks analisamos trinta programas “Vida Caipira”, no quesito “produção”: a) vinheta de abertura; b) e uma visão geral sobre a seleção musical (as falas serão analisadas no próximo capítulo). Assim, esperamos entender como se dá a representação do caipira nas ondas da UNESP FM.

Também como já mencionado, boa parte das emissoras de rádio da cidade de Bauru dedicam-se à música sertaneja nas primeiras horas do dia. O sertanejo escolhido por essas emissoras são, com poucas variações, o sertanejo universitário e o romântico,

que são os subgêneros de sucesso na atualidade. Assim, empiricamente, notamos que os programas de emissoras comerciais fazem uma seleção de sucessos, com o intuito de divertir o maior número de pessoas, para atingir os consumidores mais próximos de sua atividade comercial.

Em contraposição, percebemos que o nosso objeto ainda faz diversas referências ao campo, chamando seus ouvintes de compadre e comadre e falando de atividades consideradas rurais, como nesse exemplo de 22 de maio:

Terça-feira, 22, hoje vejamos nas efemérides... hoje é dia do apicultor! Né, comadre? O senhor num... num pratica apicultura aí? Ah... ah.. só pu gasto, né compadre? Êh! Apicultor é aquele homi do mel, né? Do própolis, né? Dos derivados do mel, é!

Também notamos que o programa chega a fazer referências ao caipira urbano, ao "compadre" da cidade, como nesse exemplo de 7 de maio:

Tô pensando viu, compadre, sinceramente, esse trânsito de Bauru tá uma loucura, mai... tenho medo de atropelarem meu cavalo! Tô com cavalo manga larga lá, marchador, bonitão, que anda assim, ô! Sabe? As quatro assim, ô! Cê vai em cima e... todo bonitão, todo jeitoso e tal, mai tô com medo porque... mai, aliás, de madrugada, de lado de casa, eu escuto, toda madrugada nas Nações Unidas tem uma supermoto, é brincadeira! Fico imaginando a velocidade que o camarada tá... que barulho aquele, aquele turbo [imita o som do motor] nossa, brincadeira, né? É... trânsito de Bauru tá sério, hein? Muito sério! Estamos sem logística!

De modo diverso do que Nilda Jacks, que analisou o renascimento dos movimentos gauchescos e os modos tradicionais dos sulistas – que acabaram por influenciar a mídia local –, deparamo-nos com o modo tradicional caipira relegado ao passado. O ouvinte do sertanejo de hoje parece não ter apego aos costumes da roça, pelo menos não se manifesta dessa maneira. Pelo que observamos nos meios de comunicação, o sertanejo atual é vendido como algo novo, bem-sucedido, alegre e contagiante, não à toa, “universitário”.

Claro que todo o conteúdo veiculado não está livre de transformações por parte de quem o recebe. Há variações, nuances no uso que, cremos, deveriam ser pesquisados também. Após as leituras dos livros de Martín-Barbero, Jacks, Lopes e outros, sabemos da importância de considerar a realidade local, o contexto, ao se analisar um meio de comunicação. A dialogicidade (FREIRE, 1983, p.42), apregoada por Paulo Freire, ecoa nos conceitos sobre mediação.

O que Martín-Barbero denomina “hegemonia comunicacional do mercado na sociedade” (2004, p.35) explica a verdadeira máquina de incluir, transformar e excluir culturas (de todos os tipos) no onipresente “tempo-espaço do mercado e das tecnologias globais”. De modo análogo às afirmações de Martín-Barbero (2004, p.84), percebemos que o mercado conseguiu transformar o sertanejo em fórmula de sucesso. Caldas (1979, p.22) reforça a ideia: os agentes da Indústria Cultural fazem com que a cultura caminhe "*pari passu* com o dinheiro".

E isso já dissemos: como gênero, o sertanejo transforma-se desde o século XIX (Caldas, 1987, p.15). O caipira aceitava as novidades e adaptava-as a sua realidade. Cândido mostra-nos que as culturas rústicas foram, com o passar dos anos, formando-se com pedaços de culturas eruditas. Graças a essa capacidade,

[...] compreende-se que o caipira consiga frequentemente, no espaço de alguns anos, se não assimilar-se, ao menos acomodar-se satisfatoriamente nos padrões propostos pela civilização urbana. (1987, p.217)

E conclui que o processo de urbanização-civilizadora

[...] se apresenta ao homem rústico propondo ou impondo certos traços de cultura material e não material. Impõe, por exemplo, novo ritmo de trabalho, novas relações ecológicas, certos bens manufaturados; propõe à racionalização do orçamento, o abandono de crenças tradicionais, a individualização do trabalhador, a passagem à vida urbana. (1987, p.217)

Nos dias de hoje também há mudanças, como vimos. Maria Immacolata Vassalo de Lopes (2001, p.31) observa que, num passado não muito distante, “a participação das classes populares no conjunto do mercado cultural” foi dos fenômenos culturais mais “escamoteados e simplificados em sua importância”. As “mestiçagens” corriqueiras que estavam restritas a comunidades, pequenas cidades e regiões, agora, extrapolaram suas próprias fronteiras, tomaram o Brasil e até o exterior.

Se antes, como atesta Lopes (1988, p.117), era, no mínimo, "curiosa" a lucratividade e sofisticação de grandes emissoras de rádio e o pouco ganho ou baixo status de seus ouvintes, hoje esse público ampliou-se e tornou-se a famosa "classe c"³⁰,

30 - Apesar de muito comum, o termo "classe c" ou "nova classe média" não é o mais adequado a esse grupo social. Segundo Márcio Pochmann (2012, p. 29) "em conformidade com a literatura internacional, esse segmento social deveria ser" chamado de "*working poor*". Esses trabalhadores pobres, maior parte dos trabalhadores brasileiros - e fatia que mais cresce - vivem com 1,5 salário mínimo oficial mensal. O que, por si, não permite que sejam considerados "classe média".

alvo da maioria das empresas (de comunicação ou não). Para Caldas (1979, p.22) na década de 1970 o uso da música caipira pela Indústria cultural torna essa realidade mais complexa, pois o consumidor “independentemente da classe social à qual pertence, já não possui autonomia suficiente para estabelecer seu próprio gosto estético”, ou para optar pelo gosto de sua classe.

Caldas ainda vaticina: na década de 1970, esse consumidor de música sertaneja era de uma classe com "consumidores em potencial" (1979, p.28). Essa cultura "suburbana" (1979, p.19) experimentou, segundo Caldas, a idealização do passado, a ilusão de retorno vitorioso à terra natal na primeira geração e, após a segunda geração, a total adaptação à vida urbana. Não fazia sentido retornar ao lugar de origem dos pais.

O que explica a evolução de temas: primeiro "a vida no campo, na natureza" e depois "o amor" (1979, p.5). Mas o autor continua o raciocínio questionando (1979, p.63): a "alta burguesia" daquela época não consumia a música sertaneja ou apenas a evitava por questão de status? Mais adiante, o autor faz a seguinte afirmação:

[...] se um dia a Indústria Cultural transformasse a música sertaneja em modismo, enaltecendo socialmente seu consumidor, mesmo mantendo o nível estético atual [sic], não teríamos dúvida: a alta burguesia passaria a colecionar os discos de Leo Canhoto e Robertinho, de Milionário e José Rico e de todas as duplas famosas, ao lado das obras de Caetano Veloso, Edu Lobo, Chico Buarque, etc., não fazendo nenhuma diferença qualitativa.

Em nossa opinião, é lamentável notar que hoje as obras não estejam lado a lado. Os artistas da MPB e também da música sertaneja de raiz perderam espaço para os cantores de sertanejo universitário. Para ficarmos apenas no exemplo dado, a dupla Milionário e José Rico, que "modernizou-se", continua em evidência, aumentando o sucesso de outrora.

Outro nome muito conhecido ainda hoje, Sérgio Reis, junto com Tonico e Tinoco, Pedro Bento e Zé da Estrada, na década de 1970, fazia peregrinações nos circos e festas religiosas para poder sobreviver. Como nos diz Angelo Iacocca em seu livro "Ponto Chic: um bar na história de São Paulo" (2011, p.145), o famoso bar onde foi criado o sanduíche Bauru era o ponto de reunião de "proprietários, empresários e artistas de circo para marcar as datas dos espetáculos e realizar contratações, inclusive de duplas de música sertaneja". Principalmente às segundas-feiras. Aliás, poderíamos dizer que o Ponto Chic, em São Paulo, foi para a música sertaneja o que o Café Nice, no

Rio de Janeiro, foi para o samba. Um bar em que, como o Café Nice, "transações incríveis aconteciam. Compra e venda de parcerias eram muito comuns", diz-nos Haroldo Barbosa (2000, p.64). Dessa época circense até hoje, muita coisa mudou.

Se na música sertaneja houve adaptações, releituras e crescimento de público e rentabilidade, o modelo de rádio também foi obrigado a adaptar-se: sofrendo com a perda de público desde o crescimento da hegemonia da TV, o rádio tenta modernizar-se e popularizar-se. A reinvenção do meio não é um debate novo. Takashi Tome lembra-nos que o sinal de AM veio popularizar o rádio na metade do século XX: "[...] tanto as de ondas médias (emissoras de âmbito local) quanto as de ondas curtas (emissoras de alcance internacional como a Voz da América, a BBC e a Rádio Moscou)" (2010, p.67). Nas décadas seguintes, especialmente 1970, o FM chega com mais qualidade de sinal, apesar de ter alcance menor, o que dá vazão à criatividade sonora de produtores ao buscar melhores efeitos (por exemplo, ao "criarem" o efeito estereofônico (som em dois canais) em aparelhos receptores monofônicos - ou seja, apenas um canal -, típicos do som AM (2010, p.67). Chega-nos a partir dos anos 1980 a estética norte-americana de vinhetas e locução, vibrantes, rápidas e cheias de efeitos.

Esse modelo de negócio do rádio, bastante combatido após a emergência da TV dos anos 1960 até hoje, foi feito para tentar escapar da falência. Assim, várias emissoras apelam para a conglomerização (FERRARETO, 2010, p.37), cujo exemplo mais pronunciado na cidade de Bauru é a 96FM, parceria de diversas empresas, muitas delas do mesmo dono; e a satelitização (2010, p.38), cujos exemplos bauruenses são a Rede Aleluia da Igreja Universal, Rede Bandeirantes com programação local quase que totalmente religiosa, Canção Nova AM e a Rede Tupi com a torre em Macatuba. Isso, especialmente no eixo Sul-Sudeste (MAGNONI, 2010, p.130), já que em outros estados, o rádio passa por dificuldades bem maiores.

Quando na parte anterior, na qual caracterizamos a UNESP FM, mencionamos as dificuldades de emissoras públicas em estabelecer um modelo de programação e de comunicação mais efetiva com seus ouvintes, fizemos uma ressalva ao "Vida Caipira". O programa diferencia-se das demais produções da UNESP FM. Demonstraremos isso ao analisarmos: 3.3.1 - sua estrutura; 3.3.2 - sua vinheta de abertura; 3.3.3 - e sua programação. O quarto capítulo será totalmente dedicado ao discurso do apresentador.

Dessa forma, passamos a descrever estrutural e plasticamente o programa. Ao dizermos plástica, queremos ressaltar quais artifícios são usados pelos idealizadores do programa para criarem um ambiente sonoro (ou imagens auditivas) para a audição. É comum os ouvintes identificarem uma emissora por um simples alerta musical, sua assinatura (outro jargão de rádio). As vinhetas, a atuação performática do apresentador e a programação musical metódica, bem definida e equilibrada (com raridades e sucessos, com a estimulação balanceada, etc.) vão contribuindo para que o ouvinte aprenda sobre o programa, o que facilita a compreensão da mensagem e até estimula o hábito.

3.3.1 - A estrutura responsável por levar o programa "Vida Caipira" ao ar

Quem realiza a produção do programa e como funcionam tecnicamente as gravações do "Vida Caipira?"

Como é semanal, normalmente o locutor grava todos os cinco programas de uma vez, no estúdio de gravação da UNESP FM. Ainda no esquema locutor de um lado e operador de áudio de outro - Ortiz e Marchamalo nomeiam oficialmente: locutório e controle, respectivamente (2005, p.30). Esse mesmo modo de trabalho, já em desuso em emissoras comerciais, também funciona no estúdio "do ar". Enquanto está ao vivo apresentando outros programas (Conjuntos & Orquestras e Musical UNESP), Walter Lisboa aproveita os intervalos entre suas intervenções para gravar (os programas gravados são o Vida Caipira e o Caindo no Choro).

Os operadores de áudio e editores envolvidos são Paulo Sérgio de Carvalho (Paulinho Pepa) e Luiz Aparecido Silvestre (Silvestre Oliveira). Usam o software de edição *CoolEdit* para gravar e editar as falas. Existe um CD com a abertura do programa "Vida Caipira" seguida de trilhas musicais. No momento da gravação, os operadores de áudio têm em mãos o roteiro do programa, um mero espelho, no linguajar de rádio, do que já foi previamente programado por Sérgio Magson.

O apresentador também tem esse roteiro, apenas uma folha com três colunas, nas quais constam o nome das dez músicas da emissão daquele dia, com seus respectivos compositores e intérpretes (como no exemplo em anexo 4, página 289). Como diz Robert McLeish, citado por Ortiz e Marchamalo (2005, p.41), o locutor sabe

o que tem de dizer, "embora o roteiro não lhe diga exatamente como". Isso evidencia a capacidade de improvisação do apresentador. Com Walter Lisboa, alguns livros com as efemérides e os santos do dia e mensagens curtas para o final do programa.

Normalmente, o programa Vida Caipira é gravado sem cortes, com a trilha tocando simultaneamente à improvisação. Ou seja, não se grava a fala para depois inserirem a música de fundo, o que permitiria uma edição mais fácil, caso haja erros.

Depois de prontos, os *offs* são programados com as músicas caipiras já catalogadas no sistema *InfoAudio*. Esse sistema automatizou a programação da emissora, não sendo mais necessária a presença de locutores ao vivo.

A emissora fica 24 horas no ar, mas o uso do InfoAudio possibilitou que os funcionários seguissem o horário das 8h às 21h. Nos fins de semana, após o meio-dia do sábado, também não há funcionários trabalhando, o *InfoAudio* põe todas as músicas e falas gravadas no ar durante todo o fim de semana.

Como atesta Canclini (1983, p.32), a organização social que promove esta peça radiofônica deve ser levada em conta. E a estrutura de uma emissora pública permite que tenhamos um programador, um locutor, um operador de áudio, um produtor, jornalistas e pessoal de manutenção para que o programa chegue ao receptor. Estrutura que quase não encontramos em rádios de caráter privado. Essas emissoras, alegando modernizar suas emissoras, têm contratado profissionais para duplas, triplas funções, segundo a Lei Federal número 6.615 de 1978. Isso significa que os locutores das ditas rádio comerciais fazem operação de áudio (e, às vezes, programação musical), editores fazem operação de áudio e também vendem comerciais, etc. Experiências que afetam a qualidade das produções e talvez justifiquem a predominância de programas musicais nas emissoras comerciais (por serem menos complexos).

Sem o apoio do Estado, no caso da UNESP FM, possivelmente não haveria a grande quantidade de discos Long Play e Compact Disc à disposição do programa. Como mencionamos, o programa é basicamente recheado de canções antigas, muitas gravações não mais disponíveis (às vezes, nem na internet).

3.3.2 - Vinheta de abertura

Ortiz e Marchamalo afirmam que "a vinheta da emissora é o tema musical, original, na maior parte das vezes, que identifica a estação de rádio, motivo pelo qual se faz necessária sua repetição continuada ao longo do tempo, para que o ouvinte acabe associando a música com a emissora" (2005, p.101).

Mais adiante, os autores continuam:

[...] a técnica de realização de continuidade em rádio baseia-se normalmente em estratégias de programação bem definidas: por exemplo, um prefixo a cada dez minutos, um bloco de inserções de promoção depois do boletim informativo, e a vinheta da emissora depois dos informes de hora certa ou como prelúdio de determinados acontecimentos (transmissões de programas a partir de externas, desconexões para programação local etc.). Todos esses elementos, repetidos de forma ordenada e constante ao longo da programação, criarão uma imagem sonora que identifica a emissora e permitirão ao ouvinte conhecer, sem mediação de outro código, que emissora ou programa está sintonizando. (2005, p.101)

No que Mário Kaplún concorda quando diz: "se estamos privados de imagens visuais, em contrapartida, no rádio dispomos de uma rica gama de imagens auditivas"³¹. Esse conceito refere-se ao ambiente que o programa cria na mente dos ouvintes. E ele conclui: "é quase uma exigência, já que a eficácia da mensagem radiofônica depende, em grande medida, da riqueza sugestiva da emissão, da sua capacidade de sugerir, de alimentar a imaginação do ouvinte com uma variada proposta de imagens auditivas."³² (KAPLÚN, 1978, p.59)

Analisando mais especificamente a vinheta de abertura do programa, devido a ausência de outras, notamos que os causos e crenças são mesmo passados através das letras das músicas, mas também nas experiências do próprio apresentador.

Durante a introdução instrumental da música "Cheiro de Relva" (composição de Dino Franco e José Fortuna, cuja letra está no anexo3, página 287), o locutor Mário Moraes diz: "A UNESP FM apresenta... Vida Caipira!".

31 - si estamos privados de imágenes visuales, em radio disponemos en cambio de una rica gama de imágenes auditivas [...].

32 - [...] és casi una exigencia, ya que la eficacia del mensaje radiofónico depende en gran medida de la riqueza sugestiva de la emisión, de su capacidad de sugerir, de alimentar la imaginación del oyente con una variada propuesta de imágenes auditivas" (Kaplún, 1978, p.59).

Em seguida sobe a música de fundo (BG) e os cantores Chitãozinho e Xororó cantam “cheiro de relva”, confirmando ao ouvinte que a música de fundo é o famoso clássico do cancionário sertanejo (um exemplar desse sertão idealizado, bucólico). A música começa dessa forma: "Como é bonito estender-se, no verão, as cortinas do sertão na varanda das manhãs...". Após isso, o volume é diminuído, servindo de fundo para a volta do locutor, que diz: “Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!”. A música sobe e os cantores cantam: "Cheiro de relva, traz do campo a brisa mansa..." e cai novamente ao fundo, servindo de tema para os cumprimentos iniciais de Walter Lisboa, as efemérides e santos do dia e o anúncio da primeira música do programa.

Tecnicamente, acreditamos que a vinheta apresenta uma gravação bastante datada, o que significa que é nítido tratar-se de uma gravação mais antiga, sem a qualidade apresentada pelas gravações de hoje. Porém, a abertura acaba por combinar com as músicas que são tocadas, boa parte delas até mais antigas. E combina também com a própria locução do apresentador.

Mesmo tratando-se simplesmente de uma música somada à locução de dois profissionais, acreditamos que a vinheta cumpre sua função, transporta o ouvinte ao ambiente rural. Não se espera outro tipo de música ao ouvir-se essa abertura, apenas modas de viola.

Como dissemos, nos quarenta e cinco minutos de duração, o "Vida Caipira" não apresenta outras vinhetas (só a hora certa automática). Como os quatro blocos musicais são compostos por três canções, exceto o último, com uma, passam-se vários minutos sem podermos identificar a emissora. O responsável por dizer o nome do programa e da emissora é o apresentador, que o faz quatro vezes: na abertura, em duas oportunidades para dizer o nome das músicas que tocaram, a caixa-posta para o ouvinte pode enviar sua carta e os créditos do program, e no encerramento, onde lê uma mensagem e anuncia a décima e última música. Interessante notar que Lisboa, talvez por não saber, ou por considerar que seu ouvinte desconheça informática, não divulga a página eletrônica da emissora (onde se pode fazer pedidos musicais), não menciona a comunidade em redes sociais. Parece sempre ter certeza de alguns detalhes que, sem pesquisa com os receptores, são impossíveis de deduzir.

Em nossa visão, isso é um erro. A emissora necessita de identificação constante. Caso o ouvinte goste daquela seleção musical e de uma música específica, automaticamente pode aliar o nome da emissora àquela sensação boa e fidelizar-se. Caso não goste, fica ciente de que aquela emissora, naquele horário, não atende as suas expectativas. Mas o nome da emissora é, ao menos, lembrado.

Logo, falta um tratamento estético mais apurado ao programa. Trabalhar os sons da viola e outros efeito sonoros que remetam à natureza, ao campo, música após música, podem ajudar a criar uma paisagem sonora mais eficiente e ajudar na divulgação institucional da UNESP FM. A linguagem mais atual de rádio e a criação de imagens sonoras contribuiria, inclusive, para que mais ouvintes decidam pela emissora e passem a conhecer mais músicas.

3.3.3 - Programação musical do Vida Caipira

Nesse segundo momento, ao colocarmos a programação musical em foco, acreditamos que uma pequena introdução é necessária.

Devido a nossa atuação profissional e sindical, pudemos visitar diversas emissoras de rádio, principalmente na região de Bauru. Empiricamente, as emissoras culturais e educativas seguem três padrões distintos que, às vezes, podem mesclar-se: o primeiro tipo, primordialmente educativo, alfabetizante, sabemos que existiram em um passado não tão distante, mas desconhecemos sua existência hoje na nossa região; o segundo tipo é composto pelas emissoras que defendem o modelo de Roquete Pinto e são pontos de divulgação da cultura erudita, caso da rádio Cultura FM de São Paulo e que também desconhecemos em Bauru e região; e o terceiro tipo, em que figuram as que usam a linguagem das FMs comerciais (e até músicas comerciais) para difundir informações de toda ordem a um público variado. É o caso das emissoras de Bauru, Veritas FM (extinta) e UNESP FM.

Há ainda um outro tipo, talvez até mais comum, mas que desconsideraremos: as emissoras educativas e culturais que não seguem o que determina a lei: não dão espaço para as produções artísticas locais e independentes, trabalham com listas de sucesso (importadas do exterior, como é o caso da norte-americana Billboard, ou de

outras emissoras, como é o caso da lista de sucessos de Jovem Pan de São Paulo) e captam recursos através da venda de propagandas e anúncios simples. Das que conhecemos no interior de São Paulo nenhuma é pública, isto é, são ligadas a instituições privadas; não recebem verbas diretas do Estado, mas contam com isenções de imposto (benefícios que as emissoras comerciais não têm); alegando sua própria sobrevivência, adaptam suas programações ao mercado em busca de maior audiência e captação de verbas através de anúncios. Para nós, são emissoras comerciais.

A UNESP FM, como dissemos, também segue esse terceiro modelo: sua programação é plural, mas não comercial. Procura aproximar a universidade da comunidade externa e valoriza os gêneros e informações que os meios de comunicação comerciais evitam. De modo geral, vai das modas de viola à música erudita no decorrer do dia, mesclando música e informação. De tal maneira que o ouvinte que gosta de rock, por exemplo, possa sintonizar a rádio em um dia e horário específicos, o mesmo acontecendo ao apreciador de jazz, de samba, etc. É a pluralidade almejada que já debatemos.

Já o programa Vida Caipira é o programa musical gravado dedicado à música rural mais tradicional. Mas, segundo Martín-Barbero (2004, p.355): as comunidades tradicionais aceitam facilmente “instrumentos tecnológicos e as imagens da modernização”, mas só dolorosa e lentamente recompõem seus valores mais antigos. Ou seja, aqui podemos levantar mais uma exemplo da ação preservacionista de emissoras ligadas ao Estado: como já afirmamos, os produtores da UNESP FM no programa "Vida Caipira" esforçam-se para preservar parte do imaginário caipira. Porém, ao mesmo tempo, muito lentamente incorporam as músicas que são fruto direto dessa produção estética. Movimento inverso do que registra Martín-Barbero.

Isso aconteceu com as modas de viola há poucos anos e deve acontecer com as músicas de hoje: se hoje as modas de viola são "publicamente valiosas" (CANCLINI, 1999, p.45), as músicas feitas posteriormente a ela ganharão pouco a pouco o rótulo de músicas tradicionais. Um movimento que parece ser contínuo. Logo mais mostraremos que, além de apresentar uma renovação de repertório musical lenta, o programador do Vida Caipira tenta estabelecer outro diálogo: o das músicas caipiras com as músicas da chamada MPB (o tipo de música a que a UNESP FM mais se dedica). Há, como veremos, uma tentativa, mesmo que tímida, de fazer uma ponte entre as modas de viola

e as músicas mais sofisticadas da MPB que tratam do tema rural, talvez para agradar aos seus ouvintes mais fieis.

Há nomes na música brasileira que deixam claras suas referências e influências caipiras, mas que escrevem letras e arranjos mais complexos, menos populares, por assim dizer.

Logo, pelo Vida Caipira passam nomes como Almir Sater, Renato Teixeira, Pena Branca e Xavantinho, Geraldo Espíndola e outros que não se encaixam no modelo de sucesso comercial do sertanejo e dialogam com os dois grupos, cantores sertanejos e da MPB.

Outros nomes, como Luiz Gonzaga, que representa o sertanejo nordestino, e Zé Ramalho, que representa o movimento Folk brasileiro, às vezes, também entram na programação. Vimos também, composições de Tom Zé, Gonzaguinha, Edu Lobo, Geraldo Vandré, tradicionais da música popular nunca reconhecidos como sertanejos.

Há ainda o registro de sertanejos românticos, sucessos populares dos anos 1980 e 1990, tais como: João Mineiro e Marciano, Roberta Miranda, e outros. E também do movimento de renovação do gênero, como Daniel, Teodoro e Sampaio e Bruno e Marrone, especialmente quando regravam modas de viola.

Ou seja, o programador tenta diferenciar o Vida Caipira dos programas existentes em outras emissoras de rádio na mesma faixa horária não somente pela escolha das modas de viola, mas pela possibilidade de apresentar ao ouvinte outras músicas, mais próximas da MPB tradicional que a emissora explora em seu horário nobre (que no rádio é a parte da manhã e início da tarde).

Vigil (2004, p.334), quando reflete sobre a programação radiofônica, diz que a rádio deve ter um "perfil musical", oferecendo música "à la carte". Fácil de dizer e imaginar, porém muito difícil de pôr em prática. Cremos que há uma linha nesse sentido, tentando relacionar o Vida Caipira com outros programas da emissora.

E como é emissora pública, cultural e educativa, a UNESP FM deve valorizar a cultura local e oferecer opções ao público. Vigil afirma que a música que o público quer deve ser mesclada às músicas desconhecidas e que têm poucas chances comerciais. Isso porque "as pessoas, como é natural, pedem músicas que conhecem" (2004, p.334). Na UNESP FM passam a conhecer outras e também as obras de autores locais. Dentre

outros aspectos legais já citados, cremos que no item regionalização e espaço para produção independente, a UNESP FM cumpre seu papel, porém sem alarde. As músicas locais presentes no Vida Caipira, por exemplo, são colocadas junto às outras, na maioria das vezes, sem que o locutor mencione o autor como sendo da cidade (exceto em 7 de maio, quando diz: "Êh, Zé Goiano, sumiu, hein? Zé Goiano! Apareça, rapaz! Apareça! Só vem aqui quando, pá, tem novo CD e coisa e tar! Êh, Zé Goiano!")

Quando pensamos na estimulação da programação (mais baixa, média ou alta). Sua grade de programação tem estimulação mediana para baixa, com músicas mais lentas. Poucas vezes, em alguns programas, de alta estimulação. Ouvindo sua grade de programação total, percebemos que esta não foi dividida em blocos, como costumamos ver em outras emissoras: o bloco da manhã mais informativo, o bloco da tarde mais jovem e o noturno mais intimista, por exemplo. Notamos que cada programa possui seu ritmo, não importando muito seu horário na grade.

No tocante à música caipira, nosso objeto é um programa de *flashback*, basicamente. Toca apenas as antigas modas de viola e algumas músicas mais atuais que falam do campo ou regravações das que são consideradas "clássicos" desse cancionero. Pignatari (1997, p.72) registra o verdadeiro asco de intelectuais da época contra o que chama "primeira arte industrial autônoma", o cinema. Passado algum tempo, o autor diverte-se com cineastas defendendo o cinema e a literatura contra a televisão. Ele afirma que essas constatações "vêm em apoio das teses centrais de Marshal McLuhan, segundo as quais o que está em causa e em crise é a primazia do sistema verbal e de sua lógica linear-discursiva". Em outras palavras, Pignatari segue o raciocínio do célebre autor canadense, no que tange os processos de informação e comunicação, dizendo que um "veículo novo (como a televisão) tende a 'artistificar', tornar artístico o veículo anterior (o cinema, no caso)". E acrescenta: "se artistifica na medida em que se 'artesaniza', em comparação com o veículo mais avançado". E segue fazendo comparações sobre a arte de vanguarda e a arte pop ("metalinguagem da arte popular criada pelos meios de comunicação de massas"). Não seria esse o caso das modas de viola, ainda consideradas caipiras, em relação à música sertaneja atual?

Nesse aspecto, as modas de viola do programa Vida Caipira não apenas remetem a um passado idílico, como também são feitas de modo mais próximo ao tradicional, com ponteios de viola, poucos efeitos eletrônicos, citações de boiadas, berrantes, etc. Mesmo as músicas de caubói e mocinho baseadas em filmes norte-

americanos, já fazem parte de um passado, ou seja, não têm semelhanças com as músicas cujas letras cantam sobre o mundo de hoje. Esse padrão também é usado para garimpar as músicas lançadas recentemente. Some-se a isso o ideal preservacionista que já mencionamos. Podemos perceber que tocar modas de viola é preservar a música do passado.

No que tange à estimulação, mesmo com uma moda ou outra mais animada, os chamados pagodes, a programação tem estimulação mediana. Não constam apenas músicas de andamento lento, mais românticas. Percebemos que o programador persegue, bloco a bloco, o estímulo crescente: de músicas mais lentas, tristes ou românticas, para músicas e temas mais alegres. Porém, não há como afirmarmos que o discotecário faça uma programação que cresce da primeira à décima música. Há várias músicas de andamento mais lento, com temas mais tristes (como traições, abandonos, etc.) e músicas românticas fechando o programa. A estimulação, portanto, é sutil porque vai das baixas às médias; não há músicas agitadas, de alta estimulação.

Em nossa visão profissional, a programação musical segue uma narrativa, uma forma de comunicação com o ouvinte. Há diversas maneiras de colocar as músicas em sequência. Podemos usar a estimulação como guia (crescendo ou decrescendo), os temas, as batidas percussivas ou a semelhança instrumental. A rigidez dos blocos de músicas também dizem muito, pois preparam o ouvinte, ajudam-no a criar um hábito, não são pegos de surpresa com blocos variantes de música. Esses e outros critérios podem ser usados na construção dessa outra forma de comunicação com os ouvintes e o programador Sérgio Magson segue uma linha bem definida: são sempre blocos de três músicas, entremeadas pelas falas do locutor, com uma música de encerramento, totalizando dez canções.

Seguimos agora a um pequeno levantamento de dados sobre a diversidade de cantores, compositores no programa "Vida Caipira". Começamos com os cantores que apareceram mais frequentemente durante o período em que ouvimos o Vida Caipira (195 vezes) são os seguintes:

- a) com quatro aparições cada uma, Chico Rey e Paraná, Criolo e Seresteiro, Ely Silva (3 vezes com Zé Goiano e 1 vez solo), João Mineiro e Marciano, Mato Grosso e Mathias, Nenete e Dorinho, Raul Torres e Florêncio e Rei da Mata e Tião do Gado;

- b) com cinco músicas: Craveiro e Cravinho, Luizinho, Limeira e Zezinha, Melo e Melinho e Zé Fortuna e Pitangueira;
- c) Pena Branca e Xavantinho aparecem em seis oportunidades;
- d) já Cacique e Pajé, Daniel, Jacó e Jacozinho, Renato Teixeira, Sulino e Marrueiro e Zilo e Zalo têm sete músicas registradas;
- e) com nove, Zilo e Zalo e Rolando Boldrin;
- f) as duplas Abel e Caim, Lourenço e Lourival e Tião Carreiro e Pardinho aparecem dez vezes na programação;
- g) por onze vezes, temos Almir Sater e Sérgio Reis (sendo que em quatro oportunidades, ambos aparecem juntos como a dupla Pirilampo e Saracura, criada para uma novela);
- h) e por treze vezes, temos a dupla Tônico e Tinoco, sendo que em uma delas, temos somente a participação de Tinoco (após a morte do irmão e parceiro) em dupla com seu filho, Tinoquinho.

Os outros modistas tiveram apenas uma ou duas aparições. Devido ao número de músicas, resolvemos ocultá-los, mas seus nomes estão nos programas transcritos no anexo 1 (a partir da página 173).

Os compositores que aparecem com mais frequência na programação analisada (145 vezes) são os seguintes: Manuelito Nunes, Rick, Xavantinho, João Pacífico e Paraíso com três composições cada um; Renato Teixeira e Benedito Sevierio com quatro; Praense com cinco músicas; Anacleto Rosas Júnior, Goiás e Raul Torres são os autores de seis canções cada um; Jesus Belmiro, Sulino e Palmeira, sete; Tião Carreiro com oito composições; Lourival dos Santos com nove modas; Carreirinho aparece em dez programas; Dino Franco em onze; a dupla Tônico e Tinoco e o autor e cantor Zé Fortuna contribuem com treze músicas; e o compositor Teddy Vieira com quatorze músicas de sua autoria dentre as trezentas analisadas. Desses, apenas Rick não é um modista tradicional, atuando desde os anos 1990 no subgênero romântico. Renato Teixeira é dos nomes que transita entre a MPB e uma música telúrica, sobre o ambiente rural (seu primeiro sucesso gravado foi Romaria, na voz de Elis Regina, nos anos 1970).

Há ainda a aparição de outros compositores que não são considerados "modistas": Edu Lobo e Capinam e sua "Viola fora de moda" aparecem duas vezes na programação que analisamos (13 e 20 de maio); Geraldo Espíndola também duas vezes

com sua composição "É necessário" (30 de dezembro e 29 de abril); Geraldo Vandré e Theo de Barros e o clássico "Disparada" também consta duas vezes no período investigado (17 e 19 de abril); Luiz Gonzaga e Hervê Cordovil contribuem com "A Vida do viajante" (16 de abril); Zé Ramalho e seu "Chão de giz" (17 de abril); Ary Barroso e Lamartine Babo que compuseram o samba-canção "No rancho fundo" têm a composição rearranjada ao modo sertanejo por três vezes (26 de abril, 1 e 7 de maio); Tom Zé e sua parceria com Rolando Boldrin, "Moda do fim do mundo", duas vezes (em 1º de maio e 26 de abril). E o romântico Nelson Ned, nas vozes de João Mineiro e Marciano, também duas vezes, com "Se Eu pudesse conversar com Deus" e "Tudo passará" (18 e 29 de abril, respectivamente). São apenas quatorze músicas, não chegam a apresentar um desvio muito grande. Porém, demonstram a pesquisa e o trabalho de relacionar músicas de outros gêneros às modas de viola do Vida Caipira.

Como dito nos dois primeiros capítulos, às mulheres era negada a participação nas manifestações musicais caipiras. Isso mudou desde o início do século XX, com a entrada do gênero sertanejo na indústria do disco. Registramos aqui a participação de oito mulheres (cantando ao lado de cento e oitenta e um homens nas trinta edições ouvidas): Domitila e Fleury ("Cavalo preto" em 17 de abril), Cascatinha e Inhana (duas vezes com "Colcha de cetim", em 8 e 16 de maio, e duas vezes com "Casinha branca", em 30 de novembro de 2011 e 27 de abril de 2012), Luizinho, Limeira e Zezinha (duas vezes com "Vinte anos a mais", em 10 e 17 de maio, "tronco caído" em 6 de maio, "não chores mais" em 24 de maio e "sagrado ofício" em 16 de abril). Roberta Miranda participa com Chitãozinho e Xororó da gravação de "A majestade o sabiá", de sua Barroso canta a "moda da pinga" em 17 de abril; As irmãs Galvão cantam "recordações" em 23 de abril, "o que tem a Rosa" em 1 de dezembro de 2011, e participam 2 vezes com Daniel em "Cheiro de Relva" em 30 de novembro de 2011 e 29 de abril de 2012. E Mariazinha que canta com Zé do Rancho "Manhã do nosso adeus" (em 7 de maio).

Participação de mulheres compondo: a compositora e multi-instrumentista porto-alegrense Berenice Azambuja³³, em parceria com Gildo Campos é autora de "É disso que o velho gosta", cantada duas vezes por Chitãozinho e Xororó nessa seleção (26 de abril e 1º de maio). A goiana Fátima Leão³⁴ compôs "Dormi na Praça" com Elias

33 - <http://www.dicionariompb.com.br/berenice-azambuja/dados-artisticos>, acesso em maio de 2013.

34 - <http://www.dicionariompb.com.br/fatima-leao/dados-artisticos>, em maio de 2013.

Muniz, sucesso na voz de Bruno e Marrone, presente uma vez na programação do período (3 e maio). E Roberta Miranda³⁵, nascida em 1956 em João Pessoa, Paraíba, compôs "a Majestade o sabiá" e começou sua carreira como cantora e compositora aos 16 anos (23 de abril). E a cantora e compositora Lourdinha Pereira³⁶ fez com Almirante "um agradinho é bão", na voz de seu marido Rolando Boldrin (23 de maio).

Dentro do *corpus* existem cantores sertanejos que não podemos considerá-los modistas, por terem participado (e ainda participarem) do cenário de renovação do gênero que ocorreu nos anos 1980 e 1990 de forma mais consistente, época dos sucessos românticos. A dupla Bruno e Marrone e a composição "Dormi na praça", sucesso de 1994 (aparece na edição de 3 de maio de 2012); Chitãozinho e Xororó aparecem duas vezes com "No rancho fundo", "Fogão de lenha", "Caipira", "É disso que o velho gosta" e "Nuvem de lágrimas"; uma vez com "Menino da porteira" com a participação de Sérgio Reis, e "Majestade o Sabiá" com Roberta Miranda. E há outros.

Christian e Ralf, que começaram cantando músicas em inglês nos anos 1970 e após essa moda dedicaram-se ao sertanejo, aparecem 3 vezes: duas vezes cantando "Boiada" e uma vez "Esse amor que me mata". Os cantores João Mineiro e Marciano cantam quatro canções românticas: duas vezes "Cilada" e "Se eu pudesse conversar com Deus" e "Tudo passará", ambas de Nelson Ned. Leonardo aparece cantando "Doce mistério" com seu irmão e parceiro Leandro. E com a dupla Chico Rey e Paraná na música "alma transparente". O cantor Daniel aparece com seu parceiro original, João Paulo uma vez com a música "Hoje eu sei" e depois, já em carreira solo, apresentando mais seis modas de viola que gravou na série de discos "Meu reino encantado": com seu pai, Zé Camilo, duas vezes cantando "Paixão caipira", uma vez cantando "Meu reino encantado" e mais uma cantando "Encanto da natureza". Com as irmãs Galvão ele aparece duas vezes cantando "Cheiro de Relva".

Por isso a pesquisa musical do profissional programador é fundamental: é necessário conhecer o repertório antigo e ficar atento aos lançamentos. Vigil (2004, p.335) também fala da importância da pesquisa, não musical, mas sobre o gosto do ouvinte.

35 - <http://www.dicionariompb.com.br/roberta-miranda/biografia>, acesso em maio de 2013.

36 - <http://www.dicionariompb.com.br/lourdinha-pereira/dados-artisticos>, em maio de 2013.

Infelizmente, a emissora não realizou pesquisas de audiência e aposta na sensibilidade do programador e em algumas cartas, mensagens eletrônicas e ligações de ouvintes para melhorar a programação.

Como subgênero musical, as modas de viola não se renovam com a mesma frequência como nas décadas anteriores a 1970; o programa funciona mais como uma seleção de *flashbacks*. Poderíamos dizer que, em sua maioria, as modas de viola datam de antes da década de 1990, época em que o romantismo sertanejo ganhou força no Brasil. Percebe-se que o programador garimpa canções rurais em discos de cantores e duplas mais recentes. Mas, inevitavelmente, toca músicas de Tônico e Tinoco, Tião Carreiro e outros compositores da "velha guarda".

Os cinco programas semanais integralizaram 261 apresentações em 2012. Tantas veiculações exigem um conhecimento dos discos e duplas do passado e uma pesquisa acerca dos lançamentos, com a finalidade de descobrir músicas novas que se encaixem na programação. Pudemos perceber isso ao analisar a quantidade de autores, compositores e composições no período investigado.

Dessa forma, em nosso ponto de vista, o programador consegue fazer uma programação equilibrada, fundamentada em sua experiência profissional e em pesquisa de novas músicas.

Enfim, ser a opção do ouvinte, como José Ignacio Lopez Vigil atesta, não é esperar que o ouvinte goste e satisfazer-se sozinho pelo bom trabalho realizado. É necessário seduzi-lo. E para isso, os emissores não podem "fazer parte do ruído". Basta ler Paulo Freire, Mário Kaplún e outros amantes da comunicação adequada a cada público. A comunicação que compreende que a comunicação radiofônica é de massa, mas tem consumo particular (Vigil, 2004, p.96)..

Sabemos que a audiência constitui "um condicionador essencial no processo da comunicação radiofônica. O comunicador elabora e cria suas mensagens pensando em um perfil de público mais ou menos definido" (Ortiz & Marchamalo, 2005, p.19). E que os agentes produtores (no nosso caso, programador e locutor) mudam seu modo de trabalho no programa Vida Caipira. Tudo para atingir a um público bem definido: os ouvintes de moda de viola da UNESP FM.

CAPÍTULO 4 - A tênue separação entre criador e criatura

Para o presente capítulo dividimos as análises em três partes. A primeira, baseada em uma entrevista que fizemos com o apresentador do Vida Caipira, falando sobre sua trajetória profissional, suas relações com o meio rural e o desenvolvimento do personagem. Aqui constam exemplos da sua fala normal, cotidiana, que, em parte, será modificada na sua apresentação, mas que mostra, ao mesmo tempo, uma construção de frase peculiar, usada em ambos momentos.

Na sequência, demonstraremos como é rígido o roteiro entregue ao locutor e operador de áudio e como o locutor maneja essas informações para fazer improvisos.

Concluindo o capítulo final, a análise das falas gravadas de Walter Lisboa durante os trinta programas "Vida Caipira" investigados. Buscamos os sinais de urbanidade e os traços da cultura caipira que ele idealiza.

4.1 - A entrevista

Sabemos que o locutor do programa "Vida Caipira", Walter Lisboa, criou um personagem exclusivamente para atuar no nosso objeto de análise, mas manteve seu nome na apresentação. Como faz frequentes comentários sobre sua infância nos bairros rurais de Bauru e Teófilo Otoni, em nossa visão, a distinção entre o personagem e o profissional Walter Lisboa fica difícil. Assim, elaboramos algumas questões biográficas para tentarmos compreender melhor quem é e como é a atuação deste profissional. A transcrição total da entrevista está no Anexo 5 deste texto. Aqui buscamos dois temas: seu passado no campo e sua inspiração para criar o "estilo" do personagem.

Nascido em 26 de dezembro de 1943, Jesus Walter Martins Lisboa trabalha em rádio desde os 17 anos. Bacharel em Direito pela ITE - Bauru, sua atuação profissional é centrada no rádio, principalmente o esportivo. Seus pais eram naturais da área rural, mas moradores do centro da cidade de Bauru ao se casarem: a mãe dona de casa e o pai viajante, vendedor de tecidos. Porém, os avós de Lisboa continuaram morando no

campo. Os avós paternos eram colonos em fazendas de Teófilo Otoni, como podemos ver nessa passagem:

[...] meu avô, pai do meu pai, chegou a ser fazendeiro, mas parece que não soube administrar. Meu pai nunca contou direito essa história, eu sei que ele perdeu a fazenda. Chamava-se fazenda Alemoa. E a minha vó Luzia, minha vó Luzia, claro, mãe do pai, mineira, e de mais 12 filhos. Ela teve 13 filhos. minha vó Luzia, do tempo em que se casava com 14, 15 anos. Mulher com 14, homem com 15, 13 e 15, né? Casavam cedo, século 19... praticamente, né? É! Então, o... 13 filhos, cinco homens e oito mulheres. Eu fui a Teófilo Otoni três vezes. Recém nascido, eu não lembro, claro. Depois eu voltei com 9, 10 anos e me lembro muito bem! Teófilo Otoni, tirando os morros, tem muitos morros, claro, Teófilo é Minas Gerais... era uma cidade que se assemelhou, até hoje, a Bauru. Em termos de população, mobilidade, digamos, mobilidade urbana, a moda agora é mobilidade urbana e não tem mobilidade coisa nenhuma [risos]. Inclusive em Bauru. Bom, então, eu voltei com treze anos. Eu já voltei cavalgando, e tal, aprendi muito a cavalgar. (página 293 do anexo 5).

Já os avós maternos de Lisboa eram plantadores de café em Bauru:

[...] os avós daqui eram fazendeiros, meu avô, o meu avô nasceu em Bauru, meu avô se vivo fosse, o pai da minha mãe, José Fernandez Gonçalves, Bauru vai pra 117? Ele teria um ano menos que Bauru, 116. [...] nasceu em Val de Palmas. Val de Palmas era a maior fazenda de café mundial! Essa Val de Palmas que tá aí! Tá um pouco modificada, né? Claro que é mesma Val de Palmas. Tanto é que tem até uma estaçãozinha até hoje lá, que você saía da fazenda e levava o café, café exportação, lá pra, pra, no caso, a Noroeste, né? Que pegava o café e transportava até Santos, né? até o porto. (pagina 297)

Na infância, passava temporadas nas casas dos avós, lugares nos quais dedicava-se a uma das suas paixões: os cavalos, como podemos constatar nessa passagem: "Então, aí em Minas eu caprichei mais, né? Andei em tudo quanto é tipo de cavalo[...]" (página 294). Logo ele dá mostras de ser um homem acostumado com as manifestações rurais. Vejamos:

[...] porque todas as minhas férias, eu ia, por exemplo, no Rio Verde. O Rio Verde são uns parentes que o irmão, irmãs, da minha vó Maria Balderramaz... e o Rio Verde era bonito, era um patrimônio colossal, muito bacana... ainda hoje existe o Rio Verde, pertence a Bauru, né? É patrimônio. E lá, carretela, eu andava de carretela, também comecei... andava nos cavalos, coisa e tal, entrava na mangueira é... depois que apartava, né? Na hora do... tipo de almoço do... rural. E... de manhã soltava o gado, com seus, suas crias. Certa altura, ainda no período matutino, ou à tarde, recolhiam os bezerros, né? Ficavam presos. E o gado, as vacas, ficavam no pasto. E eu e meu primo Zezinho Balderramaz, eu falo primo, né? Porque é quase da minha idade, embora de segundo grau, a gente ia brincar de toureiro com os bezerro e derrubava bezerro pelas... falou: cê tem que pegar nas duas orelhas e fazer isso aqui! Então eu tenho [risos] muito de noção, desde pequeno, e eu sempre... se é dois animais que eu adoro é o cavalo e o cachorro. (página 309)

Walter Lisboa demonstra um cuidado maior com a norma culta da língua portuguesa quando começou a conversar conosco. Vejamos como começa a responder à primeira pergunta, quando ainda não estava totalmente à vontade: "Eu nasci em Bauru, aos vinte e seis dias do mês de dezembro de um mil novecentos e quarenta e três" (página 290).

Ficamos com a impressão que a observância à norma culta e a citação de nomes de médicos, políticos, advogados e professores é, para ele, uma forma de distinguir-se, mostrar sua importância, suas "boas" relações. Como no exemplo abaixo:

Eu me lembro que os médicos pediatras da época, era, por exemplo, dr. Luiz Zuiani, muito famoso em Bauru, foi um dos meus médicos. E dr. Osires, se não me engano, Osires Domingues era o nome... muito bem, mas eu nasci em vinte e seis de dezembro, por que o meu primeiro nome é Jesus? Porque poderia ter nascido no dia vinte e cinco, exatamente, já estava... esperava-se dia vinte e cinco, Natal, Jesus, e tal, que eu nascesse em vinte e cinco. (página 290)

Como também podemos ver nessa passagem sobre seus colegas de faculdade, o nome da turma e os professores do curso:

Tive que casar mesmo, com 21 anos. E minha mulher com 16. [risos] a atual, dona... Beatriz. [risos] [...] E aí [...]voltei pelo terceiro ano, né? [...]foi bacana porque minha turma de direito é uma turma muito conhecida, Zarcilo Barbosa, que tem mais idade em relação a minha, não é que eu queira ser, que eu seja jovem, mas... acabei me formando mesmo assim aos vinte e... sessenta e oito foi o último ano... vinte... vinte e cinco anos eu ia fazer em dezembro, né? É, vinte e cinco anos. Colamos grau em março. Minha turma é doutor Abel[inaudível], que foi delegado até recentemente, o Abel Português, Zarcilo Barbosa, Flávio de Angelis, que nos deixou, viajou, como diz o Rolando Boldrin, não cumpriu o combinado, viajou antes. O [inaudível] que também já viajou. E... o Zarcilo eu disse... o Roberto Rufino, né? Colunista do Jornal da Cidade. Minha turma, vou falar, turma Robert Kennedy, e com grande professores na época, me permita antecipar, do curso de direito. Por exemplo: Valdemar Marins de Oliveira Júnior, excelente e eminente processualista civil e também professor de direito civil, foi nosso professor, nosso paraninfo. E, aliás, deixou muita gente com dor de cotovelo, porque nós, sabiamente, escolhemos o doutor Valdemar, assim, por exemplo, mormente no tempo do [inaudível] Matel, ele foi governador... secretário de justiça e teve um, uma época do governo que ele acumulou justiça e segurança. Ele é pai, por exemplo, do Cláudio Marins de Oliveira, Cláudio Marins de Oliveira é famoso por ter sido um dos advogados do PC Farias, o Cláudio teve ser, mais ou menos, da minha idade, eu presumo, eu tive muito contato com o Cláudio Marins, mas via telefone, não o conheço pessoalmente. Claro que o doutor Valdemar, a gente sempre teve muito contato,até porque eu já fazia rádio, quando fazia direito, muito, já a alguma tempo, e o doutor Valdemar, pra quem não sabe, foi sócio no escritório de advocacia, nas horas que lhe permitiam advogar, com Henri Aidar, que é pai do Miguel Aidar, que também é advogado e presidiu o São Paulo.

Vejamos o uso dos pronomes, sempre nos lugares indicados pela norma culta da língua:

Ah, sim, eu entrei aos dezoito anos na Instituição Toledo de ensino, faculdade de direito, e... teve algumas modificações, mais tarde, né? no curso de direito, mas eu entrei pegando cinco anos mesmo... [...] Parece que voltou, parece-me não, voltou os cinco anos. Então, eu só interrompi quando cheguei no terceiro ano, porque aí eu casei, né? (página 291)

Ou quando usa palavras menos usuais: "É, eu fui criado na rua Antônio Alves, no quarteirão seis, na quadra seis, defronte, naquela época, bem em frente à minha casa, meus pais pagavam aluguel, eu sou o primogênito, né?" (página 290)

Walter Lisboa também menciona a "satisfação" quando sua turma, "seleta", paga o almoço a um professor, em restaurantes conhecidos: "[...] então, a gente ia fazer uma média boa com o doutor Marins, uma turma seleta da faculdade, me permita, turma noturna, nós íamos pra Gaúcha, geralmente, Meu Cantinho, tinha Meu Cantinho também, e pagávamos o churrasco e jantar pro doutor Marins, era uma satisfação" (página 293).

O uso de nomes importantes do futebol, grande paixão de Lisboa, também entra em momentos inesperados, como quando responde sobre quem foi seu pai: "Conrado Martins Lisboa, meu pai, nasceu em Teófilo Otoni, é terra do Fred, Centroavante do Fluminense hoje e da seleção brasileira. Mineiro, nasceu em 1914, meu pai faz aniversário em 27 de dezembro, veja só. Eu sou 26, meu pai 27, minha mãe 30 de dezembro e dia 31 de dezembro foi a data de casamento deles" (página 290)

Nossa impressão foi reafirmada quando Lisboa faz ressalvas ao pouco estudo do pai: era elegante, sabia vestir-se e portar-se nos clubes, etc.

O meu pai teve o curso primário, mas ele era muito inteligente porque ele se tornou um... um viajante, era um viajante de elite meu pai. Pra cê ter uma ideia, naquele tempo tinha, só tinha Panair e Vasp praticamente, quando ele ia pra Matogrosso que era um estado único, não tinha Matogrosso do Sul, era um estado só, ele pegava a Panair aqui. E em 52 meu pai era um dos... líderes de vendas, vendedor... falavam caixeiro viajante ou só viajante, ele usava só a expressão viajante... e era o tempo do tecido importado: linho 120, tudo... a maioria da Inglaterra, caxemira inglesa, gabardine, cambraia, eu sei porque... eu ouço, né? ei via ele falar, vender, né? ele vendia muito bem. E em 52 os três primeiros vendedores de Matos Import... era Matos Tecidos Importação e Comércio. Ficava na rua Santa Efigênia, lembro até hoje. Porque tinha uns lápis de publicidade com o nome Matos Importação, que ele distribuía, evidentemente, que eu tinha os lápis em casa, da firma do meu pai. Em 52 os três primeiros ganharam, cada um, um Dodge zero quilômetro, zerado, é

claro que era um Dodge importado... o Dodge, da Chrysler, né? Em 52... [...] ele ganhou esse... esse Dodge, né? ele e mais dois vendedores, os três principais, um grupo que possivelmente, se tivesse alguma classificação, de dez ou doze, no máximo, enfim... grandes viajantes, pelo menos no ramo de tecidos, né? Tecido importado. E, aliás, o meu pai, naquela época, não é por ser esnobe, mas ele adotou uma postura, um comportamento, mesmo sendo um viajante, e ele trabalhava de terno e gravata.[...] Quando não, quando começou a distrair um pouco mais, era um blazer. Sem nenhuma esnobação, até porque ele estava, digamos, dentro do contexto e... e do assunto, né? Tecido... ele tinha na minha casa, ele, dois guarda-roupas só com os mais diferentes tipos de ternos e blazers, fala-se blazer hoje, né? mas falava-se paletó, digamos, conjunto paletó e a calça, e é evidente que com isso acompanha-se o sapato [inaudível] então, meu pai era um cara elegante... sempre elegante... e alguma coisa eu puxei dele, né? [...]até porque ele era um grande dançarino também, gostava muito de baile, gostou até o final da vida dele dançando muito em São Paulo... e... e em Bauru tinha o Automóvel Clube na época, no auge, ainda tem, né? o prédio do Automóvel ali na praça. Ele foi sócio do Automóvel, sócio do Bauru Tênis Clube, grandes bailes, sempre de smoking, trajes a rigor e minha mãe tinha que acompanhar, a espanhola. Chamavam minha mãe de espanhola, Lázara. Ah, a formação dele, educacional, foi primária, primária. Mas ele, em razão da atividade profissional dele e da vivência, em muitas cidades e... e, e dos mais diferentes tipos humanos, ele tinha uma cultura, mai... digamos, era um autodidata, se for falar, digamos, culturalmente. Falava até que razoavelmente bem, um erro ou outro de português, porque a nossa língua é a mais difícil, sem dúvida, nossa gramática, mas muito próprio. (pagina 295)

Outra maneira de autoafirmar-se é quando diz da sua origem, arriscando até palavras em espanhol (o que também acontece durante o programa, como veremos mais adiante):

Então meu avô nasceu, meu avô é primogênito, de Antônio Fernandez Gonçalves, meu bisavô, *español* de Málaga, Granada. Meu avô nasceu em Bauru porque o pai veio como colono. Espanhóis, como muitos vieram, até italianos, aí, vinham como colonos, né? E... trabalhava aqui no café e meu, meu avô, até mocinho, ficou, eu tenho uma foto em casa, aquele carro de boi, com umas... quatro parselhas assim de seis a oito bois e ele com aquele grande, varal que fala, varão e tal, conduzindo boi, sacas e sacas de café na chamada carretela, né? É... e, evidentemente, indo da fazenda até a estaçõzinha de Val de Palmas. (página 297)

Bem como nesse exemplo: "Então, Maria e José se casaram, primos *hermanos*... e nasceu só a minha mãe, Lázara Gonçalves Martins..." (página 298)

E neste outro: "É, o lado de Minas é mais português, mas eu, por ter nascido em Bauru, por ter origem dos espanhóis, meu sangue é muito mais espanhol." (página 298)

Mas há exceções. Principalmente ao se acostumar com a entrevista, quando ele relaxa, passa abreviar palavras (trocando você por cê) ou como nesse exemplo em que

diz "espanhor" e não espanhol: "[...] Acho, até, algumas reações, como aquela, por exemplo, é piada: fala pra um espanhor que no Fusca não sabe 60 pessoas, ele coloca 90, né? [risos]" (página 298). E aqui, ao falar "futebol":

Aí o Horácio foi buscar a equipe... quando acabou, tipo duas horas da tarde, uma e meia, o Torneio Início, e disse: ô, Walter, cê gosta de narrar, é? Eu falei: ah, eu pretendo sim, ser um narrador, né? Futebol, e tudo, né? Eu vou dar um jogo pro cê, qualquer hora, mandar o Campoio te escalar. Aí me escalaram, num jogo um dia aí, que o BAC tava na segunda, terceira divisão... (página 301)

Walter Lisboa também passa a fazer uso de gírias e a esquecer-se da concordância, como quando fala da sua curta experiência na área jurídica:

[...] fazendo direito, escriturário [...] arrumava cada discussão lá naquele salão! A Ipiranga era muito fera, na época. Era um regime rígido. O gerente era o Pelegrino Bruno e... eles não gostavam, né? Porque eu... tava acostumado com ambiente de rádio, de conversar. E eu tinha um colega que trabalhava na Operações, com.. o Darci de Castro, que fo... tava na minha turma de direito! Então, vez em quando, nós arranjávamos discussão naquele salão cheio de funcionário [risos], os cobras, lá, os chefe, ficavam lá na outra sala, mas ouviam, né? (página 302)

Ou quando fala da necessidade de mudança de horário na UNESP FM para apresentar o Vida Caipira ao vivo: "Bom, mas depois de coroa, tanto tempo no rádio eu fazer Mundo Rural? E... vou ter que levantar às 5 da manhã! Aí levantava às 5 mesmo! Pô, eu sempre fui, num fui um cara... porque normalmente, não sei também se em função de tudo à noite, que eu fiz faculdade, eu... eu nunca dormi cedo" (página 308). Ou quando brinca sobre a provocação de um amigo (ex-colega de rádio e ex-prefeito de Bauru): "[...] Tidei falou: ô, Lisboa, cê precisa ler mais Estadão! Porra! Pô, mais do que eu leio? E já tô aí com direito terminando! É! Brincadeira, né?" (página 314)

Fica evidente, como já afirmamos no primeiro capítulo ao mencionarmos o falar caipira e paulista, que o locutor, assim como boa parte dos habitantes do centro-oeste do Estado de São Paulo, tem a pronúncia do erre bem pronunciada - o chamado retroflexo por levar a língua a um movimento para trás, ou "inglês", como diz Amaral (1976, p.48).

Ademais, consideramos que o uso da língua em conformidade com a situação é comum. Adaptamos nosso modo de falar ao público: com mais desvios da norma culta, regionalismos, gírias, etc. quando estamos descontraídos; e mais próxima da regra

quando estamos em uma situação formal ou de tensão. Aqui residia um dos motivos que nos levou a essa entrevista: ao ouvirmos o locutor Walter Lisboa pelo rádio, em transmissões esportivas e outros programas de entretenimento, sua fala apresenta poucos desvios da norma culta e nenhuma menção à vida pessoal. Até o erre retroflexo é disfarçado, trocado por uma pronúncia "paulistana", em que a letra é falada como se estivesse entre vogais (como quando dizemos a palavra marítimo, por exemplo).

Ao ouvirmos o "Vida Caipira" aparece o locutor caipira, cuja fala é preenchida de desabafos, regionalismos, desvios gramaticais, etc. Como ele demonstra grande apreço pelas músicas, conta de sua infância, demonstra conhecimento sobre as rotinas de uma fazenda e continua usando seu nome, o personagem chegou a parecer-nos real. Tivemos a impressão de que Walter Lisboa confessava-se caipira, como os catireiros mencionados anteriormente. Nessa próxima abordagem ele permite que identifiquemos melhor as diferenças entre ele e seu personagem.

A primeira distinção é sua paixão pelo futebol. Sua vontade de ser jogador de futebol o levou à cobertura radiofônica do futebol de várzea. Em pouco tempo, realizou o sonho de entrevistar seus ídolos e de se tornar narrador. Lisboa fala do início:

Eu comecei com 17 anos fazendo uma espécie de amator, Leonardo de Brito era o chefe na antiga Terra Branca... lá na... o Leonardo de Brito do Confiança! E... tinha um negócio de cobrir futebol de várzea no domingo e eu fui lá fazer... bom, minha primeira intenção, desde garoto, queria ser um jogador de futebol profissional. Mas como meu pai, eu lembro até hoje, quando eu saí do ginásio, molequinho com 11 anos, molequinho e tal, primeira série, ele disse: olha, a partir de, quando começa dia tal, segunda-feira, o senhor das duas [...] da tarde até as cinco da tarde, você num sai de lá. Só toma um cafezinho e tal... então, eu fui... aliás, minha educação era... eu falo tradicional família mineira pra dar um charme e tal, né? [...] foi rígida! (página 297)

Daí a ser contratado por uma emissora demorou pouco:

Aí, depois de um ano o Horácio Cunha, que foi meu primeiro grande patrão, e dono da Terra Branca, um dos pioneiros, também, do rádio em Bauru, que trabalhou muito tempo com o senhor João Simoneti na Bauru Rádio Clube, onde tá até hoje as colunas, onde é a TV Tem... o seu Horácio precisava de locutores, alguns estavam indo embora pra São Paulo, o João Costa, por exemplo, tava indo pra Bela Vista, pra Bauru Rádio Clube, que existia, PRG-8, famosa, e fez um concurso lá. E eu me meti a, primeiro de direito, foi na época que não tinham começado as aulas, eu fui lá com meus 18 anos, já tinha uma experiência mesmo, digamos, de domingo falar sobre futebol varzeano, né? E aí, modéstia a parte, a minha voz era considerada uma voz bonita... uma boa parte... foi considerada uma voz bonita. Num tô querendo jogar confete, mas eu sei da voz que eu tinha, do potencial. E fui e fiz lá... eu

lembro até um dos texto era: o rato que roeu a rede do rei de Roma e... erre, erre, erre, né? (página 299)

Na passagem a seguir, o apresentador fala do sonho de entrevistar seus ídolos e do início como narrador esportivo:

Não, aí, praticamente com seis meses, me chegou o seu Horário e falou assim: ô, Walter... o Noroeste no auge, né? naquele tempo de Santos de Pelé, Corinthians com Rivelino no aspirante, Palmeiras chegando o Ademir da Guia, Dudu e Ademir... só tinha timaços! Né? Era uma época romântica, me permita... eu fico vendo, eu... tenho saudade, sou um saudosista, sou saudosista! Muita coisa atual eu acompanho, mas... [...] senhor Horácio chegou e falou: olha, o negócio é o seguinte, o João Costa, que fazia os visitantes, foi pra Bauru Rádio Clube e era o repórter, tinha dois repórter, narrador em cima, comentarista, e o repórter de meta, que também fazia entrevista depois no vestiário, né? O Noroeste cê num pode fazer, Walter... é, cê entende de futebol, men... ô Walter? Ô, claro seu Horário, Ô! Eu sou, eu quase que fui jogador! Então, cê vai fazer a meta dos visitantes e dos [inaudível]. Sabe por que? O Leonardo fica a semana inteira aqui, no dia, e... e faz redação, e faz boletim, o Noroeste é prioridade dele! Pô, mas num tem problema! Deixa o Noroeste pro Leonardo! É o que eu queria mesmo, os visitantes! As atrações! Coutinho, Durval, Pelé, Gilmar, primeiro no Corinthians e depois no Santos! Ah! É isso que eu quero! Então, quando mandavam, eu via lá embaixo, vai lá Lisboa, Santos chegou? Chegou! Se deixasse eu tomava conta da transmissão! Eu falava o tempo todo, entrevistava todo mundo! Vestiário, então, nem se falava! Pelé? Tá aqui o Pelé! Nesse tempo ainda, quando eu comecei, a família ainda morava em Bauru! Entendeu? Então, nossa! Aí eu... e doidinho pra pegar o microfone pra ser narrador, né? Aí, um dia, teve um torneio Início, e o Campoio, tá vivo o Campoio ainda, o Campoio era... ele gostava da molecada, né? E já tava cansado! Já era... bom, eu participei da Gurilândia, na Auri-Verde, e o Campoio era apresentador e eu moleque de calça curta! Pô! Pra você ter uma ideia! E lá na frente fui ser colega dele, no rádio. Ele comandante da equipe esportiva. Então, o Torneio Início era 15 em 15 minutos cada jogo, tal [inaudível], lá na arquibancada do BAC, ainda tinha as arquibancadas e coisa e tal! Então, largava, fazia a abertura e tal e largava o jogo pros... pros foca, né? Digamos assim, entre aspas, né? Que estavam achegantes, querendo aprender. Aí, largou pra mim um... determinado Torneio Início e eu pá! Mandando vê, né? Nessa altura eu já tinha visto os time que tinha, né? Botava os vencedores, Torneio Início e tal! Aí o Horário foi buscar a equipe... quando acabou, tipo duas horas da tarde, 1 e meia, o Torneio Início e disse: ô, Walter, cê gosta de narrar, é? Eu falei: ah, eu pretendo sim, ser um narrador, né? Futebor, e tudo, né? Eu vou dar um jogo pro cê, qualquer hora, mandar o Campoio te escalar. Aí me escalaram, num jogo um dia aí, que o BAC tava na segunda, terceira divisão... divisão terceira, lembro até hoje, BAC e Alumínio. Paulo Milton vai lá, vai abrir, e você vai narrar o jogo inteiro. O Paulo fica ali pra uma emergência, se você pipocar... rapaz, eu fui pra esse jogo, num sábado a tarde, lembro até hoje, o Ari Gomes, que já faleceu, era o comentaristas, ele olhava pra mim assim, fazia uma cara de quem não tava agradando, não... e, começou o jogo, eu com a escalação na frente, depois cê vira, né? E eu, zagueiro, olhava a escalação, olhava a bola e me perdia, aí eu... [...] na verdade, eu num fui muito bem na narração, eu me lembro porque, com 15 minutos eu tava apavorado e tal, começou a dar branco, eu me perdia na jogada... eu... ia falar do goleiro e... ia bater o tiro de meta, já tava na mão do outro goleiro, tava perdido na transmissão. (página 301).

Daí sua carreira na área esportiva cresceu bastante:

[...] na Batista ficava a Bauru Rádio Clube: ah, tem vaga! Aí eu fui lá, apresentei, era o Célio Gonçalves que tava na direção artística. Eu falei, olha eu queria voltar a fazer rádio, já fiz na Terra Branca, vai daqui vai de lá, ele disse assim: [...] O Walter vem aí às 7 horas, agência nacional, né? Na altura já tinha o projeto Minerva, meia sete. Depois... faz uma gravação com ele, dá uns boletins pra ele ler e faz uma gravação. Aí falou assim: cê vai ficar fazendo boletim regional. Era Regional Clip, né? Tipo Renner roupas, entende? roupas feitas, patrocinava o Regional Clip. Tá bom, de hora em hora? A partir da uma da tarde até as 5... até as 6. Daí, o seguinte, depois, é... tem a Bola com a Melhor Equipe, das 6 e meia às 7, escuta só, dá pra você apresentar? que hora começa a aula? 7 e 20. Não, eu faço sim, eu saio às 6 de casa, moro aqui perto, na Antônio Alves. [...] Aí, isso me valeu porque o Arseno me ouviu, das 6 e meia às 7, [...] apresentando, e tinha um programa das 11 ao meio-dia. Disse assim: ó, fala pro Amir Fahra, [...] não fazer mais, ficar só como repórter com o Nivaldo, passa aquele garoto (falou, falava garoto ainda pra mim, né? Tinha 23 anos, mas cara de moleque mesmo), pra ele fazer o programa das 11 e meia ao meio-dia, também. Aí o Fahra, o Arseno foi comigo e tal, com jeitinho e tal, tirou as informações, né? Gostava da coisa, ouviu que eu entendia, se bobeasse e... tal... começou a me puxar pra ele. Me levou pra equipe de esportes! Faz a abertura aí! Aí eu fazia a abertura e coisa e tal, aquele negócio todo... sol quente, e laralá, aqueles lero-lero, né? Aí eu agudava a voz, que minha voz é grave, né? Origem ela é grave. Cê tinha que agudar, era uma dificuldade. Agudar a voz pra ficar uma voz mesmo... vibrante, mais metálica, coisa e tal, né? Própria pra narração! E... [...] Só na rádio e comecei, aprendi a fazer... [...] a desenvolver a venda e publicidade, [...] porque o salário de rádio nunca foi os absurdos da vida. Então, evidentemente que eu comecei a fazer uma carteira, vender publicidade, depois comecei também a atuar em jornal, tive uma época no diário de Bauru, fui editor de esportes no Diário de Bauru, era uma página dupla todos os dias que tinha que escrever... depois, mais tarde, eu tive também no jornal da Cidade, conciliando, em parte, com o rádio, até que o diretor da época, comercial, Zé Eduardo de Carvalho, falou: ó, se não ficar aqui... o Jornal da Cidade foi uma fase brilhante pra mim, cê ter uma ideia... era salário superior a muito alto funcionário, aí médio, digamos, do Banco do Brasil, tava ganhando uma nota! (página 304)

Após entrar na UNESP FM no primeiro concurso para locutor (no qual ficou em 5º lugar) Walter Lisboa tornou-se o locutor do programa "Vida Caipira". Sentiu a necessidade de compor uma apresentação diferente: "[...] Aí, no Vida Caipira, que eu comecei a me amoldar, a fazer, criei um estilo, um estilo meu e tal. Eu nunca me propus a fazer sertanejo, num era esse o... o meu... mas eu tenho, evidentemente, hã... origens! [...] Origens, mesmo! Lá atrás!" (página 306).

Mais adiante também reforça suas origens, como vemos nessa passagem:

[...]e eu tinha muita origem! Chegou, né? contei de Minas a passagem, né? E meus antepassados a maioria da zona rural. Só que pra apresentar no rádio e tal, eu fiz um... alguma coisinha de estilo, eu boleei a mensagem, que eu gosto de fazer a mensagem no final do programa, às tantas, pegou... fiquei um pouco magoado quando tiraram o sábado e o domingo...(página 306)

Há, nas falas de Walter Lisboa, clara demonstração de conhecimento da audiência do programa (ou confiança na existência dela), mesmo sem dados que a comprovem, como vemos aqui: "e um dia eu perguntei pro meu diretor por que num tem mais sábado e domingo? Quando muitos feirantes tavam ouvindo, antes o Mundo Rural, depois Vida Caipira. O Mundo Rural antes tinha de segunda a segunda, era direto."

Quando perguntamos ao locutor no que pensa ao apresentar o "Vida Caipira", ele afirma:

[...] Ah, eu me transporto pro... pra tipos rurais e... paisagens, de Minas que eu conheci muito, dos meus tios, todos eles já falecidos, do Rio Verde, que eu tenho alguns amigos ainda... tipo assim, Luiz Lemos de Almeida, que é mais velho que eu, que mora até hoje... sou... o pai, que tem fazenda... depois... viaja, né? Fica os herdeiros, tem que dividir, ele tem lá um bom pedaço de terra ainda. Eu mando alô, às vezes, ô, Luizão! (página 314)

Apesar das diferenças, a construção de frases, a ligação com as mais variadas ideias ao tratar de um tema, dando voltas, usando muitas reticências, perguntando e respondendo, é típica de Lisboa. Como nesse exemplo da página XXX: "[...] por que o meu primeiro nome é Jesus? Porque poderia ter nascido no dia vinte e cinco, exatamente, já estava... esperava-se dia vinte e cinco, Natal, Jesus, e tal, que eu nascesse em vinte e cinco". Ou aqui: "Casavam cedo, século 19... praticamente, né? É!" (página 293)

Já no fim da entrevista, Lisboa decide contar que é o inventor do título "Jogo Aberto", usado sem seu consentimento por uma emissora de TV. Interessante notar como ele dá voltas até chegar no desfecho da história, perguntando e respondendo:

[...] às tantas, surge o jogo Aberto lá na Bandeirantes, ué!? Tudo bem e tal. Se eu ainda tivesse registrado na propriedade industrial eu ia... fazer um oba-oba, mas agora, mesmo sem oba-oba, eu... vai falar: cê tá contando farofa, aí. Num tô farofa, não porque eu tenho em casa o Diário de Bauru, na época em que eu fui diretor de esportes, e tem lá a chamada: neste sábado... porque, por exemplo, às vezes, vinha figura exponencial de São Paulo, nas quinta-feira, alguém bateu: ó, o Zé Astolfi tá aí! Então, como é que fazia o jogo aberto? Era editado! [...] eu ia no cidadão e falava: olha, Astolfi, cê pode... nós temos um programa assim, assim, com entrevista, pinga-fogo, coisa e tal, chama Jogo Aberto, é... qual... eu vou fazer uma palestra até as 8... cê pode gravar das 9 até as 10? às noite... ou das 10 às 11? Ah! E quando o assunto ia, nós tínhamos liberdade pra avançar mais uma hora. [...] geralmente, ia pra duas horas! Então, aos sábados, entrava às 6 e ia até as 8 da noite. Aquela fita de carretel, eu tenho algumas fitas em casa! Então, era na quinta-feira, então eu corria na sexta-feira de manhã, nós tinha um convênio com o Diário de Bauru, não com o JC, com o Diário de Bauru, claro, a audiência tava lá, no

Diário, é... ó, precisa soltar essa chamada aí: nesse sábado, a partir das 18 horas, Jogo Aberto com José Astolfi Neto, presidente do sindicato dos árbitros do Estado de São Paulo... é... com Walter Lisboa, Galvão... Galvão de Mo... é, José Carlos Galvão, Tidei de Lima, que era da minha equipe, Valdomiro Borges, se tivesse mais alguém, Edmur Geraldo que era do plantão... eu tenho a chamada. Então, tá aí o Jogo Aberto! Mas esse título, seu Walter Lisboa...descobriu!

Talvez seja uma característica própria ou desenvolvida na prática profissional, considerando a necessidade dos locutores de AM e narradores de futebol preencherem o tempo de transmissão com comentários. Afinal, não se pode ficar em silêncio ou repetindo a mesma informação muitas vezes.

Cremos que dessa forma demonstramos como fala Walter Lisboa e suas preferências. Agora, vejamos como é estruturado o roteiro do programa "Vida Caipira" para oportunamente analisarmos as falas do apresentador.

4.2 - Os dois roteiros: o impresso e o imaginado

Desde as análises preliminares do "Vida Caipira" percebemos a grande rigidez do seu roteiro. Ao conseguirmos o espelho da programação do dia 17 de abril de 2012 (anexo 4) notamos a existência de dois roteiros: o primeiro, impresso, contendo as dez músicas e seus respectivos intérpretes e compositores. O outro, está na mente do locutor. Contém a estrutura da abertura (cumprimentos, efemérides e santos do dia, e depois o anúncio dos cantores que cantarão no programa e da primeira moda de viola). Seguem três músicas e a segunda fala, dizendo quais músicas tocaram, formas do ouvinte pedir músicas e qual a próxima atração. Depois de mais três canções, a terceira fala também é dedicada a anunciar e "desanunciar"³⁷ músicas e dizer os créditos.

Depois de outro bloco de três modas de viola, a quarta e última fala é dedicada a dizer quais músicas acabaram de tocar, um texto do tipo "autoajuda", de

37 - Este termo usado nas emissoras de rádio, como pode-se supor, serve para designar as músicas que já tocaram. Anuncia-se a música que irá tocar e desanuncia-se as outras músicas que tocaram. Normalmente, na ordem cronológica inversa: a que tocou por último, seguida da penúltima música e assim sucessivamente.

aconselhamento, e o anúncio da última música do programa com a despedida. Todo esse esquema rígido é "recheado" de improvisações, desabafos e comentários.

De modo geral, a UNESP FM tem um estilo mais formal ou mais comedido. Seus locutores não usam falas rápidas, tampouco engraçadas ou provocadoras. Ortiz e Marchamalo denominam este estilo de "institucional" (2005, p.75). O "Vida Caipira" é exceção na rádio, foge do padrão usado por ele mesmo em outros programas e de outros locutores.

Vejamos alguns exemplos que constam da nossa transcrição dos trinta programas analisados. Na primeira fala, após a vinheta de abertura a frase é sempre a mesma: "Bom dia amigos, muito bom dia!". Segue dizendo o dia sempre falando o dia da semana, repetindo o dia da semana com o dia do mês e repetindo o dia do mês com o nome do mês e o ano, exatamente assim: "Hoje é quinta-feira, quinta-feira 26! 26 de abril, 2012!" e "Hoje é terça-feira, terça-feira 17! 17 de abril de 2012!".

Apenas nos dias 30 de abril, 10 de maio e 14 de maio o locutor não mencionou a data e, conseqüentemente, também não mencionou a efeméride e o santo do dia. Como deve ficar claro, esta é uma estratégia para tornar o programa "frio", ou seja, fazê-lo caber em outros dias em que as gravações eventualmente falharem por algum motivo.

Após dizer o dia, o mês e o ano, segue exclamando "Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!".

Ele continua a primeira fala com as efemérides do dia, cumprimentando especialmente os profissionais que comemoram o seu dia. Como nos três exemplos a seguir:

Exemplo 1:

Bom, hoje, dia 25 de abril, é dia contabilista, alô Odair Damaceno! Meu contabilista, té parece que sou um grande impresário, né? Mãi, sabe como é, negócio de imposto de renda é meio complicado, né? Compadre! Tá o Odair [inaudível], trabalhando mai do que né? Mais é bom! O Gustinho, tamém! O Gustinho, grande amigo tamém! O Silva tá, tá levando lá seu imposto de renda, né? Silva! É.. p'cisa declarar direitinho! Cê viu o Assis? O irmão do Ronaldinho?! Tá complicado aí, né? Muito dinheiro, coisa e tar! Andou levando lá pá Suíça, coisa e tal! Bom deixa pá lá! Parabéns ao bom contabi... contabilista, grande profissional o contabilista, parabéns pelo seu dia! 25 de abril, a contabilista é muito importante, num resta dúvida! Muito, muito,

muito! E é um dos esteios, alicerces da nossa grande economia! Economia do Brasil emergente, né? No aspecto mais mundial, internacional, ê! Bacana mémo, sê contabilista, né? Muito bom! (página 205)

Exemplo 2:

Bom, hoje, 24 de abril, hoje é dia internacional do jovem trabalhador! Jovem trabalhador, seu dia! Dia internacional! Nossos cumprimentos a todos os jovens trabalhadores, tá? Pelo seu dia, dia internacional do jovem trabalhador! Parabéns! Oh! Ah! Meu neto, por exemplo, é um jovem trabalhador, Thiago! Beleza, né? Muito bom! Imagine, hein? meu Thiago, mais velho, já um jovem trabalhador! Estudante também, claro! Tá estudando e tal... como você também tem seus filhos, jovem trabalhador, seus netos, alguns têm até bisneto, jovem trabalhado, parabéns! Parabéns, dá um abraço no jovem trabalhador, dá um abracinho, você pai, dá um abraço no seu filho, jovem trabalhador, né? Beija seus filhos, aliás, todos os dias você deve abraçar e beijar seus filhos, né?... sabe que antigamente, vou confessar, né? Difícil os pais ficarem abraçando todo dia e beijando, né? Muitos filhos, às vezes, sei lá, e coisa e tal. Hoje é muito diferente: se encontra o filho assim e beija e abraça! moderninho? Sei lá se é moderninho, mas é bacana, né mémo?! Beijar e abraçá! E, bonito! Muito bom! (página 199)

Exemplo 3:

Então, hoje, dia 23 hoje é dia mundial do livro! Oh, livro! Que te quero tanto!Que me ensina tanto! Embora nos últimos tempos, muita gente despreza o livro... o livro é tudo! Dia mundial do livro, dia mundial do escoteiro e dia de São Jorge! Eh, São Jorge! Nosso santo, né? Padroeiro, pra muita gente! Nosso grande santo, né? São Jorge! Então, nossos respeitos, cumprimentos a todos envolvidos na efemérides, né? Dia mundial do livro, até os livreiros, né? Quem trabalha com livro, vende livro, é muito importante! Taí espalhando, né? Uma cultura tremenda! Enquanto estamos na Terra isso é muito importante! Dia mundial do escoteiro! Êh, escoteiro, hein? E dia de São Jorge! Nossos cumprimentos, mais uma vez, nossos respeitos! (página 195)

Continuando, na primeira fala, Walter Lisboa, com poucas variações, após a efeméride do dia, diz qual o santo católico do dia, como nas três seguintes amostras, sempre três vezes:

Exemplo 1: "Bom e no capítulo “santos do dia”, hoje é dia de São Cezário, Santa Inês de Montebitiano. Santos do dia: Inês de Montebutiano e Santo Cezário. Santos desse 20 de abril, Santa Inês de Montebutiano e Santo Cezário" (página 191).

Exemplo 2:

E no capítulo santos do dia, hoje é dia dos santos Hermógenes, Gálata e Santo Expedito! Olha o Santo Expedito! O santo das causas impossíveis, né por aí e tal? Santo Expedito! Santos do dia, Santo Expedito, santa Gálata e santo Hermógenes. Santos deste 19 de abril: são Hermógenes, santo Expedito e santa Gálata! (página 188)

Exemplo 3: "Começamos com Lourenço e Lourival! Não! Mas antes tem o “santo do dia”, quase que eu esqueci! Hoje é dia de santos Apolônio e Galdino. Santos deste 18 de abril, Apolônio e Galdino! Santos do dia: são Galdino e santo Apolônio"(página 185)

Segundo Willems (1961, p.171), a tradição de veneração aos santos católicos era bastante comum na área rural, com a existência de festas em homenagem ao santo (ou santos) mais popular da comunidade. Inclusive o autor mostra que em determinada época, os santos do meio rural eram desconhecidos na cidade, bem como, os da roça eram na cidade.

Já mencionamos a lei nº 11.652, de 7 de abril de 2008 e seu, parágrafo único, que, às emissoras públicas é "vedada qualquer forma de proselitismo na programação". Na primeira fala Lisboa cita os santos e na última, como veremos, faz alusões a sua própria crença.

E, finalizando a primeira intervenção, anuncia a primeira música do programa. Sempre assim: nome do cantor, cantora ou dupla, nome do compositor ou compositores e nome da música. Assim:

Exemplo de 27 de abril: "E o nossa Vida Caipira vai começá, então, com Dino Franco e Moraí, do Anacleto Rosa Júnior, cavalo preto!" (página 212

Exemplo de 11 de maio: "E o Vida Caipira começa e começa bem, Almir Sater, de Edu Lobo e Capinan, viola fora moda!" (página 247).

Exemplo de 21 de maio: "E o Vida começa com Pedro Bento e Zé da Estrada, do Bento Júnior Guedine, coxinilho!" (página 270).

À primeira música, seguem mais duas. É o momento da segunda fala. Walter Lisboa desanuncia, ou seja, diz quais músicas acabaram de tocar. Fala o nome do programa e diz qual a forma de contato para o ouvinte pedir sua música: a caixa-postal. Com poucas variações, dessa forma: "Na UNESP estamos apresentando Vida Caipira. Ê Vida Caipira! Nossa caixa postal tem o número sessenta e um, meia um pra você mandar sua cartinha. Caixa postal sessenta e um" (página 270).

Apenas em 1º de maio de 2012 ele falou na terceira intervenção. Nas edições de 30 de novembro de 2011 e 15, 18 e 22 de maio de 2012 ele não fez menção à caixa-postal da UNESP FM.

A seguir, Walter Lisboa chama a quarta música do programa, da mesma forma em que anunciou a primeira música: nome da dupla ou cantor, nome dos compositores e nome da música. É importante registrar que poucas emissoras mencionam o nome do compositor da música. Característica da UNESP FM que, a nosso ver, é justa e necessária. No Estado da Bahia, rádios AMs e FMs foram obrigadas a dizer o nome dos compositores em 2011³⁸. Em Bauru as emissoras aguardam a mesma decisão.

Seguem-se a quinta e a sexta canções e a terceira fala. O locutor continua seguindo o roteiro, desanunciado a sexta e quinta músicas do programa, respectivamente. Diz aos ouvintes as próximas atrações e fala, novamente, o nome do programa. Na maioria das vezes, é agora que diz o nome do programador, o nome do operador de áudio que o ajudou a conduzir a apresentação e seu próprio nome. Dessa maneira: "Na UNESP, estamos apresentando o Vida Caipira! Programação musical Sérgio Magson, operação de áudio Silvestre Oliveira, apresentação Walter Lisboa" (página 271).

Nos edições do "Vida Caipira" de 16 e 22 de maio de 2012 o apresentador deu os créditos da produção na sua quarta intervenção, ambas antes da "mensagem do dia". Em 25 de abril falou os nomes dos produtores e o seu próprio na segunda fala do programa. No dia 1º de maio inverteu a posição dos créditos e da chamada da caixa-postal. Nos dias 1º de dezembro de 2011 e 23 de abril de 2012 ele não mencionou os créditos.

Nesse exemplo de 9 de maio é interessante: Lisboa brinca com a variação de sotaque que impôs ao próprio nome: "Programação musical Sérgio Magson, operação de áudio de Paulinho Pepa, apresentação Warte Lisboa, Walter Lisboa, que Warte!? Walter Lisboa! Ô! Num precisa exagerá tamém, né?" (página 241).

A terceira intervenção pode conter alguma improvisação, mas na imensa maioria das amostras, ele seguiu seu roteiro mental inalteradamente. Após isso, chama a próxima dupla, sempre dizendo o nome do compositor e o título da sétima música.

38 - notícia publicada em 2011: <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/ba/radios+baianas+terao+que+anunciar+compositores+de+musicas/n1597013048962.html> - Acesso em junho de 2013.

Na quarta fala do apresentador, ele desanuncia a nona e oitava música e prepara o ouvinte para "A mensagem do dia". A ideia inicial, segundo profissionais da UNESP FM, era uma frase curta, uma reflexão ou estímulo para o ouvinte que começa seu dia. Como o apresentador é kardecista, seus textos são espiritualistas, algumas vezes, tocando no assunto da reencarnação, dogma pregado pelos seguidores dessa religião ou falando que os textos são psicografados.

Interessante trazer, novamente, a contribuição de Emílio Willems, quando relata os hábitos religiosos da comunidade do Vale do Paraíba que estudou na década de 1940: após mencionar a quebra da "homogeneidade das crenças religiosas e mágicas" da comunidade rural, principalmente pela introdução do credo metodista, o autor segue a narração de outras formas de crença no meio. Mesmo dizendo-se, quase que totalmente, católicos, batizados e casados na igreja, "muitos confessam e comungam e se subordinam" aos ritos da igreja, mas não só. Willems afirma que a Igreja Católica não satisfazia "as necessidades que a maioria do povo" sentia "com relação ao sobrenatural" (1961, p.135). Paralelamente às práticas católicas, havia outras que o autor afirma que a Igreja não podia controlar. Havia festas, procissões e novenas "sem a autorização ou assistência do padre" (1961, p.135); cerimônias como a do "beijamento" de efígies de santos católicos, entoando cantos (1961, p.135); preto-velhos temidos e respeitados; lugares considerados sagrados (1961, p.137), nos quais a população não aceitava outras construções (1961, p.137); curadores (1961, p.153); ritos com funções especializadas, tais como parto, batismo, doenças, casamento, morte, chamar chuva, para proteger a casa, a lavoura e a criação de animais (1961, p.141), defesa de feitiços, mordedura de cachorro louco ou cobras (1961, p.154); espantar assombrações e inimigos (1961, p.155); contra lobisomem, saci e mula-sem-cabeça (1961, p.158); contra magia negra, que contém traços de manifestações africanas (1961, p.165); e o espiritismo (1961, p.168).

Segundo Emílio Willems, ao contrário do que "sucedeu com o protestantismo, o espiritismo", até aquela época, "não logrou constituir-se como seita ou comunidade religiosa organizada" (1961, p.168). Para ele, naquela comunidade, o interesse pelo espiritismo revelava a "relativa instabilidade e inquietação religiosa de uma certa parte da população", tanto no campo como na cidade.

Podemos supor que, da mesma forma que a população estudada por Willems não apresentava "homogeneidade" em suas crenças, o locutor do programa acaba por

demonstrar a mesma tolerância ao mencionar santos católicos e selecionar textos espíritas.

Dentre o *corpus* analisado, as mensagens dos dias 26 de abril e 21 de maio foram as mesmas ("de sombras e do sol") com alguma variação na interpretação da mensagem. O mesmo ocorreu nas mensagens dos dias 18 de maio e 22 de maio ("a virtude da disciplina"). Onze mensagens têm algum trecho que fala ou faz referências à reencarnação e vida após a morte. As demais, são mensagens com lições de moral. Do dia 17 de abril a 24 de maio, Lisboa diz a fonte de suas mensagens, sempre do livro espírita "Coletânea Momento Espírita, volume sete".

Destacamos que as diferenças de pronúncia e vocabulário do locutor quando está apresentando as músicas do Vida Caipira e de quando está lendo a mensagem. Em sua quarta e última intervenção diária, dois estilos: o locutor é caipira, mas o conselheiro não. Exemplo da mudança no modo de falar fica bastante evidente pouco antes de preparar o ouvinte para a mensagem do dia 20 de abril, em que brinca com sua pronúncia, antes da mensagem:

Bem, moçadinha, vâmo completando o Vida Caipira desta sexta-feira, é sexta-feira 20, 20 de abril de 2012! Vâmo completá com Chitãozinho e Xororó, do Carlos Cola e Maurício, fugão de lenha! Como eles falam, mesmo, né? Fugão de lenha! Não é fogão! Fugão de lenha, é? Escreve-se fo... efe, ó, claro! Mas é fugão de lenha a pronúncia! Bom, agora, meu caro Silva, vamos para a mensagem do dia...

Nesse instante, o operador de áudio troca o tema musical que fica de fundo e aumenta o som por alguns segundos. Aí, Lisboa diz: "A mensagem de hoje, intitulada 'uma vitória real'..."

Mais uma vez, o BG tem o volume aumentado, criando outro clima, mais reflexivo e calmo (e em nenhum dos programas analisados, remetendo ao universo caipira). Após alguns segundos, o locutor segue, agora sem o sotaque caipira:

O hábito de sonhar, é inerente ao ser humano. Todo homem sempre possui algum projeto a realizar... nas várias frases da vida, os sonhos se sucedem. A cada vitória surge um novo projeto. É bom que seja assim, pois a esperança de um futuro melhor dá colorido à vida. Todos os sonhos ligam-se ao desejo humano pela felicidade.

É na busca pelo bem-estar e da plenitude que o homem se aprimora... sem sonhos e metas para alcançar, o espírito humano fenece. Entretanto, é preciso reconhecer que a finalidade da vida não se cinge a aspectos materiais. Basta um lançar de olhos pela existência humana para constatar a sua transitoriedade. Tudo o que vincula à matéria é passageiro.

Por maior que seja a beleza física de alguém, ela passa. A mais vigorosa saúde, gradualmente diminui. [inaudível]. A fortuna é caprichosa e troca de mãos com frequência. Ninguém consegue levar sua riqueza ao desencarnar. As posições de prestígio perdem importância ou passam a ser desempenhadas por outros. Nada garante que os familiares e amores de alguém ficarão ao seu lado até o final da vida.

As pessoas mudam de cidade... tsc! Trocam de emprego, descobrem novas afinidades e interesses. Ademais, inevitavelmente, alguém morre primeiro... enfim, há sempre certo destroçar e despedaçar envolvendo a vida na Terra. Essa realidade não constitui crueldade da natureza, trata-se, antes, de um lembrete ao homem de que ele está aqui, mas não é daqui. Como sempre afirmamos, estamos de passagem. É bom e útil que se ocupe com o mundo que o rodeia e faça o possível para viver bem.

A mensagem do dia é parte da mensagem "uma vitória real" e foi extraída, a coletânea, momento espírita volume 7. E amanhã faremos a segunda parte dessa mesma mensagem, né? Intitulada "Uma vitória real"

Após isso, nova troca de BG (volta o ambiente caipira) e outro aumento da música de fundo para que o locutor volte com seu sotaque caipira:

Bem, vâmo completá o Vida Caipira desta terça-feira 17, 17 de abril se 2012, Zé Ramalho, dele, é música, hein? Chão de giz! E lá vem o gogó do Zé Ramalho!! Abraço, moçadinha, e bom dia! Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira. Bom dia!

Das trinta mensagens, vinte e oito são extraída do livro "Coletânea Momento espírita, volume 7", como podemos constatar na transcrição dos programas de 17 de abril a 24 de maio de 2012. Desse total, dezenove mensagens foram, por nós, consideradas de autoajuda ou de aconselhamento (versando sobre amizade, gratidão, tolerância, etc.), sem mencionar a Deus, o evangelho, e ideias afins. Vejamos dois exemplos mais evidentes. Em 30 de novembro de 2011, quando diz o texto "Os homens também podem chorar" e sequer menciona a fonte de onde retirou a leitura:

Os americanos sempre aprenderam que só os maricas é que choram. O doutor [irreconhecível] cita o caso do esquimó que é livre para chorar sem que esteja sob ameaça de desdém. Ao mesmo que observa que, entre os esquimós, raramente ocorrem problemas psicossomáticos. As emoções profundas que não se manifestam pelas lágrimas, fazem os outros órgãos chorarem. Estudos especiais feitos pelo exército dos Estados Unidos mostram que os homens recorrem a outros subterfúgios antes de darem vazão às lágrimas: rangem os dentes, apertam os pulsos, vomitam e até mesmo desmaiam. Mas se forem jovens e corajosos americanos não chorarão. Isto é para os molengões. Suponhamos que você veja um homem conhecido, um homem por quem tem grande consideração chorando. Você deixaria de respeitá-lo? Você, você mesmo, não se viu em situações em que se viu prestes a chorar?

O texto de 7 de maio de 2012 é sobre a gratidão, mas de fonte espírita:

Mas pensando bem, como nos fez bem aquele conhecimento que nos foi repassado ainda sexta-feira, graças à pesquisa, o quanto nos prendeu a atenção no romance, a história, os exemplos citados. Podemos expressar gratidão escrevendo cartas de agradecimento a pessoas que fizeram algo de bom por nós ou para outras pessoas. Quantos de nós tiveram a sua infância abençoada por uma vizinha gentil que, ciente das dificuldades em nossa casa, providenciavam que nos chegasse o que era considerado supérfluo, mas tão necessário para os pequeninos. O chocolate, o bolo, o passeio... Recordamos-nos alguma vez, já adultos, de en... de lhe endereçar um cartão pelo aniversário? Natal? Ano novo? Mandamos? Um cartão que lhe recorde do quanto lhes somos gratos por aquelas pequenas coisas que fizeram a nossa felicidade de petizes, de criança. Quantos de nós tivemos a ventura de cursar escolas particulares, cursos de aperfeiçoamento, porque alguém, amigo, parente, colega, nos estendeu os recursos necessários? E quantas vezes já exercemos a gratidão? Expressando a como amigo, como a visita especial? Quantos tomamos do telefone para dizer: "obrigado por você existir"? Obrigado por ser meu amigo! Obrigado pelo livro que me emprestou! Pelas horas que passou comigo! Obrigado pela roupa que me cedeu! Por ter me levado a passeios! Por ter providenciado a viagem que eu tanto desejava! Pelas inúmeras caronas nos dias de frio e chuva! Obrigado ao médico por prescrever a correta medicação que nos devolveu a saúde! Obrigado ao motorista de ônibus que nos conduz, ao porteiro que nos abre a porta, a servente que nos traz o café... obrigado, obrigado!

O restante, ou seja, onze, era claramente espírita, mencionando a paz e a sabedoria alcançadas na vida após a morte e a reencarnação (em abril, as mensagens dos dias 17, 18, 20, 23, 24, 25 e 26; em maio, 8, 11, 15 e 21).

Vejamos um exemplo mais explícito de mensagem espírita, do dia 18 de abril:

Então, como dizíamos, não podemos colocar todas as expectativas em algo transitório, sob pena de cruéis decepções. Quem reflete facilmente conclui que a felicidade plena não é possível na terra. Aqui, sempre haverá um elemento de instabilidade, a causar aflição. Contudo, o desejo da felicidade é inerente ao homem. Importa, pois, descobrir metas, cujo alcançar, de fato, conduza à plenitude do ser. Essas metas nada podem de instável e incerto. Conseqüentemente, não podem se vincular a questões transitórias. Tendo em vista que todo homem cedo ou tarde morrerá, é preciso descobrir quais tesouros ele poderá levar consigo. Por certo, não serão riquezas, títulos, posições e honrarias. O espiritismo ensina que os espíritos encarnam e reencarnam infinitas vezes com o propósito de se aperfeiçoarem. Ao final do processo, todos serão plenos de amor e sabedoria. Coerentemente, uma meta realmente importante, em termos de vida imperecível, liga-se ao alcance desse propósito maior. Todas as outras vitórias grandes ou pequenas são passageiras. A mensagem do intitulado, começamos ontem, né? E a dividimos em duas partes, uma vitória real, ah? Acho que é certo em duas partes, porque podia ser em três partes, mas dividimos desta feita, em apenas duas partes. Da coletânea do livro Momento espírita, volume 7. Aliás, essa semana vi uma pesquisa, rapidinha assim, tipo duma enquete no jornal... falava de ressuscitação, né? E num falou do reencarne... então, uma boa parte, parcela aí, faz confusão ressuscitar e reencarnar. Ressuscitar, só Ele, né? Jesus. Ressuscitou. Reencarnar é diferente, até porque realmente a carne é matéria passageira, o espírito sim, criação de Deus, é eterno. Então, reencarnar é um negócio, né? É o correto raciocínio. Ressuscitar, somente o

Mestre. Completamos com João mineiro e marciano, no Nelson Ned, tudo passará!!! Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus, sempre! Novamente aqui estaremos pra mais um adição do Vida Caipira. Um abraço moçadinha e bom dia!!!

No dia 17 de abril de 2012, ele mencionou o livro assim: "A mensagem do dia é parte da mensagem "uma vitória real" e foi extraída, a coletânea, momento espírita volume 7. E amanhã faremos a segunda parte essa mesma mensagem, né? Intitulada 'Uma vitória real!'. No dia 27 abril, dessa forma:

A mensagem do dia, "de sombras e de sol", essa mensagem como a de ontem é redação do momento espírita, mas ela foi tirada... é com base na mensagem passada pelo espírito de luz de Joana Di Angelis, psicografada por Divaldo Pereira Franco, o grande médium baiano. Editora Leal, e está na coletânea Momento Espírita, volume 7

Em 10 de maio, Lisboa encerra a mensagem assim: " A mensagem do dia 'viver como as árvores' essa mensagem está encrustrada na coletânea Momento Espírita, livro, volume 7".

Logo, mesmo que a mensagem não trate do dogma mais conhecido do espiritismo (a reencarnação), ao fim ele menciona a fonte e, às vezes, como vimos, o responsável por psicografar a mensagem de um espírito. Somente nas edições de 30 de novembro e 1º de dezembro de 2011 Lisboa não menciona a fonte de onde retira as mensagens ("Os homens também podem chorar", partes 2 e 3, respectivamente, falando que é natural que homens demonstrem sentimentos, sem menção a Deus, reencarnação, vida após a morte ou outros temas metafísicos).

Após a mensagem, o locutor volta a usar o "falar caipira" para anunciar a décima e última música do programa. Em sua despedida, invariavelmente, usa a seguinte frase (iniciando-a com "bem, moçadinha" ou "abraço, moçadinha"): "Bem moçadinha, amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha e... bom dia!" (como podemos constatar nos trinta programas transcritos no anexo 1).

Creemos que conseguimos demonstrar que o roteiro entregue por Sérgio Magson a Walter Lisboa é a base para a existência de outro roteiro, na mente do apresentador. Com a estrutura do programa decorada, Lisboa tem condições de improvisar sem alterar o andamento do programa.

Selecionamos, a seguir, alguns exemplos de improvisação nas quatro falas do programa. Na sua primeira intervenção do dia 18 de abril, além do que já mencionamos (as maneiras fixas de dizer a data, de cumprimentar os ouvintes, dizer efemérides e os santos do dia e anunciar a primeira música), Lisboa improvisa:

E a feira do livro, falando em Monteiro Lobato, continua lá no SESC, compreend... continua, é?... é isso mémo? É? Continua sim! Muito bem! Essa semana ainda tem, a derradeira semana.

E meu filhão tá lá tamém, está lá com seus livros e tal! Então, Monteiro Lobato, também hoje é dia mundial do radioamador! Portando, hoje um dia muito importante, né?! Dia mundial do radioamador, o radioamador é uma coisa impressionante, ainda, né? A utilidade... o trabalho dele é... não foi só lá nas guerras, não, nos acidentes aéreos aí, tipo quando cai na selva, um grande Boeing, etecétera e tal... continua, né?! E nossas florestas continuam, também nas cidades, conforme a distância dos grandes centros lá... o radioamador é tudo! Parabéns, ao bom profissional! [risos] É amador, né? Eu falo profissional pra dar assim um tchã maior, no exercício, né? Do... do... do verdadeiro sacerdócio que é ser radioamador, é!! Parabéns, parabéns a todos os radioamador de toda Bauru da região e do Brasil afora, né? Quase que eu engasguei, hein?... e o hoje é dia de Monteiro Lobato! Parabéns aí aos cultores, principalmente da obra de Monteiro Lobato! É isso aí! Principalmente a moçadinha da literatura infantil... tem muita gente que não liga, né? Meu filho tem videogame, tem computador, já é bom no computador, é bom não sei aonde, coisa e tal... pois é, mas o livro é tudo, né? Não resta dúvida! Vai evoluindo o mundo, mas quem tem leitura, he... lá na frente vai ver. É... eu tenho, eu conheço os grandes intelectuais não podem dispensar a leitura, né? Um bom livro! E o Monteiro tá devidamente incrustado nos nossos grandes imortais, né?! Em termos de cultura, de literatura, principalmente, infantil.

Nessa primeira fala do dia 8 de maio de 2012 também:

Daqui a pouco nói vâmo ouví Cascatinha e Ihana, ôh! Cascatinha e Inhana muito tempo tocô ela na Bauru Rádio Clube, tempo de criancinha, o Pepa nem era nascido nessa época, é, Cascatinha e Inhana! E eu mulequinho, mulequinho ia lá cá minha vó Maria, assistindo o cirquinho de [inaudível] apresentações de Cascatinha e Inhana, é! Tem gente que num sabe disso, né? Cascatinha e Inhana veio cum circo, aí de o circo foi embora eles ficaram, eles gostaram da cidade e ficaram na Bauru Rádio Clube, o senhor João Simoneti contratou, eles ficaram lá, viu Pepa? Sabia?

E daqui que a carreira deles, né? Engatou, Pepa! E aí foram pa São Paulo, trabalharo lá nas emissoras, tudo né? É... quanto tempo! Daqui a pouco tamém tem Loureço e Lourival e o grande artista Rolando Boldrin, êh, Rolando Boldrin, né? Na TV Cultura, aquele programa que ele tem na TV Cultura, né? É muito bom o Rolando Boldrin!

Lisboa também improvisa na sua segunda intervenção no Vida Caipira. Neste exemplo do dia 24 de abril de 2012, fala novamente o nome da primeira música do programa (como já vimos, ele só desanuncia as duas últimas músicas que tocaram) para justificar seu comentário:

No Vida caipira ocês ouviram Vieira e Vieirinha, deles, grande verdade! Teodoro e Sampaio, do Teodoro e Alcino Alves, briguei com ela. E ouvimos também o Vale Verde. Falando em Verde, outro dia eu vi uma entrevista... até o rapaz é das... acho que é do meio-ambiente, um secretário, ou assessor dele, né? Chefe... Bauru tem uma deficiência de... de verde, né? Nas cidade.. a cidade cresce meu muito, árvore e mais árvore faltando... praticamente 60 mil árvore deveriam ser plantadas,né? Eles até falaro que conseguiram plantar 6 mil nos últimos anos. Né, Silva? 6 mil, 60 mil... E Bauru é uma cidade... com esse calor, essa camada de ozônio, essa confusão toda, né? Tá faltando mesmo muita árvore! E, aliás, tem alguns locais, vai me desculpar, né? O cara conseguiu, por um motivo ou outro, virô lá uma loja comercial, corta a árvore e num volta outra árvore! Porque vai fechá a fachada dele e tal, o aviso "aqui é uma padaria", aqui... num é nada contra a padaria, haha, exemplo, né? Um exemplo, assim, grotesco! Até a loja que vende rôpa e tal, a última moda... cadê a árvore? Num tem árvore! Haja calor, rapaz! Aí você vai botar o carangão pra estacionar, nossa! Quando cê volta, né? hehe. Tem ar condicionado no carro, claro, mas já pensou sua saúde pra onde vai? Cê sai daquele calor e liga o ar, né? Complicado!

Na edição do dia seguinte, também usa o nome de uma música para falar de outro assunto:

Falá em filhos da Bahia, eu lembrei do Itamar Franco, nosso saudoso Itamar Franco, presidente da República... foi, né? Senador muito tempo, muita gente falava: ô mineiro, o Itamar Franco! E na verdade ele nasceu é, foi na Bahia. Foi criado nas Minas Gerais, morador anos e anos em Juiz de Fora, né? Mas era, nasceu na Bahia, baiano o Itamar Franco, né? Tá vendo?! E ocê fica admirado, é quase a méma coisa, assim, na proporção do grande cantor de tango, fala aí o nome do grande cantor de tango... de todos os tempo, hein? Gardel, né? Gardel? E aí, o Gardel nasceu aonde? Hehehe! Na argentina? No Uruguai? É francês, nasceu na França, né? Tolouse, se não me falha a memória... alias, eu até carrego aqui comigo o Estadão de... rapaz, eu não lembro do meu amigo, se ele tivé me ouvido que me mande e fala: ó, Lisboa, eu que te passei todos os dados do Carlos Gardel, ele nasceu como Carlos Galdê... Carlos Galdê, conhecido como Carlos Gardel, em 11 de dezembro de 1890 em Tolouse, França, ta vendo? Aí a senhora sua mãe, né? Trouxe e tal, morou muito tempo em... no Uruguai e depois se radicou de vez é... na Argentina, né? Eh.. Carlos Gardel, morreu novo, hein? Acidente, desastre aéreo, né? Morreu com seus 40 e poucos anos de idade, é... morreu em 24 de junho de 1935 e nasceu em 11 de dezembro de 1890, faiz as conta aí, 45 anos de idade, né? É por aí, é isso aí!

Quando procuramos por improvisos de Walter Lisboa nas suas terceiras falas do Vida Caipira, encontramos as seguintes: dia 3 de maio de 2012, fazendo menção à catira: "[começa a imitar o som da catira, batendo as mãos como se fosse o sapateado] Ê, beleza!! E vâmo que vâmo, hehe, Belmonte e Amaraí, mas não pisei com a bota, não!! Só na palma da mão, né? [novamente imita o som], Belmonte e Amaraí, do Crisóstomo de Faria, velha canoa!"; em 15 de maio, ele improvisa dessa forma:

Falando em festa do pião de boiadero, eu tenho um grande amigo aí que faiz fivela aí, pesses cinturãos aí, do... do... da moçada do pião, dos pião de Barretos, certo? Ele falou: Lisboa cê num sabe que tem bota que va... vale 70 mil, 65 mil ... eu falei, pe? É a bota, por exemplo a bota qua... qua, com o design Chitãozinho e Xororó, tem uma lá de 65 mil reais. Cravejada de brilhantes, também, tem alguns brilhantes, tem que valê, né? Aí eu tava vendo aí, a mais famosa montadora, vai soltar um carro em ju.. junho, completo com air bag e tal, novo lançamento, num vô falá a marca pra num ficá chato, né? 60 mil reais. O par de bota hehe, passa... digamos, design aí, o... a marca do Chitãozinho e Xororó, vale mais que o carro, o par de botas, é rapaz! E o Roberto sabe tudo, hein? Tem muito... então manda, vô mandá faze, vou pedi uma fivela pa pá ele, num por causa da festa de Barreto, mai pá mim, pá incrementá memo numa noitada dançante, uma fivela diferente! Sabe tudo, hein? Grande Roberto! Aí de Jaú, meu grande amigo! Ele tá sempre aqui conosco dançando na Luso e coisa e tal!

Já na sua quarta fala, ouvimos as seguintes improvisações no dia 9 de maio de 2012:

No Vida Caipira ocêis ouviram aí, Jacó e Jacozinho, do Serrinha e Lourival dos Santos, homi sem rumo! Tónico e Tinoco, do Tónico e Nadir, viu a viola! Mandá abraço pra dona Tonica Silvestre Rocha, êh, dona Tonica! Esposa do grande Júlio Rocha, que foi prefeito, um dia, de Avaí e mãe do... do Reinaldo tamém, né? O Rocha, é... é foi prefeito tamém, agora há pouco tempo, lá de Avaí! É isso aí! Então, daqui a pouco, nói vâmo completá com Pirlampo e Saracura, Sérgio Reis e Almir Sater, êh, cabecinha do ombro! Máí toquei tanto essa música, máí toquei tanto, no meu velho acordeom Escandália, oh!! [canta a música]! Aê, beleza! Vâmo pá mensagem do dia, Pepa!

Também no dia 13 de maio, Lisboa improvisa, logo após a mensagem do dia, para uma "corrigenda":

A mensagem do dia "viver como as árvores" essa mensagem com base no capítulo 43 do livro Cartilhas da Natureza, pelo espírito Casemiro Cunha, Casemiro Cunha, espírito de luz, psicografia de Chico Xavier. E está na coletânea Momento Espírita, volume 7. Só uma corrigenda, eu disse fora texto, entre parênteses, lembram-se da primeira árvore, num baú, ela queria se transformar num baú, para carregar tesouros, na verdade, ela é um comedouro, né? Num estábulo, e serviu a primeira árvore, esse comedouro para o berço do nosso grande mestre. Né? Nosso querido Jesus. Desculpe a falha, mas tá feita a corrigenda!

Enfim, profissionalmente sabemos que não há como improvisar no rádio sem ter a estrutura do programa em mente. Só assim pode-se controlar o tempo da fala, observar detalhes técnicos importantes para que a mensagem fique clara e retomar a apresentação normal sem necessitar de edições, ou sem se atrapalhar quando se está ao vivo. E para um radialista esportivo, principalmente narrador, há diversas frases e

construções decoradas, necessárias para que, enquanto as fala, o locutor consiga observar o lance e, depois, construir outra frase sobre o jogo.

Acreditamos que Lisboa utilize essa experiência esportiva e os mais de vinte anos apresentando o "Vida Caipira" para improvisar sem percalços.

Agora, dedicaremos esforços para descobrir os traços de cultura caipira existentes em suas falas, bem como os traços de urbanidade.

4.3 - Técnicas e traços marcantes da locução de Lisboa

Ortiz e Marchamalo lembram-nos que a comunicação radiofônica usa a palavra, a música, os efeitos sonoros e o silêncio combinadamente para melhorar a expressividade de cada emissão (2005, p.20). O discurso direto - simples e claro -, a repetição e apelos emotivos também tornam-se ferramentas para captar a audiência. Como um meio de comunicação "caloroso" (2005, p.21), o rádio acaba por criar as imagens na mente do ouvinte. Ao ouvirmos as emissões do Vida Caipira e prestarmos mais atenção à locução de Walter Lisboa, percebemos claramente seu domínio desses elementos.

O locutor também foge do que se espera de um apresentador de FM: alonga-se em suas intervenções e, para isso, usa de muita repetição, interjeições e simula uma conversa com o ouvinte, perguntando e logo respondendo - como se estivesse em uma rádio AM.

Como sabemos, a locução AM é mais "personalista", exige do comunicador um domínio maior da técnica e do assunto, sempre espontaneamente. A prioridade é a simulação da "conversa" com o ouvinte.

Ao sabermos as diferenças entre a qualidade do som das FMs e AMs, podemos supor que o comunicador precisa vencer o ruído maior dessa última. Nas palavras de Décio Pignatari (1997, p.49), falando da redundância de modo geral, "a comunicação é uma espécie de processo variável e estatístico condicionado pela interdependência dos sinais". E completa "as regras sintáticas introduzem redundância na mensagem, a fim de que a sua recepção correta fique melhor amparada". Ou seja, a fim de tornar a

mensagem efetiva, o comunicador usa de mais ou menos redundância para torná-la mais "previsível" e, assim, neutralizar ou minimizar o ruído. Uma informação nova é transmitida aos poucos, de forma menos direta do que costumamos fazer em FM.

A locução em emissoras de Frequência Modulada é, normalmente, pensada a não "atrapalhar" a programação musical (com melhor definição sonora, se comparada às AMs). Na rádio UNESP FM, as diferenças entre locução AM e FM persistem (inclusive o próprio Walter Lisboa, na apresentação de programas de outros gêneros musicais). Na imensa maioria das vezes, as locuções são curtas, comedidas, exatas, mesmo usando um ritmo mais lento do que a locução de FMs comerciais.

Mas a locução do "Vida Caipira" pode ser considerada ao estilo AM. Uma comunicação que busca forjar um diálogo com o ouvinte. No texto "A deflagração do sentido. Estratégias de produção e de captura da recepção", Antonio Fausto Neto afirma:

"Essa capacidade do sujeito [no caso, o locutor] de se inscrever enquanto tal decorre, pois, do trabalho que faz sobre o campo do outro, trabalho este singular, porque introduz aquele que fala na sua fala, operação que é 'constitutiva do ato de enunciação' e porque também o receptor é sempre o seu pivô. (1995, p.197)

E continua o autor:

Tais operações do sujeito são especificamente individuais, porque todo trabalho de enunciação é sempre individual. Porém, o 'tesouro' de que o sujeito se vale para produzir discursos é de natureza social, na medida em que a língua, como instituição social, funciona dentro de um sistema produtivo" (1995, p.197).

Mario Kaplún, em seu livro "Producción de Programas de rádio - El Guión - la realización", após uma rápida análise sobre a "natureza do meio" (1978, p.46), na qual fala sobre a especificidade do meio radiofônico e as limitações do rádio (1978, p.48) começa a descrever "as possibilidades, os recursos" do rádio. É aqui que dedica grande parte dos seus esforços em colaborar na formação de "comunicadores-educadores", profissionais ou não, que necessitam "dominar a linguagem do meio" (1978, p.59).

O primeiro item é o "poder de sugestão": como já mencionamos, com a falta de imagens visuais, resta-nos as mentais, que ajudamos o ouvinte a criar. Walter Lisboa faz isso quando imita sons, quando propositalmente altera seu sotaque, quando usa as

metáforas de seus textos, etc. Com a música de fundo correta, o "ambiente" caipira está criado na mente do ouvinte. Outras vezes, o apresentador cria imagens, como a da "formiguinha que dá no bolo", do dia 30 de abril. Outra imagem que cria é quando se dirige ao operador de Áudio Silvestre Oliveira (em 3 de maio de 2012), ao falar da jardineira: "Já andou de jardinera, ô Silva? Andou, né? Quando criancinha? Eu também andei! E aquela jardineira que num tinha nem porta, minha vó Maria falava: ó, fica aqui no meio, senta pá cá! Na beirada num pode, é perigoso, hein? A jardinerinha ia a trinta por hora, mas sabe como é molequinho, né?".

O segundo é "comunicação afetiva": característica que o rádio adquire por ser totalmente auditivo (1978, p.61). "o rádio está ligado às vivências afetivas do homem", diz ele na mesma página. Mais adiante, Kaplún afirma, categórico: "por ser um meio auditivo, o rádio é mais propício à palavra-emoção que à palavra-conceito. Um ingrediente estético, emocional e afetivo deve estar sempre presente na comunicação radiofônica que se quer eficaz" (1978, p.63). Sem exageros, essa linguagem garantiria uma comunicação mais pessoal com o ouvinte, o que, por sua vez, permitiria uma melhor compreensão da mensagem (o que abriria grandes possibilidades educativas às rádios). Estendendo essa análise ao nosso objeto, podemos afirmar que as mensagens escolhidas pelo locutor e o tom paternal que utiliza são exemplos dessa emotividade elencada por Kaplún. No programa de 20 de abril, fala da "velha mãe", do fogão de lenha, do bule de café, enfim, coloca-se saudoso de sua mãe o que também é um exemplo de apelo à emoção. Outro apelo emotivo vem do programa de 24 de abril quando fala do "jovem trabalhador", aquele que estuda também é enquadrado e Lisboa cita seu neto como bom exemplo e emenda ao ouvinte: "como você também tem seus filhos [...], seus netos, alguns têm até bisneto". Em 25 de abril Lisboa apela ao sentimento cívico quando fala do "Brasil emergente".

O terceiro item, a "empatia": Kaplún afirma que, mesmo sem a presença do ouvinte, um comunicador "empático" (1978, p.64) consegue colocar-se no lugar do seu público, o que melhora a capacidade comunicativa. De certo modo, o ouvinte ausente estaria "presente" na mente dos produtores e comunicadores ao fazer um programa (1978, p.65). Para o autor, a empatia é uma das formas de quebrarmos a "sensação negativa de verticalidade e unidirecionalidade" (1978, p.66), que tantos de nós, radialistas, perseguimos.

Por último, Mario Kaplún lista a "relação de identificação": a capacidade dos radialistas de responder às perguntas "vitais" que o ouvintes estariam fazendo. É a constatação de que não apenas por prazer ou distração as pessoas ouvem rádio. Há razões complexas, buscas pessoais para compreender melhor o seu mundo, busca por companhia, e "necessidades culturais e motivações psicológicas profundas" (1978, p.68). Podemos ilustrar esse item com a seleção de textos que Walter Lisboa seleciona em seu programa: muito ligados à autoajuda e espiritismo, os textos abordam a morte, a amizade, enfim, reflexões e exemplos de vida tratados de maneira sucinta e pedagógica. Outro exemplo é quando fala da importância do contador e levanta as dificuldades com a declaração anual do imposto de renda, no dia 25 de abril.

Enfim, de modo geral, como sugere Mario Kaplún, Walter Lisboa procura esclarecer suas mensagens, não embotá-las com termos técnicos e outras complicações linguísticas. Tenta usar a linguagem do homem do campo, que é o ouvinte que o apresentador busca. Kaplún, em seu "Producción de Programas de rádio", diz que o "bom comunicador" dedica atenção especial para adaptar sua linguagem com as quais tenta se comunicar, sempre da maneira mais simples possível (1978, p.84).

Há, ainda, outros fatores básicos da comunicação a considerar. Kaplún fala do ruído, da redundância e da comunicação de retorno (*feedback*) (Kaplún, 1978, p.95) fazendo referência àquele esquema de comunicação baseado no modelo de Shannon e Weaver de 1949 (Wolf, 2006, p.113).

Sabemos que essa é uma das primeiras preocupações dos que planejam a comunicação. O exemplo habitual do telefone com chiado é desnecessário quando falamos com profissionais e ouvintes do rádio: devido às variações no envio, percurso e recepção das ondas hertzianas, profissionais e ouvintes conhecem as possíveis falhas. Principalmente no rádio AM, cujas ondas percorrem um espaço maior, porém com qualidade menor.

Kaplún completa que "a fonte" do ruído pode ser física, intelectual, psicológica, ideológica, etc. O ruído pode vir de um fenômeno auditivo mas também pode ser de origem olfativa, visual, etc. (1978, p.96). Ou seja, tudo o que possa distrair nosso ouvinte. Basicamente, o processo de interação, de diálogo entre quem fala e quem ouve resolve isso rapidamente, um problema para os radialistas, quase sempre falando e

nunca ouvindo ou percebendo a reação que suas palavras e entonações causam na audiência.

Nas conversas que tivemos com os participantes do Clube da Viola, lembraram-nos de que, às vezes, a fala do locutor do "Vida Caipira" anuncia uma música, mas entra outra. Aqui um ruído causado pelo erro operacional. Com o programa todo gravado, falas editadas e músicas programadas com vários dias de antecedência, esse erro pode acontecer. Em nossas audições não notamos nenhum erro desse tipo.

O medo do ruído está presente nos manuais de locução radiofônica quando sugere que apliquemos certa redundância ao texto e à improvisação. Não queremos que a mensagem seja distorcida, por problemas de compreensão, ou que interferências não permitam que o ouvinte perca parte importante da mensagem.

Kaplún destaca a "redundância como destreza" (1978, p.111), na verdade, certa reiteração da ideia principal.

Décio Pignatari, ao falar da redundância, escreve:

Por sua própria natureza, a comunicação é uma espécie de processo variável e estatístico condicionado pela interdependência dos sinais, ou seja, pelas normas e regras que os relacionam e que decidem sobre o seu grau de informação. As regras sintáticas introduzem redundância na mensagem, a fim de que a sua recepção correta fique melhor amparada. São essas leis ou normas que dão estrutura ao sistema, de modo a permitir previsões de comportamento ou de ocorrência de sinais (Pignatari, 1997, p.49).

Nosso apresentador faz isso o tempo todo e cria um modo, um hábito em seus ouvintes. Como no encerramento do programa, neste exemplo de 24 de maio: "Bem, moçadinha, vâmo completá o Vida Caipira desta quinta-feira 24, 24 de maio de 2012! Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos pra mais uma edição do Vida Caipira."

Ou nessa abertura de 23 de maio, sempre repetindo a data, falando das efemérides e dos santos do dia na mesma ordem:

Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é quarta-feira, quarta-feira 23, 23 de maio, 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão! Daqui a pouco nói vâmo ouví Zé Carreiro e Carreirinho, vâmo ouví também Pedro Bento e Zé da Estrada e Quintino e Quirino! Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre, meus respeitos, comadre! Bom dia! Bom, quarta-feira, 23 de maio, dia mundial das

Comunicações Sociais. Dia da juventude constitucionalista. Muito bom, aí. É... muito bom! Então, nas efemérides, hoje, dia da juventude constitucionalista e dia mundial das Comunicações Sociais. Nossos cumprimentos a todos envolvidos na efeméride, Êh! Beleza! Ou nas efemérides. Bom, no capítulo “santos do dia”, hoje é dia de Santa Sara, santo Epitácio, santo Desidério. Santos do dia Desidério, Epitácio e Santa Sara. Santos deste 23 de maio são Epitácio, são Desidério e santa Sara!

Já nesse exemplo de 22 de maio, uma improvisação ao falar do poder de cura do própolis:

Daqui a pouco tem Pena Branca e Xavantinho, Ouro Negro e Dorivam, Almir Sater e Rolando Boldrin! Pois é, tenho um amigo, ele é até conhecido, grande locutor esportivo, o Zé Carlos, cê conhece, né Pepa? O Zé Carlos narrador? Zé Carlos! Conhece! Ô, tá maluco! Trabalhô na 710 e tal.. taí, tá aparecendo na TV Prevê, coisa e tal! O Zé me contô uma do própolis é interessante! Ele tava com uma infecção, sabe? meio enjoada, chata, ele tava até no consultório um dia, aí ele folheando uma revista lá... olha só o consultório, até revista, aí ele viu: o própolis 20 gotinhas pra isso, 20 gotinhas praquilo, ele falô: vô usá esse tar de própolis aqui e 20 gota... aí ele falô: Lisboa do céu, curei! Curei cu própolis, tava duro de curá, a gente toma tanto remédio, hehe! Curô cas 20 gotinhas, tomando, tomando... ah! Própolis é tudo, né? Então, tâmo falando as... do própolis hoje, pu cê que ligô o rádio agora, porque hoje é dia do apicultor, viu? É! O cara que se compra o mel aí, que cê conhece, gente boa e tal, fala, além do mel, fala: cê tem própolis? Dá um própolis pra mim, vô comprá o própolis tamém! Põe o própolis em casa! É bom pá criança, corta dedo, corta isso, sei lá, até pra algum resfriado, vá tomando! É... antibiótico e num faz mal,tamém! Que num tem nada tomá, é... eu, de vez em quando, tomo depois do almoço, ponho lá umas 20 gotinha e ó! Com um pouquinho de água, meio copo de água, é muito bom o própolis!

Como Mario Kaplún nos adverte, é fácil que a redundância vire "abundância" (Kaplún, 1978, p.113). Devido à falta de tempo (ou para não fatigar o ouvinte), por vezes temos que reduzir a mensagem e reiterarmos a ideia principal. Outras vezes sofremos por dizer uma quantidade muito grande de informações sem podermos usar a redundância. O ouvinte distraído pode perder muita informação - isso para não entrarmos na preocupação da "retenção" da mensagem fugaz do rádio.

No nosso caso, Walter Lisboa "se apropria" da língua e, mais especificamente, do modo de falar do caipira. Fausto Neto diz que a noção de recepção é construída pelo "campo emissor" com base em certas referências que o primeiro recebe do segundo, mediante o "jogo de envios e re-envios de signos situados sociodiscursivamente" (1995, p.198).

O locutor do Vida Caipira usa expressões como “comadre”, “compadre” a fim de estabelecer cumplicidade com seus ouvintes "rurais". Por exemplo:

Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é quarta-feira, quarta-feira 30! Aêh! 30 de novembro de 2011! E hoje é o último dia do mês de novembro, hein, compadre? 30 de novembro, bom dia! Amanhã, dezembro! Eh, dezembro, hein? Muito bom! Então, começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

José Ignacio López Vigil em seu "Manual urgente para radialistas apaixonados" (2004, p.100) fala sobre a locução radiofônica, sempre alegre e despreocupada numa "naturalidade bem treinada". Percebemos isso na locução do apresentador do Vida Caipira. No mesmo livro, Vigil indica o melhor modo para manter o tom dinâmico da locução em rádio: dominar a modulação. Ou seja, "subir o tom, baixá-lo, mudar de ritmo, apressar uma frase, demorar-se noutra, enfatizar palavras importantes e fazer a pausa oportuna". No último exemplo que demos do programa Vida Caipira, em que Walter Lisboa fala com seu compadre e sua comadre, é interessante a alteração da forma com que se dirige ao homem e à mulher. Quando fala com o compadre, é firme, tranquilo como, em geral, faz em toda locução. Mas quando fala com a comadre, baixa o tom, fala manso e confirma isso quando diz "meus respeitos, comadre!".

E mais: com o intuito de divertir quem o ouve ou ilustrar alguma passagem, Lisboa passa a ajudar na construção das imagens auditivas. Em nossa visão, algo muito útil, já que o programa, como analisamos no terceiro capítulo, só dispõe de uma vinheta de abertura. Na gravação do dia primeiro de maio de 2012, o locutor brinca, nos seus cumprimentos. Manda um abraço aos trabalhadores e faz o som do abraço enquanto fala:

Primeiro de maio, 2012! Dia do trabalho! Portanto, nas efemérides, hoje dia do trabalho! Dia do trabalhador! Nossos cumprimentos... todos nós trabalhamos, né? Somos trabalhadores, vâmo então abraçá, [começa a fazer som do abraço], ah, muito bem! Grande abraço, êh, isso aí! Parabéns, meu trabalhador! Meu grande operário brasileiro! [aqui ele termina de imitar o som do abraço]. Bom, e no capítulo Santos do Dia, hoje é dia, evidentemente, de São José Operário! É, Santo do dia, São José Operário, santo desse primeiro de maio, São José operário!

As imitações de som são várias, deixando a locução com um tom descontraído, alegre, como nesse exemplo do dia 3 de maio:

Vida Caipira, programação musical do Sérgio Magson, operação de áudio de Silvestre Oliveira, locução Walter Lisboa. [começa a imitar o som da catira, batendo as mãos como se fosse o sapateado] Ê, beleza!! E vâmo que vâmo, hehe, Belmonte e Amarái, mas não pisei com a bota, não!! Só na palma da

mão, né? [novamente imita o som], Belmonte e Amaraí, do Crisóstomo de Faria, velha canoa!

Aqui, o exemplos do dia 7 de maio, ao anunciar uma música e em uma crítica ao trânsito:

Daqui a pouco tem Zé do Rancho e Mariazinha! [imita o som do trotar do cavalo] nas patas do meu cavalo! Êh, beleza! Tem Craveiro e Cravinho daqui a pouco e Campano e Cuiabano! [...]

Tô pensando viu, compadre, sinceramente, esse trânsito de Bauru tá uma loucura, mai... tenho medo de atropelarem meu cavalo! Tô com cavalo manga larga lá, marchador, bonitão, que anda assim, ô! Sabe? As quatro assim, ó! Cê vai em cima e... todo bonitão, todo jeitoso e tal, mai tô com medo porque... mai, aliás, de madrugada, de lado de casa, eu escuto, toda madrugada nas Nações Unidas tem uma supermoto, é brincadeira! Fico imaginando a velocidade que o camarada tá... que barulho aquele, aquele turbo [imita o som do motor] nossa, brincadeira, né? É... trânsito de Bauru tá sério, hein? Muito sério! Estamos sem logística!

É certo que as técnicas de locução radiofônica Walter Lisboa domina. De modo diferente do que faz em outros horários em que também é apresentador (nos quais tem linguagem padrão, sem regionalismos, palavras ditas de maneira clara, frases curtas e sem muita emotividade) o locutor “come” sílabas, fala cantado e com forte sotaque interiorano paulista (usando o famoso erre retroflexo), faz desabafos pessoais e exprime um lado emotivo. Vigil (2004, p.102) menciona que as expressões e pronúncias regionais são ricas ferramentas para se aproximar do ouvinte. Considerando que o rádio é feito dessa “particular capacidade” de “mediar o popular” tanto técnica quando discursivamente (Martín-Barbero, 2003, p.327).

Assim, para analisarmos melhor quais traços da cultura caipira ele usa em sua locução dividiremos a análise em dois momentos: 4.3.1 - os traços caipiras. 4.3.2 - e os traços de urbanidade.

4.3.1 - Traços caipiras

Para compor o seu estilo de locução, Lisboa sabe que precisa passar ao ouvinte suas origens rurais, como constatamos anteriormente. Os artifícios que usa mais

frequentemente é carregar no sotaque interiorano paulista e mencionar lugares, utensílios e procedimentos rurais. A isso ele mistura o que Kaplún chama "empatia", ou seja, consegue colocar-se no lugar do seu público, normalmente fazendo confissões, desabafando, como podemos ler no trecho abaixo (de 30 de dezembro de 2011):

[...] não sei porque eu estou muito saudosista, aliás, eu sou muito saudosista, confesso, né? Já deu pra perceber... não sei, os tempos atuais estão tão diferentes, né? Está muito bom, a tecnologia, medicina evoluída, coisa e "tar", coisa e "tar" mas antigamente, não sei porque... eh, meus tempos de criança, meus tempos de mocidade... [ri], muito bom, vamos lá, então? Mas a gente é moço ainda, né compadre? É claro! Cada um tem a idade que quer ter mesmo... é, temos uma idade boa! Estamos dançando, estamos curtindo, estamos fazendo outras peripécias, né? É isso aí!

E nesse exemplo em fala do filho, mostrando-se terno (em 18 de abril de 2012):

E a feira do livro, falando em Monteiro Lobato, continua lá no SESC, compreend... continua, é?... é isso mémo? É? Continua sim! Muito bem! Essa semana ainda tem, a derradeira semana. E meu filhão tá lá tamém, está lá com seus livros e tal! Então, Monteiro Lobato, também hoje é dia mundial do radioamador! Portando, hoje um dia muito importante, né?!

Como mencionado no primeiro capítulo, Amadeu Amaral, em seu "O Dialeto Caipira" (1976) descreve foneticamente o falar do camponês paulista. No que se refere à prosódia, (1976, p.45) a fala do locutor é mais lenta ao apresentar o "Vida Caipira", mas não percebemos a falta de inflexões citada pelo autor. É cantada e bem pronunciada, especialmente o erre "inglês" (1976, p.48). Sua pronúncia falha em algumas palavras curtas, como vemos no exemplo do dia 19 de abril de 2012, terceira fala, em que diz "E vâmo que vâmo", quase fazendo desaparecer a letra o final. Em 20 de abril: "Lá estuda pá embaixador". O mesmo no dia 25 de abril: "É.. p'cisa declarar direitinho! Cê viu o Assis" e mais adiante: "Bacana mémo, sê contabilista, né?"

Há vários outros exemplo, como em 27 de abril temos as seguintes reduções: "[...] pra você mandar sua cartinha é... aqui pu Vida Caipira! E ainda: "Daqui a pouco nói vâmo completá com João mineiro e Marciano, ô!". 30 de abril: "Sá' que eu lembrei agora?". E por fim, em 10 de maio: "Manhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos pra mais uma edição do Vida Caipira".

Outra característica que percebemos na locução, apontada por Amaral (1976, p.53), mesmo poucas vezes, é sobre os encontros consonantais lh, com som de i. Como nesse exemplo de 9 de maio: "Daqui a pouco... óia só, Pepa, de novo, Tonico e Tinoco, o Serginho gosta de Tonico e Tinoco, ele ama Tonico e Tinoco, é, tá certo!"

Na fim desta frase, o que Amaral também notou em sua pesquisa, a troca da letra e por i (1976, p.48), dessa forma: "Que é bom, né? Bom deve ripití mêmo!". Em 4 de maio temos: "E vâmo em frente, Dino Franco e Moraí, do Dino Franco, pião de Ouro Fino!"

O autor também identificou que o caipira pode trocar o i por e (1976, p.46). Walter Lisboa usa este artifício em 30 de abril, na primeira gravação do programa: "E o nosso Vida Caipira começa com Ely Silva, Jesus Belmiro e Tião Carreiro, Adeus rio Peracicaba!". Em 30 de abri: "[...] é que eu vi lá o negócio dos legítimo doutor e o teu amigo falô: ó, adevogado?".

Na mesma página, Amadeu Amaral fala dos infinitivos dos verbos terminados em ar e er, cuja letra s final não é pronunciada. Temos um exemplo no dia 1º de maio: "[...] todos nós trabalhamos, né? somos trabalhadores, vâmo então abraçá, [começa a fazer som do abraço], ah, muito bem [...]Esse ano p'cisamo voltá a sê campeão, né? É, vâmo vê, o time tá treinado, tá bem!".

Amaral também aponta a "redução ditongal" (2000, p.126), como nos encontros de e+i que vira apenas um ê bem pronunciado, ou de o+u que vira um ô fechado e bem pronunciado (também notamos esse modo de falar em conversas cotidianas pela cidade e região). Amaral também chama de "sincretismo dos ditongos ou e oi" (1976, p.50) e "ei" (1976, p.51). Em 27 de abril temos: "Na verdade, a... vô falá a verdade, a Fafá continua sensual, né mêmo!". Em 30 de abri: "[...] é que eu vi lá o negócio dos legítimo doutor e o teu amigo falô: ó, adevogado?". Em 2 de maio de 2012 temos: "Nós ouvimo Taverio e Tavares, do Santinho e Agustinho, a saudade dói". Na gravação de 3 de maio: "Já andô de jardinera, ô Silva? Andou, né? Quando criancinha? Eu tamém andei".

Outra característica do dialeto caipira identificado por Amaral é a dos grupos vocálicos "bom, tom e som", alterados para ão (1976, p.51), que também chega até nossos dias por Lisboa: " Bom, daqui a pouco, completá com Bruno e Marrone, êh, hehe, Bruno e Marrone, hein? Dormiu na praça, é? Hehe! É, tá bã! Então, vâmo pá mensagem do dia, Silva!" (em 3 de maio de 2012).

Há ainda este exemplo de 22 de maio, quando usa a palavra homem, trocando-a por "homi" (1976, p.141): Êh! Apicultor é aquele homi do mel, né? Do própolis, né? Dos derivados do mel, é! [...] A turma usa mais é aí o... tar de eucalipto, né compadre?

Fechamos essa parte falando de uma última característica que identificamos na fala de Lisboa que Amaral percebeu nos seus estudos na década de 1940: a letra l em final de sílaba trocada por r. Em 9 de maio temos: "Mas nasceu em Bauru. Na Var de Parma, hehehe! É!". E o "coisa e tar" que o locutor usa diversas vezes. Em 7 de maio temos: "Êh, Zé Goiano, sumiu, hein? Zé Goiano! Apareça, rapaz! Apareça! Só vem aqui quando, pá, tem novo CD e coisa e tar! Êh, Zé Goiano! Daqui a pouco!"; e em 9 de maio: "Entre aspas, é... inimigo e coisa e tar!". Ou no meio da frase, como no dia 23 de abril: "Jogo do Norusca, bons tempos, anos 70, Faria era sortêro, ia aprontá no final de semana, né?"

Mesmo não podendo ouvir os erres retroflexos, há poucos exemplos de desvios da normal culta da língua na pronúncia do locutor. Mesmo usando os regionalismos que descrevemos até agora, com o intuito de se aproximar do ouvinte de origem rural e sem estudos, ele não usa palavras erradas (exceto quando fala a palavra "encrustrada"(1, 4, 10 e 15 de maio). Erros de concordância, como o de plural, ele comete poucas vezes (apesar de ouvirmos isso pelas ruas comumente). Aqui um exemplo de 26 de abril: "[...] os responsável por nossos teatros, dia mundial do teatro e também o sacerdote". O mesmo em 30 de abril: "[...] é que eu vi lá o negócio dos legítimo doutor e o teu amigo falô: ó, adevogado?".

Enfim, perante os registros de Amadeu Amaral em sua pesquisa, poucos foram os desvios "caipiras" cometidos por Walter Lisboa. No "Vida Caipira", ouve-se um caipira, talvez por estarmos acostumados com uma locução que abra mão de sotaques mais evidentes. Mas, sem sabermos, a fala tida como caipira está muito distante do aquela que Amaral mostra em seu livro.

Por exemplo, a pronúncia da letra r, mesmo que retroflexa, não é gutural (1976, p.47), como encontramos em algumas regiões do Estado de São Paulo. Não ouvimos na locução de Lisboa (nem na cidade de Bauru) a troca do encontro gh por u, nem as letras j ou o encontro ch com som explosivo (como na língua inglesa) (1976, p.48). Apesar de comum em outras regiões, também não ouvimos nas gravações analisadas a adição da letra n após a letra i ou e (nasalando) iniciais, tais como: enxame, exempro ou inzempro, ingual, etc. Na mesma página, Amaral fala de vocábulos "esdrúxulos" que tendem a

supressão da vogal da penúltima sílaba e "mesmo toda esta, fazendo grave o vocábulo": ridíco no lugar de ridículo, cosca ao invés de cócega, etc. (1976, p.49). Tampouco a troca de cla por cra, pla por pra, fla por fra, como em: craro, pranta, frô (1976, p.52); nem a troca da letra v por b, como no castelhano: bamo, ao invés de vamos, etc. (1976, p.53). Fechando os exemplos, também não percebemos o uso de: próteses, como a adição de a em lembrar (alembra), em voar (avoá); epênteses, separando os encontros gra e gla, dessa forma: Inglaterra (Inglaterra), gampo (grampo), etc; metátese, em que Amaral percebeu a troca de posição de letras nas palavras, como em perciso (preciso), aquerditá (acreditar) e outras; nem hipértese, como nas palavras cardaço (cadarço), largato (lagarto), etc.; nem as formas nhô, siô, sô para senhor, nhá, siá, sá para senhora, mea e mha para minha (1976, p.54).

Poderíamos descrever outros inúmeros exemplos levantados por Amaral que não encontramos na fala de Walter Lisboa. No capítulo 2 já demonstramos que não há mais manifestações genuinamente caipiras, tampouco existe o caipira (existem apenas traços dessa cultura). Logo, da mesma maneira, para compor seu personagem, Lisboa também usou apenas traços do modo de falar caipira.

Na próxima parte, demonstraremos que, além disso, há demasiados traços de urbanidade nas suas intervenções, como se estivesse falando para alguém que, apesar de "caipira", mora na cidade e conhece seus problemas e características. Assim como o personagem criado para a apresentação do "Vida Caipira".

4.3.2 - Traços de urbanidade

Nessa investigação, a presença de dois estilos de locução, um "caipira" (brincalhão, com a fala regional, que anuncia músicas pela manhã) e outro "conselheiro" (tom grave, obedecendo à norma culta, que fala de sentimentos e ações exemplares, de Deus e dogmas espíritas) já seria uma demonstração de que o apresentador possui conhecimento de ambas as realidades, a do campo e a do leitor dos livros que cita. Alguém com habilidade de "imitar" a fala de um morador da área rural, sabedor dos detalhes do campo; e que também copia a modo de falar urbano, sem tropeços.

Porém, existem traços de urbanidade muito fortes em sua fala "caipira", além de outros, que dão mostras do seu verdadeiro universo.

Para Bakhtin, "a evolução real da língua" se dá nessa ordem:

as relações sociais evoluem (em função das infra-estruturas), depois a comunicação e a interação verbais evoluem no quadro das relações sociais, as formas dos atos de fala evoluem em consequência da interação verbal, e o processo de evolução reflete-se, enfim, na mudança das formas da língua. (2006, p.127).

Assim, enquanto forma, o falar caipira ocupa uma posição social. Anteriormente, no segundo capítulo, demonstramos que o caipira, o trabalhador livre e despossuído de terra, era socialmente menosprezado pelos observadores estrangeiros que passaram pelo Brasil colônia. Logo, seu modo de falar e suas manifestações culturais estiveram, quase sempre, ligadas ao "atraso", ao "inculto", etc.

Pudemos notar nas descrições da fala de Walter Lisboa, mesmo inconscientemente, o locutor do programa "Vida Caipira" mantém essa distinção: o caipira fala de um jeito (engraçado, diferente, ou outros adjetivos que os valham) que se adapta à apresentação das modas de viola. Porém, esse mesmo modo de falar não é considerado útil ou bom para dizer um texto de aconselhamento. Esse modo "caipira" não é considerado socialmente adequado para dizer a "mensagem do dia".

Tampouco o tema musical caipira é usado nesse momento da apresentação. Como dissemos, ritmos não caipiras foram usados em todos os momentos em que ouvimos a "mensagem do dia". O fundo musical caipira usado no início da fala, em que o apresentador ainda simula o falar do homem do campo, é trocado por outro tema instrumental, normalmente orquestral, de andamento mais lento e que, empiricamente, é considerado mais propício à reflexão, para falar de Deus, dar lições de moral, etc.

Assim, o modo de falar caipira, o tema musical e a própria seleção musical ainda são enquadrados como "menores", "coisa de pobre" e adjetivos correlatos.

Isso também tem reflexos na locução de rádio como um todo: nos manuais de locução profissional a orientação vai no sentido de anular o sotaque (normalmente, sotaques mais proeminentes acabam por caricaturizar o profissional, cabendo-lhe intervenções consideradas como "menos sérias", de entretenimento, etc.). Mesmo com

algumas alterações nesse quadro, a maioria dos profissionais de rádio e televisão privilegiam formas que não mostrem sua origem. Como já supomos anteriormente, o hábito de ouvirmos locutores aparentemente "sem sotaque", acaba por dar ênfase aos poucos artifícios "caipiras" usados por Lisboa na apresentação do "Vida Caipira".

E assim, fica claro que o "discurso interior" de Lisboa é concretizado exteriormente devido ao auditório por ele imaginado e à situação em que ele está (2006, p.127).

Mesmo que esse modo de falar "caipira" não seja considerado socialmente adequado para dizer a "mensagem do dia", ele traz consigo outros valores e conceitos. Alguns, parte do universo caipira. Por exemplo a crença em um ser superior. Em todas as suas despedidas, Walter Lisboa frisa que sem a "graça de Deus", jamais voltaria para o próximo programa. Vejamos: "Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira". O advérbio "sempre" tem o volume da emissão aumentado e é alongado em sua duração.

A religião escolhida para venerar o deus varia (ou é sincretizado), como vimos: é católico ao mencionar os santos de devoção do dia, mas espírita em algumas das mensagens do dia. Mas Lisboa não faz distinção na sua fala quando menciona os santos católicos, ao contrário do que faz na leitura do texto de autoajuda. Logo, o "caipira" fala dos santos, o "conselheiro" diz os rebuscados textos espíritas.

Outro sentimento que pode ser dividido entre citadinos e habitantes do campo é o sentimento pátrio. Na edição de 1º de dezembro, Lisboa manifesta um sentimento ufanista ao falar sobre o dia do imigrante: "[...] e o Brasil acolhe a todos, né? Sempre muito hospitaleiro, muito democrático, muito amor, né? O Brasil é o Brasil, à parte do evangelho". Em 20 de abril: "No Vida caipira vocês curtiram Rolando Boldrin e João Cleber, futebol da bicharada [...] Já pensou elefante zagueiro, lá, central, né? [...] Mas deve ser bicharada aqui do nosso, do nosso Amazonas aí, né? Da nossa floresta, né? Elefante é lá pro lado das Áfricas, da Ásia, né?". Em 24 de abril, falando da importância do contabilista no Brasil de hoje: "E é um dos esteios, alicerces da nossa grande economia! Economia do Brasil emergente, né? No aspecto mais mundial, internacional, ê!". Em primeiro de maio, Lisboa fala: "Parabéns, meu trabalhador! Meu grande operário brasileiro!". Mas mesmo sendo um sentimento compartilhado, a urbanidade acaba sendo um aspecto maior, quando fala de economia, faz distinção entre animais de

lugares diversos e, claro, ao dizer "operário" e não "agricultor", entrega, mesmo inconsciente o modelo que tem em mente: o da cidade.

Em outro exemplo, na edição de 21 de maio, Lisboa festeja a língua Portuguesa, que de certa forma pode soar estranho a alguém que não está seguindo à norma culta à risca:

Então, hoje dia 21, hoje é dia da Língua Nacional! Êh, Pepa!! Êh, você que fala bem, né Pepa? Dia da Língua Nacional! Qual é a nossa língua, Pepa? Língua Portuguesa! É! Língua Portuguesa! Muito bom! Então, Língua Nacional, parabéns! O bom português é bonito, né? Língua difícilima! Todo mundo sabe disso! É umas línguas mais difíceis do mundo!

E mais adiante na mesma apresentação, ao anunciar a música "Brasil Caboclo": "Daqui a pouco nói vâmo completá com Tônico e Tinoco, êh, Brasilzão! Brasil caboclo!", de maneira eufórica.

Sentimento que, de certo modo, contrasta com sua insistência em usar palavras em língua espanhola e referências à Espanha, como nos exemplos a seguir:

Em 1º de dezembro, ao falar do horário do programa: "Sempre pela sua UNESP FM, de segunda a sexta-feira a partir das 6 de *la matina*, 6 da manhã!", o mesmo em 2 de maio; no dia 9 de maio, imitando o modo de falar espanhol: "[bate palmas] Aê! *Arriba*, Pepa!! Ê, *las castañolas! Sei Castañolas, hicieron una farta tremenda!*". Em 24 de abril de 2012, ele diz: "Ê violão! Cê sabe que, *los espanholes*, he... as.. *hacen un violão que no es brincadera...* tem muito, muito aí, muito, muito da influência dos bons, né? É... instrumentistas espanhóis, mai um pedacinho...". Em 26 de abril, novamente: "Aê, castanhola, arriba, arriba, arriba, arriba! Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira". Em 9 de maio, falando o nome do avô com sotaque caipira e espanhol: Meu avô era o *José Fernandez Gonçarvez*, ê, rapaz! [...] E chegou a morar em Málaga, Granada!".

Será que todos os ouvintes entenderam? Talvez impressione alguns, mas cria um ruído desnecessário, cremos que a mensagem fica comprometida.

Outro tema bastante comum nas falas de Lisboa é o futebol: na edição do dia 24 de abril ele diz: " É.. p'cisa declarar direitinho! Cê viu o Assis? O irmão do Ronaldinho?! Tá complicado aí, né?"; em primeiro de maio, fala do torneio interno de futebol, em comemoração ao dia do trabalho:

Hoje, tem futebol, tem truco, tem bingo, festa do trabalhador na Assuneb, né? Vou lá orientá a moçadinha aqui da rádio, aí, vê se nói melhoramo... ano passado não fomo muito bem no campeonato, não, né? No torneio de futebol. Mas no ano retrasado fomo campeão, oh, hehe! Esse ano p'cisamo voltá a sê campeão, né? É, vâmo vê, o time tá treinado, tá bem!

Em 24 de maio, novamente:

Bom, hoje, 24 de maio, dia do Telegrafista. [...] Cê sabia, por exemplo, que o Tostão, que comenta futebol, esporte, na... é cronista da Folha de São Paulo? O Tostão... e é médico, formado, coisa e tal, oftalmologista, né? Ele usa a máquina de escrever. O grande e saudoso Armando Nogueira nunca usou, nunca usou computador. Num quis sabê, grande jornalista. Foi diretor de esporte da rede Globo de Televisão. Máquina de escreve, e a máquina é daquela antiga, tal de... de [inaudível] elétrica, uma coisa assim, né?

Percebemos que, além de comentar sobre futebol (sabemos que essa foi sua principal função no rádio bauruense), Lisboa tem o hábito de justificar suas opiniões através de nomes e cargos, como fez em alguns momentos da entrevista que realizamos com ele. Por exemplo: ao dizer que Tostão, conhecido jogador de futebol, "é médico, formado [...] oftalmologista". O mesmo ao mencionar o jornalista Armando Nogueira: "foi diretor de esportes da rede Globo de Televisão". Temos a impressão de que, em sua visão, citar o nome de destacados profissionais é um sinal de valorização do ponto seu ponto de vista. Ademais, eram famosos tempos atrás ou conhecidos de quem aprecia futebol e lê jornal.

Outro valor mais próximo à cidade do que ao estereótipo rural é o que passa em suas apresentação é sobre o hábito da leitura. Como em 18 de abril:

[...] e o hoje é dia de Monteiro Lobato! Parabéns aí aos cultores, principalmente da obra de Monteiro Lobato! É isso aí! Principalmente a moçadinha da literatura infantil... tem muita gente que não liga, né? Meu filho tem videogame, tem computador, já é bom no computador, é bom não sei aonde, coisa e tal... pois é, mas o livro é tudo, né? Não resta dúvida! Vai evoluindo o mundo, mas quem tem leitura, he... lá na frente vai ver. É... eu tenho, eu conheço os grandes intelectuais não podem dispensar a leitura, né? Um bom livro!

Em 23 de abril temos outro exemplo: "Então, hoje, dia 23 hoje é dia mundial do livro! Oh, livro! Que te quero tanto! Que me ensina tanto! Embora nos últimos tempos, muita gente despreza o livro... o livro é tudo!". Em 21 de maio temos:

E também quem quer ter um bom português, trate mais é de lê! Lê, lê, lê, Leitura é tudo, né? Cê aprende muito nas... nos livros, nos jornais. Pesar que, tamém, precisa saber o jornal que cê lê, né? E o jornalista que cê escolhe! Tem muito jornalista que erra! E o revisor de jornal sumiu!

Fica claro que mencionar o hábito de leitura e os livros é mais uma ferramenta usada para distinguir-se. É como se, nas entrelinhas, pudéssemos ler: ele não é apenas o locutor, mas o conhecedor, apesar do sotaque. Nesses momentos, o locutor que facilita, que quer aproximar-se dos ouvintes quase que desaparece, principalmente ao fato de usar palavras que podem soar estranhas ao ouvinte menos preparado.

Como um morador de Bauru, Lisboa também demonstra apreço por bauruenses, pela história da cidade, etc. No dia 17 de abril (e também dia 22 de maio) temos: "Ouvimos também Inezita Barroso, do professor Laureano, Moda da pinga! [...] professor Laureano, durante muito tempo, deu aulas aqui no nosso ginásio do estado, hoje Instituto de Educação Ernesto Monte, né?". Em 18 de abril, ao falar do cantor Marciano, bauruense, integrante da dupla João Mineiro e Marciano: "O Marciano, nosso bauruense, e o João Mineiro". O mesmo nesse exemplo de 13 de maio: Daqui a pouco nós vamos completa com João Mineiro e Marciano, Pepa! ê, beleza! João Mineiro, Marciano, João Mineiro e Marciano! Moço da Água do Paiol, nosso grande bauruense! Em 19 de abril, mais um exemplo: É, hoje é dia do índio, 19 de abril, [...] nossos cumprimentos aos nossos irmãos, né?[...] ô Araribá aqui perto em Avaí, nós temos lá os Terena, não é mesmo?". Em 24 de abril, ele fala sobre o calor na cidade:

Bauru tem uma deficiência de... de verde, né? [...]a cidade cresce meu muito [...] Tá faltando mesmo muita árvore! [...] Vamos botar árvore nessa cidade! Precisamos de árvore! [...] E cuida da árvore, né? É... e iluminar a cidade, porque bota árvore, chega a noite, sabe como é que é? Aí é motivo pra uns e outros se esconder, né?

Da mesma maneira, fala do trânsito, em 8 de maio de 2012: "Tô pensando viu, compadre, sinceramente, esse trânsito de Bauru tá uma loucura, mais... tenho medo de atropelarem meu cavalo!". Em 8 de maio: "Cascatinha e Inhana veio com circo, aí de o circo foi embora eles ficaram, eles gostaram da cidade e ficaram na Bauru Rádio Clube, o senhor João Simoneti contratou, eles ficaram lá, viu Pepa?".

Em 22 de maio, dia do apicultor, Lisboa menciona: [...]hoje é dia do apicultor! [...]Aqui no Geisel tem um grande apicultor, meu amigo José, né? [...] Celso também, isso! [...]Falô em apicultor [...]tem associação em Bauru, direitinho, cê busca lá na feira, no feirão da cidade, principalmente, é, né? Pode comprar a vontade!

Na maioria das vezes em que reverencia as coisas boas da cidade, Walter Lisboa parece querer estreitar seus laços com os bauruenses, demonstrando conhecer a cidade, seus moradores, apelando a um sentimento de bairrismo. Ao criticá-la, como também já vimos, passa a falar pelo outro, como se estivesse reproduzindo as ideias dos

ouvintes. E, como radialista, sua voz pode ser ouvida pelos responsáveis pelas mazelas que apontou, podendo agilizar ou providenciar sua correção. Mas o que há de rural nessas opiniões e manifestações?

A mesma sensação, mas em outro âmbito, tivemos ao ouvir a edição do dia 2 de maio: o apresentador fala do parlamento brasileiro e o critica, como seria esperado, "Ultimamente, muita confusão no parlamento brasileiro, né? É, pois é...". E emenda: "tem gente boa também,[...] não vâmo exagerar, né? Então, vâmo mandar um abraço para os bons integrantes do parlamento, né?! [...]E aqueles mais ou menos, lero-lero, não temos nenhum motivo, satisfação, pá man... pra dar os parabéns, pelo contrário, né?! Tem que dar outra coisa pra eles!". Ou seja, Lisboa vale-se de comentário muito comum, já que a imagem do político é malvista por boa parte da população. Assim, o locutor pode mostrar que pensa como o ouvinte, ou que sua visão crítica da sociedade pode dar voz a quem não tem.

Podemos citar ainda alguns trechos de outros programas "Vida Caipira" em que o locutor fala de problemas do cotidiano e se posiciona sobre eles. Por exemplo, no programa de 30 de novembro, fala do dia do síndico e acrescenta: "tem síndico que, às vezes, enche um pouquinho, não?". E adiante brinca: "síndico, não cínico". Como um "caipira" poderia saber o significado dessa palavra? Como já apontamos também, há uma confusão a respeito do uso dessa palavra. Os caipiras "em espírito" que moram na cidade, nesse caso, em prédios.

O mesmo na já citada edição de 24 de abril, em que o apresentador fala da falta de árvores e do conseqüente aumento na sensação de calor:

Bauru tem uma deficiência de... de verde, né? Nas cidade.. a cidade cresce meu muito, árvore e mais árvore faltando... praticamente 60 mil árvore deveriam ser plantadas,né? Eles até falaro que conseguiram plantar 6 mil nos últimos anos. Né, Silva? 6 mil, 60 mil... E Bauru é uma cidade... com esse calor, essa camada de ozônio, essa confusão toda, né? Tá faltando mesmo muita árvore! E, aliás, tem alguns locais, vai me desculpar, né? O cara conseguiu, por um motivo ou outro, virô lá uma loja comercial, corta a árvore e num volta outra árvore! Porque vai fechá a fachada dele e tal, o aviso "aqui é uma padaria", aqui... num é nada contra a padaria, haha, exemplo, né?

Um homem do campo, rodeado pela natureza, também sente os efeitos climáticos, mas de forma diferente: normalmente aliados às perdas ou ganhos em sua lavoura. Relacionar as palavras "calor" com "camada de ozônio", pareceu-nos, além de estranha, totalmente fora da realidade de um homem que viveria sua vida apenas na

zona rural. Novamente, Lisboa dá pistas que trabalha para o ouvinte de moda de viola da cidade, que como ele, domina os dois ambientes (ou seja, o campo e a cidade).

Em 26 de abril, ele menciona a importância do engraxate e diz " muito cidadão aí que num sabe botá a mão na graxa!". Continua ressaltando a importância de se ter humildade. É como se dissesse que ele dá valor ao engraxate e, portanto, é humilde. O discurso, quase sempre, voltado ao conhecimento que ele demonstra.

Da mesma forma quando fala da sua posição diante da vida, um idoso que "tem a idade que quer", como vemos nesses exemplos: dia 30 de novembro ele define-se como "saudosista", mas "moço": "[...] não sei, os tempos atuais estão tão diferentes, né? [...] Mas a gente é moço ainda, né compadre? É claro! Cada um tem a idade que quer ter mesmo... é, temos uma idade boa! Estamos dançando, estamos curtindo, estamos fazendo outras peripécias, né?"; no dia 24 de abril fala e um companheiro de "noitada":

Viúvo, gaúcho lá do sul, hoje está novamente casado com sua senhora, e tem sido um companheiro meu nas noitadas dançantes da Luso, né? É o Juão! Grande Jão! Tem um fi... um neto que joga futebol lá no... no Japão! É! Igor... e até ele falou assim: rapaz! O garoto vai ser pai e eu vou ser bisavô! He! E ele é um pouco mais jovem em relação à nossa pessoa até...

Em 15 de maio, mandando um abraço a um companheiro de dança: "Grande Roberto! Aí de Jaú, meu grande amigo! Ele tá sempre aqui conosco dançando na Luso e coisa e tal!". Até pouco tempo, a Luso não era um ambiente popular. Há outros clubes de dança de salão na cidade que talvez sejam mais populares, mais próximo do público que gosta de modas de viola. Como vimos anteriormente, é um subgênero mais aceito em bairros mais populares.

Diante dos exemplos, percebemos que ele é morador da cidade, talvez saudoso do campo. Suas falas acaipiradas também dirigem-se aos que leem, aos bauruenses patriotas, críticos com os rumos da cidade e do país, e outros que, como ele, apreciam o sertanejo raiz. São os idosos que aproveitam a vida, não são "amargos" como o síndico do prédio da filha (da edição de 30 de novembro), que "não envelhece com aquela alegria" mesmo sendo conhecedor de " muito de teologia". Pessoas que não se importam com comentários sobre o futebol, provavelmente por ser a "paixão nacional".

Como dissemos anteriormente, ao usar um estilo de locução de emissora AM, seu discurso é personalista, que dão mostras dos motivos que o levaram àquele papel. cremos que os outros pontos reforçam essa característica em sua fala.

Dentre as diversas características da comunicação radiofônica que elenca, Mario Kaplún fala da "relação de identificação" (1978, p.68). Nesse sentido, percebemos que Lisboa esforça-se em fazer um programa que dialogue com os que o ouvem (isso fica evidente quando pensamos na comunicação institucional que citamos anteriormente e que predomina na grade da UNESP FM: os locutores nos outros horários mantêm uma linguagem que abre poucas concessões aos diversos grupos de ouvintes, isto é, falam para um público mais geral). Porém, devido ao número muito grande de opiniões e comentários voltados à terceira idade, à dança, à leitura, futebol, as duas religiões, somados às músicas antigas que veicula, o programa pode correr o risco de não renovar seu grupo de ouvintes.

O "Vida Caipira" está no ar desde 1991. Lisboa aposenta-se em dezembro de 2013 (completa setenta anos e será compulsoriamente aposentado, conforme as regras do serviço público). Talvez esta seja o momento ideal para que a UNESP FM renove o programa, já que outro locutor pode assumir o lugar de Walter Lisboa (caso o programa não desapareça). É necessário, rediscuti-lo com seus ouvintes e colaboradores, atualizando seu conteúdo sem perder as ligações com a produção artística do passado.

Afinal, as técnicas usadas por ele ainda são interessantes (principalmente se pensarmos que, com a migração das emissoras AM para o espaço das FM nos próximos anos, o estilo conhecido como "típico" das emissoras AM poderá ser usado mais livremente nas FMs), podem servir de exemplo ao próximo apresentador. Uma remodelação plástica deve ser feita e um diálogo maior com os ouvintes de sertanejo que moram na cidade deve ser estimulado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante esta pesquisa e análise dos dados, pudemos constatar que o programa "Vida Caipira" da UNESP FM tem variadas facetas.

A UNESP FM (105,7 MHz), como emissora pública também, pois apresenta uma programação plural. Como cenário do nosso objeto, descrevemo-la mais detalhadamente. A rádio explora variados ritmos musicais e gêneros radiofônicos, do samba à música erudita, de poesia à divulgação acadêmica (como prevê a Constituição Federal e do Estado de São Paulo). Como mencionamos, não depende de verbas comerciais.

Como deve ser a opção às programações comerciais, a UNESP FM dá preferência a produções independentes ou de valor cultural e histórico, nem sempre populares como o programa "Vida Caipira". Dissemos que ele é uma exceção na grade da emissora, pois apesar de gravado, tem uma seleção de músicas mais próximas dos sucessos comerciais da atualidade (estilo musical), entre outras características. É um programa cujo objetivo é claro: explorar a sonoridade das modas de viola.

Como dissemos, traços da antiga cultura rural paulista foram tomados por alguns indivíduos (algumas gerações de migrantes e seus descendentes) e meios de Comunicação. A cultura caipira foi mudando pouco a pouco da época do Descobrimento do Brasil até ser adaptado ao disco, na década de 1920, perdendo as características que poderíamos chamar caipiras. Como música sertaneja, as alterações em sua estrutura ficaram mais rápidas e mais ligadas à Indústria Cultural, especialmente a partir de 1960 (ORTIZ, 2001, p.8).

No mesmo período, a emergência da TV começa a abalar o modelo de negócio do rádio. Para escapar da falência, boa parte das grades de programação das rádios passou a explorar músicas cada vez mais populares, copiar a linguagem e a plástica de emissoras norte-americanas e outras estratégias (como a parceria com outras empresas e meios de comunicação e uso de satélites para transmitir uma programação a várias emissoras, ampliando possibilidades de contratos e diminuindo custos), especialmente no eixo Sul-Sudeste (MAGNONI, 2010, p.130). Sabemos que a massificação do gênero sertanejo aumenta com a popularização dos meios de comunicação de massa, como

identificaram Caldas (1979 e 1987), Catelan e Couto (2005), Lopes (1988) e Marcondes (1998). Há, como vimos também, indícios históricos que comprovam o respaldo que o atual sertanejo universitário encontra nas mídias de vários países.

Em Bauru não foi nem é diferente. A música sertaneja está presente nas grades de programação das emissoras de rádio pioneiras na cidade - a primeira é do ano de 1934, segundo Caldeira (1983, p.23), apenas doze anos após a primeira transmissão de rádio no Brasil (Ferrareto, 2010, p.93). Na programação, Alvarenga e Ranchinho, Cascatinha e Inhana e outros sucessos. Um dos programas, o "Lá no meu sertão" da Auri-Verde (1983, p.42) ainda existe. Hoje, das emissoras legalizadas na cidade, a 94FM, a 87FM, Auri-Verde AM tocam música sertaneja na mesma faixa horária, misturando os ritmos e subgêneros sertanejos, clássicos e atuais.

Mas o "Vida Caipira" explora a música sertaneja antes da emergência da Indústria Cultural tomar força no Brasil - como destaca Ortiz, após a década de 1960 (2001, p.8). As chamadas modas de viola acabaram servindo aos admiradores desse tipo de música, geralmente pessoas que passaram sua juventude ao som dessa expressão artística rural, e estimulando um comportamento de idealização do campo e do caipira. Gislene Silva, afirma que o sentimento de nostalgia da natureza (memória e fantasia) e o modo de vida na cidade acabam por enfatizar o sentimento de perda que algumas pessoas sentem. Ademais a "sacralização das origens" faz parte da história dos povos (2009, 178). Como já dito, são metáforas sobre o paraíso perdido (2009, 181). Sentimentos que Gislene Silva afirma chegarem até nossos dias na forma mencionada da saudade e também na busca pelo sucesso, entre outros.

No que se refere ao locutor do programa "Vida Caipira" (e a outros "caipiras em espírito" que conhecemos durante esses dois anos de mestrado) pareceu-nos um cidadão nostálgico do seu tempo de infância (2009, p.189). Antecipando-nos à possíveis confusões, fizemos uma entrevista com o locutor do programa para deixarmos claras as separações existentes entre o indivíduo amante da cultura caipira e o profissional. É um descendente de imigrantes espanhóis e migrantes rurais, locutor esportivo e bacharel em direito que, apesar das origens e de gostar de moda de viola, não pensava em apresentar um programa sertanejo. Mas sua locução no programa pode fazer-nos pensar que se trata de um caipira genuíno, até fazermos uma aproximação mais cuidadosa.

Como dissemos, outros programas de outras emissoras de rádio, no mesmo horário, também tocam música sertaneja. Após a leitura de Martín-Barbero, Néstor Canclini, Nilda Jacks, Ana Escosteguy Mauro Wilton de Souza e outros, sentimos que um estudo de recepção poderia confirmar o clichê radiofônico que mantém esse tipo de música no alvorecer. Poderíamos, também, conhecer melhor o ouvinte de moda de viola e da UNESP FM. Por falta de tempo hábil, deixamos a sugestão a outros pesquisadores. Para termos um pouco mais de dados externos sobre nosso programa, usamos as pesquisas coordenadas pela prof. Dra. Célia Retz, (AMARAL et al, 2012 e VERSUTI, 2012). Com elas, tivemos a noção de que a moda de viola ainda pode ser considerada uma expressão artística preferida nos bairros mais populares (onde moradores entrevistados citaram o "Vida Caipira), rechaçado em bairros de classe média. De toda forma, o interesse por ela ainda existe. Obviamente, há ainda mais interesse pelo sertanejo universitário atual. Poderíamos afirmar que o sertanejo está na moda.

Mas nem sempre foi assim. Como demonstramos, o termo caipira remetia, pejorativamente, aos que "vinham do mato" (pela suposta incapacidade de trocar experiências com pessoas de fora da comunidade, excesso de timidez, violência, preguiça e ignorância). Foi preciso que outros cientistas e observadores voltassem sua atenção ao caipira para relativizar as afirmações que beiravam o preconceito. Algum tempo e alguns estudos mais profundos depois, a palavra caipira pode acompanhar, popularmente, qualquer manifestação vinda do campo ou com traços rurais. Com a ajuda de Emílio Willems, Amadeu Amaral, Carlos Brandão, Waldenyr Caldas e outros, mostramos que a música sertaneja não é caipira, apesar de sua origem. Como gênero, é subdivida em moda de viola, romântico e universitário.

Devido à existência do mencionado grupo de aficionados, as modas de viola acabaram sendo consideradas manifestações caipiras. Assim, essas modas de viola passam a ser atreladas à ideia do que precisa ser preservado, mas também do velho, enquanto os sucessos atuais ligam-se ideia do "novo", do "descolado", "universitário". Demonstramos que boa parte do sertanejo de raiz baseia suas letras e ideias em comportamentos mais conservadores, de modo diverso ao que é feito com o sertanejo universitário.

Ao delimitar em sua grade apenas músicas sertanejas mais antigas, a UNESP FM acaba por assumir um programa de *flashback* de média estimulação, com pouco diálogo com o sertanejo romântico dos anos 1990 e nenhum com o sertanejo

universitário. Há também MPB, especialmente de compositores que fizeram música que falavam da terra ou idealizavam a natureza (tais como Edu Lobo e Théo de Barros, Geraldo Vandré, Renato Teixeira, e outros que não têm o rótulo de cantores sertanejos). Nas letras, o amor, o peão, o baile na roça, o touro bravo e outros temas bucólicos.

Idealizações à parte, esperamos ter conseguido mostrar que não existe expressão artística pura (mesmo a caipira, considerada ameríndia), e que, assim como as modas de viola, poucas características (um ponteio de viola caipira, um sotaque um pouco mais carregado, etc.) bastam para reavivar o imaginário desse tipo rural na mente de quem ouve. Suas características permanecem em nosso imaginário, mas de forma simplificada.

Abordamos também os artifícios plásticos do "Vida Caipira". Mais especificamente a sua única vinheta (a de abertura) e a programação musical (feita por Sérgio Magson). São usados pelos idealizadores do programa para criar um ambiente sonoro (ou imagens auditivas) para uma melhor experiência de audição. Como sabemos, é comum que ouvintes identifiquem uma emissora por sua assinatura musical. Na UNESP FM, a marca sofre com a falta de divulgação institucional.

Especificamente sobre a vinheta de abertura, demonstramos que é uma gravação datada, mas eficaz. Mesmo usando dois locutores uma música de fundo (Cheiro de Relva) acreditamos que serve para "levar" a imaginação do ouvinte ao ambiente rural, preparando-o para ouvir as modas sertanejas. Outras não há. Entre as músicas e as falas do apresentador, apenas a hora certa (que o programa que automatizou a programação insere automaticamente).

Já a programação musical evidencia a pesquisa do discotecário. Mesmo que repitam-se diversos cantores (como Tião Carreiro, Tonico e Tinoco, etc.) e compositores (Raul Torres, Carreirinho, Dino Franco e outros), obviamente espalhados pelas trinta edições, o programador repete poucas canções, toca produções locais e um pouco de sertanejo romântico e MPB. De fato, cumpre o que promete a vinheta de abertura: retratar "através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!". Em nosso ponto de vista, o programador consegue fazer uma programação equilibrada, fundamentada em sua experiência profissional e em pesquisa de novas músicas.

Mas como não é um programa totalmente dedicado às modas de viola, pois apresenta alguns "desvios" (como as músicas da MPB e românticas), cremos que seria necessário decidir um caminho mais específico: fazer como manda a tradição radiofônica e dedicar-se exclusivamente a apenas um objetivo, assumindo sua condição de programa de *flashback*; ou dialogar de forma mais clara com o programa de MPB que vem em sequência (no horário nobre do rádio, o que, empiricamente, significa que é a matéria-prima escolhida para ser o carro-chefe da emissora), mirando assim em seus ouvintes do próximo horário; ou, abrir-se às manifestações que decorreram da cultura rural caipira e dialogar mais abertamente com o mercado fonográfico e com o público (entrando em uma disputa por audiência com as outras emissoras no mesmo horário).

Certamente um estudo de audiência poderia ajudar na escolha de um novo caminho, equilibrando os desejos e necessidades da comunidade. Em nossa banca de qualificação, o professor Dr. Cláudio Bertolli sugeriu que, após a saída do locutor, a UNESP FM mirasse o novo trabalhador do campo: os boias-frias, ainda muito presentes na região centro-oeste paulista. Seria uma forma de conhecer melhor um público marginalizado e colaborar com entretenimento e informação durante a viagem de trabalho (normalmente pela madrugada) e até mesmo durante o trabalho, caso os grupos estejam dentro do raio de alcance das antenas da UNESP FM.

A soma da vinheta e da programação com a atuação performática do apresentador contribui para que o ouvinte aprenda sobre o programa, o que facilita a compreensão da mensagem e até estimula o hábito.

Analisando tecnicamente o locutor, sabemos que a "audiência" que ele idealiza está presente na sua elaboração das mensagens, como dizem-nos Ortiz e Marchamalo (2005, p.19). Como locutor de AM e narrador de futebol Walter Lisboa sabe como preencher o tempo da transmissão com improvisos. Sabemos que não há como improvisar no rádio sem ter a estrutura do programa em mente (além do roteiro impresso, Lisboa decorou uma estrutura de apresentação do programa, permitindo-o sair do *script* sem se perder). Logo, fica evidente seu domínio da técnica.

A isso, ele soma regionalismos, “come” sílabas, fala cantado e com forte sotaque interiorano paulista (usando o famoso erre retroflexo). Vigil (2004, p.102) menciona que as expressões e pronúncias regionais são ricas ferramentas para se aproximar do ouvinte. Citando novamente Martín-Barbero, o rádio é mesmo feito dessa

“particular capacidade” de “mediar o popular” tanto técnica quando discursivamente (Martín-Barbero, 2003, p.327).

Mas há alguns detalhes que podemos perder sem a devida atenção. Há inúmeros exemplos do falar caipira, levantados por Amaral, que não encontramos na fala de Walter Lisboa. Sua fala, quando carregada de sotaque, apresenta algumas menções as suas férias na fazenda dos avós e situações que podem ser encontradas no meio rural, regionalismos, o uso das palavras compadre e comadre para falar com seus ouvintes e uma pequena alteração no sotaque. Pequenos desvios da norma culta também foram encontrados.

E, infringindo a lei que veta proselitismo em emissoras públicas, fala os nomes dos santos católicos e menciona sua própria confissão religiosa, o espiritismo. Sabemos que a discussão sobre a religião em meios de comunicação têm sofrido reveses, já que alguns magistrados consideram a religião parte da cultura e não foi esse nosso debate. Analisando seu discurso, percebemos que ele é morador da cidade, talvez saudoso do campo. Sua fala parece ser dirigida a pessoas que são como ele, que concordam com suas ideias e opiniões, pois quase todas são personalistas.

Porém, de certo modo, sua atuação continua a relegar o sotaque caipira a um segundo plano. Lisboa muda seu sotaque ao dizer o texto de aconselhamento. Dos trinta programas analisados, onze deles eram claramente espíritas, mas vinte e oito, apesar de versarem sobre outros temas, foram retirados de livros espíritas (o locutor cita a fonte ao fim da mensagem). Logo, pareceu-nos que o falar caipira não seria o mais adequado a dar conselhos, falar sobre Deus e temas metafísicos. Como demonstramos, ao dizer a mensagem de aconselhamento final (Mensagem do Dia), Lisboa usa a fala de locutor padrão, sem sotaques, tom grave. Em outras palavras: urbano.

De modo geral, o programa é uma peça radiofônica que confia nos seus vinte anos de história e é veiculado como se fosse um hábito. Da emissora e do ouvinte. Porém, falta um tratamento estético mais apurado ao programa. Trabalhar os sons da viola e outros efeito sonoros que remetam à natureza, ao campo, música após música, podem ajudar a criar uma paisagem sonora mais eficiente e ajudar na divulgação institucional da UNESP FM. A linguagem mais atual de rádio e a criação de imagens sonoras contribuiria, inclusive, para que mais ouvintes decidam pela emissora e passem a conhecer mais músicas.

Enfim, ser a opção do ouvinte, como José Ignacio Lopez Vigil atesta, não é esperar que o ouvinte goste e satisfazer-se sozinho pelo bom trabalho realizado. É necessário seduzi-lo e conhecê-lo.

Já no que se refere à comunicação de retorno (*feedback*), segundo Kaplún (1978, p.117), o locutor continua divulgando a caixa-postal da emissora, com pouco uso, mas ainda sim o principal meio de comunicação com os ouvintes. O apresentador não fala da página eletrônica, do perfil nas redes sociais. Talvez por considerá-los "fora" da realidade de seus ouvintes.

Walter Lisboa age como se conhecesse sua audiência (mesmo após vinte e dois anos de transmissão, é praticamente impossível saber quem são os ouvintes sem uma pesquisa de audiência). A nós, fica muito evidente a necessidade de pesquisas com o receptor. Seja o modelo mais usual de pesquisa, seja o modelo de Kaplún. O autor sugere alguns "modelos participativos" que consultaria alguns grupos de representantes, criticando diretamente os produtores (1978, p.120). Como vimos nas respostas dadas pela direção ao questionário da UNESCO, essa função também poderia ser feita por um conselho, que na UNESP FM está desativado há anos. Kaplún facilita e barateia a pesquisa de audiência ao oferecer uma gravação a um grupo de populares e, claro, levar em consideração sua opinião para guiar (ou redirecionar) os produtores em suas atividades. Afinal, a emissora é um bem público, mantida com nossos impostos.

Resumidamente podemos afirmar que o programa "Vida Caipira", após mais de duas décadas, necessita de remodelação. Mesmo sendo uma produção histórica, hoje, há meios de preservamos toda informação e contribuição feita por Walter Lisboa nesse longo período em que apresentou o "Vida Caipira". Hospedar os melhores programas na página da emissora (como *podcast*, áudio sob demanda) é uma boa alternativa e homenagem a esse profissional que se aposentará no final de 2013.

Há ensinamentos interessantes a futuros comunicadores que quiserem dedicar-se à comunicação popular. Mas, como tudo, existem pontos que podem ser aprimorados. A abertura pode ser atualizada e desdobrada em vinheta menores, aumentando a experiência auditiva dos apreciadores de moda de viola. A programação pode ser repensada, como dissemos, para atingir a um público maior ou mais específico. A locução pode ser feita com sotaque caipira, por um personagem, mas toda ela, sem

diferenciações que poderiam dar a impressão que a fala caipira é um mero fato de entretenimento, que não pode tratar de assuntos mais reflexivos ou filosóficos.

Enfim, esperamos que essa pesquisa possa ensejar outras e aprofundar o diálogo com a comunidade de ouvintes, ajudando em sua busca por uma comunicação popular e transformadora.

Referências bibliográficas

AMARAL, Nicolle S. Sampaio; COSTA, Ana Luiza Panveloski; FONSATI, Natália Bonicontró; KAMAURA, Raisa C. e Souza; ROSAS, Nathalia C. Martins; VERSUTI, Christiane Delmondes. **Relatório de Pesquisa Qualitativa** - Grupo Focal: Rádio UNESP FM 105,7 - População em geral de faixa etária entre 25 e 55 anos. Trabalho apresentado para a disciplina "Pesquisa de Opinião II – Qualitativa", ministrada pela professora Dra. Célia Maria Retz Godoy dos Santos. Bauru: UNESP, 2012.

AMARAL, Amadeu. **O Dialeto Caipira** - gramática e vocabulário. 3ª edição. São Paulo: HUCITEC, Secretaria da Cultura, Ciência e Tecnologia, 1976.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 12ª Edição. São Paulo: HUCITEC, 2006.

BARBOSA, Haroldo. **Na Cadência do Samba**. Rio de Janeiro: Novas Direções, 2000.

BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez Editora, 1980.

BILAC, Olavo. **Poesias**. 23ª edição. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1964.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Secretaria Especial de Informática, 2013. **In:** www.senado.gov.br/legislacao/const/con1988/CON1988_05.10.1988/CON1988.pdf, acesso em julho de 2013.

BUSTAMANTE, Enrique (ed.). **La cooperación Cultura-Comunicación en Iberoamérica**. Madri: Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo, Ministerio de Asuntos Exteriores y de Cooperación, 2008.

CALDAS, Waldenyr. **O que é música sertaneja?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1987.

_____. **Acorde na Aurora: música sertaneja e Indústria Cultural**. 2ª Edição. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

CALDEIRA, Sandro Ferreira. **Aspectos históricos do rádio em Bauru**. Monografia apresentada na Faculdade de Artes e Comunicações da Fundação Educacional de Bauru. Bauru: Secretaria da Educação de Bauru, 1983.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores e Cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. 4ª Edição. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

_____. **Culturas Populares no Capitalismo**. Tradução de Cláudio Novaes Pinto Coelho. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982.

_____. **Culturas Híbridas**. 4a Edição. Tradução de Ana Regina Lessa e Heloísa Pezza Cintrão. São Paulo: Edusp, 2008.

CÂNDIDO, Antônio. **Os parceiros do Rio Bonito**: estudos sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida. 7a edição. São Paulo: Livraria Duas Cidades Ltda., 1987.

CATELAN, Álvaro; COUTO, Ladislau. **História da Música Caipira no Brasil**. Goiânia: Kelps UCG, 2005.

CASTAGNA, Paulo. **Alma Latina**: Roteiros e áudios de trezes programas veiculados na rádio Cultura FM de São Paulo de 6 de março a 29 de maio de 2012. **in**: <http://paulocastagna.com/alma-latina>. Acesso em 20 de junho de 2012.

CORRÊA, Roberto Nunes. **Viola Caipira**. Brasília: Editora Musimed, 1983.

DURHAM, Eunice R. **A caminho da cidade**. A vida rural e a migração para São Paulo. 2ª Edição. São Paulo: Editora Perspectiva, 1978.

ESCOSTEGUY, Ana Carolina; JACKS, Nilda Aparecida. **Comunicação e Recepção**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

FAUSTO NETO, Antônio. A deflagração do sentido - Estratégias de produção e de captura da recepção. **In**: SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995

FERRARETO, Luiz Artur. O Rádio e as formas do seu uso no início do século XXI: uma abordagem histórica. **In**: CARVALHO, Juliano Maurício de; MAGNONI, Antônio Francisco. **O Novo rádio**: cenários da radiodifusão na era digital. São Paulo: Editora Senac, 2010.

_____. **Rádio**: o veículo, a história e a técnica. Porto Alegre: Editora Sagra Luzzatto, 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Minidicionário da Língua Portuguesa**. 2ª Edição. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1988.

FLICK, Uwe. **Introducción a la investigación cualitativa**. 3a edição. Madrid: Ediciones Morata, 2012.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou Comunicação?** Trad. Rosisca Darcy de Oliveira. 7ª edição. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1983.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. Trad. Galeano De Freitas. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

IACocca, Angelo. **Ponto Chic**: um bar na história de São Paulo. São Paulo: Editora SENAC SP, 2011.

JACKS, Nilda Aparecida. **Mídia Nativa: Indústria cultural e cultura regional**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2003. **In:** www.bocc.ubi.pt/pag/jacks-nilda-midia-nativa.pdf. Acessado em 8 de março de 2012.

JACKS, Nilda; MARROQUIN, Amparo; VILLARROEL, Mónica; FERRANTE, Natália. **Análisis de recepción en América Latina: un recuento histórico con perspectivas al futuro**. Quito - Ecuador: CIESPAL, 2011.

_____. Pesquisa de Recepção e Cultura Regional. **In:** SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

KAPLÚN, Mario. **Producción de programas de radio - el guión - la realización**. Quito - Ecuador: CIESPAL, 1978.

LOPES, Maria Immacolata Vassalo de. **Pesquisa em Comunicação**. 8ª Edição. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

_____. **Rádio dos Pobres**. São Paulo: Edições Loyola, 1988.

MAGNONI, Antônio Francisco. Projeções sobre o rádio digital brasileiro. **In:** CARVALHO, Juliano Maurício de; MAGNONI, Antônio Francisco. **O Novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Editora Senac, 2010.

MARCONDES, Marcos Antônio. **Enciclopédia da Música Brasileira Popular, Erudita e Folclórica**. 2ª Edição. São Paulo: Art Editora Publifolha, 1998.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Ofício de Cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Edições Loyola, 2004.

_____. **Dos meios às mediações: Comunicação, cultura e hegemonia**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003.

PIGNATARI, Décio. **Informação Linguagem Comunicação**. 19ª edição. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

POCHMANN, Márcio. **Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2012.

PORTO, Mauro. A pesquisa sobre recepção e os efeitos da mídia: propondo um enfoque integrado. **in:** FERREIRA, Giovandro Marcus; MARTINO, Luiz Cláudio (orgs.). **Teorias da Comunicação - epistemologia, ensino, discurso e recepção**. Salvador: EDUFBA, 2007.

ORTIZ, Miguel Ángel; MARCHAMALO, Jesús. **Técnicas de Comunicação pelo rádio - a prática radiofônica**. Trad. Alda da Anunciação Machado. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

ORTIZ, Renato. **A moderna Tradição Brasileira** - Cultura Brasileira e Indústria Cultural. 5ª Edição. São Paulo: Editora Brasiliense, 2001.

RIBEIRO, Darcy. **O povo brasileiro** - a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

_____. **Gentidades**. Uirá vai ao encontro de Maíra: uma introdução a Casa-Grande e Senzala, Salvador Allende e a esquerda desvairada. Porto Alegre: L&PM POCKET, 2011.

SANT'AGOSTINO, Lúcia Helena Ferraz. **Bauru, "Chão de Passagem"**: Entreposto de Valores na Rota Atlântico-Pacífico. Dissertação (Mestrado em Estruturas Ambientais Urbanas) - Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, USP, São Paulo, 1995.

SANT'ANNA, Romildo. **A moda é viola** - ensaio do cantar caipira. São Paulo: Arte & Ciência; Marília, SP: Editora Unimar, 2000.

SILVA, Gislene. **O Sonho da Casa no Campo** - jornalismo e imaginário de leitores urbanos. Florianópolis: Editora Insular, 2009.

SOUSA, Mauro Wilton de. Recepção e Comunicação: a busca do sujeito. In: SOUSA, Mauro Wilton de. **Sujeito, o lado oculto do receptor**. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TAUBKIN, Myriam. **Violões do Brasil**. 2ª Edição revista e ampliada. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2007.

TOME, Takashi. Analógico versus Digital: expectativas e limitações. In: CARVALHO, Juliano Maurício de; MAGNONI, Antônio Francisco. **O Novo rádio: cenários da radiodifusão na era digital**. São Paulo: Editora Senac, 2010

TINHORÃO, José Ramos. **Pequena História da Música Popular** - da modinha à lambada. 6ª Edição Revista e Ampliada. São Paulo: Art Editores, 1991.

VERSUTI, Christiane Delmondes. **A pesquisa qualitativa e o papel do relações públicas na sedimentação da imagem organizacional de uma rádio educativa: Rádio UNESP Bauru**. Relatório final de estudo. Bauru: UNESP, 2012.

VIGIL, José Ignacio López. **Manual urgente para radialistas apaixonados**. Tradução de Mari Luísa Garcia Prada. 2ª edição. São Paulo: Paulinas, 2004.

WILLEMS, Emílio. 1961. **Uma vila brasileira** - tradição e mudança. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.

WOLF, Mauro. **Teorias da Comunicação**. 9ª Edição. Lisboa: Editora Presença, 2006.

ZUCOLOTO, Valci Regina Mousquer. **A história do Rádio Público no Brasil: um resgate pela linha do tempo**. Intercom, 2011. In:

<http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2011/resumos/R6-2283-2.pdf>, acesso em junho de 2013.

Sítios visitados:

www.bocc.ubi.pt

www.ecad.com.br

www.billboard.biz

<http://clubedavioladebauru.blogspot.com.br>

<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/ba/radios+baianas+terao+que+anunciar+compositores+de+musicas/n1597013048962.html>

http://www.radialistasp.org.br/site/pdfs_gerais/manual/Manual_dos_Radialistas.pdf

<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/topwindow.htm?1>

<http://www.ibope.com.br/pt-br/noticias/Paginas/47-dos-ouvintes-de-radio-escutam-musica-sertaneja.aspx>

ANEXO 1 - Transcrição das falas do "Vida Caipira"

Roteiros simplificados (sem contagem de tempo) do programa Vida Caipira dos dias 30 de novembro e 1 de dezembro de 2011 e os programas de 17 de abril a 24 de maio:

30/11/2012

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta:

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é quarta-feira, quarta-feira 30! Aêh! 30 de novembro de 2011! E hoje é o último dia do mês de novembro, hein, compadre? 30 de novembro, bom dia! Amanhã, dezembro! Eh, dezembro, hein? Muito bom! Então, começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

Daqui a pouco tem Zé Tapera e Teodoro, tem Dino Franco e Moraí, tem Cascatinha e Inhana.

Bom, hoje 30 de novembro é dia do Síndico, do Estatuto da Terra e do Teólogo. Portanto, dia importante, hein? Dia do Síndico, do Teólogo e do Estatuto da Terra... síndico... tem síndico bom, né? Mas também tem síndico que, às vezes, enche um pouquinho, não? Não é compadre, não é mesmo? É... mas a maioria deve ser bom mesmo. Vamos mandar um parabéns pros Síndicos, grandes síndicos responsáveis, né? Não cínicos, sín-di-cos [ri]. E dia do teólogo e do Estatuto da Terra. Apesar que tem um síndico lá onde mora minha filha, viu? Aí foi na conversinha de um coroa lá, sabe como é que é, sempre morou em casa, vai pra apartamento, está amargo, né? Não envelhece

com aquela alegria. Parece que... triste, triste, triste, arrumou uma confusão das arábias, rapaz do céu! E o síndico do lado do... não é velhinho, não, não é nada de idoso... não é nada contra os idosos, né? Nós somos idosos também. Mas uma pessoa amarga, porque o homem tem a idade que quer ter, né? Tem o espírito que... porque o livre-arbítrio é nosso, né? Uma confusão compadre, que precisou parar no fórum, isso aí... eu fiquei aborrecido, sabe como é que é? São meus netos mais velhos, sabe... fiquei muito chateado, até porque conheço a pessoa. Outrora foi tão bacana, tão amável, mas o síndico foi... ah, deixa pra lá! Parabéns a todos os bons e ao Estatuto da Terra e ao teólogo, o teólogo é importante... aliás, essa pessoa aí que hoje é um pouco amarga, conhece muito de teologia... então deixa pra lá!

No capítulo “santo do dia”, hoje é dia 30, dia de Santos Zózimo, André e Apóstolos. Santos do Dia, Santo André... André é Apóstolo, perdão, André Apóstolo e santo Zózimo. Santos desse 30 de novembro Santo André Apóstolo e Santo Zózimo!

E o Vida começa com Dino Franco e Moraí, do Anacleto Rosa Júnior, Cavalo preto!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira vocês ouviram Cascatinha e Inhana, do Gilson e Joram, Casinha branca. Zé Tapera e Teodoro, do Prainha e Ceato Penati, Tchau amor! Daqui a pouquinho tem Zilo e Zalo, Chitãozinho e Xororó, Almir Sater.

Vida Caipira na sua UNESP FM em 105,7 MHz, Bauru, São Paulo, eh, beleza, né? Rapaz, essa música agora do Chitãozinho e Xororó só faltou a Fafá... porque a Fafá, ela canta, né? Mas nessa gravação aqui, ela não está cantando com Chitãozinho e Xororó. Aí, aí sai de baixo, hein, compadre? Fafá, Chitãozinho e Xororó, eh, música! Do Paulo De Bettio e Paulinho Rezende... vamos lá, então, Chitãozinho e Xororó, do Paulinho Rezende e Paulo De Bettio, Nuvem de lágrimas!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No vida caipira vocês curtiram Almir Sater e Geraldo... do Geraldo Espíndola, É necessário! Zilo e Zalo, Lourival dos Santos e Serrinha, Mineiro de Campo Belo. Eh, mineiro de Monte Belo! Daqui a pouco tem Pirilampo e Saracura, tem Daniel e a participação das irmãs Galvão, Mineiro e Manduzinho. Na UNESP o Vida Caipira, vamos até as 7 horas! Eh! Programação musical Sérgio Magson, operação de áudio Silvestre Oliveira, apresentação Walter Lisboa. Vamos lá, então? Vamos lá, Daniel, participação das irmãs Galvão, do Dino Franco e Zé Fortuna, Cheiro de Relva.

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira vocês ouviram Minero e Manduzinho, do Zé Carreiro e Geraldo Costa, bombardeio. Ouviram também Pirilampo e Saracura, o Sérgio Reis e o Almir Sater, do Carreirinho, Vagabundo. Daqui a pouquinho vamos completar com Ataíde e Alexandre! Oh! Estrada do Amor! Daqui a pouco, né? Agora vamos à mensagem do dia!

Sobe BG

Vamos, então, à mensagem do dia.

Sobe Bg

A mensagem de hoje “Os homens também podem chorar” parte 2...

Sobe BG

Os americanos sempre aprenderam que só os maricas é que choram. O doutor [irreconhecível] cita o caso do esquimó que é livre para chorar sem que esteja sob ameaça de desdém. Ao mesmo que observa que, entre os esquimós, raramente ocorrem problemas psicossomáticos. As emoções profundas que não se manifestam pelas

lágrimas, fazem os outros órgãos chorarem. Estudos especiais feitos pelo exército dos Estados Unidos mostram que os homens recorrem a outros subterfúgios antes de darem vazão às lágrimas: rangem os dentes, apertam os pulsos, vomitam e até mesmo desmaiam. Mas se forem jovens e corajosos americanos não chorarão. Isto é para os molengões. Suponhamos que você veja um homem conhecido, um homem por quem tem grande consideração chorando. Você deixaria de respeitá-lo? Você, você mesmo, não se viu em situações em que se viu prestes a chorar?

A mensagem do dia “Os homens também podem chorar” por Rapf [irreconhecível].

Sobe o BG

Bem, moçadinha, vamos completando o Vida Caipira desta quarta-feira, quarta-feira 30, 30 de novembro de 2011. Vamos completar com Ataíde e Alexandre, do Alexandre e Darci Rossi, Estrada do Amor.

Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha, e bom dia!

Entra música 10

1º/12/2011:

Abertura: Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta:

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom dia amigos! Muito bom dia! Hoje é quinta-feira! Quinta-feira, primeiro! Eh, primeirão! Primeiro de dezembro de 2011. Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira. Eh, vidão!

Vida Caipira! Até as 7 horas! Daqui a pouco tem Campano e Cuiabano, vamos ouvir! Tônico e Tinoco, Luizinho, Limeira e Zezinho. Bom dia moçadinha! Muito bom dia! Bom dia compadre! Bom dia comadre! Meus respeitos, comadre! Bom dia!

Bom, dia primeiro de dezembro! Hoje, quinta-feira, hoje é dia do imigrante! I-mi-gran-te. Dia mundial da luta contra a AIDS... então, nossos cumprimentos, né? A todos aqueles que lutam, que todos nós tenhamos, enquanto não aparece a vacina, que está em experiência e coisa e tal, ainda não temos comprovação, aqueles que lutam contra a AIDS. E também nossos cumprimentos ao imigrante, àquele que escolheu o Brasil como sua pátria. Imigrante vem lá, distante e coisa e tal... e o Brasil acolhe a todos, né? Sempre muito hospitaleiro, muito democrático, muito amor, né? O Brasil é o Brasil, à parte do evangelho. Então, parabéns a todos envolvidos na efeméride.

No capítulo "Santos do dia", hoje é dia de santas Natália, Eloi e Elígio. Santos do dia, santo Eloi, santo Elígio e santa Natália. Santos deste dia primeiro de dezembro, são Elígio, são Eloi. Eloi é o santo protetor dos ourives, né? Eloi, é... e santa Natália. Muito bom!

Nosso Vida Caipira começa com Tônico e Tinoco, do Chico Valente e Danilo Bernardes, Filho Pródigo!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira vocês curtiram Luizinho, Limeira e Zezinho, do Teddy Vieira e Ado Benati, Sagrado Ofício. Ouviram também Campano e Cuiabano, do Ramon Cariz, Espora de prata.

Daqui a pouco tem Daniel e Zé Camilo, Luiz Carreiro e Zé Mulatinho e tem Tinoco e Tinoquinho! Vida Caipira! Sempre pela sua UNESP FM, de segunda a sexta-feira a partir das 6 de *la matina*, 6 da manhã! UNESP FM, 105,7 MHz, Bauru, São Paulo. Caixa posta 61, meia um. Tinoco e Tinoquinho, do Tinoco e Nadir, Baile na roça!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira vocês ouviram Luiz Carreiro e Zé Mulatinho, do Armando Fernandes, Barriga Verde. Daniel e Zé Camilo, do Luiz de Castro e Tião Carreiro, Encanto da natureza. Já que estamos falando de Tião Carreiro, olha o carro de boi, aí...

Sobe BG

[Imita tocador de boi]... daqui a pouco tem as irmãs Galvão, Sérgio Reis, Almir Sater... Vida Caipira, programação musical do Sérgio Magson, operação de áudio Silvestre Oliveira, apresentação Walter Lisboa. Essa música aí, me fez lembrar, né? tempo que a gente ia pegar carretel lá no sítio do Rio Verde, meu tio Antônio, aos domingos, né? dia de visita, né? Aí, minha vó Maria, né? ia lá na frente e amarrava, assim, umas cadeiras nas laterais da... eu falo carretel, né? mas é carro de boi. Carretel, mesmo, no meu tempo era carretel que falava. E eu ia sentado na beiradinha, porque é meio empinado, é meio... a traseira é meio baixinha, eu ia sentado, as pernas erguidas, né? perninhas, né? É que eu era molequinho, desde os 7, 8 anos, eh, Rio Verde! Aí eu ia... quando podia arrastava o pé na areia, né? Ia lá pra Sertãozinho visitar outra irmã da minha vó Maria, né? Tia Dolores, é... casada com o Zé Henrique. Tudo no Rio Verde isso aí. Depois voltava com o carro de boi... é... uma parelha puxando o carro. E rangia, um pouco. [Imita som do rangido.]

Sobe BG

É isso aí, moçadinha! Alô, Luiz Lemos de Almeida, do Rio Verde, êh, Luizão! Grande abraço! Escadinha, grande abraço! Vamos em frente: Sérgio Reis, do Tônico e Francisco Ribeiro, Chico Mineiro!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira vocês curtiram Almir Sater, dele e Paulo Simões, Pagode bom de briga. As irmãs Galvão, do Serrinha, O que tem a Rosa. Daqui a pouquinho vamos completar com Gonzaguinha, participação do Luiz Gonzaga, eh, Gonzagão! Na verdade o Gonzagão... estão iguais aí na música, até porque essa música vai lembrar muito aí o... o velho pai. A música é do Luiz Gonzaga e do Hervê Cordovil, eh! Essa mesmo: a vida do viajante! Naqueles tempos, mesmo, a vida do viajante era assim mesmo... não sei porque eu estou muito saudosista, aliás, eu sou muito saudosista, confesso, né? Já deu pra perceber... não sei, os tempos atuais estão tão diferentes, né? Está muito bom, a tecnologia, medicina evoluída, coisa e "tar", coisa e "tar" mas antigamente, não sei porque... eh, meus tempos de criança, meus tempos de mocidade... [ri], muito bom, vamos lá, então? Mas a gente é moço ainda, né compadre? É claro! Cada um tem a idade que quer ter mesmo... é, temos uma idade boa! Estamos dançando, estamos curtindo, estamos fazendo outras peripécias, né? É isso aí!

Vamos pra mensagem do dia?

Sobe BG

A mensagem de hoje: "Os homens também podem chorar", parte 3!

Sobe BG

Nem sempre as lágrimas são provocadas pela tristeza, solidariedade, dor ou por uma sucessão de pensamentos. Algumas vezes, uma beleza deslumbrante é o suficiente para provocar uma demonstração de emoção. Certa vez, o falecido, conhecido ator, Charles Laughton foi a [irreconhecível] para apresentar um programa literário na

Universidade da Carolina do Norte. Naquela tarde, caminhando pelo jardim, deparou-se com um canteiro de narcisos, flores perfumadas, solitárias, fluorescentes. A visão foi de uma beleza tão comovente que Lawton começou a chorar...

A história cita vários homens famosos que choraram em público: Alexandre, o Grande, chorou ao saber que não havia mais mundos para conquistar. Spencil falava das dádivas misericordiosas das lágrimas. Abrahan Lincoln sentiu-se orgulhoso por sua habilidade de chorar de alívio e em solidariedade. E todos que leem o evangelho sabem que o mestre, sabem que Jesus chorou.

A mensagem do dia "Os homens também podem chorar", essa mensagem é de autoria de Ralf [irreconhecível].

Aliás, me lembrei agora, na minha adolescência, o melhor da sétima arte, o cinema... se não estou falho na minha memória, Charles Laughton foi um dos grandes personagens, protagonistas, do filme "testemunha por acusação" com Tyrone Powell e Marlene Dietrich. Charles Laughton, se não me engano, foi o advogado de defesa. Aliás, o filme, o roteiro, evidentemente, todo baseado num tribunal de júri. Um tribunal popular, um tribunal de júri criminal... muito bom! Testemunha por acusação, foi um belo, um grande filme, um dos clássicos do cinema... esse filme foi feito no comecinho dos anos 50 e eu o assisti nos anos 60, na minha adolescência. Muito bom! Grande Tyrone Powell de melodia imortal também, né, com Kim Novak. Vamos completar o Vida Caipira desta quinta-feira, primeiro de dezembro de 2011 com Gonzaguinha e Luiz Gonzaga, do Luiz Gonzaga e Hervê Cordovil, êh! a vida do meu do meu velho pai, hein? A vida do viajante! Amanhã, logo às 6 da manhã com a Graça de Deus - sempre! - novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira! Um abraço moçadinha e bom dia!

Entra música 10

17 de abril de 2012

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é terça-feira, terça-feira 17! 17 de abril de 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

Muito bom! Daqui a pouco vamos ouvir Zé do Rancho, Renato Teixeira, Domitila e Fleury. Muito bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre! Meus respeitos, comadre! Bom dia!

Muito bom, hoje nas efemérides, 17 de abril, nada a registrar.

Agora, no capítulo “santos do dia”, hoje é dia de Santo Aniceto e também Elias. Santos do Dia, Elias e Aniceto... Santos desse 17 de abril, São Elias e Santo Aniceto!

E o Vida começa e começa bem com Domitila e Fleury, do Anacleto Rosa Júnior, Cavallo preto!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira vocês curtiram Renato Teixeira, dele, vira no meu quintal! Zé do Rancho, do Geraldo Vandré e Théó, Disparada. Daqui a pouco tem Rei da Mata e Tião do Gado, Melo e melinho e Abel e Caim.

Na UNESP estamos apresentando Vida Caipira! Ê vidão!! A nossa caixa postal tem o número sessenta e um, meia um, pra você mandar a sua cartinha! Aqui pro programa Vida Caipira, Bauru, São Paulo, na UNESP FM!

Vâmo que vâmo, Melo e melinho, do Teddy Viera e Palmeira, Couro de boi!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No vida caipira vocês curtiram Abel e Caim, do Carne... do Carneirinho, Zé Fortuna, crianças do Brasil! Rei da Mata e Tião do Gado, do Rei da Mata e Sulino, coração ferido!

Daqui a pouco tem Inezita Barroso, Tião Carreiro e Pardinho, Pena Branca e Xavantinho... Na UNESP, estamos apresentando o Vida Caipira! Programação musical Sérgio Magson, operação de áudio Silvestre Oliveira, apresentação Walter Lisboa. E vâmo que vâmo, Tião Carreiro e Pardinho, do Carreirinho e Paulo Calandro, urutu cruzeiro!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira nos ouvimos Pena Branca e Xavantinho, do Xavantinho, rancho triste. Ouvimos também Inezita Barroso, do professor Laureano, Moda da pinga! Moda da pinga... professor Laureano, durante muito tempo, deu aulas aqui no nosso ginásio do estado, hoje Instituto de Educação Ernesto Monte, né? É isso aí! Daqui a pouquinho vamos completar com Zé Ramalho, Chão de giz! Beleza! Bom, agora, meu caro Silva, vamos para a mensagem do dia...

Sobe BG

A mensagem de hoje, intitulada "uma vitória real":

Sobe BG

O hábito de sonhar, é inerente ao ser humano. Todo homem sempre possui algum projeto a realizar... nas várias frases da vida, os sonhos se sucedem. A cada

vitória surge um novo projeto. É bom que seja assim, pois a esperança de um futuro melhor dá colorido à vida. Todos os sonhos ligam-se ao desejo humano pela felicidade.

É na busca pelo bem-estar e da plenitude que o homem se aprimora... sem sonhos e metas para alcançar, o espírito humano fenece. Entretanto, é preciso reconhecer que a finalidade da vida não se cinge a aspectos materiais. Basta um lançar de olhos pela existência humana para constatar a sua transitoriedade. Tudo o que vincula à matéria é passageiro.

Por maior que seja a beleza física de alguém, ela passa. A mais vigorosa saúde, gradualmente diminui. [inaudível]. A fortuna é caprichosa e troca de mãos com frequência. Ninguém consegue levar sua riqueza ao desencarnar. As posições de prestígio perdem importância ou passam a ser desempenhadas por outros. Nada garante que os familiares e amores de alguém ficarão ao seu lado até o final da vida.

As pessoas mudam de cidade... tsc! Trocam de emprego, descobrem novas afinidades e interesses. Ademais, inevitavelmente, alguém morre primeiro... enfim, há sempre certo destroçar e despedaçar envolvendo a vida na Terra. Essa realidade não constitui crueldade da natureza, trata-se, antes, de um lembrete ao homem de que ele está aqui, mas não é daqui. Como sempre afirmamos, estamos de passagem. É bom e útil que se ocupe com o mundo que o rodeia e faça o possível para viver bem.

A mensagem do dia é parte da mensagem "uma vitória real" e foi extraída, a coletânea, momento espírita volume 7. E amanhã faremos a segunda parte dessa mesma mensagem, né? Intitulada "Uma vitória real"!

Sobe o BG

Bem, vamos completá o Vida Caipira desta terça-feira 17, 17 de abril de 2012, Zé Ramalho, dele, é música, hein? Chão de giz! E lá vem o gogó do Zé Ramalho!!

Abraço, moçadinha, e bom dia! Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira. Bom dia!

Entra música 10

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é quarta-feira, quarta-feira 18 de abril de 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão! Vida Caipira!

Daqui a pouco tem Cacique e Pajé, Lourenço e Lourival e Geraldo Fiori e Pantanal! Bom dia, moçadinha, muito bom dia!

Bom dia, compadre! Bom dia, comadre! Meus respeitos, comadre! Bom dia! Hoje, dia 18, hoje é dia de Monteiro Lobato, grande Monteiro Lobato! E a feira do livro, falando em Monteiro Lobato, continua lá no SESC, compreend... continua, é?... é isso mémo? É? Continua sim! Muito bem! Essa semana ainda tem, a derradeira semana.

E meu filhão tá lá também, está lá com seus livros e tal! Então, Monteiro Lobato, também hoje é dia mundial do radioamador! Portando, hoje um dia muito importante, né?! Dia mundial do radioamador, o radioamador é uma coisa impressionante, ainda, né? A utilidade... o trabalho dele é... não foi só lá nas guerras, não, nos acidentes aéreos aí, tipo quando cai na selva, um grande Boeing, et cetera e tal... continua, né?! E nossas florestas continuam, também nas cidades, conforme a distância dos grandes centros lá... o radioamador é tudo! Parabéns, ao bom profissional! [risos] É amador, né? Eu falo profissional pra dar assim um tchã maior, no exercício, né? Do... do... do verdadeiro sacerdócio que é ser radioamador, é!! Parabéns, parabéns a todos os radioamador de toda Bauru da região e do Brasil afora, né? Quase que eu

engasguei, hein?... e o hoje é dia de Monteiro Lobato! Parabéns aí aos cultores, principalmente da obra de Monteiro Lobato! É isso aí! Principalmente a moçadinha da literatura infantil... tem muita gente que não liga, né? Meu filho tem videogame, tem computador, já é bom no computador, é bom não sei aonde, coisa e tal... pois é, mas o livro é tudo, né? Não resta dúvida! Vai evoluindo o mundo, mas quem tem leitura, he... lá na frente vai ver. É... eu tenho, eu conheço os grandes intelectuais não podem dispensar a leitura, né? Um bom livro! E o Monteiro tá devidamente incrustado nos nossos grandes imortais, né?! Em termos de cultura, de literatura, principalmente, infantil.

Começamos com Lourenço e Lourival! Não! Mas antes tem o “santo do dia”, quase que eu esqueci! Hoje é dia de santos Apolônio e Galdino. Santos d 18 de abril, Apolônio e Galdino! Santos do dia: são Galdino e santo Apolônio. Lourenço e Lourival, do Paulo Calandro, eu e a Rosa!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira vocês ouviram Geraldo Viola e Pantanal, do Dino franco e Tião Carreiro, amargurado. Cacique e Pajé, do Cecílio Bernardes e [inaudível] Oliveira, Torto também acerto. Daqui a pouco tem Belmonte e Miltinho, Caçula e Marinheiro, Tibajé e Amaraí.

Na UNESP estamos apresentando Vida Caipira. Ê Vida Caipira! Nossa caixa postal tem o número sessenta e um, meia um pra você mandar sua cartinha. Caixa postal sessenta e um. E vâmo enfrente, então: Caçula e Marinheiro, do Marinheiro, Igrejinha da serra!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No vida caipira ocês curtiram Tibaji e Amaraí, versão do Zé Fortuna, minha terra distante. Belmonte e Miltinho, do Belmonte e Felisberto Martins, moreninha encantadora!

É o Vida Caipira, aqui na sua UNESP Fm. A programação musical é do Sérgio Magson, operação de áudio Silvestre Oliveira, apresentação Walter Lisboa. E vâmo que vâmo! Pedro Paulo e Paulo Vitor, do Domiciano e Paulo Vitor, água no feijão!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocês ouviram Raul Torres e Florêncio, do Raul Torres, que linda morena! Nenete e Dorinho, do Nenete, e Celmo, o milagre das flores! Daqui a pouco nós vamos completar com João Mineiro e Marciano, né? Nas vocês do João Mineiro, que nos deixou aí não faz muito tempo, e do Marciano, que fizeram durante muito... durante muito tempo, a bela dupla. O Marciano, nosso bauruense, e o João Mineiro. Marciano um dos autores de Fio de Cabelo, né? Ê musicão, Fio de Cabelo! Mas hoje não ser Fio de Cabelo aqui, não, aqui no final! Vai ser a música do Nelson Ned, né? Muito bem! Vamos pra nossa mensagem do dia?

Sobe BG

Conforme promessa ontem vamos completar a mensagem "uma vitória real":

Sobe BG

Então, como dizíamos, não podemos colocar todas as expectativas em algo transitório, sob pena de cruéis decepções. Quem reflete facilmente conclui que a felicidade plena não é possível na terra. Aqui, sempre haverá um elemento de instabilidade, a causar aflição. Contudo, o desejo da felicidade é inerente ao homem. Importa, pois, descobrir metas, cujo alcançar, de fato, conduza à plenitude do ser. Essas metas nada podem de instável e incerto. Consequentemente, não podem se vincular a questões transitórias. Tendo em vista que todo homem cedo ou tarde morrerá, é preciso descobrir quais tesouros ele poderá levar consigo.

Por certo, não serão riquezas, títulos, posições e honrarias. O espiritismo ensina que os espíritos encarnam e reencarnam infinitas vezes com o propósito de se aperfeiçoarem. Ao final do processo, todos serão plenos de amor e sabedoria. Coerentemente, uma meta realmente importante, em termos de vida imperecível, liga-se ao alcance desse propósito maior. Todas as outras vitórias grandes ou pequenas são passageiras.

A mensagem do intitulada, começamos ontem, né? E a dividimos em duas partes, uma vitória real, ah? Acho que é certo em duas partes, porque podia ser em três partes, mas dividimos desta feita, em apenas duas partes. Da coletânea do livro Momento espírita, volume 7. Aliás, essa semana vi uma pesquisa, rapidinha assim, tipo duma enquete no jornal... falava de ressuscitação, né? E num falou do reencarne... então, uma boa parte, parcela aí, faz confusão ressuscitar e reencarnar. Ressuscitar, só Ele, né? Jesus. Ressuscitou. Reencarnar é diferente, até porque realmente a carne é matéria passageira, o espírito sim, criação de Deus, é eterno. Então, reencarnar é um negócio, né? É o correto raciocínio. Ressuscitar, somente o Mestre. Completamos com João mineiro e marciano, no Nelson Ned tudo passará!!!

Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus, sempre! Novamente aqui estaremos pra mais um adição do Vida Caipira. Um abraço moçadinha e bom dia!!!

Entra música 10

19 de abril

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é quinta-feira, ê! quinta-feira 19, 19 de abril de 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

Daqui a pouquinho nós vamo ouvir, Tião Carreiro e Pardinho, Chico Rey e Paraná e Jacó e Jacozinho. É, hoje é dia do índio, 19 de abril, dia do índio, nas efemérides, nossos cumprimentos aos nossos irmãos, né? Pelo seu dia, o dia do índio! ô Araribá aqui perto em Avaí, nós temo lá os Terena, não é mesmo? Dia do índio! Parabéns pelo dia do índio!

E no capítulo santos do dia, hoje é dia dos santos Hermógenes, Gálata e Santo Expedito! Olha o Santo Expedito! O santo das causas impossíveis, né por aí e tal? Santo Expedito! Santos do dia, Santo Expedito, santa Gálata e santo Hermógenes. Santos deste 19 de abril: são Hermógenes, santo Expedito e santa Gálata!

E o vida começa com Chico Rey e Paraná, no Nhô Basílio, berrante da saudade!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira ocês ouviram Jacó e Jacozinho, do Jacozinho e Toni Gomide, som rural! Tião Carreiro Pardinho, do Tião Carreiro e Lourival dos Santos, a vaca foi pro brejo! Daqui a pouco tem Milionário e Zé Rico, Beto e Betinho, participação Padre Zezinho com Beto e Betinho, e Melo e Melinho! Ê!! É inho que num acaba mais, hein? Nosso Vida Caipira caixa-postal, meia um, sessenta e um, pra você mandar sua cartinha aqui! Programa Vida Caipira, Bauru - SP, rádio UNESP FM. Vamos lá, então, Beto e Betinho e Padre Zezinho, do padre, do padre Zezinho, saudades do meu velho pai!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No vida caipira vocês curtiram Melo e Melinho, do Tônico e priminho, moreninha linda! Ô, moreninha! Milionário e Zé Rico, do Darci Rossi, Constantino Mendes, Sessenta dias apaixonado! Daqui a pouco nós vamos ouvir Mato Grosso e Mathias, tem também Lourenço e Lourival e Sérgio Reis! Vida Caipira, programação musical é do Sérgio Magson, operação de áudio Silvestre Oliveira, locução Walter Lisboa. E vamos que vamos! Lourenço e Lourival, do Paulo Calandro e Ribeirinho! Eu e a rosa!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: ê, beleza!! Vamos lá, minha chalana! No Vida Caipira vocês ouviram Sérgio Reis, do Geraldo Vandré e Théo, Disparada! Mato Grosso e Mathias, do Tito Xavier e Mato Grosso, pai Tião! Daqui a pouquinho nós vamos completar com João Mulato e Douradinho e Violeiro sem viola! Aô, coisa dura, hein? Violeiro sem viola! Num é fácil não, né? Muito bom! Agora, nós vamos então pra mensagem do dia!

Sobe BG

A mensagem de hoje intitulada, Música celeste!

Sobe BG

A mensagem é muito boa, hein? Por um momento imagine a grandeza do cosmos. Estimam os cientistas que há quase 14 bilhões de anos houve uma explosão de luz! E nasceu o nosso universo. A ciência chama isso de Big-Bang. Para os espiritualistas ali está a presença de Deus, criando todas as coisas, pronunciando as doces palavras "que se faça a luz!" E a luz se fez! Bilhões e bilhões de sóis passeiam solenes na sinfonia dos mundos. Em torno desses sóis, trilhões, trilhões de planetas, satélites, asteroides executam a dança silenciosa das harmonias celestes. Giram planetas sobre si mesmos, giram em torno de sóis, giram os sóis e seu cortejo acompanhando o

caminhar das galáxias, ritmo e graças em toda parte. Aqui e ali um cometa. Asteroide obscuro se aproxima de uma estrela e, de repente, é invadido pela luz. Eis que se acendem inteiro como um fósforo cósmico. Então, se vai arrastando sua cauda de poeira e gás a semear a vida pelos mundos. Mas em um desses trilhões de planetas sob a luz amarela de um sol, os moradores de um certo planeta, a Terra, se orgulham de ser maiores que os demais. hehe. Vista do espaço, a Terra é pequeno grão de areia, lindo, que passeia seu azul pelo espaço infinito. Mas seus habitantes são como crianças brigando sempre, acreditando-se senhores da vida, donos dos céus. Ah, se pudéssemos nos ver no conjunto do universo, minúscula gota no grande oceano da criação. Certamente seríamos mais humildes. Não daríamos tanta importância aos pequenos problemas do dia-a-dia. Talvez, fosse mais fácil perdoar, esquecer, apagar as mágoas... se víssemos nosso mundo como translúcida bolha de sabão que flutua em meio ao pontilhado das estrelas, quem sabe, quem sabe, aprenderíamos a reverenciar mais a obra divina.

A mensagem do dia, é apenas uma parte, intitulada "música celeste"... essa mensagem é atribuída a equipe de redação do momento Espírita da coletânea de igual nome, momento espírita, volume 7.

Bem moçadinha, vamo completando o Vida Caipira desta quinta-feira, 19, 19 de abril de 2012. Vão completar com João Mulato e Douradinho, do Lourival dos Santos e Paraíso, Violeiro sem viola! Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus, - sempre! - novamente aqui estaremos para mais um adição do Vida Caipira. Um abraço moçadinha e bom dia!!!

Entra música 10

dia 20 de abril de 2012

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é sexta-feira, sexta-feira 20! 20 de abril de 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

Daqui a pouquinho vamos ouvir Sérgio Reis, Silverado e monte Negro e também o mestre Rolando Boldrin, juntamente com João Cleber.

Bom dia moçadinha, muito bom dia! Bom dia compadre, bom dia comadre, meus respeitos, comadre! Bom dia!

Bom, hoje nas efemérides, hoje é dia do diplomata, 20 de abril, dia do diplomata! Nossos respeitos, cumprimentos aos grandes diplomadas! Cumpadre, é diplomada mesmo, é coisa do Itamaraty, aquele negócio todo, sabe? Lá estuda pá embaixador, coisa e tar, entendeu? Chanceler... não é o senhor que é diplomata aí na lavoura, na convivência com os vizinhos, aí é no sentido figurativo, né compadre?

Mas parabéns o senhor também é diplomata! Muito bem, parabéns aos diplomatas do nosso Brasil, principalmente..

Bom e no capítulo “santos do dia”, hoje é dia de São Cesário, Santa Inês de Montebitiano. Santos do dia: Inês de Montebutiano e Santo Cesário. Santos desse 20 de abril, Santa Inês de Montebutiano e Santo Cesário.

E o Vida começa com Silverado e Monte Negro, deles, Brasil boiadeiro!!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira vocês curtiram Rolando Boldrin e João Cleber, futebol da bicharada, ê beleza, né? Já pensou elefante zagueiro, lá, central, né? Se é que tem tudo isso aí, né? Muito bem! Mas deve ser bicharada aqui do nosso, do nosso Amazonas aí, né? Da nossa floresta, né? Elefante é lá pro lado das Áfricas, da

Ásia, né? É? Sérgio Reis, né? Também, do Piraci e Tião Carreiro, Rio de lágrimas. Daqui a pouquinho tem João Vitor e Ademir, Pedro Paulo e Paulo Vitor, Eli Silva e Zé Goiano.

Na UNESP estamos apresentando Vida Caipira! A nossa caixa postal tem o número sessenta e um, meia um, pra você mandar a sua cartinha! Aqui pro nosso programa!

Vâmo em frente com Pedro Paulo e Paulo Vitor, de Domiciano e Pedro Paulo, página da saudade.

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No vida caipira nós ouvimos Eli Silva e Zé Goiano, de Jesus Belmiro e Tião Carreiro, paixão mineira. José Vitor e Ademir, do Teddy Vieira, boiadeiro errante!

Daqui a pouco tem Executivo e Lavrador, Cacique e Pajé e Chico Rei e Paraná!

Na UNESP, Vida Caipira! Programação musical Sérgio Magson, operação de áudio Silvestre Oliveira, apresentação Walter Lisboa. E vâmo que vâmo, Cacique e Pajé, do Cacique e Tônico Martins, filho de índio!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira vocês curtiram Chico Rei e Paraná, do Xandó e Ricardo Noronha, dois caminhos. Executivo e Lavrador, do José Adão e Jovelino Lopes, pião não pode cair.

Daqui a pouco vamos completar... ê!! Musicão, hein? E com Chitãozinho e Xororó, é... é minha velha mãe... vamo tirando o acordeom de lá e aquele bule de café no fugão, fugão de lenha! Aê, beleza!! Daqui a pouco! Né mémo? Essa música é até muito nostálgica, sentimental demais, né? Tô voltando minha velha mãe... No DVD que

fiz pro meu amigo Luiz Prudente fiz questão de colocar o fugão de lenha como trilha sonora, aliás meu Ailton Cardoso fez um belo DVD e falou: Ô Lisboa cê tá bem aí na direção, coisa e tar, né? Pois é, mas nunca trabalhei na TV não, viu? Mas vamo lá, e foi uma bela trilha, viu? Mas como eu não gosto de massagear o ego, né? Me desculpa, mas ficou bacana, mémo! Porque meu amigo Prudente, desde quando começou em Araçatuba, nas, suas funções, né? Ele que é um grande integrante da nossa gloriosa polícia militar e, mais tarde, voltou pá Bauru, né? Então... quando aparece os pais... é bacana! Essa letra diz muito, né? Muito, e pra quem tem... quem ama a família, respeita a família, né mémo? Vamos pra a mensagem do dia?

Sobe BG

A mensagem de hoje, intitulada "para amar a Deus":

Sobe BG

Amar a Deus... entregar poemas e canções ao criador, ter uma fé tão profunda que nada possa abalar... esse é o sonho dos homens religiosos. Mas são poucos os que alcançam esse estado de espírito! Em geral, Deus é quase inalcançável para a maioria dos seres humanos. Parece tão distante quantos as estrelas e, por isso, sofremos. Cabisbaixos, seguimos vida afora com uma tristeza no peito, acreditando que somos piores que os outros porque não conseguimos amar a Deus como amamos filhos, companheiros ou companheiras, pais, mães e até amigos. O que há de errado conosco? O que há de errado conosco é a pressa! Engolidos pelo turbilhão do mundo, esgotamos nosso tempo com c... com coisas supérfluas e não nos sobram momentos para meditação e prece. Envolvidos com as rotinas vazias, gastamos tempo demais com as atividades desnecessárias enquanto isso, Deus espera, Deus aguarda. Por outro lado, nossa mente de homens modernos foi treinada para ser apressada, imediatista! Queremos tudo sem demora, instantaneamente... mas os assuntos de Deus têm seu tempo certo, exigem disciplina, coração aberto, mente calma. A experiência divina nos submete ao relógio humano e suas tolas pressões, portanto, vivenciar o amor a Deus é um aprendizado gradual que se faz devagarinho. Esse amor existe dentro de cada um de nós, mas falta descobri-lo.

A mensagem do dia "para amar a Deus", essa mensagem é... é da redação do momento espírita, mas foi, utilizando ao final, versos extraído obra de Gintra Jale de Rabindranô Tagori. Editora Paulinas. Paulinas E está incrustada a mensagem na coletânea intitulada momento espírita volume 7. Veja que a editora Paulinas, evidente, pertence à religião... ao catolicismo, né mesmo? Mas, de qualquer maneira, está... teve base para essa mensagem da coletânea momento espírita volume 7. Tudo em nome de Deus!

Sobe o BG

Bem, moçadinha, vâmo completando o Vida Caipira desta sexta-feira, ê sexta-feira 20, 20 de abril de 2012! Vâmo completá com Chitãozinho e Xororó, do Carlos Cola e Maurício, fugão de lenha! Como eles falam, mesmo, né? Fugão de lenha! Não é fogão! Fugão de lenha, é? Escreve-se fo... efe, ó, claro! Mas é fugão de lenha a pronúncia!

Abraço, moçadinha, grande abraço, bom final de semana! Bom princípio de final de semana pra quem pode! Bom dia!

Entra música 10

dia 23 de abril de 2012

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Segunda-feira, segunda-feira 23! 23 de abril de 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Aeh, vidão!

Daqui a pouco tem Palmeira e Biá, Tibagi e Miltinho, tem também Sérgio Reis! Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre, meus respeitos, comadre! Bom dia! Tudo bem, né? Fim de semana já foi, né? ah, legal! Muito bom!

Então, hoje, dia 23 hoje é dia mundial do livro! Oh, livro! Que te quero tanto! Que me ensina tanto! Embora nos últimos tempos, muita gente despreza o livro... o livro é tudo! Dia mundial do livro, dia mundial do escoteiro e dia de São Jorge! Eh, São Jorge! Nosso santo, né? Padroeiro, pra muita gente! Nosso grande santo, né? São Jorge!

Então, nossos respeitos, cumprimentos a todos envolvidos na efemérides, né? Dia mundial do livro, até os livreiros, né? Quem trabalha com livro, vende livro, é muito importante! Taí espalhando, né? Uma cultura tremenda! Enquanto estamos na Terra isso é muito importante! Dia mundial do escoteiro! Êh, escoteiro, hein? E dia de São Jorge! Nossos cumprimentos, mais uma vez, nossos respeitos!

E no capítulo Santos do Dia, com certeza, hoje, dia de São Jorge, de Santo Adalberto e também Santo Egídio de Assis! Santos do dia, Adalberto, Egídio de Assis e São Jorge! Santos deste 23 de abril: são Adalberto, são Egídio de Assis e São Jorge!

E o Sérgio Reis começa nosso vidão, o Vida Caipira com música do Antônio Luiz, rédeas do possante!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: Aê!! No Vida caipira vocês ouviram Tibagi e Miltinho, do Miltinho e Orlando Gomes, lembranças de amor! Ê, amor! Palmeira e Biá, deles, Céu de Goiás! Daqui a pouquinho nós vamo ouvir Raul Torres e Florência, Ely Silva e Zé Goiano e as irmãs Galvão!

Vida Caipira tem a caixa postal tem o número meia um, sessenta e um, pra você mandar a sua cartinha aqui pro programa! Bauru, São Paulo, rádio UNESP FM! Caixa postal meia um! Sessenta e um!

As irmãs Galvão, do Palmeira e Mário Zan, recordações!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No vida caipira ocês ouviram Ely Silva e Zé Goiano, do Moacir dos Santos, Rosa, mulher e viola! ê, beleza! Raul Torres e Florência do Armando Rosa, pra lá da porteira! E na sequência, daqui a pouco vamo tê ai Silveira e Silveirinha, Lourenço e Lourival, é, boa dupla, Lourenço e Lourival! A estradinha do Vardomiro, he, estradinha de terra, hehe! E Mococa e Paraíso!

Vida Caipira! Programação musical do Sérgio Magson, operação de áudio Paulinho Pepa, apresentação... que operação de áudio do Paulinho Pepa? Pepa tá descansando, tá no começo de férias, barbaridade, Silvetre Oliveira, ah! Operação e sonoplastia do Silvetre Oliveira! O Sérgio Magson continua, né? E a locução, Walter Lisboa. Muito bom! Falá em estradinha, lembrei, mais uma vez da piada, né? Faria vinha cansado, na estrada, voltando lá de Rio Preto, nós todos, né? Jogo do Norusca, bons tempos, anos 70, Faria era sortêro, ia aprontá no final de semana, né? Dormiu tarde, coisa e tar, e vinha dirigindo seu possante, aê falou: Nardão, cê tem carta?! Tem sim! Nardo, grande Nardo [inaudível]. Então pega aqui o volante, aí o Vardomiro, recém habilitado, né? Tava que tava cum toda aquela sede num se conteve e falou... O nardão [inaudível], porque que cê deu o carro pu, pru Nardão dirigi de volta pra Bauru? Eu tamém tenho carta... Valdomiro, deixa eu dormir! E outra: cê num tem experiência em estrada... como eu não tenho experiência, Faria, eu vou toda noite lá com meu gordininho lá pá aquelas casas das moças alegres e pego aquela estradinha! hehehehe! Do núcleo, hehe... só tinha o núcleo Bauru naquela época, habitação, pegava passá naquela...e tem a estradinha de terra que é lá pra casa das moças, né? Festivais e coisa e tar, né? Êh! Aí foi só risada, estradinha de terra! Então, vâmo ouví, Lourenço e Lourival, mai num tem nada a vê com essas piada não! Povo tem vergonha, né?

Desculpe! Lourenço e Lourival, do Luiz de Castro e Nelson Gomes, mas foi real, hein?
Estradinha de Terra!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocois ouviram Mococa e Paraíso, do Zé Fortuna e Paraíso, a enxurrada! Silveira e Silveirinha, do Silveira, alô Goiás!

Daqui a pouco tem Roberta Miranda, participação Chitãozinho e Xororó! Como desanunciamos, né? Qualquer coincidência com vida real os atores da vida real é mera coincidência, mémo, né? É! Qualquer semelhança, aí... vamos para a mensagem do dia, Silva?...

Sobe BG

A mensagem do dia, a segunda parte, "para amar a Deus":

Troca e Sobe BG

Para amar a Deus, para levantar o véu que encobre o amor a Deus, estabeleça momentos só seus com o Criador. Como se fosse um namoro, uma aproximação delicada, comece pela natureza que se derrama em luz e cor. Abra os olhos diante das tonalidades do céu quando o sol se põe. Veja os azuis! Dourados! Amarelos e violetas! E pense em Deus como um pintor que faz quadros por puro amor... Nos sons delicados da brisa e dos pássaros, ou quando alguém compõe uma canção emocionada, lembre-se de Deus que criou a música, que preenche nossas vidas. Pense em Deus diante da majestade da montanha ou pequenez de uma abelha. Ali estará a genialidade do artesão divino que faz e fez mundos incertos com a mesma habilidade. E pense em Deus quando contemplar seu próprio corpo, essa perfeita máquina de viver. Com suas milhares de células, nervos, músculos, ossos, ela abriga o tesouro mais precioso do mundo: seu espírito imortal!

Siga pela vida buscando Deus em todas as coisas e em seu coração você sentirá brotar, enfim, um amor diferente, algo novo e indescritível. Você sentirá que traz olhos confiantes e um desejo de entrega total ao pai divino. Um sentimento de ternura vai inundar a sua alma e finalmente você entenderá de forma plena porque Jesus usava a doce expressão "Pai" para se referir a Deus. Nesse dia, você se descobrirá uma criança de Deus. Uma criança que anseia pelo acolhimento, pela proteção e pelo amor desse pai divino.

Minha canção despiu-se de seus adornos. Ornamentos atrapalhariam a nossa união, pois ficariam entre mim e Ti e seu tilintar abafaria tua voz.

Isso é extra-mensagem. Minha vaidade de poeta se enche de vergonha diante do teu olhar. Ó mestre e poeta, estou sentado aos teus pés... apenas permita que eu torne simples e reta a minha vida, como uma flauta de bambu para que tua a enchas de música. Flauta de bambu para que tu a enchas de música.

Então, é... esses últimos versos após o encerramento da mensagem que foi a segunda parte da mensagem intitulada "para amar a Deus", são os versos extraídos da obra, esses últimos versos, da obra de Ginta Jale de Habindranot Tagori, editora Paulinas. Hadinbraná... Tagori. Editora Paulinas. E, está incrustada, evidentemente, na coletânea "momento espírita volume 7".

Vamos completar o Vida Caipira desta segunda-feira, segunda-feira 23, 23 de abril de 2012 com... nossa!! Essa é a música! Composição da Roberta Miranda, só dela, imagine como a Roberta Miranda deveria estar quando, né? bolou, fez essa, essa verdadeira obra de arte que é "a majestade, o sabiá" Nossa, sai de baixo!

E a Roberta Miranda vai cantar também com Chitãozinho e Xororó, grande dupla! Chitãozinho e Xororó e Roberta Miranda, da Roberta Miranda, A majestade, o sabiá!

Moçadinha, grande abraço! Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos pra mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, então, e bom dia!

Entra música 10

Dia 24 de abril

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é terça-feira, terça-feira 24! 24 de abril de 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

Vida Caipira!! Muito bom! É... e o Vida Caipira, né? Daqui a pouco vai abrir com Zé Mulato e Cassiano, com Teodoro e Sampaio, com Vieira e Vieirinha! êh, beleza! Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre! Meus respeitos, comadre! Bom dia!

Bom, hoje, 24 de abril, hoje é dia internacional do jovem trabalhador! Jovem trabalhador, seu dia! Dia internacional! Nossos cumprimentos a todos os jovens trabalhadores, tá? Pelo seu dia, dia internacional do jovem trabalhador! Parabéns! Oh! Ah! Meu neto, por exemplo, é um jovem trabalhador, Thiago! Beleza, né? Muito bom! Imagine, hein? meu Thiago, mais velho, já um jovem trabalhador! Estudante também, claro! Tá estudando e tal... como você também tem seus filhos, jovem trabalhador, seus netos, alguns têm até bisneto, jovem trabalhado, parabéns! Parabéns, dá um abraço no jovem trabalhador, dá um abracinho, você pai, dá um abraço no seu filho, jovem trabalhador, né? Beija seus filhos, aliás, todos os dias você deve abraçar e beijar seus filhos, né?... sabe que antigamente, vou confessar, né? Difícil os pais ficarem abraçando todo dia e beijando, né? Muitos filhos, às vezes, sei lá, e coisa e tal. Hoje é muito diferente: se encontra o filho assim e beija e abraça! moderninho? Sei lá se é moderninho, mas é bacana, né mémo! Beijar e abraçá! E, bonito! Muito bom!.

No capítulo “santos do dia”, hoje é dia de São Fidélix de Sigmari.. gem. olha só, Santo do dia, São Fidélix de Sigmarigem. Santo deste 24 de abril, Fidélix de Sigmarigem. Bem, nosso Vida Caipira começa, então, com Zé Mulato e Cassiano, do Daniel Fernandes, vale verde!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira ocês ouviram Vieira e Vieirinha, deles, grande verdade! Teodoro e Sampaio, do Teodoro e Alcino Alves, briguei com ela. E ouvimos também o Vale Verde. Falando em Verde, outro dia eu vi uma entrevista... até o rapaz é das... acho que é do meio-ambiente, um secretário, ou assessor dele, né? Chefe... Bauru tem uma deficiência de... de verde, né? Nas cidade.. a cidade cresce meu muito, árvore e mais árvore faltando... praticamente 60 mil árvore deveriam ser plantadas,né? Eles até falaro que conseguiram plantar 6 mil nos últimos anos. Né, Silva? 6 mil, 60 mil... E Bauru é uma cidade... com esse calor, essa camada de ozônio, essa confusão toda, né? Tá faltando mesmo muita árvore! E, aliás, tem alguns locais, vai me desculpar, né? O cara conseguiu, por um motivo ou outro, virô lá uma loja comercial, corta a árvore e num volta outra árvore! Porque vai fechá a fachada dele e tal, o aviso "aqui é uma padaria", aqui... num é nada contra a padaria, haha, exemplo, né? Um exemplo, assim, grotesco! Até a loja que vende rôpa e tal, a última moda... cadê a árvore? Num tem árvore! Haja calor, rapaz! Aí você vai botar o carangão pra estacionar, nossa! Quando cê volta, né? hehe. Tem ar condicionado no carro, claro, mas já pensou sua saúde pra onde vai? Cê sai daquele calor e liga o ar, né? Complicado!

Muito bem! A nossa caixa postal tem o número sessenta e um, meia um, mái vâmo plantar árvore! Vâmo botá árvore nessa cidade! Precisamo de árvore! É, meia um! E cuidá da árvore, né? É... e iluminar a cidade, porque bota árvore, chega a noite, sabe como é que é? Aí é motivo pra uns e outros se esconder, né? Na árvore,lá, se não tiver a iluminação adequada!

Daqui a pouco tem Peão Carreiro e Saup..... e Zé Paulo! Moreno e Moreninho e Cacique e Pajé!

Então, vâmo de Moreno e Moreninho, do Moreninho, João boiadeiro!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: É, violanzão,hein? No vida caipira vocês ouviram Cacique e Pajé, do Aristide Ibalde e Chico Boiadeiro, nós três! Tião Carreiro e Zé Paulo, mão da noite! Daqui a pouquinho nós vamos ouvir, Tônico e Tinoco, Criolo e Seresteiro, Tião Carreiro e Pardino!

Vida Caipira! Programação musical Sérgio Magson, operação de áudio do... Silvestre Oliveira, apresentação Walter Lisboa. Vamos, então, com Criolo e Seresteiro, do Seresteiro, boiadeiro adversário!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira vocês ouviram Tião Carreiro e Pardino, do Dino Franco e Décio dos Santos, Travessia do Araguaia, Tônico e Tinoco, do Mário Zan e Arlindo Pinto, Chalana! Você confessará para vocês uma... talvez até uma infidelidade, mais... eu conheci há pouco tempo um cidadão que mora em Jaú... é... e juaense, já, pelo tempo que ele tá lá, chegou a Jaú até... aí enviuvou, né? Viúvo, gaúcho lá do sul, hoje está novamente casado com sua senhora, e tem sido um companheiro meu nas noitadas dançantes da Luso, né? É o Juão! Grande Jão! Tem um filho... um neto que joga futebol lá no... no Japão! É! Igor... e até ele falou assim: rapaz! O garoto vai ser pai e eu vou ser bisavô! He! E ele é um pouco mais jovem em relação à nossa pessoa até... mas, para chegar o seguinte: ele é um artista! Sabe quem faz os medalhões, Silva? Dos cinturões do Chitãozinho e Xororó, de toda essa moçada, dos piões, todos os peões lá, que vai pulá no boi, no cavalo! É o Jão aqui de Jaú, rapaz! E sabe aquela história, todo artista, grande artista... e ele me contou: olha, tem uma loja lá e tal, sabe a bota do Chitãozinho cravejada de brilhantes, hehe! Bolado o... como se diz, a grife, negócio de 30, 40 mil reais, e tem comprador! Festa de pão de Barreto é um negócio sério, a mais baratinha assim, você chega lá, mil e oitocentos, dois mil... aí já é um outro tipo de bota, e

num tem... e ele faz os cintos e veja bem... pô! Se uma bota da... que a grife do Chitãozinho e Xororó valendo 40, 50 tem de 60, o cinto dele, num vô falá do preço, mas num é tudo isso, por mais que ele capriche. Chega lá o pião, tem até pião que mora... campeão lá nos *estates*, Estados Unidos e coisa e tal, vem pra festa de Barretos... vem do mundo inteiro, né? O cara chega e faz aquele cinto mémo, ali! É um puro artesanato e, como se diz, é exclusivo, né? Praquele pião, praquele, praquela dupla sertaneja. É um... era prele, tá entendendo? Máí bem milionário, tá bem, mémo, tá bem postado na vida e tal... mas ele falô: Lisboa, brincadeira, é o João. Grande artista! Taí em Jaú, ele faz, se ocê amanhã se interessá pôr um medalhão no cinturão, e tem outras obras que ele faz, a metalurgia, a metalúrgica diferente, né? Na base do puro artesanato, enfim, artista, coisa fora do comum. Aliás, teve uns negocim que as madames, né? Andava, as mulher, todas... sem bolsa, num sai sem bolsa, né? Então, é... coloca assim um gancho, né? Na... na..., na..., na beira da mesa e ali fica descansando as bolsa. Até isso tamém...

Muito bom! Então, nói paramo aqui, né? Nós vâmo agora pro Criolo e Seresteiro, né? Do Seresteiro, boiadero adversário, já falei! E nós ouvimo Tião Carreiro e Pardinho, do Dino Franco e Décio dos Santos, travessia do Araguaia. E o Tonico e Tinoco, os moço de Pratânia aí, de Mário Zan e Arlindo Pinto, Chalana! Vâmo completá o Vida com Renato Teixeira, amanheceu, peguei a viola!

Silva, vamos para a mensagem do dia...

Sobe BG

A mensagem do dia, intitulada "música celeste":

Troca e Sobe BG

Estenda o seus olhos para o espaço. Nas luzes azuis que piscam a milhares de ano-luz, veja a assinatura do grande criador de todas as coisas. Deus, nome divino, que enche de luz e de música as nossas existências pálidas. Deus, quanta grandeza e que sublime pai de todas as coisas. Deus, ao teu sopro de vida nascemos como espíritos, cumprindo tuas leis, mergulhamos no corpo tantas vezes e construímos uma trajetória em que as experiências se somam e nos enriquecem de sabedoria.

Senhor, eis-nos aqui, somos tuas crianças que dirigem para ti olhos confiantes. Se ainda somos tolos, se ainda somos frágeis, ensina-nos a ser fortes e sábios. Inspira-nos, ainda uma vez, a lição da fraternidade universal para que o amor faça morada em nós. Inspira-nos para que a alegria nos contagia a alma, para que a paz se asile em nossa casa mental. Para que sejamos dignos de ser chamados "filhos" teus, os mundos são estâncias do reino de Deus esperando por nós, viandantes em marchas para a perfeição.

Como os países, cidades e aldeias de um mesmo continente, os mundos dos espaços siderais são variadas escolas de progresso tecnológico, intelectual e moral. Moradas, moradas da casa do pai no imenso universo que ainda nos cabe descobrir, explorar, admirar.

A mensagem do dia, uma parte da mensagem intitulada "música celeste" de autoria de Momento Espírita, coletânea, volume 7.

Sobe o BG

Bem, moçadinha, vâmo completá o Vida Caipira desta terça-feira 24, 24 de abril de 2012, arriba, arriba!!

Sobe o BG

Ê violão! Cê sabe que, *los espanholes*, he... as.. *hacen un violão que no es brincadera*... tem muito, muito aí, muito, muito da influência dos bons, né? É... instrumentistas espanhóis, mai um pedacinho...

Sobe o BG

A batida e muito da Espanha... mais é coisa de brasileiro, né? Sem dúvida! Como, por exemplo, esse aí que vem, que vai completá hoje, sabe tudo, né? E além de compositor, um grande instrumentista, grande violonista, Renato Teixeira, completa o Vida Caipira desta terça-feira, dele, amanheceu, peguei a viola!

Bem, moçadinha, amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha, e bom dia!

Entra música 10

dia 25 de abril

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom dia amigos, muito bom dia! Hoje é quarta-feira, quarta-feira 25! 25 de abril, 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

Daqui a pouquinho, nos vamos ouvir Jacó e Jacozinho, Tião Carreiro e Pardinho e também Daniel e José Camilo! Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre! Meus respeitos, comadre! Bom dia!

Bom, hoje, dia 25 de abril, é dia contabilista, alô Odair Damaceno! Meu contabilista, té parece que sou um grande empresário, né? Máí, sabe como é, negócio de imposto de renda é meio complicado, né? Compadre! Taí o Odair [inaudível], trabalhando mai do que né? Mais é bom! O Gustinho, tamém! O Gustinho, grande amigo tamém! O Silva tá, tá levando lá seu imposto de renda, né? Silva! É.. p'cisa declarar direitinho! Cê viu o Assis? O irmão do Ronaldinho?! Tá complicado aí, né? Muito dinheiro, coisa e tar! Andou levando lá pá Suíça, coisa e tal! Bom deixa pá lá! Parabéns ao bom contabi... contabilista, grande profissional o contabilista, parabéns pelo seu dia! 25 de abril, a contabilista é muito importante, num resta dúvida! Muito, muito, muito! E é um dos esteios, alicerces da nossa grande economia! Economia do

Brasil emergente, né? No aspecto mais mundial, internacional, ê! Bacana mémo, sê contabilista, né? Muito bom!

No capítulo “santos do dia”, hoje é dia de São Marcos Evangelista! Santo do dia Marcos Evangelista! Santo deste 25 de abril, São Marcos Evangelista! E o Vida começa, com Tião Carreiro e Pardino, do Teddy Vieira e... é Teddy Vieira só, Rei do Gado!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira vocês ouviram Daniel e Zé Camilo, do Valdemar Reis e Vicente Machado, Meu reino encantado! Jacó e Jacozinho, do Lourival dos Santos e Tião carreiro, os filhos da Bahia! Daqui a pouquinho nós vâmo, é... ter aí o Sérgio Reis e Chitãozinho e Xororó, Tonico e Tinoco, Abel e Caim!

Falá em filhos da Bahia, eu lembrei do Itamar Franco, nosso saudoso Itamar Franco, presidente da República... foi, né? Senador muito tempo, muita gente falava: ô mineiro, o Itamar Franco! E na verdade ele nasceu é, foi na Bahia. Foi criado nas Minas Gerais, morador anos e anos em Juiz de Fora, né? Mas era, nasceu na Bahia, baiano o Itamar Franco, né? Tá vendo?! E ocê fica admirado, é quase a méma coisa, assim, na proporção do grande cantor de tango, fala aí o nome do grande cantor de tango... de todos os tempo, hein? Gardel, né? Gardel? E aí, o Gardel nasceu aonde? Hehehe! Na argentina? No Uruguai? É francês, nasceu na França, né? Tolouse, se não me falha a memória... alias, eu até carrego aqui comigo o Estadão de... rapaz, eu não lembro do meu amigo, se ele tivé me ouvido que me mande e fala: ó, Lisboa, eu que te passei todos os dados do Carlos Gardel, ele nasceu como Carlos Galdê... Carlos Galdê, conhecido como Carlos Gardel, em 11 de dezembro de 1890 em Tolouse, França, ta vendo? Aí a senhora sua mãe, né? Trouxe e tal, morou muito tempo em... no Uruguai e depois se radicou de vez é... na Argentina, né? Eh.. Carlos Gardel, morreu novo, hein? Acidente, desastre aéreo, né? Morreu com seus 40 e poucos anos de idade, é... morreu em 24 de junho de 1935 e nasceu em 11 de dezembro de 1890, faiz as conta aí, 45 anos de idade, né? É por aí, é isso aí!

Vâmo em frente, vâmo em frente que agora num é programa de tango, é programa de sertanejo aqui, de caipira e tar, Daqui a pouco tem Sérgio Reis e

Chitãozinho e Xororó, ó, nossa rapaz! Sergio Reis, Chitãozinho e Xororó tudo junto. Abel e Caim. Vâmo agora com os moço de Pratânia, Tonico e Tinoco, deles e Priminho, canta moçada!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No vida caipira vocês ouviram Abel e Caim, do Geraldo Meireles e Nhô Fio, pinha do pinheiro! Sergio Reis e Chitãozinho e Xororó, do Teddy Vieira e Luizinho, menino da porteira! É o Vida Caipira tamém tem a sua sessão cultural, né? É importante esses dado aí do Carlos Gardel, sem dúvida, sem dúvida!

Daqui a pouco tem Jorge e Moisés, Luiz Carreiro e Zé Mulatinho, Taviano e Tavares! Olha o Vida Caipira tem Programação musical do Sérgio Magson, operação de áudio, Silvestre Oliveira, é... a locução: Walter Lisboa. Vâmo lá, Luiz Carreiro e Zé Mulatinho, do Luiz Carreiro, quando a saudade aperta!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira cêis ouviro Taviano e Tavares, do Geraldinho, prato do dia, é! Esse prato do dia, hein? Jorge e Moisés do João Pacífico e Raul Torres, cabocla Tereza! Daqui a pouco nói vâmo completá, olha a dupla, aí! voltando, Mato Grosso e Mathias! Música do Manuelito Nunes, daqui a pouquinho! Agora, meu caro Silva, vamos para a mensagem do dia!

Sobe BG

A mensagem de hoje, intitulada "as quatro estações da vida":

Troca e Sobe BG

Você, você já notou a perfeição que existe na natureza? Uma prova incontestável da harmonia que rege a criação como num poema cósmico, Deus rima vida humana com ritmo dos mundos. Ao nascermos é a primavera que eclode seus perfumes e cores. Tudo é festa! A pele é viçosa, cabelos e olhos brilham, o sorriso é fácil, hehe, tudo traduz esperança e alegria. Delicada primavera! Como as crianças que encantam os nossos olhos com sua graça! Nessa época, tudo parece sorrir. Nenhuma preocupação perturba a alma!

A juventude corresponde ao auge do verão! Estação de calor e beleza! Abençoada pelas chuvas ocasionais, o sol aquece as almas, renovam-se as promessas. Os jovens acreditam que podem todas as coisas. Que farão revoluções no mundo, que corrigirão todos os erros. Trazem a alma aquecida pelo entusiasmo, são impetuosos, vibrantes, seus impulsos fortes também podem ser passageiros, como as tempestades de verão.

Mas a vida corre célere e, um dia, que surpresa, a força do verão já se foi! Uma olhada no espelho nos mostra rugas, os cabelos que começam a embranquecer, mas também aponta a mente, trabalhada pela maturidade, a conquista de visão mais completa sobre a existência. É a chegada do outono. Nessa estação a palavra é plenitude. Outono remete a uma época de reflexão e de profunda beleza. Suas paisagens inspiradoras de folhas douradas e céus de cores incríveis traduzem bem esse momento de nossa vida. No outono da existência já não há a ingenuidade infantil ou o ímpeto incontido da juventude. Mas há sabedoria acumulada, experiência e muita disposição para viver cada momento, aproveitando cada segundo.

Enfim, um dia chega o inverno. A mais inquietante das estações. Muitos temem o inverno como temem a velhice. É que esquecem a beleza misteriosa das paisagens cobertas de neve. Época de recolhimento, em parte, o inverno é também a época do compalhamento [sic] de experiências... quem disse que a velhice é triste? Ela pode ser calorosa e feliz como uma noite de inverno diante da lareira, na companhia dos seres amados. Velhice também pode ser chocolate quente, sorrisos gentis, leituras sossegada, generosidade com filhos e netos. Basta que não se deixe que o frio enrijele [sic] a alma. Felizes seremos nós se aproveitarmos a beleza de cada estação. Da primavera levarmos pela vida inteira a espontaneidade e alegria. Do verão a leveza e a força de vontade. Do outono a reflexão. Do inverno a experiência que se compartilha com seres amados.

A mensagem das estações em nossas vida vai além? quando pensar com tristeza na velhice, afaste de imediato essa ideia. Lembre-se que, após o inverno, surge novamente a primavera e tudo recomeça. Nós também recomeçaremos, nossa trajetória não se resume ao fim do inverno. Há outras vidas com novas estações e todas iniciam pela primavera da idade. Após a morte ressurgiremos em outros planos de vida e seremos plenos, seremos belos, basta para isso amar. Amar muito. Amar as pessoas, flores, os bichos, os mundos que giram serenos, amar, enfim, a criação divina. Amar tanto que a vida se transforme numa eterna primavera!

A mensagem do dia, "as 4 estações da vida", essa mensagem é de autoria da equipe redação do Momento Espírita, livro de igual nome, coletânea, volume 7.

Sobe o BG

Aê! Moçadinha, vâmo completá o Vida Caipira desta quarta-feira 25, vâmo completando o Vida Caipira desta quarta-feira 25, 25 de abril de 2012, com Mato Grosso e Mathias, do Manuelito Nunes, estrada sem saída!

Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha, e bom dia!

Entra música 10

dia 26 de abril

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom dia amigos, muito bom dia! Hoje é quinta-feira, quinta-feira 26! 26 de abril, 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Oh, vidão!

Daqui a pouco, nós vâmo ouvir Rolando Boldrin, Renato Teixeira, tem também Tião Carreiro e Pardinho. Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre! Meus respeitos, comadre! Bom dia!

Bom, hoje, 26 de abril, hoje é dia do engraxate! Viu? Nas efemérides, dia do engraxate! Engraxate também, né? É uma profissão honrosa, muito importante porque tem muito cidadão aí que num sabe bota a mão na graxa! Num sabe, enfim, engraxá sapato, num sabe! E o engraxate é importante, mémo, dá aquele brilho no sapato, capricha! E hoje... no meu tempo de criança, tinha até salões de engraxataria na cidade, né? Bacana... final de semana, todo mundo ia lá pra dá um trato no... no pisante, né? Então, parabéns ao bom engraxate! Eu sei que tem engraxate aí que sai de terno, gravata é... e vai lá e atende a domicílio, isso é importante ! Muito bom! Parabéns ao bom engraxate. O grande profissional engraxate!

No capítulo “santos do dia”, hoje é dia de São Marcos...não! Hoje, quinta-feira 26, hoje é dia de Nossa Senhora do Bom Conselho. Santa do dia, nossa Senhora do Bom Conselho. Santa deste 26 de abril, Nossa Senhora do Bom Conselho!

E o Vida começa, com Renato Teixeira, do Ary Barroso e Lamartine Babo, no rancho fundo!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira ocês ouviram Tião carreiro e Pardinho, do Tião Carreiro e Sebastião Vitor, rei sem coroa! Rolando Boldrin, dele e Tom Zé, moda do fim do mundo! Tom Zé, hein? É um dos autores, moda do fim do mundo! Daqui a pouco tem Jacó e Jacozinho, tem Raul Torres e Florêncio e Chitãozinho e Xororó!

Nossa caixa postal tem o número 61, meia um, pra você mandar sua cartinha aqui pra rádio UNESP FM. Programa Vida Caipira, Bauru, São Paulo. Caixa postal, CP, meia um, seis um, né? Sessenta e um!

Chitãozinho e Xororó, do Gildo Campos, Berenice Azambuja, é disso que o velho gosta!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No vida caipira cês curtiram Raul Torres e Florêncio, do Raul, cavalo zaino! Jacó e Jacozinho, deles, velho valente!

Daqui a pouquinho nós vâmo ouví Tônico e Tinoco, ê beleza! Zico e Zeca e Liu e Léo. Vida Caipira, programação musical do Sérgio Magson, operação de áudio, Silvestre Oliveira, a locução do Walter Lisboa. E vâmo lá, oi essa .. essa turminha é daquela... ó, lá longe, hein? Zico e Zeca, do Joaquim Moreira, Chuva grossa!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocês curtiram Liu e Léo, do Chiquinho e Sebastião Vitor, a dona do pangaré! Tônico e Tinoco, do Tinoco e Chiquinho, João Boiadeiro. Daqui a pouco nói vâmo completá com Milionário e Zé Rico, ê Milionário e Zé Rico!!

Agora, Silva, vamos para a mensagem do dia!

Sobe BG

A mensagem de hoje, intitulada "de sombras e de sol":

Troca e Sobe BG

Todo ser humano traz dentro de si uma luz maior que a das estrelas. Um universo inteiro de amor vive latente dentro de cada de um nós. Quando estive entre nós aqui na Terra, Jesus nos fez um doce convite: brilhe a vossa luz! E disse ainda mais: declarou que todos os seres humanos são deuses, são sal da terra e a luz do mundo. Quanta poesia nessas palavras do Cristo.

Elas são lembretes permanentes para os dias em que a sombra toma conta de nossas vidas. E como são muitos esses dias sem sol, parece que uma grande nuvem cinza encobre a luz. É quando estamos infelizes, quando a dor encontra morada no coração. Quando perdemos a alegria. Quando sorrisos parecem distantes. Mas há outras ocasiões em que uma luz radiosa parece nos iluminar. Esses dias claros traduzem nossa alegria. Harmonia interna. É a felicidade que se revela em nós. E nos perguntamos: por que não somos sempre assim? Por que não há apenas dias solares? Cheios de cor e claridade? É que ainda nos permitimos viver na sombra. Para a maior parte da humanidade, ainda é mais natural se identificar com estudos de angústia, tristeza, aborrecimento, mas um dia, mas um dia, aprenderemos a viver de forma diferente. Privilegiaremos a bondade, esqueceremos a maledicência, cultivaremos a alegria!

A mensagem do dia, "de sombras e de sol", essa mensagem é do espírito de luz Joana Di Angelis, psicografia, de Valdo Pereira Franco. E está escrustrada na coletânea Momento Espírita, volume 7.

Sobe o BG

Bem, moçadinha, completá o Vida Caipira desta quinta-feira 26, 26 de abril, 2012! Vâmo completá com Milionário e Zé Rico, do Vicente Dias, José Rico, sonhei com você!!

Aê, castanhola, arriba, arriba, arriba, arriba! Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha, e bom dia!

Entra música 10

dia 27 de abril

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom dia amigos, muito bom dia! Hoje é sexta-feira, sexta-feira 27! 27 de abril, de 2012! Muito bom dia! Nós estamos começando aqui na UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Oh, vidão! Hoje, 27 de abril!

Daqui a pouco, nós vâmo ouvir Zé Tapera e Teodoro, tem também Dino Franco e Moraí e Cascatinha e Inhana!. Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre! Meus respeitos, comadre! Bom dia!

Bom, hoje, dia 27 de abril, dia da empregada doméstica, aê! Nossa secretária! Dia do sacerdote! Dia mundial do teatro! Parabéns a todos os envolvidos! Nas efemérides, né? A empregada doméstica, o sacerdote e o... o dia mundial do teatro, nossos teatrólogos, parabéns a todos! mais uma vez eu repito: todos que estão envolvidos nesta efemérides, né? A empregada doméstica, os responsável por nossos teatros, dia mundial do teatro e também o sacerdote. Parabéns a todos!

No capítulo “santos do dia”, hoje é dia santos Teófilo, Tertuliano e santa Zita. Santos, santos do dia, são Tertuliano, santa Zita e são Teófilo! Santos deste 27 de abril, Tertuliano, Teófilo e santa Zita!

E o nossa Vida Caipira vai começá, então, com Dino Franco e Moraí, do Anacleto Rosa Júnior, cavalo preto!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira cês curtiram aí, Castinha e Inhana, do Gilson e Joran, casinha branca. Zé Tapera e Teodoro, do Praense e Ado Benati, tchau amor! m Daqui a pouco tem Zilo e Zalo,tem Almir Sater e Chitãozinho e Xororó, nossa! Que musica, hein? Do Chitãozinho e Xororó, só faltou a Fafá, Fafá de Belém! Continua linda, né? a Fafá de Belém, bonita mesmo!

Bom,e muito... e excelente intérprete, claro, né? Então, o seguinte, a nossa caixa postal tem o número meia um, 61, pra você mandar sua cartinha é... aqui pu Vida Caipira! Na verdade, a... vô falá a verdade, a Fafá continua sensual, né mémo! Muito sensual! Essa qualidade aí, é espontânea... e vâmo, então, eu repito, com Chitãozinho e Xororó, sem a Fafá de Belém, mas do Paulo de Betio e Paulinho Resende, nuvem de lágrimas!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No vida caipira vocês curtiram Almir Sater, do Geraldo Espíndola, é necessário! Zilo e Zalo, do Lourival dos Santos e Serrinha, mineiro de Monte Belo, é mineiro! Mineiro de Monte Belo, é!

Daqui a pouco tem Pirlampo e Saracura, ou seja, Sérgio Reis e Almir Sater, cê se lembra da novela, compadre? É, então! Mineiro e Manduzinho, tem ainda Daniel e a participação das irmãs Galvão! Olha, é do nosso tempo [inaudível] do programa, né? Relva e tal, né?

É... então, o Vida Caipira tem programação musical do Sérgio Magson, operação de áudio, Silvestre Oliveira, a apresentação Walter Lisboa. Vâmo lá, Daniel e a participação das irmãs Galvão, do Dino Franco e Zé Fortuna, cheiro de relva!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: Aê, beleza! Ê, meu rio Paraguai! Ê, minha chalana! Mineiro e Manduzinho, do Zé Carreiro e Geraldo Costa, bombardeio! Cês ouviram também Pirilampo e Saracura, Sérgio Reis e Almir Sater, né? do Carreirinho, vagabundo! Daqui a pouco nói vâmo completá com João mineiro e Marciona, ô!! João Mineiro e Marciano tão de novo aqui, música do Nelson Ned... bonita, bonita mesmo!

Agora, meu caro Silva, vamos para a mensagem do dia!

Sobe BG

A mensagem de hoje, a segunda parte "de sombras e de sol":

Troca e Sobe BG

Um dia daremos menos atenção à notícias e programas sensacionalistas. Ou que explorem o sofrimento dos outros. Não permitiremos que a morbidez encontre espaço em nossas vidas. Buscaremos a felicidade nas coisas simples, não seremos escravos do dinheiro ou do trabalho e nos completaremos com o necessário. Luxo e excessos não nos seduzirão mais. Nesse dia já saberemos que o segredo da felicidade não está nos bens que acumulamos, mas no bem que fazemos aos outros. A maior parte das pessoas busca a felicidade em coisas externas. É que somos treinados para acreditar que seremos felizes apenas se tivermos carros, roupas e sapatos caros. Colocamos nossa alegria em uma bela casa ou em viagens espetaculares. Mas essa alegria é como uma bolha de sabão: vai estourar na primeira dificuldade. Pense: diante do sofrimento moral, da perda de um ser amado, de um filho que se atormenta nos caminhos do mundo, de que valem as riquezas?

O mundo está cheio de ricos infelizes que vivem em um mundo de sombras. E quando o coração está cinzento, de nada adianta o sol brilhar em um dia dourado. Assim, observe o que lhe faz realmente feliz, analise seu mundo íntimo e dê prioridade para pessoas e situações que lhe dão alegria! Uma visita aos pais idosos, um passeio com a família, uma tarde em companhia de amigos queridos, é assim que sua vida se encherá de luz.

A sombra é geratriz de equívocos, como o erro é matriz de tormentos íntimos naquele que o pratica. Afugenta as sombras que tingem de escuridade as tuas esperanças. Acende no teu caminho a tua lâmpada clarificadora iluminando a rota dos teus pés.

A mensagem do dia, "de sombras e de sol", essa mensagem como a de ontem é redação do momento espírita, mas ela foi tirada... é com base na mensagem passada pelo espírito de luz de Joana Di Angelis, psicografada por Divaldo Pereira Franco, o grande médium baiano. Editora Leal, e está na coletânea Momento Espírita, volume 7.

Sobe o BG

Bem, moçadinha, completá o Vida Caipira desta sexta-feira 27, 27 de abril, 2012! Completá com João Mineiro e Marciano, do Nelson Ned, se eu pudesse conversar com Deus! Se eu pudesse falá com Deus também, pode ser né? Se eu pudesse falar com Deus, é isso aí... bem, compadre, bem, moçadinha, amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos pra mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha, e bom dia!

30 de abril

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom dia amigos, muito bom dia! Hoje é segunda-feira, segunda-feira! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Oh, vidão!!

Daqui a pouco, tem Jacó e Jacozinho, Ely Silva e Zé Goiano, Liu e Léu! Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre! Meus respeitos, comadre! Bom dia!

E o nosso Vida Caipira começa com Ely Silva, Jesus Belmiro e Tião Carreiro, Adeus rio Peracicaba!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira ocês ouviram Liu e Léu, do Zeca e Geraldinho, legítimo doutor. Jacó e Jacozinho, Jacozinho e Tom... Toni Gomide, o sonho dos direitos humanos... é... sonhos dos direitos autorais, heheh... o sonho dos direitos autorais, ê rapazinho... é que eu vi lá o negócio dos legítimo doutor e o teu amigo falô: ó, adevogado? Precisa tê crachá! Crachá! Aí eu falei: num é crachá, meu filho! É a ordem dos advogados cê tem que tê! É a Ordem, hehe. Ê, meu Deus do céu! Num vô nem falá o nome dele!

Daqui a pouco tem Pena Branca e Xavantinho, Cleiton e Camargo, Renato Teixeira e Xangai! O Vida Caipira tem aqui, pu você mandá sua cartinha, a caixa-postal meia um, sessenta e um, viu?! Cê manda sua correspondência pra cá, Bauru, São Paulo, rádio UNESP FM.

Falando em bom advogado, um abraço pro doutor Darcy da Luz! Grande advogado! Muito bom, né? Ê, grande amigo, grande irmão, né?! [inaudível] muito o doutor Darcy da Luz, aí! Grande adevogado!

Cleiton e Camargo, do Luiz Fábio e Paulo Nascimento, foi Deus quem mandou a chuva!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No vida caipira ocês ouviram Renato Teixeira e Xangai, do... Nilson Doria e Elino Julião, tirana do vaqueiro Tenório. Pena Banca e Xavantinho, do Wilson Rodrigues e João Pernambuco, a estrada do sertão! Sá' que eu lembrei agora? Daquelas furmiguinha de bolo, compadi! Sabe aquela furmiguinha que dá no bolo, aquela furmiguinha? Tão pequenininho tava o nome aqui "Nilson Dória e Elino Julião! Rapaz! Parecia aquela furmiguinha de bolo de fubá! Hehe! Eh, muito bem! Vâmo em frente!

Daqui a pouco tem Liu e Léu, Tônico e Tinoco, Cacique e Pajé!

Bom, o Vida Caipira tem programação musical do Sérgio Magson, operação de áudio... é o... Silvestre Oliveira, locução Walter Lisboa. Tônico e Tinoco, vâmo lá, deles, Sereno da madrugada!!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No vida caipira ocêis ouviram Cacique e Pajé, Pajé e Francisco do Carmo, rainha da flora! Liu e Léu, de Goiás, grão de areia! E daqui a pouco nói vâmo completá com Carlos [inaudível] e Cristiano, ôh! Musicão, hein? Carlos [inaudível] e Cristiano, daqui a pouquinho!

Vâmo pra a mensagem do dia, Silva?!

Sobe BG

A mensagem de hoje, intitulada "duas janelas":

Troca e Sobe BG

A cada dia que despertamos abrimos duas janelas para o mundo. São os nossos olhos que se abrem para a poesia, que se renova a cada manhã. As janelas, no entanto, não são todas iguais. E não falamos da cor da íris, do tamanho dos olhos, mas sim da

capacidade de ver. Existem pessoas dotadas de acurada visão sem, contudo, conseguirem perceber detalhes de importância. Existem outras desprovidas da visão física que abrem suas janelas com alquilada percepção. Cada um pode e vê o que deseja. Aquilo para o que se interessa. Há os que veem no céu azul as aves que parecem pousar no ar. Acompanham o seu voo, sua faina, no sentido de buscar alimento, água, repouso. Desconsertam-se com a capacidade desses pequenos alados que, sem consultarem o relógio, conseguem despertar ao alvorecer. E se recolhe ao anoitecer. Alguns abrem suas janelas e encontram águas cantantes onde a vida se move, desenvolve e reproduz.

A mensagem do dia, uma parte de "duas janelas", essa mensagem é da equipe de redação do momento espírita, da coletânea Momento Espírita, volume 7.

Sobe o BG

Bem, moçadinha, completá o Vida Caipira desta segunda-feira! Com Carlos César e Cristiano, do Ramón Cisto Dias e Belmonte, Mercedita! Então, amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos pra mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha, e bom dia!

1º de maio de 2012

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom dia amigos, muito bom dia! Hoje é terça-feira, terça-feira primeiro de maio! Ê, primerão! Primeiro de maio de 2012! Ê, trabalho!!

Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Oh, vidão!!

Daqui a pouquinho nós vamos ouvir... é... Rolando Boldrin e Renato Teixeira e Tião Carreiro e Pardinho. Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre! Meus respeitos, comadre! Bom dia!

Primeiro de maio, 2012! Dia do trabalho! Portanto, nas efemérides, hoje dia do trabalho! Dia do trabalhador! Nossos cumprimentos... todos nós trabalhamos, né? somos trabalhadores, vamos então abraçar, [começa a fazer som do abraço], ah, muito bem! Grande abraço, êh, isso aí! Parabéns, meu trabalhador! Meu grande operário brasileiro! Bom, e no capítulo Santos do Dia, hoje é dia, evidentemente, de São José Operário! É, Santo do dia, São José Operário, santo desse primeiro de maio, São José operário! E daqui a pouquinho vamos tá na Assuneb, né? Hoje, tem futebol, tem truco, tem bingo, festa do trabalhador na Assuneb, né? Vou lá orientar a moçadinha aqui da rádio, aí, vê se nós melhoramos... ano passado não fomos muito bem no campeonato, não, né? No torneio de futebol. Mas no ano retrasado fomos campeão, oh, hehe! Esse ano precisamos voltar a ser campeão, né? É, vamos ver, o time tá treinado, tá bem! Então, o seguinte, começando o Vida Caipira com Renato Teixeira, do Ary Barroso e Lamartino Babo, no rancho fundo!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira vocês ouviram Tião Carreiro e Pardinho, do Tião Carreiro e Sebastião Vitor, rei sem coroa! Ouviram também Rolando Boldrin, dele e Tom Zé, moda do fim do mundo!

Daqui a pouquinho, nós vamos ter aí, o Jacó e Jacozinho, Chitãozinho e Xororó, Raul Torres e Florêncio!

Na UNESP estamos apresentando o Vida Caipira! A programação musical do Sérgio Magson, operação de áudio Silvestre Oliveira, apresentação Walter E vamos que vamos! Chitãozinho e Xororó, do Gildo Campos, ou Gilda Campos e Berenice Azambuja, é disso que o velho gosta!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No vida caipira ocês curtiram aí Raul Torres e Florêncio, do Raul, cavalo zaino! Jacó e Jacozinho, deles, velho valente!

Daqui a pouco tem Tonico e Tinoco, Zico e Zeca e Liu e Léu! Olha nossa caixa postal tem o número meia um, sessenta e um, pra você mandar sua cartinha aqui para o Programa Vida Caipira! Bauru, São Paulo! Rádio UNESP FM! Caixa postal sessenta e um. E vâmo que vâmo, Zico e Zeca, do Joaquim Moreira, Chuva grossa!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No vida caipira vocês ouviram Liu e Léu, do Sebastião Vitor, a dona do pangaré! Tonico e Tinoco, do Tinoco e Chiquinho, João Boiadeiro!

E daqui a pouco nói vâmo completá com Almir Sater, ê musicão, hein? Almir Sater, daqui a pouco!

Bom, agora vâmo pra a mensagem do dia, Silva?!

Troca e Sobe BG

A mensagem do dia, uma continuidade de "duas janelas":

Sobe BG

Alguns... alguns abrem suas janelas e encontram águas cantantes, onde a vida se move, desenvolve e reproduz. Veem o desabrochar das rosas nos canteiros e nos vasos bem dispostos que recebem diariamente o cuidado de mãos atenciosas. Outros veem o trabalho dos que se desdobram pelo seu semelhante. Ali, uma jovem conta histórias para ilustrar a infância e veem as expressões dos rostos alternando-se da

surpresa ao deslumbramento. Adiante, um jovem se esmera em ensinar a sua arte de domínio da bola, da técnica da natação. No palco, ao ar livre, uma bailarina clássica toma, de meninas da periferia, e as inicia na arte da dança; permitindo que expressem a poesia que lhes vibre na alma. Crianças vão para a escola com suas mochilas nas costas; elas passam sorridentes, alegres e correm gritando felicidade. Nos muros os pardais pulam e de lá se lançam, equilibrando-se nos ramos das árvores próximas. Na primavera que tece versos, eles constroem ninhos, preparando lar para os filhotes que virão logo mais. Gatos sonolentos ficam abrindo e fechando seus olhos, sonhando com os pássaros que poderão abocanhar. Borboletas coloridas dançam no ar; jasmineiros exalam perfumes. Às vezes, ouve-se o cantar de um galo... será meio-dia?

Um avião passa conduzindo pessoas a lugares distantes! Cada um leva um sonho, cada um cumpre uma tarefa e tudo, tudo está certo, no lugar exato, no momento preciso!

A mensagem do dia, a segunda parte da mensagem intitulada "duas janelas", ou seja, nossos olhos, né? É da equipe de redação do momento espírita, e está encrustrada no volume 7 da coletânea Momento Espírita.

Sobe o BG

Aêh! Bem, moçadinha, vâmo completá o Vida Caipira desta terça-feira! Primeiro de maio, 2012! Primerão, dia do trabalho! Certo? Muito bom! E dia de São José Operário, claro! Vâmo completá com Almir Sater, dele e Paulo Simões, a saudade é uma estrada longa!

Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos pra mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha, e bom dia!

Entra música 10

2 de maio de 2012

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é quarta-feira, quarta-feira, 2! 2 de maio, 2012! Bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

Daqui a pouco nós vamos ouvir Nerim e Nivaldo, tem também João Goiano e Goianinho e ainda Leandro Carvalho e João Pacífico! Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre! Meus respeitos, comadre! Bom dia!

Então, hoje 2 de maio, é dia nacional do ex-combatente! Nossos respeitos aos nossos ex-combatente! Num tem muitos, mas temos ainda alguns ex-combatentes! Principalmente os nossos famosos pracinhas, né mesmo? Ex-combatentes! Nossos respeitos mais uma vez pelo dia! E parabéns, por que não? Né? Você é um ex-combatente, um herói, né? Exemplo de vida, parabéns!

No capítulo “santos do dia”, hoje é dia de Santos Atanásio e Ciríaco, Santos do dia, São Ciríaco e São Atanásio. Santos deste 2 de maio Ciríaco e Atanásio.

E o Vida começa com João Goiano e Goianinho, deles, pinta brava!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira vocês ouviram Leandro Carvalho e João Pacífico, do Levino Conceição, doce de sidra. Nerim e Nivaldo, do Oliveira e Nivaldo, bandeira sertaneja.. Daqui a pouco tem Brazão e Brazãozinho, Luiz Carreiro e Zé Mulatinho, Flor da Serra e Santiago!

O Vida Caipira tem a caixa postal de número sessenta e um, meia um, pra você mandar a sua cartinha aqui pro programa, Rádio UNESP FM, Bauru, São Paulo! Caixa postal meia um, sessenta e um. Bauru, São Paulo, programa Vida Caipira!

Vâmo lá, então, Luiz Carreiro e Zé Mulatinho, pescador moderno!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: Aê!! Beleza!! Meu rio Paraguai! Minha chalana! Flor da Serra e Santiago, vocês ouviram, do Palmeira, Paraná do Norte! Brazão e Brazãozinho, do Anacleto Rosa Júnio e Arlindo Pinto, [inaudível] macia!

Na UNESP estamos ouvindo, eita, estamos apresentando, é... estamos ouvindo também, claro! Ronaldo Viola, daqui a pouquinho, e Paraíso, Liu e Léu, Taveiro e Tavares! Vida Caipira pela sua UNESP, de segunda a sexta, a partir das seis *de la* matina! Programação musical Sérgio Magson, operação de áudio Silvestre Oliveira, locução Walter Lisboa. E vâmo que vâmo, Liu e Léu, de Zé Batuta, mulher e viola!!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: êh! Essa música é nostálgica, né? Esse tipo assim... hein? Essa flauta... lembra até um pouco aqueles "farueste" também, né? Um pouco italiano e coisa e tar, né? É... né? [inaudível] Aqueles bague-bague, ê! Nós ouvimo Taveiro e Tavares, do Santinho e Agustinho, a saudade dói. Ronaldo Viola e Paraíso, do Ronaldo Adriano e Benedito Sevierio, meu castigo. Lembra tamém a puxada, né? A toada do carro de boi... sobe aí!

Sobe BG

Né? Só faltou o nhéc... nhéc... nhéc do carro, da roda... do carro do boi, né? Rodão de madeira! Muito bom! Nói vâmo completá o Vida Caipira é... daqui a pouco,

com Chitãozinho e Xororó, não desligue o rádio, tá certo? Não desligue o rádio! Daqui a pouco! Vâmo pa mensagem do dia, Silva!

Sobe BG

A mensagem do dia "e se a vida fosse uma estrada":

Sobe BG

Cada um de nós caminha pela vida como se fosse um viajante que percorre uma estrada. Há os que passam pouco tempo caminhando e os que ficam por longos anos. Há os que veem margens floridas e os que somente enxergam paisagens desertas. Há os que pisam em macia grama e os que ferem os pés em pedras pontudas e espinhos. Os que viajam em companhias amigas assinaladas por risos e alegrias e há os que caminham com gente indiferente, egoísta e má. Há os que caminham sozinhos, inclusive crianças. E os que vão em grandes grupos. Há os que viajam com pai e mãe e os que estão apenas com os irmãos. Há quem tenha por companhia marido ou esposa. Muitos levam filhos. Outros carregam sobrinhos, primos, tios. Alguns andam apenas com os amigos. Há quem caminhe com os olhos cheios de lágrimas. E há os que se vão sorridentes. Mas mesmo os que riem mais adiante poderão chorar. Nessa estrada nunca se conheceu alguém que a percorresse inteira sem derramar uma lágrima. Pela estrada desta nossa vida muitos caminham com seus próprios pés. Outros, outros são carregados por empregados ou parentes.

Sobe BG

A mensagem do dia "e se a vida fosse uma estrada" essa mensagem foi extraída da coletânea momento espírita, volume 7. Autoria, redação do Momento Espírita!

Troca e Sobe o BG

Bem, moçadinha completando o Vida Caipira desta quarta-feira 2, 2 de maio de 2012. Pra muita gente a semana tá começando hoje, né? Por esse feriadão prolongado!!

Vâmo completá com Chitãozinho e Xororó, do Chitãozinho e Joel Marques, não desligue o rádio!

Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha e bom dia!

Entra música 10

3 de maio de 2012

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é quinta-feira, quinta-feira, 3! 3 de maio, 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

E daqui a pouquinho vocês vão ouvir Nenete e Dorinho, Zé Fortuna e Pitangueira, tem também Tião Carreiro e Pardinho. Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre! Meus respeitos, comadre! Bom dia!

Bom, hoje 3 de maio, hoje nas efemérides, é dia do sertanejo! Ôh, sertanejo!! E dia do parlamento, parlamento, oh! Parlamento é onde fica lá os políticos, né? O nosso parlamento! Ultimamente, muita confusão no parlamento brasileiro, né? É, pois é... então, parabéns principalmente pra o sertanejo, o sertanejo autêntico pelo seu dia, viu? Parabéns sertanejo! Com relação ao parlamento, é, tem gente boa também, tem sim, não vâmo exagerar, né? Então, vâmo mandar um abraço para os bons integrantes do

parlamento, né?! Pros bons! E aqueles mais ou menos, lero-lero, não temos nenhum motivo, satisfação, pá man... pra dar os parabéns, pelo contrário, né?! Tem que dar outra coisa pra eles!

No capítulo “santos do dia”, hoje 3 de maio, hoje é dia de invenção... invenção da Santa Cruz, santos Felipe e Tiago Apóstolos. Então, no capítulo santos do dia, a invenção da Santa Cruz e dia de santos Felipe e Tiago Apóstolos. Santos do dia, são Felipe e Tiago Apóstolos e o dia também, é consagrado à invenção da Santa Cruz.

O Vida começa com Zé fortuna e Pitangueira, do Zé Fortuna e Zé do Fole, esteio de aroeira!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: É! No Vida caipira ocêis ouviram Tião Carreiro e Pardinho, do Tião Carreiro e Lorival dos Santos, o mundo velho num tem jeito! Nenete e Dorinho, do Crisóstomo de Faria, peixe piranha! Daqui a pouco tem Abel e Caim, Liu e Léu e Lourenço e Lorival.

Na UNESP, Vida Caipira! Caixa postal nossa aqui tem o número meia um, sessenta e um, pra você mandar a sua cartinha! Bauru, São Paulo, Rádio UNESP FM, programa Vida Caipira!

E na sequência, vâmo então com Liu e Léu, do Goiás e Belmonte, saudade da minha terra!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: Na UNESP vocês ouviram Lourenço e Lorival! Do Teddy Vieira, menino caçador! Abel e Caim, do Abel e Nelson Gomes, o fazendeiro diabo! Ê, beleza!

Daqui a pouco tem Sulino e Marrueiro, Belmonte e Amaraí, Mococa e Moraci!

Vida Caipira, programação musical do Sérgio Magson, operação de áudio de Silvestre Oliveira, locução Walter Lisboa.

[começa a imitar o som da catira, batendo as mãos como se fosse o sapateado] Ê, beleza!! E vâmo que vâmo, hehe, Belmonte e Amaraí, mas não pisei com a bota, não!! Só na palma da mão, né? [novamente imita o som], Belmonte e Amaraí, do Crisóstomo de Faria, velha canoa!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: Na UNESP ocêis ouviram Mococa e Moraci, do Goiás e Sebastião Aurélio, jardineira do adeus! Adeus, mãezinha, também, conhecida, né? E Sulino e Marrueiro, do Sulino, viola sentida! Já andou de jardineira, ô Silva? Andou, né? Quando criancinha? Eu tamém andei! E aquela jardineira que num tinha nem porta, minha vó Maria falava, "ó, fica aqui no meio, senta pá cá! Na beirada num pode, é perigoso, hein?" A jardineirinha ia a trinta por hora, mas sabe como é molequinho, né? Bom, daqui a pouco, completá com Bruno e Marrone, êh, hehe, Bruno e Marrone, hein? Dormiu na praça, é? Hehe! É, tá bão! Então, vâmo pá mensagem do dia, Silva!

Sobe BG

A mensagem de hoje é a parte segunda de "e se a vida fosse uma estrada":

Troca e Sobe BG

E se a vida fosse uma estrada? Alguns vão em carros de luxo, outros em veículos bem simples. E há os que viajam de bicicleta ou a pé. Há gente branca, negra, amarela, mas se olharmos a estrada bem do alto, veremos que não dá para distinguir ninguém. Todos são iguais. Há gente magra, gente gorda, os magros podem ser assim por elegância e dieta ou porque não têm o que comer. Alguns trazem bolsas cheias de comida. Outros levam pedacinhos de pão amanhecidos. Muitos gostam de repartir o que tem. Outros dão apenas o que lhes sobra. Mas muita gente da estrada nem olha para os

viajantes famintos. Há pessoas que percorrem estradas sempre vestidas de seda e cobertas joias. Outros, vestem farrapos e seguem descalços. Há crianças, velhos, jovens e casais, mas quase todos olham para lugares diferentes. Uns olham para o próprio umbigo. Outros contemplam as estrelas. Alguns gostam de espiar os vizinhos para fofocar depois. Uma boa parte conta o dinheiro que leva e há os que sonham que um dia todos na estrada serão como irmãos. Entre os sonhadores há os que se dedicam a dar água e pão, abrigo e remédio aos viajantes que precisam. Há pessoas cultas na estrada e há gente muito tola. Alguns sabem dizem coisas difíceis. E outros nem sabem falar direito. Em geral, os sabichões não gostam muito da companhia dos analfabetos. O que é certo mesmo é que quase ninguém, na estrada, está satisfeito. A maioria dos viajantes acha que o vizinho é mais bonito ou viaja de forma bem mais confortável. É que na longa estrada da vida esquecemos que a estrada será, terá fim, e quando ela acabar, o que teremos? Carregaremos, sim, a experiência aprendida durante o tempo de estrada. E estaremos muito mais sábios porque todas as outras pessoas que vimos no caminho nos ensinaram algo. A estrada de nossa existência pode ser bela, simples, rica ou tortuosa. Seja como for, ela... ela é o melhor caminho para o nosso aprendizado...

Sobe BG

A mensagem do dia, parte segunda, "e se a vida fosse uma estrada". Mensagem extraída da coletânea Momento Espírita, volume 7.

Troca e Sobe o BG

Bem, moçadinha vâmo completá o Vida Caipira desta quinta-feira 3, 3 de maio, 2012. Vâmo completá com Bruno e Marrone, do Elias Muniz e Fátima Leão, dormi na praça! Haha! Dormi na praça!

Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha e bom dia!

Entra música 10

4 de maio de 2012

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é sexta-feira, sexta-feira, 4! 4 de maio, 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

E daqui a pouquinho nói vâmo ouvir Ronaldo Viola e João Carvalho. Zé Mulato e Cassiano e Miranda e João do Rio. Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre! Meus respeitos, comadre! Bom dia!

Bom, hoje nas efemérides, né? Vâmo vê aqui, 4 de maio, hoje não tem nada a registrar.

Agora, no capítulo “santos do dia”, hoje é dia de Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho. Santa do dia: Mônica, mãe de Santo Agostinho. Santa deste 4 de maio, Mônica, mãe de Santo Agostinho.

E o Vida Caipira começa com Zé Mulato e Cassiano,deles, boca da noite!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira ocêis ouviram Miranda e João do Rio, do Lourival dos Santos e Moacir dos Santos, loira e morena. Ronaldo Viola e João Carvalho, do Viola e Jesus Belmiro, flor de Goiás. Daqui a pouco tem Pena Branca e Xavantinho, Irino e Irineu, e João Mulato e Douradinho.

Na UNESP, estamos apresentando Vida Caipira! Êh, vida Caipira que tem a caixa postal número meia um, pra você mandar a sua cartinha aqui pro nosso programa! Rádio UNESP FM, Bauru, São Paulo, caixa postal sessenta e um, meia um!

E vâmo que vâmo, Irino e Irineu, do Moacir dos Santos, João de Deus, laço da saudade!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: Na UNESP vocês curtiram João Mulato e Douradinho, do Jesus Belmiro e [inaudível], Viola cor de ouro! Pena Branca e Xavantinho, do Muniz, cantiga das rosas! Daqui a pouco nói vâmo ouví Zé do Rancho e Zé do Pinho, Dino Franco e Moraí, Luizinho, Limeira e Zezinha

Vida Caipira tem programação musical do Sérgio Magson, operação de áudio Paulinho Pepa, apresentação Walter Lisboa.

E vâmo em frente, Dino Franco e Moraí, do Dino Franco, pião de Ouro Fino!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocêis ouviram Luizinho, Limeira e Zezinha, do Arlindo Pinto, Osvaldo Alge, tronco caído. Ouviram também, Zé do Rancho e Zé do Pinho, do Serrinha e Zé do Rancho, canoeiro apaixonado. Daqui a pouquinho nói vâmo completá com Cristian e Ralf, ô! Música, dos irmãos, aí, Cristian e Ralf! Aliás, a música é do César Augusto e Pisca, né? Essa amor que me mata. Daqui a pouco...

Vâmo pá mensagem do dia, Pepa!

Troca e Sobe BG

A mensagem de hoje intitulada "reconhecimento":

Sobe BG

Narram os evangelhos que, certa feita, caminhando pelas estradas da região, Jesus, o mestre, foi procurado por dez leprosos. Hansenianos, como melhor diríamos, hoje. Portadores do estigma que os mantinha longe do lar, da cidades, do convívio dos homens, eles imploraram uma piedade do mestre de Nazaré. Jesus os orientou para que fossem se mostrar aos sacerdotes. Aconteceu que, enquanto caminhavam, deram-se conta que estavam limpos. Estavam curados. Por isso, Jesus os remetera ao sacerdote. Para que tivessem seus nomes novamente registrados no livro dos vivos. Felizes, nove deles correram de retorno aos braços do seus amores, dos seus afazeres, de seus lares. Até, quem sabe, para suas loucuras da vida. Um, um, no entanto, voltou. Retornou para agradecer ao mestre pela dádiva da cura. Um somente! O fato é verdadeiro e na atualidade, como àquela época, são poucos os corações que cultivam a gratidão... Gratidão é uma virtude que deve ser cultivada como uma flor. Em criança, é-nos ensinado a sempre agradecer o que recebemos. O presente, o brinquedo, o chocolate, a guloseima... estranhamente, na medida em que crescemos fisicamente, abandonamos essa maneira salutar de reconhecimento: obrigado, muito obrigado... abandonamos a maneira salutar de reconhecimento!

Sobe BG

A mensagem do dia, intitulada "reconhecimento" Essa mensagem está encrustrada na coletânea Momento Espírita, volume 7.

Troca e Sobe o BG

Bem, moçadinha vâmo completá o Vida Caipira desta sexta-feira 4, 4 de maio, 2012. Completá com Cristian e Ralf, do César Augusto e Pisca, esse amor que me mata! hehehe, beleza! Amor que me mata...

Bom, amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira. Amanhã é sábado, amanhã, não! É segunda-feira, já falei pra falei você, que esquecimento! Segunda-feira,

com a graça de Deus, logo às 6 da manhã, novamente aqui para mais um Vida Caipira! Um abraço, moçadinha, bom princípio de final de semana pra quem pode e bom dia!

Entra música 10

7 de maio de 2012

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é segunda-feira, segunda-feira, 7! 7 de maio, 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

E daqui a pouquinho nói vâmo ouví Serrinha e Zé do Rancho, Chitãozinho e Xororó, uh, música, hein? Torrinha e Canhotinho. Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre! Meus respeitos, comadre! Bom dia!

Então, hoje 7 de maio, nas efemérides, hoje é dia do oftalmologista. Tô p'cisano consultá o oftalmologista, é! Doutor Luiz Sérgio falô: vai lá no oftalmologista e tal tamém! Faiz tempo que eu num visito, hehe, visito o médico oculista, né? Muito bem! E dia do silêncio, hoje, hein? Silêncio! Canto do uirapuru exige silêncio, bandeirantes... oh, num é bandei... num é Titulares da Notícia, não! Lembra? Pimentel? Franco Neto? Silêncio, canta o uirapuru! Então, hoje é dia do silêncio e dia do oftalmologista, então, nossos cumprimentos a todos os envolvidos na efeméride.

No capítulo “santos do dia”, hoje é dia de Santa Flávia Domitila e Santo Estanislau. Santos do dia, são Estanislau e Santa Flávia Domitila. Santos deste 7 de maio são Estanislau e Santa Flávia Domitila.

E o Vida começa com Chitãozinho e Xororó, do Ary Barroso e Lamartine Babo, oh, essa música dá um... dá um... dá uma saudade, uma nostalgia do grande amor, né cumpadre? Lá no rancho fundo! Cumé que pod... no rancho fundo!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: É! No Vida caipira ocêis curtiram Torrinha e Canhotinho, do Canhotinho, menino branco! Serrinha e Zé do Rancho, do Zé do Rancho, referências! Daqui a pouco tem Tônico e Tinoco, êh! os moço de Pratânia. Tião Carreiro e Pardino, Silveira e Silveirinha! [inaudível] num sabe que Pratânia fica aqui pertinho de São Manuel, né? Até pouco... até muito... num faz muito tempo era distrito de São Manuel. Agora [inaudível] é município, é a terra do couro, é... quem mora lá, economiza até, num fala Pratânia, fala Prata, vô pra Prata, Prata, Pratânia, né? É, Pratânia. Vou a Prata, méma coisa, né? Então, e até hoje tá lá a casa do Tônico e Tinoco preservada, tombada, é! É que crescero lá, lavrador, até, Tônico e Tinoco! Então, tá bão!

A nossa caixa postal tem o número meia um, sessenta e um, pra você mandar a sua cartinha aqui pro nosso programa! Bauru, São Paulo, Rádio UNESP FM!

Tião Carreiro e Pardino, Lourival dos Santos e Tião Carreiro, em tempo de avanço!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: Aê! No Vida Caipira ocêis ouviram Silveira e Silveirinha, do Silveirinha e Iolanda, Moreninha, hehe, moreninha! Tônico e Tinoco, do Zé Júnior, gaúcho franco!

Daqui a pouco tem Zé do Rancho e Mariazinha! [imita o som do trotar do cavalo] nas patas do meu cavalo! Êh, beleza! Tem Craveiro e Cravinho daqui a pouco e Campano e Cuiabano!

Olha a programação musical do Sérgio Magson, operação de áudio de Paulinho Pepa, apresentação Walter Lisboa.

Tô pensando viu, compadre, sinceramente, esse trânsito de Bauru tá uma loucura, mai... tenho medo de atropelarem meu cavalo! Tô com cavalo manga larga lá, marchador, bonitão, que anda assim, ô! Sabe? As quatro assim, ó! Cê vai em cima e... todo bonitão, todo jeitoso e tal, mai tô com medo porque... mai, aliás, de madrugada, de lado de casa, eu escuto, toda madrugada nas Nações Unidas tem uma supermoto, é brincadeira! Fico imaginando a velocidade que o camarada tá... que barulho aquele, aquele turbo [imita o som do motor] nossa, brincadeira, né? É... trânsito de Bauru tá sério, hein? Muito sério! Estamos sem logística!

Craveiro e Cravinho, do Moacir e Paraíso, franguinho na panela!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocêis ouviram aí Campano e Cuiabano, do Campano, tenho saudade! Zé do Rancho e Mariazinha, do Zé do rancho e Dino Franco, manhã do nosso adeus.

Daqui a pouco tem Rei do Vale e Zé Goiano, aêh! Rei do Vale e Zé Goiano! Êh, Zé Goiano, sumiu, hein? Zé Goiano! Apareça, rapaz! Apareça! Só vem aqui quando, pá, tem novo CD e coisa e tar! Êh, Zé Goiano! Daqui a pouco!

Vâmo pá mensagem do dia, Pepa!

Troca e Sobe BG

A mensagem de hoje, a segunda parte de "gratidão":

Troca e Sobe BG

Mas pensando bem, como nos fez bem aquele conhecimento que nos foi repassado ainda sexta-feira, graças à pesquisa, o quanto nos prendeu a atenção no romance, a história, os exemplos citados. Podemos expressar gratidão escrevendo cartas de agradecimento a pessoas que fizeram algo de bom por nós ou para outras pessoas. Quantos de nós tiveram a sua infância abençoada por uma vizinha gentil que, ciente das dificuldades em nossa casa, providenciavam que nos chegasse o que era considerado supérfluo, mas tão necessário para os pequeninos. O chocolate, o bolo, o passeio... Recordamo-nos alguma vez, já adultos, de en... de lhe endereçar um cartão pelo aniversário? Natal? Ano novo? Mandamos? Um cartão que lhe recorde do quanto lhes somos gratos por aquelas pequenas coisas que fizeram a nossa felicidade de petizes, de criança. Quantos de nós tivemos a ventura de cursar escolas particulares, cursos de aperfeiçoamento, porque alguém, amigo, parente, colega, nos estendeu os recursos necessários? E quantas vezes já exercemos a gratidão? Expressando a como amigo, como a visita especial? Quantos tomamos do telefone para dizer: "obrigado por você existir"? Obrigado por ser meu amigo! Obrigado pelo livro que me emprestou! Pelas horas que passou comigo! Obrigado pela roupa que me cedeu! Por ter me levado a passeios! Por ter providenciado a viagem que eu tanto desejava! Pelas inúmeras caronas nos dias de frio e chuva! Obrigado ao médico por prescrever a correta medicação que nos devolveu a saúde! Obrigado ao motorista de ônibus que nos conduz, ao porteiro que nos abre a porta, a servente que nos traz o café... obrigado, obrigado!

Sobe BG

A mensagem do dia intitulada "reconhecimento ou gratidão" e ela está colocada na coletânea Momento Espírita, volume 7.

Troca e Sobe o BG

Bem, moçadinha vâmo completá o Vida Caipira desta segunda-feira 7, 7 de maio, 2012. Completá com Edu Vale e Zé Goiano, do Nelson Gomes e Paraíso, momento se vai!

Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha e bom dia!

Entra música 10

Dia 8 de maio

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Aê, beleza! Hoje é terça-feira, terça-feira, 8! 8 de maio, 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

Daqui a pouco nói vâmo ouví Cascatinha e Ihana, ôh! Cascatinha e Inhana muito tempo tocô ela na Bauru Rádio Clube, tempo de criancinha, o Pepa nem era nascido nessa época, é, Cascatinha e Inhana! E eu mulequinho, mulequinho ia lá cá minha vó Maria, assistindo o cirquinho de [inaudível] apresentações de Cascatinha e Inhana, é! Tem gente que num sabe disso, né? Cascatinha e Inhana veio cum circo, aí de o circo foi embora eles ficaram, eles gostaram da cidade e ficaram na Bauru Rádio Clube, o senhor João Simoneti contratou, eles ficaram lá, viu Pepa? Sabia?

E daqui que a carreira deles, né? Engatou, Pepa! E aí foram pa São Paulo, trabalharo lá nas emissoras, tudo né? É... quanto tempo! Daqui a pouco tamém tem Loureço e Lourival e o grande artista Rolando Boldrin, êh, Rolando Boldrin, né? Na TV Cultura, aquele programão que ele tem na TV Cultura, né? É muito bom o Rolando Boldrin!

Bom, hoje, dia 8 de maio é dia do pintor. É... do artista, da cruz vermelha, do artista plástico, hein? Aí dona Beatriz, aí! É dia do artista plástico! Da Cruz Vermelha, dia da Vitória na segunda grande guerra mundial, êh! Isso é muito importante essa data, é 8 de maio, hein? Dia da vitória na segunda grande guerra mundial! É aquela do Hitler, né? É, dia da Vitória, foi nesse dia 8 de maio de quanto, lá? Deve ser de 45, né? Por aí, é... ou um pouco antes, né? Porque 45 acho que foi já quando terminou... porque o Japão foi duro entregar, como se diz, a rapadura, né? Então, [inaudível] é verdade... dia do pintor, do artista plástico, da Cruz Vermelha, dia da Vitória na segunda grande guerra mundial. Parabéns a todos os envolvidos, né? Nas efemérides!

E... No capítulo “santos do dia”, hoje é dia de São Bonifácio Quatro ou quarto, né? Quarto! É... e Aureliano. Santos do dia, santo Aureliano, santo Bonifácio Quarto! Santos deste 8 de maio Bonifácio Quarto e Aureliano!

[canta, acompanhando a música de fundo]

E o Vida começamos com Rolando Boldrin, do Raul Torres e Jão Pacífico, Chico Mulato!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira ocêis ouviram Lourenço e Lourival, do Praiense, corre-mundo! Ouviram tamém Cascatinha e Inhana, do Zé Branco e Cascatinha, colcha de cetim!

Daqui a pouco tem Sulino e Marrueiro, Carreiro e Carreirinho, Zilo e Zalo!

Na UNESP estamos apresentando o Vida Caipira! A caixa postal nosso é sessenta e um, meia um, pu cê mandar a sua cartinha aqui pra Bauru, São Paulo, Rádio UNESP FM! Programa vida Caipira! Pode colocá atenção do Walter Lisboa, isso mémo! Carreiro e Carreirinho, do Carreirinho e Jonata neto, grandes homi do passado!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

*Fala Walter Lisboa:*No Vida Caipira ocêis ouviram Zilo e Zalo, do Léo Canhoto, justiça do filho! Sulino e Marrueiro, do Sulino, morena dos olhos preto!

Daqui a pouco tem Zé Furtuna e Pitangueira, Júlio e Junio, Criolo e Seresteiro!!

Olha, o Vida tem a programação musical do Sérgio Magson, operação de áudio de Paulinho Pepa, apresentação Walter Lisboa.

Vâmo que vâmo! Júnio e Júlio, do Beneli e Araguari, Volta do filho pródigo!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocêis ouviram Seresteiro, do Criolo, verdadeiro amor! Zé Furtuna e Pitangueira, do Zé Furtuna, lembranças.

Daqui a pouco tem Mato Grosso e Mathias, ôh! Os irmão, olha aí! Mato Grosso e... os irmãos e a música, o nome da música, irmãos de sangue! Mato Grosso e Mathias! Aê, Pepa, vâmo pá mensagem do dia, Pepa!

Troca e Sobe BG

A mensagem do dia,"tempo certo":

Troca e Sobe BG

Em um dos livros bíblicos, o Eclesiastes, há um texto de grande beleza, é o capítulo 3. Ou capítulo terceiro. Esse texto, que é atribuído ao sábio rei Salomão, versa sobre o tempo. E é uma preciosa lição. Diz que tudo tem o seu tempo determinado. E

que há tempo para todo propósito sob o céu. Há tempo de nascer e tempo de morrer. Tempo de plantar e tempo de arrancar o que se plantou. Tempo de derrubar, tempo de edificar. Tempo de chorar, tempo de rir, hehe, ou de dançar. Tempo de abraçar, tempo de afastar-se. Tempo de buscar e tempo de perder. Tempo de guardar e tempo de lançar fora. Tempo de rasgar, tempo de costurar. Tempo de calar e tempo de falar. É uma sábia avaliação do ritmo das Leis que regem a vida. Nascemos quando precisamos de mais uma experiência na Terra. E devemos deixar o corpo no momento exato em que já cumprimos nossa missão na Terra. Nem antes nem depois. Mas no exato momento em que Deus nos convida a voltar para nossa casa celeste. Há a hora certa para falar, é quando nos dispomos a consolar o que chora. A emprestar o ombro amigo. A dar um bom conselho. Há o momento de silenciar, quando basta segurar a mão de alguém e transmitir solidariedade.

Sobe BG

A mensagem do dia "tempo certo" esta mensagem é da equipe da... de igual nome da coletânea Momento Espírita, volume 7.

Troca e Sobe o BG

Bem, moçadinha vâmo completá o Vida Caipira desta terça-feira 8, 8 de maio, 2012. Com Mato Grosso e Mathias, Manuelito Nunes, êh, Manuelito, e Jonata, irmão de sangue!

Agora, amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha e bom dia!

Entra música 10

9 de maio de 2012

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Aê, beleza! Hoje é quarta-feira, quarta-feira, 9! 9 de maio, 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

Daqui a pouco nói vâmo ouví Zé Furtuna e Pitangueira, Garcia e Zé Matão, Lourenço e Lourival! É isso aí! Bom dia moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre, meus respeitos! Bom dia!

Muito bom! 9 de maio, nas efemérides, hoje, nada a registrar, nada! Agora, no capítulo “santos do dia”, hoje 9 de maio, hoje... santo Beato Gregório de Hóstia, santo do dia, Beato Gregório de Hóstia. Santo deste 9 de maio, Beato Gregório de Hóstia.

E o nosso Vida Caipira começa com Garcia e Zé Matão, deles, festa de pião boiadero.

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira ocêis ouviram Lourenço e Lourival, do Luiz Castro e Nelson Gomes, sítio do vovô, eh! Meu avô! Sítio do vovô, bacana! Zé Furtuna e Pitangueira, do Pitangueira e Zé Furtuna, flor do bairro! É, meu vô teve sítio lá no, hoje é Fernão que fala, né? era Fernão Dia, aí depois veio aqui pá Água da Faca, em Piratininga, fazendão, né? Ih! Água da Faca, ê rapaz! Meu avô era o José Fernandes Gonçarvez, ê, rapaz! Fera! Ih, ó: ele é que domava os cavalo dele! Eu tinha uma admiração pelo meu avô José: ô, vô, quem domô o cavalo? Eu mémo, ô Wálte. Foi eu mémo!! E era bom mémo! êh! Grande cavaleiro, né? meu avô José! E chegou a morar

em Málaga, Granada! Que coisa, né? Na Espanha. Mas nasceu em Bauru. Na Var de Parma, hehehe! É!

Daqui a pouco tem Belmonte e Amaraí, Tônico e Tinoco, Sulino e Marrueiro!

Na UNESP estamos apresentando o Vida Caipira! É! A nossa caixa postal é o número meia um, pra cê mandar a sua cartinha aqui pro nosso programa!

Vâmo em frente, então! Tônico e Tinoco, do Benedito Moreira, tempo de carreiro!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocêis curtiram Sulino e Marrueiro, do Sulino e Teddy Vieira, voto do boiadeiro! Belmonte e Amaraí, do Goiás e Amaraí, saudade de Goiás! Ê, Goiás!

Daqui a pouco... óia só, Pepa, de novo, Tônico e Tinoco, o Serginho gosta de Tônico e Tinoco, ele ama Tônico e Tinoco, é tá certo! Que é bom, né? Bom deve ripití mémo! Daqui a pouco tem Zilo e Zalo, e tem tamém Jacó e Jacozinho! Programação musical Sérgio Magson, operação de áudio de Paulinho Pepa, apresentação Warte Lisboa, Walter Lisboa, que Warte! Walter Lisboa! Ô! Num precisa exagerá tamém, né?.

Zilo e Zalo, do Benedito Zeviero e Antônio Marani, meu regresso!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocêis ouviram aí, Jacó e Jacozinho, do Serrinha e Lourival dos Santos, homi sem rumo! Tônico e Tinoco, do Tônico e Nadir, viu a viola! Mandá abraço pra dona Tonica Silvestre Rocha, êh, dona Tonica! Esposa do grande Júlio Rocha, que foi prefeito, um dia, de Avaí e mãe do... do Reinaldo tamém, né? O Rocha, é... é foi prefeito tamém, agora há pouco tempo, lá de Avaí! É isso aí! Então, daqui a pouco, nói vâmo completá com Pirilampo e Saracura, Sérgio Reis e Almir Sater, êh, cabecinha do ombro! Máí toquei tanto essa música, máí toquei tanto,

no meu velho acordeom Escandália, oh!! [canta a música]! Aê, beleza! Vâmo pá mensagem do dia, Pepa!

Troca e Sobe BG

A mensagem de hoje, intitulada, parte dois, "tempo certo":

Troca e Sobe BG

E falando em tempo certo, há também um momento de calar para não ofender. Magoar, maltratar. Há o momento de plantar e de colher. Não podemos esquecer que tudo que semearmos livremente seremos obrigados a colher mais tarde.

É! Sabe como é que é? Mais ou menos assim: às vezes cê fala assim: eu tô plantando o que aquele meu adversário, aquele meu, né? Entre aspas, é... inimigo e coisa e tar! Ah, rapazinho! Vai devagarzinho, que mais tarde cê vai colher, hehe! Viu? A sua maldade cê vai colher mais tarde, é verdade! Cê colhe aquilo que semeia!

Então, há uma lei universal chamada "causa e efeito", a vida nos devolverá na exata medida do que fizemos. Seríamos tão mais felizes se observássemos o momento adequado de todas as coisas. A vida requer olhos atentos, não apenas os olhos físicos, mas as janelas da alma, que são capazes de identificar necessidades e potenciais alheios. As almas sensíveis, reconhecem a hora certa de agir. Diz o texto de Eclesiastes que não há coisa melhor do que alegrar-se e fazer o bem! É! Somente um sábio seria capaz de dizer tão profunda verdade com tanta simplicidade. Viver contente com todos os aprendizados que a vida traz é uma arte pouco praticada. E quase desconhecida. Saber alegrar-se com as pequeninas coisas de todo dia, descobrir poesia em pétalas de flor, luas e poentes, nós estamos fazendo aqui, agora, né? Esse programa, inclusive, né? Com muito amor! E fazer o bem! Há atividade mais agradável aos olhos de Deus que amar todos os seres? Respeitar a criação divina? Impregnar-se de ternura? É esse o sentimento de admiração na obra divina que fez o sábio Salomão escrever. Dois pontos: Eu sei que tudo quanto Deus faz durará eternamente. Nada se lhe deve acrescentar e nada se lhe deve tirar. Sim! Diante da obra divina, só nos cabe entender que nada acontece sem que o pai celeste saiba e permita.

Sobe BG

A mensagem do dia "tempo certo" essa mensagem é da equipe de redação do Momento Espírita, livro, coletânea, de igual nome, Momento Espírita, volume 7.

Troca e Sobe o BG

Bem, moçadinha, vâmo completá o Vida Caipira desta quarta-feira dia 9, 9 de maio, 2012. Arriba, arriba, arriba, Pepa!

Sobe o BG

[bate palmas]

Aê! Arriba, Pepa!! Ê, *las castañolas! Sei Castañolas, hicieron una farta tremenda!* Vâmo completá com Pirlampo e Saracura, do Sérgio Reis e Almir Sater, do Paulo Borges, cabecinha no ombro!

Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos pra mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha e bom dia!

Entra música 10

dia 10 de maio

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é quinta-feira, quinta-feira! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

Daqui a pouco tem Rolando Boldrin, grande mestre, Rolando Boldrin! Cristian e Ralf, Nenete e Dorinho! Bom dia moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre, meus respeitos, comadre! Bom dia!

E o Vida Caipira começa com Cristian e Ralf, Zé Paióça, boiada!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira vocês curtiram aí o Nenete e Dorinho, Jaime Sandoval e Nenete, minha terra querida. Ouviram também Rolando Boldrin, dele, eu, a viola e Deus. Eu, a viola e Deus.

Daqui a pouco tem Luizinho, Limeira e Zezinha, Cacique e Pajé, Craveiro e Cravinho!

Nossa caixa postal, pra você mandar a sua cartinha, tem o número meia um, sessenta e um, Bauru, São Paulo, rádio UNESP FM!

E vâmo que vâmo, Cacique e Pajé, do Rei do Mar e Cacique, viola no samba!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocês ouviram Craveiro e Cravinho, do Craveiro e César, ser feio num é defeito! Luizinho, Limeira e Zezinha do Luizinho e Nhô Pai, vinte anos a mais!

Daqui a pouco tem Pena Branca e Xavantinho, Abel e Caim, Liu e Léu!

Olha, o Vida Caipira tem a programação musical do Sérgio Magson, operação de áudio do Paulinho Pepa, apresentação Walter Lisboa!

Vâmo lá! Vâmo lá! Abel e Caim, do Dino Franco, a... Afonso Rosa, derradeiro adeus!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocêis ouviram Liu e Léu, do Léu e Tuta, chora moreninha! Ouviram também, Pena Branca e Xavantinho, do Xavantinho, o grande sertão!

Daqui a pouco, nói vâmo completá com Chitãozinho e Xororó, que musica, hein? Chitãozinho e Xororó! Ô Pepa, vâmo pá mensagem do dia?

Troca e Sobe BG

A mensagem de hoje, intitulada, "viver como as árvores":

Troca e Sobe BG

Que bela seria a vida se todos pudessem ser generosos como as árvores... da semente pequenina emergiríamos para o mundo trazendo impresso em nós apenas o desejo de servir. Observe: a árvore cresce e em torno de si espalha sombra, perfume e cor. Doa, doa. Em seu tronco adormecem os insetos, abrigam-se os animaizinhos, por entre seus galhos, pássaros fazem suas casas, nascem flores em seus brotos e o mundo se perfuma ao seu redor. Acolhedora. Gentis árvores que estendem sombras aos que caminham sob sol forte. Que oferecem frutos aos famintos, que alegam a existência de todos com suas cores. A árvore não escolhe a quem presentear com suas dádivas, não discrimina nem privilegia. Serve. A árvore segue o curso da natureza, sempre produtiva e útil, não se detém para reparar o que fazem os outros. Não anota dificuldades, prossegue simples, precisa apenas de sol, água, ar e alimento. Nada exige, cresce. E quando seus galhos se estendem ramagens fortes, oferece-os para brincadeiras, divertimentos. Nela crianças fazem casas de brinquedo e balanços. Doa-se aos mais jovens, concede. A árvore oferece tudo e nada espera em troca. Submete-se mesmo

àqueles que, para lhe retirar os frutos maduros, atiram-lhe pedras. A seixa escorre do tronco ferido, mas ela, ela, ah! Ela tolera!

Sobe BG

A mensagem do dia "viver como as árvores" essa mensagem está encrustrada na coletânea Momento Espírita, livro, volume 7.

Troca e Sobe o BG

Bem, moçadinha, vâmo completá o Vida Caipira desta quinta-feira, completá com Chitãozinho e Xororó, do João Marques e Maracai, caipira!

"Manhã", logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos pra mais uma edição do Vida Caipira. Sempre com a graça de Deus! Um abraço, moçadinha, e bom dia!

Entra música 10

11 de maio

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é sexta-feira, sexta-feira, 11! 11 de maio, 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

Daqui a pouco nós vamos ouvir Melo e Melinho, Almir Sater, Mensageiro e Mexicano! Beleza! Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre, meus respeitos, comadre! Bom dia!

Bom hoje 11 de maio, hoje nas efemérides, nada a registrar, nada a registrar!

No capítulo “santos do dia”, hoje é dia de São Francisco de Girolamo e Santa Joana! Santos do dia, Santa Joana e Santo Francisco de Girolamo. Santos do dia, São Francisco de Girolamo e Santa Joana!

E o Vida Caipira começa e começa bem, Almir Sater, de Edu Lobo e Capinan, viola fora moda!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira vocês curtiram aí Mensageiro e Mexicano, do Praense, distante de quem ama, Melo e Melinho, do Teddy Vieira e Palmeira, couro de boi!

Daqui a pouco tem Rei da Mata e Tião do Gado, Renato Teixeira e Abel e Caim!

Vida Caipira tem a caixa postal de número meia um, sessenta e um, pra você mandar a sua cartinha aqui para o nosso programa! Caixa postal sessenta e um!

Vamos lá, então! Renato Teixeira, dele, Vira no meu quintal!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocêis ouviram Abel e Caim, do Carreirinho e Zé Fortuna, crianças do Brasil! Rei da Mata e Tião do Gado, do Rei do Mata e Sulino, coração ferido!

Na sequência vamos ouvir o Craveiro e Cravinho, Tião Carreiro e Pardinho, Sulino e Marrueiro, daqui a pouco...

Vida Caipira, programação musical Sérgio Magson, operação de áudio Paulinho Pepa, apresentação Walter Lisboa!

E vâmo que vâmo, Tião Carreiro, Pardinho, do Carreirinho e Paulo Calan, urutu cruzeiro!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: Aê, vida Caipira! Cêis ouviram Sulino e Marrueiro, do Sulino e Augusto Toscano, festa no céu! Craveiro e Cravinho, do Teddy Vieira, ladrão de estrada!

Daqui a pouco nói vâmo completa com João Mineiro e Marciano, Pepa! ê, beleza! João Mineiro, Marciano, João Mineiro e Marciano! Moço da água do paiol, nosso grande bauruense! Vâmo pá mensagem do dia, Pepa!

Troca e Sobe BG

A mensagem de hoje, segunda parte de "viver como as árvores":

Troca e Sobe BG

A árvore de raízes fortes e profundas mostra-se firme apesar da força das tempestades. Resiste. E se o velho tronco se mostra cheio de nós, apontando em idade avançada, sempre há o frescor dos galhos novos, de brotos verdes claros. Renova-se. Árvore cresce em toda parte, até em encostas de montanhas e em abismos perigosos. Mesmo em locais adversos a árvore permanece dolente. Sem perder a grandeza jamais. Forte. Busca na terra escura, entre pequenos vermes, o lodo e estrume o material com

que faz os frutos deliciosos que saciam a fome de tantos. Transformadora. E se é abatida pelo machado da impiedade, ainda assim, se transmuta em móveis úteis, casas seguras e calor em lareiras. Acesas. perdoa, lembram-se das três árvores? Aquela que foi transformada em baú? Depois o [inaudível] e a terceira em uma cruz? Lembram-se? As três árvores? Silenciosa a árvore cumpre sua trajetória. Deveríamos todos nós buscar, nesse exemplo de generosidade vindo da natureza, um roteiro de vida! Vale a pena viver assim empenhado em ser útil sem se deixar abater pelas tempestades emocionais. Oferecendo dádivas a todos. Firme. Dócil. Generoso. Lembre-se que hoje é mais um dia de sua vida em que surgirão dezenas de oportunidades de servir alguém. De perdoar ao outro. De ser útil e gentil. Simples e amoroso. Seja como a árvore que se cobre de flores e frutos para que os outros sejam felizes.

Sobe BG

A mensagem do dia "viver como as árvores" essa mensagem com base no capítulo 43 do livro Cartilhas da Natureza, pelo espírito Casemiro Cunha, Casemiro Cunha, espírito de luz, psicografia de Chico Xavier. E está na coletânea Momento Espírita, volume 7. Só uma corrigenda, eu disse fora texto, entre parênteses, lembram-se da primeira árvore, num baú, ela queria se transformar num baú, para carregar tesouros, na verdade, ela é um comedouro, né? Num estábulo, e serviu a primeira árvore, esse comedouro para o berço do nosso grande mestre. Né? Nosso querido Jesus. Desculpe a falha, mas tá feita a corrigenda!

Troca e Sobe o BG

Vâmo completá com João Mineiro e Marciano, do José Giacomeli e Di Carlos, cilada!

Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha e bom dia!

Entra música 10

14 de maio

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é segunda-feira, segunda-feira! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

Daqui a pouquinho nói vâmo ouví Gino e Geno, Palmeira e Biá e Chitãozinho e Xororó! Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre, meus respeitos, comadre! Bom dia!

E o nosso Vida Caipira começa e começa com Palmeira e Biá, do [inaudível] Willians, baião da serra grande!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira ocêis ouviram aí Chitãozinho e Xororó, do Carlos Cola e Maurício, eh, músico, né? Fugão de lenha! Ê, beleza! Gino e Geno, do Rick e Geno, indo pra Goiânia!

Daqui a pouquinho nói vâmo tê Brasão e Brasãozinho, Lourenço e Lourival, Goiano e Praiense!

Nosso Vida Caipira tem a caixa postal sessenta e um, meia um, pra você mandar a sua cartinha aqui para o nosso programa! Caixa postal sessenta e um, Bauru, São Paulo, rádio UNESP FM!

E vâmo que vâmo, Lourenço e Lourival, do Anacleto, os três boiadeiros!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocêis curtiram Goiano e Praiense, do Goiano e Donizete Santos, a viola é pescaria! Brasão e Brasãozinho, do Juliano Saturno, verde da nossa bandeira!

Daqui a pouco tem Brasão e Brasãozinho, Daniel e a participação do Zé Camilo e Chico Rei e Paraná e a participação do Leonardo, êh, Leonardo! Paizão do Pedro, né? Grande Pedro! Leonardo!

Então, o seguinte: a programação musical do Vida Caipira é do Sérgio Magson, operação de áudio Paulinho Pepa, apresentação Walter Lisboa!

Vâmo lá, Daniel e a participação do Zé Camilo, do Valdir Luz e Diva, paixão caipira!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocêis Chico Rei e Paraná e a Participação do Leonardo, do Antônio Vitor, alma transparente! Brasão e Brasãozinho, do Francisco Lacerda e Brasãozinho, de braços aberto!

Daqui a pouco nói vâmo completa com Tônico e Tinoco, Tônico e Valter Amaral, Brasil caboclo! ê, Brasil caboclo, eêh, beleza!! Músicao!

Ô, Pepa, vâmo pá mensagem do dia, Pepa!?

Troca e Sobe BG

A mensagem de hoje intitulada "lecionando humildade":

Troca e Sobe BG

Eram os dias derradeiros dele sobre a face da Terra e ele o sabia. Anunciado seu nascimento por mensageiros celestes, aguardado pelos séculos afora, ele, afinal, chegou. Viveu com os homens ficou mais de três décadas, iniciou seu messianato numa festa de alegrias, em Caná, comemorando as bodas de um parente de sua mãe. E na noite daquela quinta-feira, ele encerra o seu messianato na Terra, comemorando a Páscoa judaica, conforme a tradição de Israel. Após a ceia ele despe a túnica, coloca uma toalha sobre os rins, toma de um jarro com água, uma bacia e inicia a lavar os pés dos apóstolos. Surpreendem-se eles. Aquela era uma tarefa exclusiva dos escravos. Nenhum patriarca em Israel, nenhum pai de família israelita a realizava. Recebia-se o convidado à porta com um beijo de boas vindas. De imediato um escravo desatava as sandálias do nobre conviva e lhe lavava os pés, diminuindo o desconforto gerado pelo uso das sandálias abertas naquelas terras poeirentas. Pedro procura se esquivar, o mestre é muito especial para se humilhar tanto. Contudo, como Jesus lhe diz, que se ele não se permitir lavar os pés, não terá parte com ele em seu reino. Pedro, aceita o gesto! Concluída a tarefa, o excelente professor da humanidade, toma acento novamente entre os que privam da ceia [inaudível] compreendeis o que vos fiz? Vós chamai-me mestre e senhor e dizeis bem o que eu sou. O que o sou.

Sobe BG

A mensagem do dia "lecionando de humildade" podia ser também "ensinando humildade"... essa mensagem é com relação a partir do versículos 12 a 15 do capítulo 13 do evangelho de João e é de responsabilidade da coletânea Momento Espírita, volume 7.

Troca e Sobe o BG

Ou de autoria... bem, moçadinha, vâmo completá o Vida Caipira desta segunda-feira, completá com Tônico e Tinoco, do Tônico e Valter Amaral, Brasil

caboclo! Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha e bom dia!

Entra música 10

15 de maio

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é terça-feira, terça-feira, 15! 15 de maio, 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

Daqui a pouquinho nói vâmo ouví Zé Furtuna e Pitangueira, Garcia e Zé Matão, Lourenço e Lourival! Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre, meus respeitos, comadre! Bom dia!

Bom hoje, terça-feira dia 15, hoje é dia do assistente social e do gerente de Banco, ôh, nosso gerente, ô Pepa! Dia do gerente de Banco, será que ele vai facilitá hoje as coisa? Será que... hehe. Ele num pode baixá mais os juro, né? A gente gostaria que baixasse mais os juro ainda, né? Viu seu gerente? Gerente é um gente, gente fina, eu tenho um gerente muito bom, na minha conta, lá, o Carlos, alô Carlos! Aí no Estoril, né? Ê! Num vô nem falá o banco, né Carlos, purque sinão vão te procurá muito aí! vô

deixá você, mais ou menos, como um gerente personal... hehe, personal, heheh! Carlo! Tem o Miguel também, ô, gente boa, né? Lá da agência do BB do jardim Estoril! É... aquela rua deve ser Rio Branco, lá na Rio Branco, é! E dia do assistente social, parabéns! Também ao assistente social pelo seu dia, parabéns, parabéns!

No capítulo “santos do dia”, hoje é dia de Santos Roberto Cássio e Santa Dionísia! Santos do dia, santa Dionísia, Cássio e são Roberto! Santos deste 15 de maio, santo Cássio, santo Roberto e santa Dionísia!

E o Vida começa Garcia e Zé Matão, deles, festa do pião boiadeiro!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira ocêis ouviram Lourenço e Lourival, do Luiz de Castro e Nelson Gomes, sítio do vovô! Zé Furtuna e Pitangueira, do Pitangueira, Zé Furtuna, flor do baile! Daqui a pouco tem Belmonte e Amaraí, Tônico e Tinoco, Sulino e Marrueiro!

Falando em festa do pião de boiadero, eu tenho um grande amigo aí que faz fivela aí, pesses cinturões aí, do... do... da moçada do pião, dos pião de Barretos, certo? Ele falou: Lisboa cê num sabe que tem bota que va... vale 70 mil, 65 mil ... eu falei, é? É a bota, por exemplo a bota qua... qua, com o design Chitãozinho e Xororó, tem uma lá de 65 mil reais. Cravejada de brilhantes, também, tem alguns brilhantes, tem que valê, né? Aí eu tava vendo aí, a mais famosa montadora, vai soltar um carro em ju.. junho, completo com air bag e tal, novo lançamento, num vô falá a marca pra num ficá chato, né? 60 mil reais. O par de bota hehe, passa... digamos, design aí, o... a marca do Chitãozinho e Xororó, vale mais que o carro, o par de botas, é rapaz! E o Roberto sabe tudo, hein? Tem muito... então manda, vô mandá faze, vou pedi uma fivela pa pá ele, num por causa da festa de Barreto, mai pá mim, pá incrementá memo numa noitada dançante, uma fivela diferente! Sabe tudo, hein? Grande Roberto! Aí de Jaú, meu grande amigo! Ele tá sempre aqui conosco dançando na Luso e coisa e tal! Bom, vâmo em frente, então, Tônico e Tinoco, do Benedito Moreira, tempo de carreiro!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocêis ouviram Sulino e Marrueiro, do Sulino e Teddy Vieira, a volta do boiadero. Belmonte e Amaraí, do Goiás e Amaraí, saudade de Goiás! E o pessoal pensa que ninguém compra, né?... diz que festa do pão, é uma coisa, é uma loucura. A festa de.. de Barretos, é uma locura, locura, locura. Eu nunca fui e ele começô a me dá umas dica, é brincadeira a área, o tanto de terra que tem pá fazê a festa é coisa internacional, né? Tem um mundo inteiro aqui, um mundo inteiro.

Daqui a pouco tem Tônico e Tinoco, Zilo e Zalo, Jacó e Jacozinho.

E aí eu falei, mai todo mundo fica em Barretos. Aí ele falô: Ih! Fica como pode! Tem uma área de camping e tem bebedouro, é claro, bebedouro ai perto! Jaboticabal, tem gente que vai pá Riberão, fica em Riberão e vai tudo dia, vai e volta, ih! hehe! É, rapaz, a coisa é fera, olha, Barreto é brincadeira, festa do pão mémo.

Então, o Vida Caipira, tem programação musical do Sérgio Magson, operação de áudio Paulinho Pepa, apresentação Walter Lisboa!

Vâmo lá, Zilo e Zalo, do Benedito Seviero, Antônio Marani, meu regresso!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No vida Caipira ocêis ouviram Jacó e Jacozinho, do Serrinha e Lourival dos Santos, homem sem rumo! Tônico e Tinoco, Tônico e Nadir, viva viola!

Daqui a pouco nói vâmo completá com Pirilampo e Saracura, Pirilampo, ceis sabe, né? O Sérgio Reis e o Almir Sater, da novela Pantanar, êh, Pantanar! Muito bão! Agora, nós vâmo pá mensagem do dia!

Troca e Sobe BG

A mensagem de hoje, segunda parte de "ensinando humildade", ou "lecionando humildade":

Troca e Sobe BG

Vós chamai-me mestre e senhor e dizeis bem porque o sou. Se eu, pois, senhor e mestre, vos lavei os pés deveria lavar-vos os pés uns aos outros. Porque eu dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, assim façais vós também. Quanta grandeza no enunciado! Primeiro, ele ensina que nenhum de nós deve se esquivar ao autoconhecimento. Autoconhecer-se é imprescindível para se alcançar a felicidade. Desta forma Jesus enfatiza que ele é mestre e senhor, diz-nos, assim, que cada um de nós deve ter consciência das virtudes adquiridas. Cada qual deve saber o que já conquistou. O seu valor, nada de equivocado, portanto, que numa autoavaliação, nos qualifiquemos como quem já detém uma ou outra virtude. Embora não em sua totalidade, Jesus nos exemplifica: a segunda lição é de que por maior que sejamos, por nossa condição intelecto-moral, por cargos que ocupemos, por responsabilidades que tenhamos, de forma alguma nos devemos aclimatar ao orgulho. Afinal, que são alguns anos sobre a Terra face a eternidade que nos aguarda? Além do que, de que nos vamos orgulhar? De uma determinada conquista? De um posto hierarquicamente superior? Da avantajada intelectualidade? Que representa isso face ao universo e a eternidade? Somos habitantes de um minúsculo planeta em um sistema planetário que tem a sustentá-lo de quinta grandeza. Pensemos nisso, recordando o ensino crítico e sejamos mais humildes aprendendo a servir e servir sempre! Onde eu disse o ensino crítico, na verdade é, o ensino crístico, crístico, que vem de Cristo.

Sobe BG

A mensagem do dia "ensinando humildade" essa mensagem está encrustrada na coletânea Momento Espírito, volume 7!

Troca e Sobe o BG

Bem, moçadinha, vâmo completá o Vida Caipira desta terça-feira 15, 15 de maio de 2012. Vão completá com Pirilampo e Saracura, do Paulo Borges, cabecinha no ombro! Ê, cabecinha no ombro! [canta a música]

Bom, a programação foi do Sérgio Magson, operação de áudio do Paulinho Pepa, apresentação Walter Lisboa!

Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha e bom dia!

Entra música 10

16 de maio

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é quarta-feira, quarta-feira, 16 de maio, 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

Daqui a pouco nós vamos ouvir Cascatinha e Inhana, Lourenço e Lourival e quem vai abrir o programa de hoje é um mestre, hein? Rolando Boldrin, êh, Rolando Boldrin! Grande artista, tá com um programação fora de série na TV Cultura, né Pepa? Bom programa, mémo, êh, é muito, é bom demais! Aquilo num é nem programa, né Senhor Brasil, programaço! Aô! Rolando Boldrin! Ator, compositor, cantor, apresentador, o homi é fera mémo!! Bom o... aqui, hoje, é... bom dia, moçadinha, muito

bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre, meus respeitos, comadre! Bom dia! Quase ia esquecendo, né? Da comadre, né? hehe...

Então...hoje, é quarta-feira, tô fazendo uma confusão danada aqui, mai tá tudo certinho! Quarta-feira, 16 de maio, hoje é dia do gari... é, o gari. Sabe o que é Gari? Gari é aquele moço lá, que a prefeitura, por exemplo, que cuida das nossas ruas, né? Varre a rua, no meu tempo é... tinha moçadinha que depois, mais tarde, dizia assim o, os garoto, é do reco... era tudo rua do paralelepípedo, e eles vinham com um ferrinho ali, né? E... Aquele... aquelas imenda do paralelepípedo, né? Comadre? Chama-se interstício, né? Então, ele botava o ferrinho ali ó, pá tirá aquelas erva daninha que crescia ali no meio, coisa e tar, pá deixá o paralelepípedo mais assim... pelo menos mais juntinho, coisa e tar, né? Então... tirava o matinho, enfim! Então, dia do gari, o gari é importante, mantém a cidade limpa, tem que aplaudí o gari... é... esse negócio de [som de repugnância] é gari! não rapaz, tenha um pouco mais um pouco de juízo! Ainda ontem cê viu aí, a... como é que é? O Ensino de lavar os pés, que Cristo nos deixou. Respeite os gari! O gari merece! Parabéns, gari, pelo seu dia! Isso é muito importante, também, na nossa economia, até, no nosso dia-a-dia! Parabéns, gari, o bom gari, parabéns!

Bom, no capítulo “santos do dia”, então, hoje é quarta-feira, 16 de maio, hoje é dia de São João Nepomuceno, são Simão Estoque e Santo Alípio. Santos do dia, Alípio, Simão Estoque, João Nepomuceno. Santos deste 16 de maio, São Alípio, são Simão Estoque e São João Nepomuceno!

E o Vida começa com Rolando Boldrin, do Raul Torres, João Pacífico, Chico Mulato!!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira ocêis ouviram Lourenço e Lourival, do Praiense, corre mundo! Cascatinha e Inhana, do Zé Branco e Cascatinha, colcha de cetim. É... é...

Daqui a pouco tem Sulino e Mar... Marrueiro! Carreiro e Carreirinho, Zilo e Zalo!

Nossa caixa postal tem o número 61, procê mandá sua cartinha aqui pro nosso programa, é! É. Carreiro e Carreirinho, na sequência, do Carreirinho e Joana de Neto, grandes hõmis do passado!!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocêis ouviram Zilo e Zalo, do Léo Canhoto, justiça de um filho! Sulino e Marrueiro, do Sulino, morena dos olhos preto! Falei tanto do Rolando Boldrin, ô Pepa, dá pá mim contá um causinho que ele contó no Senhor Brasil? É o seguinte: é... tinha dois compadre, um compadre rico, fazendão bonito, gado de primera, coisa e tar, filho em escola particular, mulher bonita, bem vestida, rumada e tar... e era compadre dum, dum, dum, dum vizinho, pobrezinho, né Pepa? Tinha um sitinho, malemá, lá em cima, casinha no alto do morro, os filho magrinho, e coisa e tar... estudava ali na escolinha da... perto, nos arrebarde, a muié magrinha, magrinha, coisa e tar. Aí, rapaz, vai daqui, uma amizade que eu vô ti contá, do fazendeiro rico e o, ali, o chacareiro, digamos assim, né? Pobrezinho, pobrezinho... vai compadré pá lá, compadre pra cá, o fazendo rico tinha batizado os filho do... do compadre pobre, coisa e tar, e vai daqui, daqui a pouco, bum! Pifou o compadre pobre, morreu! Aí o compadre rico foi lá no velório: [chora] Compadre! O senhor me deixô, num esperô, num combinô, compadre! E chorou, chorou, chorou. Aí... aí vai pro enterro: compadre, vô jurá aqui, vô jurá aqui, ó! Eu vô, eu vô botá seus filho na escola em que meus filho tão estudano, vô pagá tudo até eles se formá, viu compadre? Eu juro! Juro! E... outra coisa, compadí, num vai fartá comida, coisa nenhuma, vô mandá comida tudo dia lá, num compra mai, eu mando toda comida, e pererê, e vou fazê tudo, vô criá tua família, compadre, eu assumo! [chora] Vai com Deus, compadre! Aí, muito bem, passou-se um ano, dois ano, três ano, aí o compadre falô, puxa! Vou visitá a comadre, por que... vê como é que tá os filho, né? Tão na escola dos meus filho e coisa e tar, e chego lá: [bate palma] ô! ô de casa, ô! ô de casa! Aí vem a viúva, rapaz, a comadre tava forte, né? engordô, tá um... sabe como é que é? Bem vistida, bonita que só vendo! Hehe! Aí: ô compadre! Nosso salvador! A comadre veio e deu um abraço ele ... segurou assim cas mão até, pá evitá um abraço mai forte: não, comadre, tá tudo bem! O senhor é nosso

salvador, meus filho tão bem na escola, tão crescendo forte, saudáve, é... os meus filho comentáro mémo, que tá tudo bem, coisa e tar, né? Entra compadre! O compadre, meio assim, não, a senhora tá sozinha e coisa e tar. Eu vô fazê um café... bom, um cafezinho vô aceitá por educação, né? Aí, coisa e tar, veio, deu café pra, pro compadre e o compadre tomô, só observando a casa bem arrumada e a comadre, nossa, uma lindeza só, como mudô, né? Assim o compadre, tava olhando, falô: ó, bom, com... comadre eu já vô indo, mai eu queria dizê uma coisa pá senhora. é... a hora que senhora resorvê, tá entendendo, dá uma desviada do caminho, dá um pulinho assim e tar, eu gostaria que a senhora me desse a preferência... ê, é isso aí, né? Cê gostô, Pepa? Hehehehehe!

Ei, comadre! Tem nada que vê co a comadre que eu falo bom dia aqui, não! Isso é história do Rolando Boldrin mémo! Bom, vamo lá, né? Então, nós ouvimos Zilo e Zalo, do Sulino e Léo Canhoto, justiça de um filho! Sulino e Marrueiro, do Sulino, morena dos olhos preto! E o Carreiro e o Carreirinho, do Carreirinho e Jônata Neto, grandes home do passado! Então, daqui a pouco tem Zé Furtuna e Pitangueira, Criolo e Seresteiro, agora nós vamos de Júnio e Júlio, do Benê de Araguari, vorta do filho pródigo!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No vida Caipira ocêis ouviram Criolo e Seresteiro, do Criolo, o verdadeiro amor! Ouviro também Zé Furtuna e Pitngueira, do Zé Furtuna, lembranças! Olha, o vida caipira tem programação musical do Sérgio Magson, é... operação de áudio e sonoplastia do Paulinho Pepa, apresentação Walter Lisboa!

Vâmo pá mensagem do dia, Pepa?!

Troca e Sobe BG

A mensagem do dia intitulada "consumismo":

Troca e Sobe BG

Você já notou que nos dias de hoje os apelos são imensos para nos tornar cada vez mais consumistas? Nas revistas e jornais, no rádio, na televisão e na internet - olha aí Pepa, na internet! Os convites às compras parecem estar em toda parte! Nem mesmo nos elevadores e nas ruas estamos a salvo. Outdoors, cartazes, painéis eletrônicos, folhetos e todo tipo de propaganda estão ao alcance de nossos olhos e mãos. É o excesso de nossos dias. Vivemos uma vida quase artificial em que, aos poucos, a simplicidade, os valores reais vão sendo substituídos por coisas artificiais e passageiras. Em vez de nossas conversas com familiares e vizinhos, agora passamos horas em frente à televisão ou no computador, ficamos cegos para os que vivem ao nosso lado. Deixamos de ouvir o mundo para nos isolar em fones de ouvido e acabamos por nos tornar um pouco surdos para a realidade. E assim prossegue nossa vida: cada vez mais mecanizada, cada vez mais dirigida por produtos que compramos sem parar. Estimulados pelos anúncios e propagandas. Isso não ocorre apenas com os adultos, as crianças são bombardeadas pela publicidade já que se descobriu que elas influenciam poderosamente os pais. Não só para comprar brinquedos, mas também para adquirir carros, eletrodomésticos e produtos alimentícios. Interessante lembrar que a publicidade nos faz a... acreditar que precisamos ter as coisas, ela se infiltra em nós, comandando a nossa vontade. Vale-se de conceitos importantes para o ser humano: aceitação, alegria, bem-estar, poder, entre aspas. Por outro lado a força da propaganda também nos atinge ao informar que, se não temos determinadas coisas ou serviços, somos infelizes ou excluídos de grupos sociais. Mas o problema não está nos publicitários ou nos anunciantes, eles fazem o trabalho deles. É o trabalho deles. O problema está em nós! Que acreditamos e aceitamos como verdades os comerciais.

Sobe BG

A mensagem do dia "consumismo" essa mensagem é atribuída à redação momento Espírita, da coletânea volume 7 do mesmo nome, Momento Espírita!

Troca e Sobe o BG

Bem, moçadinha, vâmo completá o Vida Caipira desta quarta-feira 16, 16 de maio de 2012. Completá com Mato Grosso e Mathias, do Manuelito Nunes e Jônata, irmãos de sangue!

Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha e bom dia!

Entra música 10

17 de maio

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é quinta-feira, quinta-feira 17, 17 de maio, 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

Bom, daqui a pouquinho nói vâmo ouví aí Rolando Boldrin, Cristian e Ralf e também Nenete e Dorinho! Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre, meus respeitos, comadre! Bom dia!

Então...hoje, 17 de maio, nas efemérides, hoje é dia mundial das telecomunicações! Dia mundial das telecomunicações, nossos respeitos, nossos

cumprimentos a todos os envolvidos nas telecomunicações! Nas efemérides, hoje é o dia mundial das telecomunicações!

E no capítulo “santos do dia”, hoje é dia de são Pascoal Bailão? Santo do dia Pascoal Bailão, santo deste 17 de maio, são Pascoal Bailão!

E o Vida começa com Cristian e Ralf, do Zé Paióça, boiada!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira cêis ouviram Nenete e Dorinho, do Jaime Sandová e Nenete, minha terra querida! Rolando Boldrin, dele, eu, a viola e Deus!

Daqui a pouco Luizinho, Limeira e Zezinha, Cacique e Pajé e Craveiro e Cravinho!

Na UNESP tamos apresentando Vida Caipira! Êh, vidão! A nossa caixa postal tem o número meia um, 61, pucê mandá sua cartinha aqui para o programa Vida Caipira!

Vâmo em frente, Cacique e Pajé, do Rei do Mar e Cacique, viola no samba!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira nós ouvimo Craveiro e Cravinho, do Craveiro e César, ser feio num é defeito! Luizinho, Limeira e Zezinha, do Luizinho e Nhô Pai, vinte anos a mais!

Daqui a pouco tem Pena Branca e Xavantinho, Abel e Caim, Liu e Léu!

O Vida Caipira, a programação musical é do Sérgio Magson! Operação de áudio Paulinho Pepa, apresentação Walter Lisboa!

Vâmo que vâmo, Abel e Caim, do Dino Franco e Afonso Rosas, compositores, derradeiro adeus.

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocêis curtiram aí, Liu e Léo, do Léo e Tuta, chora moreninha! É! Ouviram também o... Pena Branca e Xavantinho, do Xavantinho, grande sertão!

Na UNESP tamos apresentando o Vida Caipira, e hoje nói vâmo completá, ô! Música boa, hein Pepa? Muito bonita, né?! Chitãozinho e Xororó, daqui a pouco, do João Marques e Maracaí, uma parte do... do nosso título aqui, do programa, né? Vida Caipira! Daqui a pouco, nói vâmo tê aí, o caipira, caipira!!

Vâmo pá mensagem do dia, Pepa?!

Troca e Sobe BG

A mensagem de hoje intitulada "e pobres e de ricos":

Troca e Sobe BG

A maioria dos seres humanos deseja ser rico. Dinheiro representa privilégios, prazeres, poder. É um sonho generalizado que atinge quase todo mundo! Quem é pobre deseja melhorar de vida. Quem já é rico almeja ser milionário. E o milionário? Esse também quer mais! Quer ter bilhões! O doente acredita que o dinheiro vai lhe dar acesso a tratamento VIP. Quem está saudável sonha com viagens, jantares em restaurantes sofisticados. Anônimos querem a riqueza para se tornar celebridades. Até os idealistas, sonhadores e santos querem dinheiro. Uns sonham em melhorar o mundo, outros planejam construir hospitais e abrigos. Todos acreditam que usarão acertadamente os recursos para o bem geral. Há até quem ridicularize o provérbio popular que afirma que o dinheiro não traz felicidade, com sorriso irônico, sempre há que desdenhe a sabedoria coletiva e contraponha: dinheiro pode até não trazer felicidade, mas ajuda um bocado! Mas alguns aspectos da vida que não estão acessíveis à influência do dinheiro. Aliás, o poder refere-se exclusivamente a coisas compráveis.

Sobe BG

A mensagem do dia "de pobres e de ricos" esta mensagem é atribuída à redação da equipe Momento Espírita, coletânea Momento Espírita, volume 7!

Troca e Sobe o BG

Bem, moçadinha, vâmo completá o Vida Caipira desta quinta-feira 17, 17 de maio de 2012. Completá com Chitãozinho e Xororó, do João Marques e Maracai, caipira!

Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos para mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha e bom dia!

Entra música 10

18 de maio

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é sexta-feira, sexta-feira 18, 18 de maio, 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

Daqui a pouco nói vâmo ouví Melo e Melinho, tem também Almir Sater e Mensageiro e Mexicano Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre, meus respeitos, comadre! Bom dia!

Bom, hoje, 18 de maio, dia dos vidreiros! Das raças indígenas! Dia da América! Dia mundial dos museus! Portanto, nas efemérides, hoje é dia mundial dos museus, dia das raças indígenas, dia da América, nossa América! E dia dos vidreiros! Parabéns a todos os que estão encrustrados nestas efemérides, parabéns! Muitos parabéns, principalmente pros nossos amigos vidreiros, nossos indígenas, dia das raças indígenas, êh! Os americanos, né? Todos nós somos americanos também, porque América, [inaudível] somos americanos, porque não? Nós tamos na América, é dia da América! É, dia da América! E dia mundial dos museus, ôh! Hoje é dia de quem cuida dos museus! Muito bom!

No capítulo “santos do dia”, hoje é dia de São João Primeiro e santo Eurico! Santos do dia, Eurico e João Primeiro! Santos deste 18 de maio, são Eurico e são João Primeiro!

O Vida Caipira começa com o moço do Pantanar, né? O Almir Sater, o Almir Sater, do Edu Lobo e Capinam, viola fora de moda!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira cêis ouviram Mensageiro e Mexicano, do Praense, distante de quem amo! Aô! Que saudade, né? Distante de quem amo! Melo e Melinho, do Teddy Vieira e Palmeira, couro de boi! É tá cantando, é couro de boi!

Daqui a pouco tem Rei da Mata e Tião do Gado, Renato Teixeira e Abel e Caim!

O Vida caipira tem a caixa postal tem o número meia um, opa! Caixa posta meia um, eu falei o couro tá cantando, rapaz, no meu tempo de infância o couro cantava, viu? É! Fazia quarqué artezinha, hoje é uma beleza! Nossa... inclusive, nós somos avós, né? Ih! Faiz tudo pus neto, coisa e tar! Até pus filho! Meu filho, vô confessa, nunca bati, é... nunca, esse negócio de surra de cinta, esse negócio todo, tinha muito no meu tempo, mai nunca! Malemá fiz os dois se abraçá, tão brigando é? Irmão com irmão, aí? Que

coisa? Abraçá! Dá um abraço, um no outro! Abraça, aperta bem! Isso aí! É a melhor ligação, né? Mai rapaiz, ei... hum... um dia eu cheguei meio fora de hora fui encontrá meu pai no.... no pique, preguntô pur que tá chegando essa hora? Pé-pé-pé, pé-pé-pé, eu fiquei jogando... jogando bola, coisa e tar? Vâmo conversá! É... hehe.

Vâmo em frente, chega de conversa mole, Renato Teixeira, dele, vira no meu quintal!!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocêis ouviram Abel e Caim, do Carreirinho e Zé Furtuna, crianças do Brasil! Aê as crianças, beleza! Rei da Mata e Tião do Gado, do Rei da Mata e Sulino, coração ferido! Daqui a pouco tem Craveiro e Cravinho, Tião Carreiro e Pardinho, Sulino e Marrueiro!

Vida caipira, programação musical Sérgio Magson, operação de áudio Paulinho Pepa, apresentação Warte Lisboa, Walter Lisboa! Vâmo lá, Tião Carreiro e Pardinho, do Carreirinho, Paulo Calandro, urutu cruzeiro!!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: Êh, minha valsinha! Ê, vâmo lá! [cantarola] No vida Caipira ocêis ouviram Sulino e Marrueiro, do Sulino e Augusto Toscano, festa no céu! Craveiro e Cravinho, do Teddy Vieira, ladrão de estrada!

Daqui a pouco nói vâmo completá com João Mineiro e Marciano, êi, músico, hein? Cilada!

Vâmo dança um pouco, Pepa?

Sobe BG

Êh, que varsinha, né compadre? Boa mémo! Agora, Pepa, nói vâmo pá mensagem do dia! A mensagem do dia!

Troca e Sobe BG

A mensagem de hoje intitulada "virtude da disciplina":

Troca e Sobe BG

Certas palavras... certas palavras e expressões, às vezes, têm seu sentido deturpado ou reduzido. Assim ocorre com a disciplina. Frequentemente, entendida como submissão a um agente externo. O termo remeteria à ação que sujeita à vontade de outrem, por exemplo: o pai que disciplina seu filho ou o comandante que conduz suas tropas sob o regime disciplinar severo. Embora disciplina, sob o aspecto exterior, seja necessária, ela tal não se circunscreve na realidade é sob o prisma interno que a disciplina revela seu mais rico potencial. Trata-se de uma virtude que viabiliza a aquisição de todas as outras. Sem disciplina não há avanço e transformação moral intelectual. A criatura indisciplinada permanece como sempre foi. Seus vícios e debilidades não encontram firme oposição e os mesmos erros são incessantemente repetidos. A disciplina atua no plano da vontade, ela estabelece regras e define como deve ser o comportamento futuro. O homem disciplinado diz a si mesmo o que deve fazer e se mantém firme no propósito. Mesmo contra seus interesses e tendências naturais segue o programa de melhoramento que se impôs como meta.

Sobe BG

A mensagem do dia "a virtude da disciplina" essa mensagem é atribuída à equipe de redação do Momento Espírita, incrustada no livro de igual nome Momento Espírita, coletânea volume 7!

Troca e Sobe o BG

Bem, moçadinha, vâmo completá o Vida Caipira desta sexta-feira 18, 18 de maio, 2012. Né? É, segunda-feira, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos pra mais uma edição do Vida Caipira. Vâmo completá, hoje, com João Mineiro e Marciano, ê, Marciano, nosso grande bauruense da Água do Paiol, Marciano, de José Jacomeli e Di Carlos, cilada! Um abraço, moçadinha, bom princípio de final de semana pra quem pode e bom dia!

Entra música 10

21 de maio

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é segunda-feira, segunda-feira 21, 21... de maio, 2012! Muito bom dia! Começando aqui na UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

Daqui a pouco vocês vão ouví aí o Gino e Geno, tem também Palmeira e Biá e Pedro Bento e Zé da Estrada! Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre, meus respeitos, comadre! Bom dia!

Muito bom dia! Então, hoje dia 21, hoje é dia da Língua Nacional! Êh, Pepa!! Êh, você que fala bem, né Pepa? Dia da Língua Nacional! Qual é a nossa língua, Pepa? Língua Portuguesa! É! Língua Portuguesa! Muito bom! Então, Língua Nacional,

parabéns! O bom português é bonito, né? Língua difícilíssima! Todo mundo sabe disso! É umas línguas mais difíceis do mundo! Isso em termo de falá corretamente, não é mesmo? Pronome, pronome reto, pronome oblíquo, análise sintática, êh, meu Deus do Céu! Ih! Era uma dureza! Aliás, quando eu fiz o vestibular lá na faculdade, bacana, né? Tinha o exame escrito, nada de teste aí, coisa e tal! Escrito mémo! Vai lá! Resorve! Depois o oral! Pô, eu saí do colegial, chego no vestibular aqui, oral! Cara a cara pum senhor que eu nunca tinha visto mai gordo! Um professor diferente, faculdade assusta, né? Oral! E, claro que teve português! hehehehe! Qu'análise e tudo oral! E latim! É mole, latim escrito e oral? Me parece que hoje tá um pouquinho mais... digamos, num digo fácil, tá um pouquinho mais acomodado, mais... tá melhor! Mai tudo bem! Num vâmo sê tamém tão assim cabotino! Achá que só no seu tempo é que é o bom! Continuam as coisas boas! E também quem quer ter um bom português, trate mais é de lê! Lê, lê, lê, Leitura é tudo, né? Cê aprende muito nas... nos livros, nos jornais. Pesar que, tamém, precisa saber o jornal que cê lê, né? E o jornalista que cê escolhe! Tem muito jornalista que erra! E o revisor de jornal sumiu! Nossa! Cê vê, vira e mexe cada erro! Antigamente tinha revisor, né? O revisor era... sabia muito! Parabéns, né? A todos os bons cultores da língua portuguesa! Dia Língua Nacional!

No capítulo “santos do dia”, hoje é dia de Santa Catarina de Cordona e... Hospício. Santos do dia santo Hospício e Santa Catarina de Cordona! Santos deste 21 de maio são Hospício e santa Catarina de Cordona!

E o Vida começa com Pedro Bento e Zé da Estrada, do Bento Júnior Guedine, cochinho!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira ocêis curtiram aí Palmeira e Biá, do Palmeira e Miguel, arroz à carreteira! É... Gino e Geno, do Rick e Geno, indo Goiânia! Daqui a pouquinho vâmo ouví Melo e Melinho, Melo e melinho, vâmos ouví também Goiano e Praiense e Lourenço e Lourival! Êh, beleza, né? É isso aí! Muito bom!

Nossa caixa postal tem o número meia um,61, pra você mandá sua cartinha aqui para o nosso programa!

E vâmo que vâmo, Lourenço e Lourival, do Anacleto, os três boiadeiros!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocêis curtiram Goiano e Praiense, do Goiano e Donizete Santos, a viola e a pescaria! Melo e Melinho, do Tônico e Priminho, moreninha linda! Êh, moreninha! hehe!

Daqui a pouco tem Brasão e Brasãozinho, Daniel e a participação do Zé Camilo, Chico Rei e Paraná e participação do Leonardo, é o pai do Pedro! Eba! Participação do Leonardo!

O Vida caipira, programação musical do Sérgio Magson, operação de áudio Paulinho Pepa, apresentação Walter Lisboa! Êh, beleza, né? É isso aí!

Daniel e a participação do Zé Camilo, Valdir Luz Tivas, paixão caipira!!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No vida Caipira ocêis ouviram Chico Rei e Paraná, participação do Leonardo, do Tônio Vitor, alma transparente! Brasão e Brasãozinho, do Francisco Lacerda e Brasãozinho, de braços abertos!

Daqui a pouco nói vâmo completá com Tônico e Tinoco, êh, Brasilzão! Brasil caboclo! Beleza! Brasil, Tônico e Tinoco, os moço de Pratânia, Prata, aí, ao lado de São Manuel, a terra do Couro! Município de Pratânia, aê, Pratânia! Prata, né? Como diz a moçadinha que tá lá há muito tempo, mora há muito tempo em Pratânia, eles num fala Pratânia, eles falam eu vou pra Prata, eu moro na Prata! Já sabe que é Pratânia, né mémo? É isso!

A mensagem do dia, Pepa....

Sobe BG

A mensagem de hoje intitulada "de sombras e sol":

Troca e Sobe BG

Todo ser humano traz dentro de si uma luz maior que a das estrelas. Um universo inteiro de amor vive latente dentro de cada de um nós. Quando estive entre nós aqui na Terra, Jesus nos fez um doce convite: brilhe a vossa luz! E disse ainda mais: declarou que todos os seres humanos são deuses, são sal da terra e a luz do mundo. Quanta poesia nessas palavras do Cristo.

Elas são lembrete permanentes para os dias em que a sombra toma conta de nossas vidas. E como são muitos esses dias sem sol, parece que uma grande nuvem cinza encobre a luz. É quando estamos infelizes, quando a dor encontra morada no coração. Quando perdemos a alegria. Quando sorrisos parecem distantes. Mas há outras ocasiões em que uma luz radiosa parece nos iluminar. Esses dias claros traduzem nossa alegria. Harmonia interna. É a felicidade que se revela em nós. E nos perguntamos: por que não somos sempre assim? Por que não há apenas dias solares? Cheios de cor e claridade? É que ainda nos permitimos viver na sombra. Para a maior parte da humanidade, ainda é mais natural se identificar com estados de angústia, tristeza, aborrecimento, depressão, poderíamos incluir, doencinha da moda, mas perigosa! Mas um dia, aprenderemos a viver de forma diferente. Privilegiaremos a bondade, esqueceremos a maledicência, cultivaremos a alegria!

Sobe BG

A mensagem do dia, "de sombras e de sol", essa mensagem é atribuída ao espírito de luz de Joana De Angelis, Joana De Angelis, psicografia, do grande médium baiano Divaldo Pereira Franco. Divaldo Pereira Franco! E ela está escurada na coletânea Momento Espírita, volume 7.

Troca e Sobe o BG

Bem, moçadinha, vâmo completá o Vida Caipira desta segunda-feira, aê! Segunda-feira, 21 de maio, 2012! Beleza, né?!

Então, vâmo completá hoje com Tônico e Tinoco, do Tônico e Valter Amaral, Brasil caboclo!

Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos pra mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha e bom dia!

Entra música 10

22 de maio

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é terça-feira, terça-feira 22, 22 de maio, 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

E daqui a pouquinho nói vâmo ouví Eli Silva e Zé Goiano, João Mulato e Douradinho e Cacique e Pajé!

Muito bom dia! É... Bom dia, moçadinha! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre, meus respeitos, comadre! Bom dia!

Terça-feira, 22, hoje vejamos nas efemérides... hoje é dia do apicultor! Né, comadre? O senhor num... num pratica apicultura aí? Ah... ah.. só pu gasto, né

compadre? Êh! Apicultor é aquele homi do mel, né? Do própolis, né? Dos derivados do mel, é! Abelhinha, ei, abelhinha, né? Então, tem o... o mel é da jataí, né mémo? É mel de tudo quanto é abelha! Eucalipto, né? Florada de eucalipto, florada de laranjeira, florada maracujá, tem também! Tem, tem! A turma usa mais é aí o... tar de eucalipto, né compadre? E também os laranjais, os pomares, é... florada! As abelhas procuram muito. Põe as caixinha lá, coisa e tar, bonito, né? E o mel é tudo, é saúde, hein? Saúde, olha! Alimento natural, alimento... e o própolis, então, compadre? O própolis é antibiótico natural, compadre, o senhor sabe disso, né? Por exemplo, cortou o dedinho um pouquinho, até criancinha, é natural, é antibiótico, cê põe ali, mai cicatriza na hora, compadre! Num p'cisa botá... uns põe sal, outros açúcar, açúcar tem aquele problema tamém, às vezes, do camarada, do diabetes coisa e tar, o própolis, compadre? Aliás, o ano passado tava cortando limão, sabe compadre? Peguei meio desajeitado, quase que eu, hã, tirei todo o ponteiro do dedo! 'Quele dedinho indicador da mão esquerda, aí, lembrei do própolis e vai própolis, e vai própolis, e vai própolis, num levô ponto, não, compadre! Foi na base do própolis! Fecha tudo mémo! Fecha! êh, parabéns, apicultor! Cê é muito importante! Aqui no Geisel tem um grande apicultor, meu amigo José, né? Zé Car... Ele é gente boa, gente fina, Celso também, isso! Gente boa aí, olha! Falô em apicultor aqueles... e tem associação em Bauru, direitinho, cê busca lá na feira, no feirão da cidade, principalmente, é, né? Pode comprá a vontade!

No capítulo “santos do dia”, hoje é dia de Santa Rita de Cássia, Santa Helena de Aucher. Santas do dia Rita de Cássia e Helena de Aucher! Santas deste 22 de maio Helena de Aucher e Rita de Cássia!

João Mulato e Douradinho, começa com Dino Franco e Tião Carreiro, caboclo de sorte!

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira ocêis ouviram Cacique e Pajé, do Cacique e Tônico Martins, filho de índio! Eli Silva e Zé Goiano, do Jesus Belmiro e Tião Carreiro, paixão mineira!

Daqui a pouco tem Torrinha e Canhotinho, Abel e Caim, Sérgio Reis! Mai que é bom, é bom mémo, é melhor cê tê em casa o própolis do que tê mercúrio cromo, aí, sei lá... aquelas coisa toda, hehe! É... própolis é su... além de sê antibiótico é natural, né? Do verdadeiro apicultor, claro, vai comprando própolis aí de... tem uns própolis aí, vai me desculpá, misturado! Aí já entra um pouco de química, né? Agora, aquele própolis do apicultor faiz mémo, pratica na dosagem certa do álcool, é o que há, né? de bom! Pó tomá tamém, né? É bom evitá gripe, um monte de coisa! É tudo própolis! Pá tê em casa sempre um vidrinho ali, um... alguns põe plástico, no plástico, é... conta-gotas, tudo. Já vem, né? Embutido!

Torrinha e Canhotinho, vâmo lá, Torrinha e Canhotinho, do Teddy Vieira, reisado!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocêis ouviram Sérgio Reis, do Álvaro Sócrate e Cláudio Mata, som da viola! Abel e Caim, do Jesus Belmiro e Paraíso, casco de boi!

Daqui a pouco tem Pena Branca e Xavantinho, Ouro Negro e Dorivam, Almir Sater e Rolando Boldrin! Pois é, tenho um amigo, ele é até conhecido, grande locutor esportivo, o Zé Carlos, cê conhece, né Pepa? O Zé Carlos narrador? Zé Carlos! Conhece! Ô, tá maluco! Trabalhô na 710 e tal.. taí, tá aparecendo na TV Prevê, coisa e tal! O Zé me contô uma do própolis é interessante! Ele tava com uma infecção, sabe? meio enjoada, chata, ele tava até no consultório um dia, aí ele folheando uma revista lá... olha só o consultório, até revista, aí ele viu: o própolis 20 gotinhas pra isso, 20 gotinhas praquilo, ele falô: vô usá esse tar de própolis aqui e 20 gota... aí ele falô: Lisboa do céu, curei! Curei cu própolis, tava duro de curá, a gente toma tanto remédio, hehe! Curô cas 20 gotinhas, tomando, tomando... ah! Própolis é tudo, né? Então, tâmo falando as... do própolis hoje, pu cê que ligô o rádio agora, porque hoje é dia do apicultor, viu? É! O cara que se compra o mel aí, que cê conhece, gente boa e tal, fala, além do mel, fala: cê tem própolis? Dá um própolis pra mim, vô comprá o própolis tamém! Põe o própolis em casa! É bom pá criança, corta dedo, corta isso, sei lá, até pra

algum resfriado, vá tomando! É... antibiótico e num faz mal,tamém! Que num tem nada tomá, é... eu, de vez em quando, tomo depois do almoço, ponho lá umas 20 gotinha e ó! Com um pouquinho de água, meio copo de água, é muito bom o própolis!

Então, daqui a pouco tem Pena Branca e Xavantinho, Almir Sater e Rolando Boldrin e tem também Ouro Negro e Dorivam! Mais nós... é... é... antes ouvimos o Torrinha e Canhotinho, do Teddy Vieira, né? O reisado. E o Sérgio Reis, do Álvaro Sócrate e Cláudio Mata, som da viola, além do casco de boi! Agora sim! Ouro Negro e Dorivam! Do Filovaldo Cunha, serenata!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No vida Caipira ocêis curtiram Almir Sater e Rolando Boldrin, do Mariano e Professor Laureano, deixei de ser carreiro! Professor Laureano, muito, durante muito tempo, deu aula no, no famoso ginásio do Estado, no Instituto de Educação Ernesto Monte! E Pena Branca e Xavantinho, a música do rolando Boldrin, vide vida marvada! Êh, música!

Daqui a pouco nói vâmo completá com João Paulo e Daniel, os bons tempos de João Paulo, Daniel, né? João Paulo hoje no céu, então! Cum Daniel, né? A grande dupla! Hoje eu sei! Muito bom! A programação do Sérgio Magson, operação de áudio do Paulinho Pepa, apresentação Walter Lisboa!

Meu amigo, Pepa, vamos pra mensagem do dia!

Sobe BG

A mensagem de hoje intitulada "a virtude da disciplina":

Troca e Sobe BG

Certas palavras e expressões, às vezes, têm seu sentido deturpado ou reduzido. Assim ocorre com a disciplina. Frequentemente, entendida como submissão a um agente externo. O termo remeteria à ação que sujeita à vontade de outrem, por exemplo: o pai que disciplina seu filho ou o comandante que conduz suas tropas sob um regime disciplinar severo. Embora disciplina, sob o aspecto exterior, seja necessária, ela a tal não se circunscreve. Na realidade é sob o prisma interno que a disciplina revela seu mais rico potencial. Trata-se de uma virtude que viabiliza a aquisição de todas as outras. Sem disciplina não há avanço e transformação moral e intelectual. Vejam nossas escolas! A criatura indisciplinada permanece como sempre foi. Vejam nossos alunos e alunas! Tem diferenças? Tem, mas hoje... Seus vícios e debilidades não encontram firme oposição e os mesmos erros são incessantemente repetidos. A disciplina atua no plano da vontade, ela estabelece regras e define como deve ser o comportamento futuro. E vou me permitir a um pensamento: assim como dizemos que a verdadeira caridade começa de casa, a verdadeira disciplina começa do lar. Começa de casa. Cê num entende assim, Pepa? A verdadeira disciplina começa de casa. E o povo vai reclamá o quê? Ah, meu filho, na escola é maltratado... mas ele tem disciplina? Se tem em casa, terá na escola. Terá no trabalho. O homem disciplinado diz a si mesmo o que deve fazer e se mantém firme no propósito. Mesmo contra seus interesses e tendências naturais segue o programa de melhoramento que se impôs como meta. Como meta... e eu fico lembrando até nos relacionamentos, precisamos ter muita disciplina. A disciplina consiste em uma força interior que permite alteração de velhos hábitos. Não se trata apenas de decidir ser melhor, mas de colocar em prática o que se decidiu. Certamente há vacilos, mas logo o homem disciplinado retoma seu projeto inicial. Ele não se permite desistir quando percebe a viabilidade da meta que elegeu para si. Da meta que escolheu como a obtenção do seu objetivo, do seu sucesso. Disciplina! É... uma palavra tão simples, né? Mas tão difícil de ser praticada nos dias atuais, convenhamos! Algum acreditar que tudo vai melhorar, exatamente a partir da disciplina.

Sobe BG

Esta mensagem é atribuída à equipe de redação espírita cujo, cuja coletânea tem o mesmo título, ou pelo menos, intitulada Momento Espírita, volume 7.

Troca e Sobe o BG

Bem, moçadinha, vâmo completá o Vida Caipira desta terça-feira, 22 de maio, 2012! Vâmo completá hoje com João Paulo e Daniel, do Rick e Alexandre, hoje eu sei!

Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos pra mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha e bom dia!

Entra música 10

23 de maio

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é quarta-feira, quarta-feira 23, 23 de maio, 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

Daqui a pouco nõi vâmo ouví Zé Carreiro e Carreirinho, vâmo ouví também Pedro Bento e Zé da Estrada e Quintino e Quirino!

Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre, meus respeitos, comadre! Bom dia!

Bom, quarta-feira, 23 de maio, dia mundial das Comunicações Sociais. Dia da juventude constitucionalista. Muito bom, aí. É... muito bom! Então, nas efemérides,

hoje, dia da juventude constitucionalista e dia mundial das Comunicações Sociais. Nossos cumprimentos a todos envolvidos na efeméride, Êh! Beleza! Ou nas efemérides.

Bom, no capítulo “santos do dia”, hoje é dia de Santa Sara, santo Epitácio, santo Desidério. Santos do dia Desidério, Epitácio e Santa Sara. Santos deste 23 de maio são Epitácio, são Desidério e santa Sara!

E o Vida começa com Zé Carreiro e Carreirinho, do Raul Torres, Rubens Ferreira, peito sadio.

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira ocêis ouviram Pedro Bento e Zé da Estrada, do Donizete Santos, quando se ama em Goiás! Quintino e Quirino, deles, louvação ao santos reis. Na UNESP estamos apresentando Vida Caipira! Êh, Vidão!

Nossa caixa postal pu cê mandá sua cartinha pra cá tem o número 61, meia um, pra você mandá sua cartinha! Daqui a pouco tem Liu e Léu, Zé Mulato e Cassiano, Carreiro e Carreirinho! Êh, beleza! Muito bom, beleza, beleza! É...

E vâmo lá, em frente, com música, né compadre? Zé Mulato! Zé Mulato e Cassiano, deles, sangue novo!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocêis curtiram Carreiro e Carreirinho, do Carreirinho, casa branca da serra! Liu e Léu, de Goiá e Belmonte, apenas um pecado!

Daqui a pouquinho tem Criolo e Seresteiro, Abel e Caim, Rolando Boldrin e a Lurdinha Pereira! É! Muito bom!

Vida caipira, programação musical do Sérgio Magson, operação de áudio Paulinho Pepa, apresentação Walter Lisboa!

E vâmo que vâmo, então! Vâmo lá! Criolo e Seresteiro, não! Antes, é Abel... Abel e Caim, Abel e Caim, do Zé Furtuna e Paraíso, o ipê e o prisioneiro!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No vida Caipira ocêis curtiram aí Rolando Boldrin, Lurdinha Pereira, do Almirante, um agradinho é bão! Agradinho é bão, é bão demais!! Criolo e Seresteiro, do Seresteiro, ranchinho de luto.

Daqui a pouco nói vâmo completá com Leandro e Leonardo, aê, muito bom! Doce mistério! Êh, música, né?

Ô, Pepa, vâmo pá mensagem do dia, Pepa?

Sobe BG

A mensagem de hoje "eu também posso fazer":

Troca e Sobe BG

Saint Exupéry, Saint Exupéry narra em, com maestria, em seu livro "Terra dos homens", quando ainda era jovem piloto a experiência de ter assumido o correio aéreo da África. Quando recebeu a notícia que partiria na manhã seguinte para seu primeiro dia de trabalho, confessou que talvez não estivesse ainda bem preparado. Expressou assim sua insegurança a um companheiro de voos, naquela noite. Narra o autor que seu amigo espalhava confiança como uma lâmpada espalhava luz. Um amigo que mais tarde iria bater *record* das travessias do correio aéreo da Cordilheira dos Andes e do Atlântico Sul. Diz-nos Exupéry que sorrindo o mais reconfortante dos sorrisos, ele me disse simplesmente. Abram aspas: "as tempestades, a bruma, a neve, por vezes essas coisas o incomodarão. Pense, então, em todos que conhecem isso antes de você. E diga assim: o que eles fizeram eu também posso fazer". Fecham aspas. O que eles fizeram eu também posso fazer. Usualmente, os desafios nos trazem insegurança. É um aperto no peito,

uma dor no estômago, uma noite mal dormida onde os sonhos ficam projetando um possível insucesso. É natural que nos sintamos assim por alguns momentos. São momentos que ensejam uma busca por nossas habilidades, nossas capacidades internas, sempre será chance de nos conhecermos quando inquirimos: será que eu posso? Será que eu posso? Porém, se nossa autoestima estiver rebaixada ou se nosso conhecimento sobre nós mesmos for precário, a tendência é que a insegurança reine por mais tempo. Poderá ser tão poderosa a ponto de nos fazer desistir, retornar, como se a vida nos convidasse a dar mais um passo. E ao erguermos o pé do chão, nos sentíssemos em desequilíbrio e preferíssemos voltar a perna na posição inicial. Por esta razão o conselho recebido pelo jovem aviador é precioso. Muito precioso! também posso fazer, esta frase nos fala do potencial que todos temos. Mas também deve nos lembrar de questionar: como eles conseguiram?

Sobe BG

Bem moçadinha, a mensagem do dia, hoje extraída de redação é... do Momento Espírita com base em trecho da obra "Terra dos Homens" de Antoine de Saint Exupéry, editora Nova Fronteira. Mas está também na coletânea Momento Espírita, volume 7.

Troca e Sobe o BG

Moçadinha, vâmo completando o Vida Caipira desta quarta-feira, 23, 23 de maio de 2012! Completá com Leandro e Leonardo, do Luiz Schiavone, Marcelo Barbosa, doce mistério!

Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos pra mais uma edição do Vida Caipira. Um abraço, moçadinha e bom dia!

Entra música 10

24 de maio

Abertura - Música - vai a BG

Fala Mário Moraes: A UNESP FM apresenta: Vida Caipira!

Sobe BG

Fala Mário Moraes: Vida Caipira! Programa que retrata através da música de raiz, causos, lendas, crenças, a história da gente simples do campo!

Sobe BG

Fala Walter Lisboa: Bom Dia amigos, muito bom dia! Hoje é quinta-feira, quinta-feira 24, 24 de maio, 2012! Muito bom dia! Começando aqui pela sua UNESP FM, em 105,7MHz, Bauru, São Paulo, mais uma edição do Vida Caipira! Eh, vidão!

Daqui a pouco nói vâmo ouví Júnio e Júlio, Zé Tapera e Teodoro e Rei da Mata e Tião do Gado!

Bom dia, moçadinha, muito bom dia! Bom dia, compadre! Bom dia, comadre, meus respeitos, comadre! Bom dia!

Bom, hoje, 24 de maio, dia do Telegrafista. Dia da Infantaria, aê, infantaria! Aê, tá vendo, a infantaria, lá no exército, é... e dia do vestibulando, do datilógrafo. É, rapaz, é isso aí! Então, nas efemérides, é dia datilógrafo, datilógrafo hoje, hehe, hoje é tudo internet, né? O digitador, lá... dia do vestibulando, dia do telegrafista, da infantaria. Mai tem gente que até hoje usa máquina de escrevê. Cê sabia, por exemplo, que o Tostão, que comenta futebol, esporte, na... é cronista da Folha de São Paulo? O Tostão... e é médico, formado, coisa e tal, oftalmologista, né? Ele usa a máquina de escrever. O grande e saudoso Armando Nogueira nunca usou, nunca usou computador. Num quis sabê, grande jornalista. Foi diretor de esporte da rede Globo de Televisão. Máquina de escreve, e a máquina é daquela antiga, tal de... de [inaudível] elétrica, uma coisa assim, né? Tempo da importada... e a [inaudível] foi fazer uma Copa do Mundo esqueceu a máquina no aeroporto, rapaz! Não é que vieram jornalista depois, brasileiro, disseram: olha, deixaram uma máquina aí.. ei! essa máquina é do Armando Nogueira! He! E ele recebeu no Brasil, trouxeram pru Brasil a máquina pra ele. É... máquina. Então, pelo menos esses aí, é deles, né? Datilógrafo, parabéns!

Bom, no capítulo “santos do dia”, hoje é dia de Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos. Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos. Santa do dia, Nossa Senhora Auxílio dos Cristãos.

E o Vida começa! Começa com Zé Tapera e Teodoro, do Teodoro e João Gonçalves, dinheiro emprestado..

Entra música 1

Entra música 2

Entra música 3

Fala Walter Lisboa: No Vida caipira ocêis ouviram Rei da Mata e Tião do Gado, do Rei da Mata e Aristides Júnior, pássaro noturno. Júnio e Júlio, do Compadre Lima e Jardel, a moral num tem preço.

Daqui a pouco tem Zilo e Zalo, Mococa e Paraíso, Criolo e Seresteiro!

Vida Caipira tem a caixa postal número 61, meia um, pra você mandá sua cartinha aqui para o nosso programa!

E vâmo que vâmo, Mococa e Paraíso, do Carreirito e Wilson Barreto, forró no fazendão!

Entra música 4

Entra música 5

Entra música 6

Fala Walter Lisboa: No Vida Caipira ocêis curtiram Criolo e Seresteiro, do Seresteiro e Zé [inaudível], cabelo loiro! Zilo e Zalo, do Zilo e Benedito Sevier, eterna companheira!

Daqui a pouquinho vâmo ouví Sérgio Reis, Luizinho, Limeira e Zezinha e Abel e Caim, ê, vidão!

Programação musical é do Sérgio Magson, Sérgio Magson! Operação de áudio Paulinho Pepa, locução Walter Lisboa!

Vâmo que vâmo, Luizinho, Limeira e Zezinha, do Bolinha, não chores mais!

Entra música 7

Entra música 8

Entra música 9

Fala Walter Lisboa: No vida Caipira ocêis curtiram Abel e Caim, do Jesus Belmiro e Paraíso, o milagre da traição! Ouviram também Sérgio Reis, do Teddy Vieira, rei do gado!

Daqui a pouquinho nói vâmo completá com Milionário e Zé Rico, aê, caminhoneiro! Daqui a pouco a sua música aí, com Milionário e Zé Rico!

Vâmo, Pepa, vâmo pá mensagem do dia?

Sobe BG

A mensagem de hoje "os verdadeiros heróis":

Troca e Sobe BG

Segundo o dicionário, herói é o homem notável por suas qualidades extraordinárias. Em todas as épocas, a humanidade elegeu e aclamou heróis. Entre eles contam-se governantes iluminados pelo amor ao seu país e ao seu povo. Também se enumeram filósofos e pensadores de grande talento. Líderes de resistência contra governos despóticos e cientistas dedicados igualmente figuram no panteão dos heróis. Esses homens sempre foram considerados modelos a serem seguidos por suas excepcionais virtudes. Atualmente, a humanidade vive uma fase de turbulenta transição. Antigos padrões de comportamento são revistos. Valores consolidados são questionados ou rejeitados. Sem muita análise, o relevante parece ser ousar e inovar, ainda que sem grande critério. A liberdade é valorizada ao extremo, embora não haja preocupação com a responsabilidade, sua natural contraparte. Nesse contexto de valores ambíguos, carentes de reflexão e consolidação, surgem novos padrões de conduta. Personagens exóticas são facilmente alçadas à condição de heróis. Heróis! Os passos dessas figuras inquietas são seguidos pela mídia. Uma multidão fascinada e irrefletida os observa com êxtase e comenta e copia suas palavras e atos. O novo panteão de heróis é formado por

um grupo de criaturas de origem e personalidades variadas... há participantes de shows que pretendem imitar a realidade da vida em, inexplicavelmente, intrigas, brigas, que promovem em recinto fechado, mas mostrado pela televisão, os endeusam perante o imaginário popular. Heróis. Heróis. Onde quer que haja alguém preocupado em ser honesto e solidário, em construir um mundo melhor, aí, aí se tem um herói. Um verdadeiro herói. Ao eleger seus ídolos e modelos, pense nisso.

Sobe BG

A mensagem do dia, "os verdadeiros heróis", mensagem com base no capítulo vigésimo nono do livro "Jesus é vida", pelo espírito de luz Joana di Angelis, psicografia do grande médium baiano Divaldo Pereira Franco. Editora Leal.

Troca e Sobe o BG

Bem, moçadinha, vâmo completá o Vida Caipira desta quinta-feira 24, 24 de maio de 2012!

Amanhã, logo às 6 da manhã, com a graça de Deus – sempre! – novamente aqui estaremos pra mais uma edição do Vida Caipira.

Milionário e Zé Rico, do Chico Valente [inaudível] Bernardes, o sonho de caminhoneiro!

Um abraço, moçadinha e bom dia!

Entra música 10

Anexo 2 - Música "Cheiro de Relva"

Composição de Dino Franco e José Fortuna:

"Como é bonito estender-se no verão as cortinas do sertão
Na varanda das manhãs
Deixar entrar pedaços de madrugada e sobre a colcha azulada
Dorme calma a lua irmã
Cheiro de relva traz do campo a brisa mansa que nos faz
Sentir criança a embalar milhões de ninhos
A relva esconde flores lindas e orvalhadas quase
Sempre abandonadas nas encostas dos caminhos
A juriti madrugadeira da floresta com seu canto abre
A festa revoando toda selva
O rio manso caudaloso
Se agita parecendo achar bonita
A terra cheia de relva
O sol vermelho se esquentando e aparece o vergel todo agradece
Pelos ninhos que abrigou botões de ouro se desprendem dos
Seus galhos são as gotas de orvalho de uma noite
Que passou."

ANEXO 3 - Carta de João Pessoa

Nós, radialistas, de dezoito estados brasileiros, presentes no 1o Encontro Nacional de trabalhadoras e trabalhadores de rádios e TVs públicas, nos dias de 23 e 24 de novembro de 2012, na cidade de João Pessoa, Paraíba, reafirmamos nossa disposição de luta pelo avanço das conquistas trabalhistas de nossa categoria a partir de um plano de ação coletiva por uma comunicação pública de qualidade e valorização profissional. Sob a inspiração das palavras da deputada Luiza Erundina, presente ao encontro, nada nos é dado, tudo é conquistado. Estamos convictos de nosso protagonismo e responsabilidade histórica de fazer valer a lei dos radialistas em todo o território nacional.

Ainda sob os ecos das palavras de Erundina a autocrítica é revolucionária e o I encontro nacional de trabalhadoras e trabalhadores de rádios e TVs públicas nos proporcionou fazer um diagnóstico dos problemas que, no momento, aviltam a nossa cidadania e nos coloca em confronto com os poderes constituídos que negam e desrespeitam a lei 6.615/78.

Flagrante e perverso os desmandos em nome de uma política ainda arraigada ao coronelismo e neoliberal, que vitimam nossa categoria profissional, sucateiam as estruturas e equipamentos públicos de comunicação e comprometem a sociedade no exercício pleno de seu direito à comunicação.

Nesse momento, o Congresso Nacional discute o artigo 151 da OIT (Organização Internacional do Trabalho) que garante a livre organização de trabalhadoras e trabalhadores públicos.

Por outro lado, resoluções tiradas da Confecom (Conferência Nacional de Comunicação) de 2009, não foram implementadas. Mais de 600 propostas, referendadas pelas delegações de todo o Brasil, foram ignoradas pelo poder público, em um claro pacto com os empresários da comunicação.

Diante dessa conjuntura torna-se imperiosa a implementação de um plano de lutas para as emissoras públicas (municipais, estaduais e federais), pactuado pelos delegados presentes na cidade de João Pessoa:

- 1 - Respeito e cumprimento à Lei do Radialista;
- 2 - Reconhecimento dos sindicatos locais;
- 3 - Fim das fundações criadas para burlar a legislação em vigor;
- 4 - Concurso público imediato, fim das terceirizações e PJs (Pessoas Jurídicas);

- 5 - Plano de Cargos e Salários Unificado em todo território nacional;
- 6 - Luta permanente pelo não sucateamento. Que os poderes públicos reconheçam a importância da estrutura pública de comunicação, livre de apelos comerciais, cumprindo a Constituição Federal. Implantação de verbas de manutenção;
- 7- Fim dos assédios de quaisquer ordens;
- 8 - Implementação das CIPAS e formas de prevenção e combate aos males causados pelo exercício profissional da categoria;
- 9 - Fazer das ouvidorias e conselhos curador formas de controle social efetivas contra os desmandos e constrangimentos políticos impostos aos funcionários das emissoras públicas. Lutar pelo ideal de conselhos e ouvidorias tirado na Confecom;
- 10- Fim das duplas funções;
- 11 - Cumprimento da Lei do Estágio evitando a exploração dessa mão de obra barata em substituição aos profissionais regulamentados;
- 12 - Capacitação profissional nos moldes preconizados pela FITERT, atualização nas novas mídias e fim da venda de registro profissional, especialmente pela FEBRAR, ABLAP, Cursos.com e similares;

Certos de que o poder de nossa união enquanto categoria é tão grande quanto o dos microfones e câmeras que ampliam nossa voz, propomos uma política imediata e permanente de Mobilização Nacional dos funcionários de empresas públicas. Ao mesmo tempo ,repudiamos a atuação de sindicatos pelegos que enfraquecem nossa luta, numa aliança perversa com o oligopólio da comunicação no Brasil.

E vamos à luta!

João Pessoa, 23 de novembro de 2012.

ANEXO 4 - Exemplo do Roteiro do programa

Seq	Código	Intérprete	Compositor	Descrição
TEÇA-FEIRA				
Dia : 17/04/2012 das 06:00:00 as 06:59:59				
Bloco: 06:00:00 Programa: VIDA CAPIRA - Seleção Musical: SERGIO MAGSON				
2	02614	DOMITILAE FLEURY	Anacleto Rosas Jr	CAVALO PRETO
5	02618	ZÉ DO RANCHO	Geraldo Vandrê Théo	DISPARADA
6	02619	RENATO TEIXEIRA	Dele	VIRA (NO MEU QUINTAL
5	00000			*** Pausa ***
8	02620	MELLO E MELINHO	Teddy Veira Palmeira	COURO DE BOI
11	02628	REI DA MATA E TIAO DO GADO	Rei da Mata Sulino	CORAÇÃO FERIDO
12	02629	ABEL E CAM	Carreirinho José Fortuna	CRIANÇAS DO BRASIL
5	00000			*** Pausa ***
14	04139	TIAO CARREIRO E PARDINHO	Carreirinho Paulo Calandro	URUTU CRUZEIRO
16	05813	INEZTA BARROSO	Laureano	MODA DA PINGA
17	05815	PENA BRANCA E XAVANTINHO	Xavantinho	RANCHO TRISTE
5	00000			*** Pausa ***
19	04773	ZÉ RAMALHO	Dele	CHÃO DE GIZ

ANEXO 5 -Entrevista com Walter Lisboa

L: Qual é a primeira?

W: Deixa eu ver... a primeira é, onde você nasceu?

L: Eu nasci em Bauru, aos vinte e seis dias do mês de dezembro de um mil novecentos e quarenta e três. Por isso, como naquele tempo, é... digamos assim, as gestantes, é... não tinham, digamos, a evolução maior da medicina, porque hoje, por exemplo, o médico, principalmente se for, no caso de uma cesárea, né? É... determina até o dia: ó, vai nascer entre vinte e cinco e vinte e seis, vamos fazer em vinte e cinco... porque meu primeiro nome é Jesus, eu nasci de parto normal, é evidente, não sei qual foi a parteira, né? Que assistiu a minha mãe, porque com certeza, naquela época foi parteira, presumo. Nunca perguntei, nunca tive essa curiosidade de perguntar: mãe, [inaudível], foi médico, foi parteira? Eu me lembro que os médicos pediatras da época, era, por exemplo, dr. Luiz Zuiani, muito famoso em Bauru, foi um dos meus médicos. E dr. Osires, se não me engano, Osires Domingues era o nome... muito bem, mas eu nasci em vinte e seis de dezembro, por que o meu primeiro nome é Jesus? Porque poderia ter nascido no dia vinte e cinco, exatamente, já estava... esperava-se dia vinte e cinco, Natal, Jesus, e tal, que eu nascesse em vinte e cinco. Eu nasci a uma e meia do dia vinte e seis. Então, já tava estipulado que Jesus, Jesus Walter Martins Lisboa. Filho do seu Conrado Martins Lisboa, mineiro, e dona Lázara Gonçalves Martins, que antes de casada era Lázara... é... Fernandes Gonçalves.

W: E o nível de estudo do senhor... ah! O senhor nasceu em casa, né?

L: Nasci em casa, eu presumo...

W: Dentro da cidade?

L: É, eu fui criado na rua Antônio Alves, no quarteirão seis, na quadra seis, defronte, naquela época, bem em frente à minha casa, meus pais pagavam aluguel, eu sou o primogênito, né?

W: Hum, hum...

L: São apenas dois, um casal, eu e minha irmã, minha irmã, Clara é a mais nova, e eu morei bem de frente ao depósito, antigo depósito da prefeitura municipal de Bauru, na

quadra seis, aí meu avô que era fazendeiro já nessa época, depois eu vou falar mais do meu avô, adquiriu uma casa, porque nós morávamos juntos, minha mãe era filha única, então naquele tempo tinha avô, minha avó, o meu pai viajava, a profissão dele foi viajante, depois né? principalmente quando casado, então minha avó somente, meu avô ficava na fazenda e minha avó Maria ficava com a minha mãe, aí, né? eu cheguei, meu pai quando voltava da viagem, enfim, avô, avó, pai, mãe e irmãos, né, tudo juntos, meu avô adquiriu na quadra sete a casa hoje tá um pouco modificada mas existe ainda no sete dezanove da rua Antônio Alves, mesma rua Antônio Alves, e eu estudei durante, é..., antigamente falava-se ginásio, depois colegial científico, sete anos, no colégio Guedes de Azevedo, que até hoje está lá não existe mais que o Maksud comprou e tá lá aqueles tapume na quadra dezessete da rua Antônio Alves com Padre João, rua Araújo Leite, enfim, é uma quadra até irregular, mais do que uma quadra daquele enorme terreno, eu estudei sete anos, entrei com onze anos no Guedes, aos onze anos, hoje é quinta série que fala, era primeira série ginásial e saí aos dezessete né?, é, do terceiro ano do colegial científico, sete anos, né?, subia dez quarteirões, do sete ao dezessete, subia e descia, não gostava do ônibus não, e quando eu tinha educação física, às vezes, que era à tarde, eu ia no trote né? tinha uns colegas ali próximos que se viu na primeira e segunda série, muita molecada, digamos assim, no bom sentido, né? meninos, né? e a gente ia até pra fazer aquecimento da física, o negócio da física não era tanto a física, era a bola depois da física...

W: uhum...aí o senhor foi até a, a faculdade...

L: Ah, sim, eu entrei aos dezoito anos na Instituição Toledo de ensino, faculdade de direito, e... teve algumas modificações, mais tarde, né? no curso de direito, mas eu entrei pegando cinco anos mesmo...

W: hum, hum...

L: - né? Parece que voltou, parece-me não, voltou os cinco anos. Então, eu só interrompi quando cheguei no terceiro ano, porque aí eu casei, né?

W: hum, hum

L: Tive que casar mesmo, com 21 anos. E minha mulher com 16. [risos] a atual, dona... Beatriz. [risos].

L: E aí, eu fiquei fazendo umas dependências, aí voltei pelo terceiro ano, né? completo quando eu reiniciei, e aí foi bacana porque minha turma de direito é uma turma muito conhecida, Zarcilo Barbosa, que tem mais idade em relação a minha, não é que eu queira ser, que eu seja jovem, mas... acabei me formando mesmo assim aos vinte e... sessenta e oito foi o último ano... vinte... vinte e cinco anos eu ia fazer em dezembro, né? É, vinte e cinco anos. Colamos grau em março. Minha turma é doutor Abel [inaudível], que foi delegado até recentemente, o Abel Português, Zarcilo Barbosa, Flávio de Angelis, que nos deixou, viajou, como diz o Rolando Boldrin, não cumpriu o combinado, viajou antes. O [inaudível] que também já viajou. E... o Zarcilo eu disse... o Roberto Rufino, né? Colunista do Jornal da Cidade. Minha turma, vou falar, turma Robert Kennedy, e com grande professores na época, me permita antecipar, do curso de direito. Por exemplo: Valdemar Marins de Oliveira Júnior, excelente e eminente processualista civil e também professor de direito civil, foi nosso professor, nosso paraninfo. E, aliás, deixou muita gente com dor de cotovelo, porque nós, sabiamente, escolhemos o doutor Valdemar, assim, por exemplo, mormente no tempo do [inaudível] Matel, ele foi governador... secretário de justiça e teve um, uma época do governo que ele acumulou justiça e segurança. Ele é pai, por exemplo, do Claudio Marins de Oliveira, Cláudio Marins de Oliveira é famoso por ter sido um dos advogados do PC Farias, o Cláudio teve ser, mais ou menos, da minha idade, eu presumo, eu tive muito contato com o Cláudio Marins, mas via telefone, não o conheço pessoalmente. Claro que o doutor Valdemar, a gente sempre teve muito contato, até porque eu já fazia rádio, quando fazia direito, muito, já a alguma tempo, e o doutor Valdemar, pra quem não sabe, foi sócio no escritório de advocacia, nas horas que lhe permitiam advogar, com Henri Aidar, que é pai do Miguel Aidar, que também é advogado e presidiu o São Paulo. E Henri Aidar e Valdemar de Oliveira Júnior foram sempre são-paulinos. O Henri Aidar mais ligado à presidência e acabou sendo presidente também e conselho admi... é... e diretor de futebol. O doutor Valdemar ficou mais, digamos assim, dentro da parte mais legislativa, um sempre, presidente do conselho deliberativo do São Paulo Futebol Clube. Então, por exemplo, quando o Gerson foi adquirido pelo São Paulo, junto ao Botafogo, professor Marins, nós estávamos no quarto ano, e... na sexta-feira, era quando ele ficava em Bauru, ele chegava na quinta logo cedo e... dormia nos alojamentos da ITE e sexta-feira, ele ia embora no sábado pela manhã, naquele tempo ainda tinha o Paulista, os bonitos trens de luxo, uma judiação, acabar...

W: hum , hum

L: a ferrovia.... então, a gente ia fazer uma média boa com o doutor Marins, uma turma seleta da faculdade, me permita, turma noturna, nós íamos pra Gaúcha, geralmente, meu Cantinho, tinha Meu Cantinho também e pagávamos o churrasco e jantar pro doutor Marins, era uma satisfação. Eu nem tanto, porque eu era, digamos assim, da turma além de muito moleque, assim, pro, pros demais... aliás, praticamente eu e Juarez Francisco éramos mais jovens, todo mundo eram mais, homens mais do que formados. Embora eu casado, eu me considerava um garotão. Então, a gente ia pro churrasco, e eu levava um gravador que sempre me acompanhava, né? E... pegava esses furos, né? Ô, porque o Gerson saiu do Botafogo pro São Paulo? coisa e tal... muitas histórias pra contar. Volta o assunto aí, porque eu sou muito prolixo.

W: É... os seus pais, quando nasceram?

L: Conrado Martins Lisboa, meu pai, nasceu em Teófilo Otoni, é terra do Fred, Centro-avante do Fluminense hoje e da seleção brasileira. Mineiro, nasceu em 1914, meu pai faz aniversário em 27 de dezembro, veja só. Eu sou 26, meu pai 27, minha mãe 30 de dezembro e dia 31 de dezembro foi a data de casamento deles. Lázara com Conrado se casaram em 31 de dezembro de 42. Eu nasci quase que um ano depois, em 43. Então, vinte e seis eu, 27 meu pai, 30 minha mãe... só minha irmã só que é de setembro, 11 de setembro. Numa data, né?, tanto quando histórica aí, nos últimos tempos. 11 de setembro. E... meu pai é de Teófilo Otoni, duma família.... meu avô, pai do meu pai, chegou a ser fazendeiro, mas parece que não soube administrar. Meu pai nunca contou direito essa história, eu sei que ele perdeu a fazenda. Chamava-se fazenda Alemoa. E a minha vó Luzia, minha vó Luzia, claro, mãe do pai, mineira, e de mais 12 filhos. Ela teve 13 filhos. minha vó Luzia, do tempo em que se casava com 14, 15 anos. Mulher com 14, homem com 15, 13 e 15, né? Casavam cedo, século 19... praticamente, né? É! Então, o... 13 filhos, cinco homens e oito mulheres. Eu fui a Teófilo Otoni três vezes. Recém nascido, eu não lembro, claro. Depois eu voltei com 9, 10 anos e me lembro muito bem! Teófilo Otoni, tirando os morros, tem muitos morros, claro, Teófilo é Minas Gerais... era uma cidade que se assemelhou, até hoje, a Bauru. Em termos de população, mobilidade, digamos, mobilidade urbana, a moda agora é mobilidade urbana e não tem mobilidade coisa nenhuma [risos]. Inclusive em Bauru. Bom, então, eu voltei com treze anos. Eu já voltei cavalgando, e tal, aprendi muito a cavalgar. Aliás, marcou muito minha passagem por Minas, muito morro, e... minha vó morava em determinado ponto, meu foi lá com minha mãe e tal, foi lá por 1957, né? E aí eu meu pai queria visitar um

irmão que era grande fazendeiro, o Antônio, e a fazenda ficava muito distante em relação à fazenda onde minha vó morava. Minha vó morava como colono, minha vó Luzia. Então, o dono da grande fazenda, arrumou os cavalos, tem cavalgar, aí eu fui num cavalo, claro, sozinho, minha irmã com minha mãe, me lembro até hoje, era menor a minha irmã na garupa, também não sabia nada de cavalo... e eu já tava sabendo das coisas, porque nas idas a Poços de Caldas, sempre quando Poços era... nos anos 50, ali ao lado do Palace Hotel... não que eu fiquei no Palace, não tô esnobando, não. Mas tinha aluguel de cavalo e de charrete. Então, ali eu comecei, alugava e tal uns cavalinho, andava meia-hora, uns trocadinhos [inaudível]. Então, aí em Minas eu caprichei mais, né? Andei em tudo quanto é tipo de cavalo, e quando eu voltei, voltei com uma ligeira infecção, porque lá andei muito próximo, muito morro, e minha mãe... isso é muito confidencial... aí ela falou: você tá com algum tipo de infecção, porque eu, garotão, 13 anos, coisa e tal, fui ver lá, digamos assim, na roupa mais íntima, né? Cuecas, cuequinha, tipo samba-canção, e aí... ela me mandou passar um remédio muito caseiro, minha mãe tem muito... era de origem espanhola, né? Bauruense, mas a família toda espanhola, todos os antepassados. Dela e meus também, é evidente... aí eu curei aquela pequena infecção que deu no... no precioso! [risos]. Isso são histórias, né? Qual é a próxima pergunta?

W.: E qual o grau de instrução deles? Seu pai...

L: O meu pai teve o curso primário, mas ele era muito inteligente porque ele se tornou um... um viajante, era um viajante de elite meu pai. Pra você ter uma ideia, naquele tinha, só tinha Panair e Vasp praticamente, quando ele ia pra Matogrosso que era um estado único, não tinha Matogrosso do Sul, era um estado só, ele pegava a Panair aqui. E em 52 meu pai era um dos... líderes de vendas, vendedor... falavam caixeiro viajante ou só viajante, ele usava só a expressão viajante... e era o tempo do tecido importado: linho 120, tudo... a maioria da Inglaterra, cashmira inglesa, gabardine, cambraia, eu sei porque... eu ouço, né? eu via ele falar, vender, né? ele vendia muito bem. E em 52 os três primeiros vendedores de Matos Import... era Matos Tecidos Importação e Comércio. Ficava na rua Santa Efigênia, lembro até hoje. Porque tinha uns lápis de publicidade com o nome Matos Importação, que ele distribuía, evidentemente, que eu tinha os lápis em casa, da firma do meu pai. Em 52 os três primeiros ganharam, cada um, um Dodge zero quilômetro, zerado, é claro que era um Dodge importado... o Dodge, da Chrysler, né? Em 52...

W.: Vai lá que eu pauso aqui...

L.: a discussão do meu pai, né?

W.: É... o senhor estava falando da... do Dodge

L.: É, então, do Dodge... é, então, ele ganhou esse... esse Dodge, né? ele e mais dois vendedores, os três principais, um grupo que possivelmente, se tivesse alguma classificação, de dez ou doze, no máximo, enfim... grandes viajantes, pelo menos no ramo de tecidos, né? Tecido importado. E, aliás, o meu pai, naquela época, não é por ser esnobe, mas ele adotou uma postura, um comportamento, mesmo sendo um viajante, e ele trabalhava de terno e gravata.

W.: hum, hum...

L.: Quando não, quando começou a distrair um pouco mais, era um blazer. Sem nenhuma esnobação, até porque ele estava, digamos, dentro do contexto e... e do assunto, né? Tecido... ele tinha na minha casa, ele, dois guarda-roupas só com os mais diferentes tipos de ternos e blazers, fala-se blazer hoje, né? mas falava-se paletó, digamos, conjunto paletó e a calça, e é evidente que com isso acompanha-se o sapato [inaudível] então, meu pai era um cara elegante... sempre elegante... e alguma coisa eu puxei dele, né? mas se for ver, se for comparar a época, né? Hoje é manga de camisa, esse negócio todo, camiseta, mesmo com, com a idade, que nós temos, né? é... abrigo, pô! num tinha abrigo naquele época, meu pai era um cidadão elegante... até porque ele era um grande dançarino também, gostava muito de baile, gostou até o final da vida dele dançando muito em São Paulo... e... e em Bauru tinha o Automóvel Clube na época, no auge, ainda tem, né? o prédio do Automóvel ali na praça. Ele foi sócio do Automóvel, sócio do Bauru Tênis Clube, grandes bailes, sempre de smoking, trajes a rigor e minha mãe tinha que acompanhar, a espanhola. Chamavam minha mãe de espanhola, Lázara. Ah, a formação dele, educacional, foi primária, primária. Mas ele, em razão da atividade profissional dele e da vivência, em muitas cidades e... e, e dos mais diferentes tipos humanos, ele tinha uma cultura, mai... digamos, era um autodidata, se for falar, digamos, culturalmente. Falava até que razoavelmente bem, um erro ou outro de português, porque a nossa língua é a mais difícil, sem dúvida, nossa gramática, mas muito próprio. Minha mãe, minha mãe acompanhava. Ela fez também o primário, porque antigamente escola... não quero fazer comparação, mas eu fiz um primário que, por exemplo, até hoje eu sei que 21 de abril de 1792 o Tiradentes foi o mártir, né?

Sacrificado e tal... Lampadosa, Joaquim José da Silva Xavi... e isso eu aprendi eu tinha 8 anos! E... depois eu vi meus filhos e tal... uh! Se for perguntar data e geografia, então?!

W.: é...

L.: então, é diferente... e minha mãe me ajudou, né? Minha mãe ajudava, eu lembro, começou ler lá: lhe, lha, minha mãe, com aquela cartilha, famosa cartilha do passado... que meu primeiro e segundo ano foi em escola municipal, Santos Dumont... dona Iraci de... Braga, minha primeira professora! Do primeiro e do segundo ano. Depois fiz o terceiro e o quarto ano no Rodrigues de Abreu e depois fui pro Guedes e tal, né? Bom, tá certo, minha mãe, né? dona de casa, naquele tempo era muito comum mesmo. Criar os filhos, tinha que acompanhar o marido, tratar bem o marido, principalmente o estômago, né? Minha mãe era excelente cozinheira e eu, quando casei, fui morar também em casa, morei até terminar a faculdade... e minha mulher cozinha bem hoje, mas aprendeu tudo não com a mãe dela, porque cozinhou na casa dela era o meu sogro... [risos]

W.: hum...

L.: foi minha mãe!

W.: E o senhor sempre trabalhou em rádio?

L.: não! Eu comecei com 17 anos fazendo uma espécie de amador, Leonardo de Brito era o chefe na antiga Terra Branca... lá na... o Leonardo de Brito do Confiança! E... tinha um negócio de cobrir futebol de várzea no domingo e eu fui lá fazer... bom, minha primeira intenção, desde garoto, queria ser um jogador de futebol profissional. Mas como meu pai, eu lembro até hoje, quando eu saí do ginásio, molequinho com 11 anos, molequinho e tal, primeira série, ele disse: olha, a partir de, quando começa dia tal, segunda-feira, o senhor das duas, o senhor senta naquela mesa lá... e meu pai viajava, hein? Minha mãe é que ia ficar pra contar, hehe, das duas da tarde até as cinco da tarde, você num sai de lá. Só toma um cafezinho e tal... então, eu fui... aliás, minha educação era... eu falo tradicional família mineira pra dar um charme e tal, né?

W.: hahaha!

L.: foi rígida! Porque meu pai também foi criado, em parte, como minha vó tinha muitos filhos, ele foi criado por uma família depois, na cidade, né? perto da zona rural, foi onde ele aprendeu muito, aprendeu até os detalhes do... do... dos talheres, né? nas refeições, desde moleque. Então meu pai veio, foi, ele foi diferenciado dos irmãos, assim, embora tenham se tornado depois, os irmãos dele, fazendeiros, coisa e tal, né? muito prósperos... mas meu pai veio já com uma formação educacional... dig, digamos de linha e tal porque a fa, a família tradicional mineira, seu Amadeus, e até dona Lazinha, chamavam ela dona Lazinha, [inaudível] em Teófilo Otoni, lhe deram toda formação. Então, né? Digamos... doméstica, do lar e tal, né? Uma segunda mãe...

W.: E os avós daqui?

L.: e... os avós daqui eram fazendeiros, meu avô, o meu avô nasceu em Bauru, meu avô se vivo fosse, o pai da minha mãe, José Fernão Gonçalves, Bauru vai pra 117? Ele teria um ano menos que Bauru, 116.

W.: hum, hum...

L.: nasceu em Val de Palmas. Val de Palmas era a maior fazenda de café mundial! Essa Val de Palmas que tá aí! Tá um pouco modificada, né? Claro que é mesma Val de Palmas. Tanto é que tem até uma estaçãozinha até hoje lá, que você saía da fazenda e levava o café, café exportação, lá pra, pra, no caso, a Noroeste, né? Que pegava o café e transportava até Santos, né? até o porto. [inaudível] Então meu avô nasceu, meu avô e primogênito, de Antônio Fernandez Gonçalves, meu bisavô, *español* de Málaga, Granada. Meu avô nasceu em Bauru porque o pai veio como colono. Espanhóis, como muitos vieram, até italianos, aí, vinham como colonos, né? E... trabalhava aqui no café e meu, meu avô, até mocinho, ficou, eu tenho uma foto em casa, aquele carro de boi, com umas... quatro parselhas assim de seis a oito bois e ele com aquele grande, varal que fala, varão e tal, conduzindo boi, sacas e sacas de café na chamada carretela, né? É... e, evidentemente, indo da fazenda até a estaçãozinha de Val de Palmas.

W.: E a sua vó?

L.: mas a minha vó é prima-irmã do meu avô. Maria Balderramaz Munhoz, ou seja, é... o Nicolau, que é meu outro bisavô, do lado de lá Balderramaz, era... irmão da minha bisavó, mãe do meu avô Antônio Fernandez Gonçalves, do, do José Fernandez Gonçalves. Então, Maria Augusta Ribas Balderramas, espanholada é fera! Então, Maria

e José se casaram, primos *hermanos*... e nasceu só a minha mãe, Lázara Gonçalves Martins...

W.: e aí tinha essa relação do campo com os avós paternos e maternos, no campo...

L.: Não, a minha relação é a seguinte: evidentemente, eu nasci na década... de quarenta e três, dezembro, é... o meu avô, nessa altura, já era sitiante, depois... Sítio até certa altura, né? hoje falam até em fazenda, sítio de 60, 50 alqueires. Mas meu avô... teve uma fazenda na Água da Faca de 154 alqueires, essa fazenda até os últimos dias dele. Então, eu sou neto do lado do meu avô mesmo aqui, porque o outro de Minas teve uma fazenda, não sei direito, durou pouco, digamos. O fazendeiro mesmo era meu avô José Fernandez Gonçalves, né? Aliás, eu sou Martins Lisboa por que? Porque esse negócio de machismo, sei lá, e meus filhos, eu também fui machista, levam só o sobrenome do pai, Martins Lisboa...

W.: hum...

L.: Se, minha mãe, que sempre foi muito humilde, minha Lázara, nossa, maravilha! É... muito submissa, né? naquele tempo, mais do que nunca, a mulher era submissa! né? Ao homem... principalmente ao homem sério, como foi meu pai, Conrado, até certo ponto, [risos], porque depois ele deixou a minha mãe... em 69. Então, Jesus Walter Martins Lisboa, então eu teria Fernandez, eu teria Gonçalves, teria até o Balderramaz.

W.: hum, hum

L.: então, Balderramaz, Munhoz, Gonçalves, tudo parente meu! Aí, seja na linha de segundo grau, etc. é parente. A espanholada. Eu tenho muito mais... o cara chega assim e diz: Lisboa, português, né? É, o lado de Minas é mais português, mas eu, por ter nascido em Bauru, por ter origem dos espanhóis, meu sangue é muito mais espanhol. Acho, até, algumas reações, como aquela, por exemplo, é piada, fala pra um espanhol que no Fusca não sabe 60 pessoas, ele coloca 90, né? [risos] A teimosia diz que é [risos] o negócio do [risos], eu mudei muito! né? de quando eu era bem mais jovem, hoje eu tô *light*, mais jogo de cintura... mesmo aqui, até na UNESP, já fui mais durão, mas chamado peso-pesado... mas é isso aí, o tempo vai nos ensinando, também a espiritualidade, etc.

W.: mas o senhor começou então, profissional...

L.: no rádio, no rádio amador, é! Aí, depois de um ano o Horácio Cunha, que foi meu primeiro grande patrão, e dono da Terra Branca, um dos pioneiros, também, do rádio em Bauru, que trabalhou muito tempo com o senhor João Simoneti na Bauru Rádio Clube, onde tá até hoje as colunas, onde é a TV Tem... o seu Horácio precisava de locutores, alguns estavam indo embora pra São Paulo, o João Costa, por exemplo, tava indo pra Bela Vista, pra Bauru Rádio Clube, que existia, PRG-8, famosa, e fez um concurso lá. E eu me meti a, primeiro de direito, foi na época que não tinham começado as aulas, eu fui lá com meus 18 anos, já tinha uma experiência mesmo, digamos, de domingo falar sobre futebol varzeano, né? E aí, modéstia a parte, a minha voz era considerada uma voz bonita... uma boa parte... foi considerada uma voz bonita. Num tô querendo jogar confete, mas eu sei da voz que eu tinha, do potencial. E fui e fiz lá... eu lembro até um dos texto eras: o rato que roeu a rede do rei de Roma e... erre, erre, erre, né? E o Horário do lado de lá, eu já sei, o que ele fez no concurso? Botou nós no microfone e aqui, vamos supor, tem o microfone no estúdio e lá onde tá o Wagner na... central técnica, na técnica principal, tá a Voz do Brasil naquele tempo, antes da revolução de meia quatro é... era das 7 às 7 e meia, né? Agência Nacional, só tinha isso, depois que inventaram o projeto Minerva, de uma hora, das 7 às 8. 7 às 7 e meia. Então, 7 horas ele tirava a rádio, deixava só internamente, né? Num, num usava aquela obrigatoriedade da Agência Nacional. Aí, fez o concurso naquela meia hora lá... tinha uns sessenta camarada e tal. E entraram 3, né? O João Ribeiro, que depois desistiu, foi até gerente do Banespa [inaudível] e eu continuei, foi, fui um dos três. E o outro era Raul de... Raul de Barros, lembro até porque era parecido com Gregório de Barros, era Raul de Barros. Aí fiquei, eu fi... eu fazia um programa que era antes do Roberto Purini e, às vezes, o Purini, que já era professor no Liceu, coisa e tal, mais velho que eu um pouquinho, moço, já noivo e coisa e tal, ele... dona Aline chegava, dona Aline é mulher do seu Horácio: ô, Walter, o Purini hoje vai atrasar, ou o Purini num vem porque... ele teve um neg... um pouco mais de aula, lá, ou tá em reunião na escola e tal, cê faz o horário? E eu adorava porque o horário do Purini era o horário nobre, das 4 às 6 e meia, que que era? Das 4 às 5 era "Peça o que quiser", telefone, e as meninas telefonavam, e eu: ô, Peça o que quiser! E eu queria ouvir Neil Sedaka, Oh! Carol, Oh! Carol, sei lá, daí eu [inaudível], e vai por aí fora. Ou Moacir Franco, que tava começando e tal... eu adorava! Depois tinha os papos, às vezes, né? nessa rádio: ó, tem brincadeira dançante aqui, naquele tempo tinha muita brincadeira dançante, aí cê ia, conhecia a menina: Ah, eu sou o Lis... o Walter, não falava tanto Lisboa, era mais o Walter, Walter Lisboa da rádio. Ah, é?! E tal... E

saía uns namoricos, coisa e tal, era bacana! E das 6 às 6 meia vinha O Devaneio. Ah, rapaz! Aí era J.G de Araújo Jorge, mandando ver na poesia e aquelas música clássicas e Orquestra Mantovani, Love Letters, Cartas de Amor e... [inaudível] e... qual era outra famosa? Frank Purcel, ô! O purini caprichava, o Purini era galã, como se diz aí na gíria, "pegador", né?

W.: hum...

L.: e eu ia no encalço, né?

W.: hahahaha!

L.: muito bobo que eu era! Garotão! Magro!! Que eu era magro, magérrimo, magérrimo! Mas, metido a galã!

W.: mas a atuação sempre foi esportiva e entretenimento?

L.: Não, aí, praticamente com seis meses, me chegou o seu Horário e falou assim: ô, Walter... o Noroeste no auge, né? naquele tempo de Santos de Pelé, Corinthians com Rivelino no aspirante, Palmeiras chegando o Ademir da Guia, Dudu e Ademir... só tinha timaços! Né? Era uma época romântica, me permita... eu fico vendo, eu... tenho saudade, sou um saudosista, sou saudosista! Muita coisa atual eu acompanho, mas... bom, aí, o Alfredo de Castilho [inaudível] aquela época, quando inauguraram era um senhor estádio! Puta de estádio, cê vai aí na Vila Jaguari até pouco tempo atrás, era o mesmo estádio, mambembe, né? do século 18, sei lá, começo do 19, começo do século 20, então o.... senhor Horácio chegou e falou: olha, o negócio é o seguinte, o João Costa, que fazia os visitantes, foi pra Bauru Rádio Clube e era o repórter, tinha dois repórter, narrador encima, comentarista, e o repórter de meta, que também fazia entrevista depois no vestiário, né? O Noroeste cê num pode fazer, Walter... é, cê entende de futebol, men... ô Walter? Ô, claro seu Horário, Ô! Eu sou, eu quase que fui jogador! Então, cê vai fazer a meta dos visitantes e dos [inaudível]. Sabe por que? O Leonardo fica a semana inteira aqui, no dia, e... e faz redação, e faz boletim, o Noroeste é prioridade dele! Pô, mas num tem problema! Deixa o Noroeste pro Leonardo! É o que eu queria mesmo, os visitantes! As atrações! Coutinho, Durval, Pelé, Gilmar, primeiro no Corinthians e depois no Santos! Ah! É isso que eu quero! Então, quando mandavam, eu via lá embaixo, vai lá Lisboa, Santos chegou? Chegou! Se deixasse eu tomava conta da transmissão! Eu falava o tempo todo, entrevistava todo mundo! Vestiário, então, nem

se falava! Pelé? Tá aqui o Pelé! Nesse tempo ainda, quando eu comecei, a família ainda morava em Bauru! Entendeu? Então, nossa! Aí eu... e doidinho pra pegar o microfone pra ser narrador, né? Aí, um dia, teve um torneio Início, e o Campoio, tá vivo o Campoio ainda, o Campoio era... ele gostava da molecada, né? E já tava cansado! Já era... bom, eu participei da Gurilândia, na Auri-Verde, e o Campoio era apresentador e eu moleque de calça curta! Pô! Pra você ter uma ideia! E lá na frente fui ser colega dele, no rádio. Ele comandante da equipe esportiva. Então, o Torneio Início era 15 em 15 minutos cada jogo, tal [inaudível], lá na arquibancada do BAC, ainda tinha as arquibancadas e coisa e tal! Então, largava, fazia a abertura e tal e largava o jogo pros... pros foca, né? Digamos assim, entre aspas, né? Que estavam achegantes, querendo aprender. Aí, largou pra mim um... determinado Torneio Início e eu pá! Mandando vê, né? Nessa altura eu já tinha visto os time que tinha, né? Botava os vencedores, Torneio Início e tal! Aí o Horácio foi buscar a equipe... quando acabou, tipo duas horas da tarde, 1 e meia, o Torneio Início e disse: ô, Walter, cê gosta de narrar, é? Eu falei: ah, eu pretendo sim, ser um narrador, né? Futebol, e tudo, né? Eu vou dar um jogo pro cê, qualquer hora, mandar o Campoio te escalar. Aí me escalaram, num jogo um dia aí, que o BAC tava na segunda, terceira divisão... divisão terceira, lembro até hoje, BAC e Alumínio. Paulo Milton vai lá, vai abrir, e você vai narrar o jogo inteiro. O Paulo fica ali pra uma emergência, se você pipocar... rapaz, eu fui pra esse jogo, num sábado a tarde, lembro até hoje, o Ari Gomes, que já faleceu, era o comentaristas, ele olhava pra mim assim, fazia uma cara de quem não tava agradando, não... e, começou o jogo, eu com a escalação na frente, depois cê vira, né? E eu, zagueiro, olhava a escalação, olhava a bola e me perdia, aí eu...

W.: só um minuto seu Lisboa! Aí o senhor tava lá narrando...

L.: Aí, na verdade, eu num fui muito bem na narração, eu me lembro porque, com 15 minutos eu tava apavorado e tal, começou a dar branco, eu me perdia na jogada... eu... ia falar do goleiro e... ia bater o tiro de meta, já tava na mão do outro goleiro, tava perdido na transmissão.É... então, comecei a gaguejar, aí falei: Paulo, pega! Pega, enquanto o meta, lá embaixo, tava com o microfone ligado, e ele falou: não! não! Não! Cê vai radiar o jogo todo! Se você, vamos ver, for muito bem, no intervalo, mas pelo menos até o primeiro tempo cê vai! No intervalo eu assumo e faço o segundo tempo! Aí eu fui aos trancos e barrancos até o primeiro tempo, aí o segundo tempo ele fez. Mas valeu a expe... a primeira experiência, depois eu tive umas... é... umas ponta, e o Campoio me

soltava e [inaudível]: Noroeste e Guarani, [inaudível] é... tava quatro a zero, aí já tava no segundo tempo, faltava mais um gol pro Guarani, ganhou foi de 5 a 0 e tal pro Guarani, [inaudível] pro Guarani... pega aqui um pouco aqui, Lisboa, Walter. Aí eu ia lá, fazia 5, 10 minutos, fui aquecendo. Aí eu me tornei mesmo narrador na Bauru Rádio Clube em 1967, que eu fiquei 4 anos na Terra Branca até 66, mas como meta e apresentador e o chamado disk jockey, entre aspas, né? e a programação musical. Era um funcionário da rádio Terra Branca. De segunda a sábado é... no musical e... meu horário era das duas às quatro. Eventualmente ia apre... aos sábados de manhã, né? E vim, depois, na Bauru Rádio Clube. De 68, que eu fui titular de esportes, até 73. Mas eu entrei em 67. Em 67 eu fiz um primeiro jogo oficial no Pacaembu, Arseno Atas, o famoso Arseno diretor da Tv Bauru que era... aí pertencia à TV Paulista, antes de... da Globo, fui contratado como narrador da Bauru Rádio clube, naquela... naquela... naquela cisão que houve entre a turma da Bauru Rádio Clube, seu Tobias Ferreira e dona Odília Simoneti, mãe do Paulo, saíram, vendendo pro banqueiro Roberto Cintra e doutor Arnaldo Curvelo, que compraram a Auri-Verde. A Auri-Verde saiu da rede Piratininga. A Rede Piratininga começou a dissolver sua rede, a vender... eles compraram a Auri-Verde e botaram Jovem Auri-Verde. Então, ficou muito pequena a equipe da Bauru Rádio Clube e eu tava na Companhia Brasileira de Petróleo Ipiranga e de saída...

W.: fazendo o que?

L.:escriturário!

W.: ah, escriturário...

L.: fazendo direito, escriturário.

W.: ah, entendi!

L.: e arrumava cada discussão lá naquele salão! A Ipiranga era muito fera, na época. Era um regime rígido. O gerente era o Pelegrino Bruno e... eles não gostavam, né? Porque eu... tava acostumado com ambiente de rádio, de conversar. E eu tinha um colega que trabalhava na Operações, com o Darci de Castro, que fo... tava na minha turma de direito! Então, vez em quando, nós arranjávamos discussão naquele salão cheio de funcionário [risos], os cobras, lá, os chefe, ficavam lá na outra sala, mas ouviam, né? A gente arrumava debate lá, e tal, entendeu? Aí eu... lá de redator do gerente, e tal... seu

Bruno tinha dia que chegava e... vai me desculpar a franqueza, mas passava pelo salão num cumprimentava ninguém, num falava bom dia nem boa tarde. Todo mundo tinha toque de campainha, eu... eu... abominava aquilo! Walter é pra você. O que? Três toques é pra você... pois não, seu Bruno, o que o senhor quer? Redija esse memorando aqui pra mim. E... aquela letrinha dele, e eu... passava... na máquina, na época era na máquina, ficava lá, memorando e tal, num tava legal! Num tava legal! [inaudível] chegava sábado, chegava o contador lá, [inaudível]: olha, cê precisava voltar às duas horas, porque sábado era até.. era até as 11 e meia. Entrava às 7 e meia e ia até as 11 e meia. Num tinha mais expediente à tarde, só ia voltar na segunda-feira: precisa voltar às duas horas porque eu vou voltar e precisava fazer uns memorandos e você vai voltar. Ah, eu queria... ir jogar minha bola, mesmo casado, sábado a tarde. Aí num tava dando certo, não. Aí eu [inaudível] a AuriVerde e a Bauru Rádio Clube, na Batista ficava a Bauru Rádio Clube: ah, tem vaga! Aí eu fui lá, apresentei, era o Célio Gonçalves que tava na direção artística. Eu falei, olha eu queria voltar a fazer rádio, já fiz na Terra Branca, vai daqui vai de lá, ele disse assim: olha, cê vem aí 7 horas, Nivaldo! Nivaldo [inaudível], hoje é dono de rádio... mandou me chamar, disse: O Walter vem aí às 7 horas, agência nacional, né? Na altura já tinha o projeto Minerva, meia sete. Depois... faz uma gravação com ele, dá uns boletins pra ele ler e faz uma gravação. Aí falou assim: cê vai ficar fazendo boletim regional. Era Regional Clip, né? Tipo Renner roupas, entende? roupas feitas, patrocinava o Regional Clip. Tá bom, de hora em hora? A partir da uma da tarde até as 5... até as 6. Daí, o seguinte, depois, é... tem a Bola com a Melhor Equipe, das 6 e meia às 7, escuta só, dá pra você apresentar? que hora começa a aula? 7 e 20. Não, eu faço sim, eu saio às 6 de casa, moro aqui perto, na Antônio Alves. Faço das 6 e meia às 7. Aí, isso me valeu porque o Arseno me ouviu, das 6 e meia às 7, meia hora de esportes com o [inaudível] apresentando, e tinha um programa das 11 ao meio-dia. Disse assim: ó, fala pro Amir Fahra, Amir faleceu faz pouco tempo em Piratininga, não fazer mais, ficar só como repórter com o Nivaldo, passa aquele garoto (falou, falava garoto ainda pra mim, né? Tinha 23 anos, mas cara de moleque mesmo), pra ele fazer o programa das 11 e meia ao meio-dia, também. Aí o Fahra, o Arseno foi comigo e tal, com jeitinho e tal, tirou as informações, né? Gostava da coisa, ouviu que eu entendia, se bobeasse e... tal... começou a me puxar pra ele. Me levou pra equipe de esportes! Faz a abertura aí! Aí eu fazia a abertura e coisa e tal, aquele negócio todo... sol quente, e lalalá, aqueles lero-lero, né? Aí eu agudava a voz, que minha voz é grave, né? Origem

ela é grave. Cê tinha que agudar, era uma dificuldade. Agudar a voz pra ficar uma voz mesmo... vibrante, mais metálica, coisa e tal, né? Própria pra narração! E...

W.: só um minutinho deixa eu fazer...

L.: vai lá...

W.: achei que era...[risos]

L.: tá.

W.: mas aí o senhor ficou só em rádio?

L.: Só. Só na rádio e comecei, aprendi a fazer... a publicidade. Hum... isso aí tá gravando?

W.: Tá, tá gravando.

L.: Então,comecei também a desenvolver a venda e publicidade, que é o que a empresa, digamos, comercial, não é o nosso caso aqui, né? digamos assim, mais cultural e tal, e... a, as emissoras comerciais, digamos, usando essa expressão, o... o potencial de venda pra quem tem, né? A vocação e a potencialidade, é o que dá o dinheiro!

W.: hum, hum

L.: porque o salário de rádio nunca foi os absurdos da vida. Então, evidentemente que eu comecei a fazer uma carteira, vender publicidade, depois comecei também a atuar em jornal, tive uma época no diário de Bauru, fui editor de esportes no Diário de Bauru, era uma página dupla todos os dias que tinha que escrever... depois, mais tarde, eu tive também no jornal da Cidade, conciliando, em parte, com o rádio, até que o diretor da época, comercial, Zé Eduardo de Carvalho, falou: ó, se não ficar aqui... o Jornal da Cidade foi uma fase brilhante pra mim, cê ter uma ideia... era salário superior a muito alto funcionário,aí médio, digamos, do Banco do Brasil, tava ganhando uma nota! Agora, eu cheguei, eu num tinha uma carteira no... Jornal da Cidade, Zé Eduardo era o diretor comercial, primeiro vendedor era o Carlos Vanderlei de Oliveira, que no fim foi até acionista, uma época, quando entrou o Renato... Zaiden... e... e... eles me deram... falou: ó, tem bastante... o Diário de Bauru ainda existia, mas era o Jornal da Cidade que já tava mandando. Tinha offset, [inaudível] offset, foi a pioneira no interior em offset... deu uma carteira pra mim cuidar e desenvolver aquela carteira e aumentar. Então eu...

aumentei a carteira, tal! Me lembro que coincidiu de primeiro de agosto de 1976, Bauru fez exatamente 80 anos, aí ele bolou um caderno especial, um álbum, seu Eduardo era muito criativo, né? o diretor, o baixinho. Maquiavélico, mas era criativo. Posso assim dizer que era maquiavélico. E... e ele antes tinha sido meu diretor no Diário de Bauru e eu saí brigado, até, do Diário de Bauru, com ele, porque ele... ele menosprezou meu, meu, meu trabalho. Foi uma época difícil, que o Nicolinha ia concorrer com Franciscato, advento do Franciscato na política. E o Franciscato ganhou, evidente, e eles passaram a diminuir meu espaço de esportes. Ai chegou, acabou o ano, eu...

W.: espera aí, seu Lisboa... tem que ter canela...

L.: então, eu deixei o Diário de Bauru, nessa época, foi exatamente o último ano que eu tava em direito, terminando, a festa era em março de meia nove. Fizemos festa, baile de gala, [inaudível] no Tênis, com minha mulher e tal, pra dançar a valsa e outros ritmos e tal... E aí, bom, em 76, eu fui pro Jornal da Cidade e... fui bem em 77. Em 78 teve um probleminha no começo do ano porque o Flávio Pedroso, que escrevia "Transas" no Diário de Bauru, colocou lá que o Walter Lisboa estaria retornando ao rádio. Nessa altura eu já tinha deixado o rádio por imposição do Zé Eduardo, diretor do Jornal da Cidade, falou: cê não precisa de fazer rádio, nada, eu quero exclusividade! Fez o Vanderlei pedir licença no Banco do Brasil porque falou: o que você ganha aqui é suficiente... e era mesmo! Era muita grana! Nós ganhávamos bem, bem barbaridade! Nos dois anos que eu fiquei lá. E chegou pra mim e falou: o negócio é o seguinte, num falou se a notícia procedia ou não, se eu ia voltar pra rádio, mas a ele se queimou. Por que eu já tava... eu já tinha deixado o rádio, praticamente há um ano. E por que eu estaria voltando ao rádio? E era verdade, que ia voltar mesmo. Porque o Noroeste ia disputar um campeonato brasileiro e o Valdomiro Borges foi e falou prum gerente da época, não conheci, na Bauru Rádio Clube e falou: cê arrenda? Eu arrendo o esportes! Só que ele queria me colocar, porque o Valdomiro é cria minha no rádio. Ele sozinho achava num... achava que não ia dar. Falou: eu vou buscar o Lisboa! Até porque ele também não era narrador, não tinha narrador. Então, eu já tenho um narrador e tem um camarada pra vender. Nós tínhamos que vender, campeonato nacional, Fortaleza e tal, Maranhão, o nordeste! Absurdo! E eu tava de boca no Nordeste, que eu não conhecia o nordeste e foi, além do que, eu narrador, tal. Aí quando o Valdomiro falou comigo eu falei: eu volto! Aí a notícia sai, vazou, saiu no Diário de Bauru, acho até que foi de propósito que colocaram. E o Zé Eduardo chegou e falou: cê têm... falou assim pra mim,

na minha cara, na reunião pela manhã, que todo dia tinha um bate papo: cê tem três meses pra acertar a tua vida, cê tá fora do esquema aqui. Tudo bem... boto fé em mim, né? Aí... num durou três meses, não! Aí eu ameacei uma... ele quis cortar meu... meus, minhas comissões, tal, foi... aí eu ameacei uma ação trabalhista, no fim virou um acordo e eu saí com um bom dinheiro de lá. E ele fez pior anos mais tarde, que eu sei que ele chegou a entrar com uma ação contra o jornal e eu sei. Era um ano político...

W.: risos

L.: e o pessoal chegou e acertou rapidinho, a vida dele, desde de diretor comercial. Enfim, eu saí, no meu lugar ele foi buscar o Renato que tá aí...

W.: até hoje.

L: tá hoje. Excelente, merece! É um belo profissional! Mas trabalhava no cursos Anglo como secretário, num tinha nenhum *know-how* de rádio nem jornal, tal. Então, quase que é um furo, em parte, de público. Eu não gosto muito de comentar essas coisas, não que eu seja arrependi... absoluto, eu fiz minha carreira mesmo. Até quando fui entrar aqui, tem que fazer concurso, que aliás não ia ter concurso, cê sabe. Consta que alguns jornalistas aí da cidade, na época, obrigou a UNESP a fazer o concurso pra contratar o pessoal. Pensei, poxa vida, depois de tanto tempo, eu já tenho mais de vinte anos de rádio, vou fazer concurso pra falar em rádio? Eu entrei, fiz inscrição em jornalismo e ra... e rádio aqui na UNESP, né? Eu lembro que quando eu tava fazendo a prova prática do jornalismo, o... o Barros, como é o nome? Marcos, né? Puxa, esqueci o primeiro nome dele... bom, tudo bem. [inaudível] Falou assim: ô, Lisboa, cê tá também na locução, né? Tô! Era um domingo de manhã, eu, Dedé, a Eleide tinha ido... e a Sílvia, esposa do Marcelo Borges, trabalhei no jornalismo. Aí, tal, tô eu lá redigindo, de depois, ia fazer à tarde, ia ler o próprio texto que cê... apanhou numa reportagem lá que eles passaram. Só que você vai ficar em uma só, não tem acúmulo de função. Não tem... que é desvio de função, né? No meu linguajar, lá atrás, sempre se falou em acúmulo de função, hoje, o moderninho, é desvio de função. Num tem. Então... Aí, fiz a prática, tudo, eu num fui pra entrevista. Quando saiu o resultado já me podaram. Deixaram na locução, na locução eram oito, entrei, acho que na... na quinta posição. E logo desses oito... só tem eu e o Mário, né? Do primeiro concurso. Porque o Pedro, às tantas, acabou pulando pro jornalismo, internamente.

W.: hum, hum

L.: e tá no jornalismo, o Pedro Norberto. Faz a próxima pergunta aí...

W.: é... e aí começou a apresentar o Vida Caipira logo que entrou.

L.: Era mundo rural...

W.: é, mundo rural...

L.: eu tinha até... tinha uns encartes que a rádio fazia mensalmente, colocava lá, é... Amigos da Boa Música com fulano, era o professor Hélcio Pupo, etc e tal. Mundo Rural, produção e apresentação, Walter Lisboa.

W.: mas o senhor fazia a programação?

L.: isso tá guardado! Tá guardado porque mais tarde eu vou ver como vai fechar toda essa história...

W.: risos

L.: aí e tal... e por que é que eu comecei no Mundo Rural? Não era meu horário. Meu horário era, tipo assim, na fase de oito locutores, eu entrava às 8, entraria às 8 e ficaria até meio-dia, até uma da tarde, por aí.

W.: hum

L.: Comecei fazendo orquestra, depois mudou... deixei de fazer. Aí o Zé, o... Antônio Carlos de Jesus, me chama um dia na sala e fala: olha, o... o Marcos, tava aqui até pouco tempo nessa... nesse canal rural aí, quer ver? Esqueci mesmo, o nome do canal rural aí... num é Canal do Leilão, é outro...

W.: sei.

L.: que fala também do rural. Bom, ele tava na tv... tv Globo, agora tv Tem e... tava aqui na rádio, na locução. Aí, ele alegou pro Antônio Carlos que ele tava com um processo de, um problema no sangue, na corrente sanguínea, tal, essa coisa, [inaudível]cedinho na faculdade e coisa, mexer... o Marco era... um pouquinho, aqui entre nós, não é crítica não, mas ele era meio... digamos... tinha umas historinhas gozadas, eu sei lá se era verdade ou não, então o cara falou: cê vai ter que entrar às seis horas e era ao vivo, que ele fazia o Mundo Rural. Bom, mas depois de coroa, tanto tempo no rádio eu fazer Mundo Rural? E... vou ter que levantar às 5 da manhã! Aí levantava às 5 mesmo! Pô, eu

sempre fui, num fui um cara... porque normalmente, não sei também se em função de tudo à noite, que eu fiz faculdade, eu... eu nunca dormi cedo. Eu vou, ou eu arrumava leitura, ficava até as duas, três, pra dormir, conseqüentemente, eu não levantava, no dia seguinte, às seis, às sete! Levantava um pouco mais tarde. Até porque meus horários eram todos planejados. A não ser, evidentemente, se ia ter uma viajante, de futebol, tinha que levantar cedo. Eu levantava, num perdia trem, nunca perdi transmissão nenhuma. Mas enfim, passei a entrar às 6 da manhã, ao vivo! Nesse tempo não tinha Nações aqui, nada direito. Lembro um dia, eu tinha uma Caravan, né? eu fiquei atolado, era uma dificuldade pra chegar até aqui. Ah, eu também tinha problema que, que chegava às tantas, eu tinha a chave, abria a porta, normalmente a dona Zelinda que era a faxineira nossa na época, chegava antes, porque ela morava aqui no Geisel. Mas o técnico não chegou. Aí eu, pera lá... em rádio eu fiz tudo, só não fiz técnica... interna. Então, tem que ligar o transmissor, tem que ligar a mesa e tal, pô, eu tinha que esperar. 6 e 15, 6 e 20, pô, tinha mais essa encheção de saco! digamos assim, né? Mas tudo bem, logo o Antônio Carlos saiu, vem a Ana Sílvia e tal: ó, hoje o programa abriu 6 e meia. Teve um dia que o técnico não apareceu. Aí, a Ana pegou e entrou até com uma ação, querendo rescisão contratual, foi no jurídico lá na UNESP em São Paulo, um absurdo aquilo! Bom, claro que nós fomos absolvidos na primeira. Num vou me ater aqui no nome do técnico da época, que faltou... e eu não tinha nada a ver! Eu vou colocar? Mas foi parar, ela achou que eu era responsável, tinha um diretor artístico na época que acabou bobeando num chegava no...

W.: hum

L.: né? diretor aí, colega nosso e tal, de programação...nem... soube quando ele chegou aí, 9 horas, que num teve o programa, que a rádio entrou tarde no ar e tal. Aí, passou...

W.: aí o senhor começou a fazer música...

L.: aí virou Vida Caipira, com o advento do... como é que chama ele professor da UNESP?

W.: Murilo?

L.: Não! Antes do Murilo?

W.: Tech.

L.: Tech! [pigarro]. Tech botou Vida Caipira e tal, papapá, coisa e tal. Aí, no Vida Caipira, que eu comecei a me amoldar, a fazer, criei um estilo, um estilo meu e tal. Eu nunca me propus a fazer sertanejo, num era esse o... o meu... mas eu tenho, evidentemente, hã!, origens!

W.: hum, hum

L.: Origens, mesmo! Lá atrás!

W.: sim

L.: porque todas as minhas férias, eu ia, por exemplo, no Rio Verde. O Rio Verde são uns parentes que o irmão, irmãs, da minha vó Maria Balderramaz... e o Rio Verde era bonita, era um patrimônio colossal, muito bacana... ainda hoje existe o Rio Verde, pertence a Bauru, né? É patrimônio. E lá, carretela, eu andava de carretela, também comecei... andava nos cavalos, coisa e tal, entrava na mangueira é... depois que apartava, né? Na hora do... tipo de almoço do... rural. E... de manhã soltava o gado, com seus, suas crias. Certa altura, ainda no período matutino, ou à tarde, recolhiam os bezerros, né? Ficavam presos. E o gado, as vacas, ficavam no pasto. E eu e meu primo Zezinho Balderramaz, eu falo primo, né? Porque é quase da minha idade, embora de segundo grau, a gente ia brincar de toureiro com os bezerro e derrubava bezerro pelas... falou: cê tem que pegar nas duas orelhas e fazer isso aqui! Então eu tenho [risos] muito de noção, desde pequeno, e eu sempre... se é dois animais que eu adoro é o cavalo e o cachorro.

W.: hum, hum

L.: pode ser que eu goste mais do cavalo ou mais do cachorro, mas tão ali, equiparando. E por eu morar sempre em casa térrea, eu sempre tive, por exemplo, cachorro. E meu avô, às vezes, vinha da Água da Faca, à cavalo pra Bauru, meu avô José, deixava na serraria Duque, que tinha um mini-pastinho, o cavalo sábado e domingo ali, é... pastando. E eu ia lá, não, não, aprendi a arrear às tantas, e saía dando volta pela Antônio Alves com cavalo... era o xodó meu, né?

W.: hum, hum

L.: e eu tinha muita origem! Chegou, né? contei de Minas a passagem, né? E meus antepassados a maioria da zona rural. Só que pra apresentar no rádio e tal, eu fiz um...

alguma coisinha de estilo, eu boleei a mensagem, que eu gosto de fazer a mensagem no final do programa, às tantas, pegou... fiquei um pouco magoado quando tiraram o sábado e o domingo...

W.: hum, hum.

L.: e eu sei que, da rádio UNESP, eu vou falar porque eu tô quase terminando aqui minha carreira mesmo...

W.: risos

L.: e um dia eu perguntei pro meu diretor por que num tem mais sábado e domingo? Quando muitos feirantes tavam ouvindo, antes o Mundo Rural, depois Vida Caipira. O Mundo Rural antes tinha de segunda a segunda, era direto. Ah, cê quer saber? Tá bom demais ficar de segunda a sexta porque tem muita gente que, se dependesse deles, nem tinha mais o Vida Caipira. Eu disse: ô, que legal, então vou ficar quietinho mesmo! De segunda a sexta, de sábado e domingo num tem mais. Por mim teria porque eu entendo que tem uma grande audiência e tal. Diminuiu-se um pouco também, eu sei que entra depois, lá, a notícia que você lê depois do Vida Caipira, né? A notícia era no meio, enfim, modificou um pouco. Naquilo que eu pude manter e ficar é isso aí.

W.: hum, hum.

L.: a única coisa que eu sei, por exemplo, só pra justificar, eu tenho um parente, o Adriano Garcia, que foi muito tempo conhecido em Bauru, nos anos 90, ele veio em 76 pra cá. Porque era a campanha do Sbeghen, até que eu apresentei no palanque. Me lembro por causa da história, coincidência. E na Bauru Rádio Clube, quando eu estava lá, ainda no Jornal da Cidade, o diretor falou assim: puxa, eu tô precisando de um apresentador sertanejo que o Carlinhos do Rancho tá saindo aí, num sei que e tal. Eu falei: eu tenho um primo, lá da Alta Paulista, Pacaembu, parece que ele tá na rádio de Tupã [inaudível] e, além de ele ser criado em fazenda mesmo, ele foi criado desde pequeno, ele tá quer vir pra Bauru e ele faz. Puxa vida, é? Chama ele! Aí eu fazia ginástica no SESC, eu lembro que eu tava no SESC, tô fazendo ginástica no SESC e me chamaram: telefone pra você lá de Tupã. De Tupã. Aí eu fui lá e, ele me localizou, decerto ligou em casa, eu tava fazendo ginástica no SESC: ó, Adriano, oi? Então, cê vem aqui, se você puder tá aqui amanhã, cê vai ser contratado pela Bauru Rádio Clube e tal. Aí, veio, foi contratado, morou em casa comigo uns seis meses, casou-se, depois,

aqui em Bauru com uma moça de Bauru e tal e acabou morrendo, né? como morreu, em Itapetininga, em 90, exatamente no dia em que eu tinha uma prova quase final pra entrar aqui na... na UNESP. E... Morreu assassinado. Estupidamente. Até uma história muito mal contada, que um dia... alguns sabem a verdadeira, o verdadeiro final do Adriano como é que foi. Parece que foi tramado, tal, foi tramado... aliás, trabalhava na rádio, na época que foi assassinado, cujo proprietário é um ex-conterrâneo meu da Terra Branca e bauruense, o Abrãozinho, Zé Carlos Abrão. Trabalhou muito tempo com... com o grupo Sílvio Santos, quando ele foi pra São Paulo, foi novo, novo! Eu não sabia, ele foi dono da rádio Itapetininga, eu não direito... eu sei que o Adriano tava na rádio dele. E ele foi um dos ministros... agora eu me esqueço a pasta, da rápida passagem do Collor pela presidência...

W.: hum

L.: o Abrão, o Abrão...e é por aí! Aí eu... agora tô fazendo o Vida Caipira, meu estilo, quer dizer, faltava, talvez, segmento pra completar. Eu fiz de tudo em rádio. Em termos de comunicação, de locução, fiz tudo. E até a publicidade, no caso, que eu já falei. hehe. Ó, vou contar um detalhe pra vocês: o jogo aberto, o título, não tá registrado na propriedade industrial, mas esse título é de 1970 e foi bolado pelo... Walter Lisboa.

W.: hum.

L.: em 70, o Brasil foi tricampeão do mundo. O Noroeste voltou, depois do primeiro descenso, ficou quatro anos embaixo, voltou com um gol que eu narrei do [inaudível], só eu tenho esse gol... só eu, ó? é muito egocêntrico, né? Mas é verdade porque o Paulo Sérgio, o Ari Gomes, gritou o gol, na hora que saiu lá no Parque Antártica, meu amigo Paulo Sérgio, trabalhamos junto depois numa época, e estragou o gol do Paulo. E o meu comentarista era o Galvão, que depois foi pra Auri-Verde e coisa e tal. Cria minha o Galvão no rádio! Às vezes alguém pensa que o Galvão ser mais velho, o Galvão fui eu que botei, no lugar do Valdemar de Brito. Iam botar o Valdemar de Brito e eu disse: não! eu tenho um camarada aí tal... bom, depois eu conto a história do Galvão. Aí, chegava sábado no A Bola com a melhor Equipe, eu titular de esportes, e um tal de... e sem querer começamos a debater. Os assuntos da semana e coisa tal, papapá. Aí eu cheguei no Célio e falei: Célio, de sábado, vamos fazer uma coisa? Me dá mais meia hora, começou com uma hora, não vamos ter uma redação normal, local, e nacional, e futebol, basquete, vôlei... debate! Amanhã joga Noroeste e São Paulo aqui, vamos

debater! Noroeste na primeira divisão agora, coisa e tal. Basquete da Luso, masculino, feminino, os caras contra o Sírio, contra o Espéria, coisa e tal, né? Debate! Vamos bolar um... como é que é? Faz uma redação pra mim. O Célio sempre, aprendi muito com o Célio, o Célio foi um grande professor. Mas, dava liberdade pra depois ele chegar e: ó, precisa fazer assim, ou então, modificar a ideia. Me deu liberdade. Faz o que cê quer. Faz a abertura, eu vou gravar o... o... a chamada, a abertura do programa e tudo mais. Aí eu fui... e... Jogo Aberto.

W.: risos

L.: é! Veio a inspiração. Modéstia a parte eu tenho algumas inspirações. E jogo aberto! Eu lembro que, dentre outras coisa, falava assim na redação: se você não quer saber da verdade, do esporte ou dos esportes, desligue o rádio! Porque agora o jogo é... Aberto! E tinha um toque de caixas: tututututu. É! Época de Pinga-fogo na Tupi, coisa e tal. Paredão! Aqui, às sextas-feiras, na Bauru Rádio Clube, das 9 até a meia-noite. Jogo Aberto. [inaudível] Agora, porque esse Jogo Aberto hoje é muito divulgado na TV Bandeirantes? E até afiliadas? A Bauru Rádio Clube foi vendida pra rádio Bandeirantes em 1960 e... 7. De 60... pra 68. Até [inaudível] segunda cadeia verde-amarela, aquele negócio todo. Cadeia verde-amarela é uma coisa, rádio Bandeirantes é outra coisa. Rádio Bandeirantes, edifício Radiantes, no Morumbi... nós somos da rede! E fi... eu preferia que continuasse sendo do doutor Cintra e doutor Arnaldo Prado de Curvelo, Bauru Rádio Clube. Nós vamos entrar em rede, cês vão ver que que é rede. Num sei porque que eu falei isso! Aí, Jogo aberto, jogo aberto... jogo aberto foi até 80, 81, mais ou menos. Quando eu... depois de outra volta pra Bauru Rádio Clube acabei saindo. Agora: tudo o que nós fazíamos lá, pelo menos até onde eu fiquei, tem arquivos, tudo, a redação, às tantas eu fiz muita amizade com Fiori Giglioti, que tinha o Bandeirantes... hã, Ban... Bandeirantes falando é... de futebol no interior, esportes no interior, na rádio Bandeirantes das 5 às... eu mandava algumas redações em três vias, que tinha um malote diário, Bauru Rádio Clube - Bandeirantes. Inclusive os gerentes todos eram nomeados por São Paulo. Não botavam nenhum de Bauru pra gerenciar a Bauru Rádio Clube. Uma época, quase que eu cheguei a gerente e o Valdomiro diretor comercial, mas aí o diretor da... da cadeia... verde amarela, que determinou, o Anis Mimesse, foi dispensado. [inaudível] Dispensou? Furou o esquema! Aí veio um... outro cara de São Paulo! Aí nós de Bauru apresentávamos o cara na praça, mais ou menos durava um tempo o... né? o *love*, o amor, daqui a pouco, um e outro aprontavam, aí a Bandeirantes

vinha e retirava o cara e mandava outro! Então, o Jogo Aberto, algum gaiato, porque vinha, às vezes, contador de lá e tal...

W.: hum hum

L.: eu tenho quase certeza! Agora, num sei quem é esse gaiato e nunca tive, ainda, o contato pra falar: por que que... donde cês tiraram esse jogo aberto? Saiu de Bauru! Da Bauru Rádio Clube!

W.: ham...

L.: e eu tenho prova porque eu tenho o Diário de Bauru, quando veio, nós fizemos o Gilmar, que jogava no Santos, entrevistado, Zé Astolfo que era, na época, diretor do sindicato dos árbitros, Manuelito, um ex-zagueiro famoso do Palmeiras, na década de 50, o... o... o Jogo Aberto num foi muito internacional, mas ele era... passava as fronteiras. E na época nós tínhamos o 90 metros que era uma onda curta, tropical, que sumiu...

W.: hum, hm.

L.: num sei onde a Bandeirantes enfiou esse 90 metros! Porque eu cheguei a fazer jogo do Pacaembu com o Zé Fernando, ouvindo a 90 metros, tranquilo em São Paulo, dentro do Pacaembu! era um jogo do Brasil, era um preparatório pra Copa de 70, sessenta e nove, Brasil e Uruguai.

W.: puxa vida!

L.: então, esses 90 metros... então, e ficou os espólios aí... né? muita coisa da redação, e, às tantas, surge o jogo Aberto lá na Bandeirantes, ué!? Tudo bem e tal. Se eu ainda tivesse registrado na propriedade industrial eu ia... fazer um oba-oba, mas agora, mesmo sem oba-oba, eu... vai falar: cê tá contando farofa, aí. Num tô farofa, não porque eu tenho em casa o Diário de Bauru, na época em que eu fui diretor de esportes, e tem lá a chamada: neste sábado... porque, por exemplo, às vezes, vinha figura exponencial de São Paulo, nas quinta-feira, alguém bateu: ó, o Zé Astolfi tá aí! Então, como é que fazia o jogo aberto? Era editado!

W.: hum!

L.: eu ia no cidadão e falava: olha, Astolfi, cê pode... nós temos um programa assim, assim, com entrevista, pinga-fogo, coisa e tal, chama Jogo Aberto, é... qual... eu vou fazer uma palestra até as 8... cê pode gravar das 9 até as 10? às noite... ou das 10 às 11? Ah! E quando o assunto ia, nós tínhamos liberdade pra avançar mais uma hora.

W.: hum!

L.: geralmente, ia pra duas horas! Então, aos sábados, entrava às 6 e ia até as 8 da noite. Aquela fita de carretel, eu tenho algumas fitas em casa! Então, era na quinta-feira, então eu corria na sexta-feira de manhã, nós tinha um convênio com o Diário de Bauru, não com o JC, com o Diário de Bauru, claro, a audiência tava lá, no Diário, é... ó, precisa soltar essa chamada aí: nesse sábado, a partir das 18 horas, Jogo Aberto com José Astolfi Neto, presidente do sindicato dos árbitro do Estado de São Paulo... é... com Walter Lisboa, Galvão... Galvão de Mo... é, José Carlos Galvão, Tidei de Lima, que era da minha equipe, Valdomiro Borges, se tivesse mais alguém, Edmur Geraldo que era do plantão... eu tenho a chamada. Então, tá aí o Jogo Aberto! Mas esse título, seu Walter Lisboa...descobriu!

W.: pra fechar, seu Lisboa, quando o senhor tá apresentando hoje o Vida Caipira, o senhor pensa em quem?

L.: Ah, eu me transporto pro... pra tipos rurais e... paisagens, de Minas que eu conheci muito, dos meus tios, todos eles já falecidos, do Rio Verde, que eu tenho alguns amigos ainda... tipo assim, Luiz Lemos de Almeida, que é mais velho que eu, que mora até hoje... sou... o pai, que tem fazenda... depois... viaja, né? Fica os herdeiros, tem que dividir, ele tem lá um bom pedaço de terra ainda. Eu mando alô, às vezes, ô, Luizão!

W.: é, eu lembro!

L.: Casado com a Cadinha, a Cadinha é minha colega de infância, tempo da igreja nossa Senhora da Aparecida. Tidei morava atrás da igreja, até! Tidei eu conheço de infância, foi meu repórter de campo e tal... Tidei é um monstro, hein? Sou suspeito a falar porque convivi muito com o Tidei. Tidei é inteligentíssimo! Aliás, ele me ensinou até, eu nunca fui muito chegado assim a política, eu fui até candidato, às tantas, a vereador, modestamente, mas... eu lembro um dia, uma viagem, o Tidei falou: ô, Lisboa, cê precisa ler mais Estadão! Porra! Pô, mais do que eu leio? E já tô aí com direito terminando! É! Brincadeira, né? O Tidei era muito, muito, sempre foi muito político,

puxou o irmão, hein? João Francisco Tidei de Lima, que aliás, pra quem conhece os dois, o João é o grande cérebro da família! Me desculpa o Tidei, cê sabe tudo também, mas o João é demais! O João Francisco Tidei... e foi gerente, nos bons tempos de, quando eu tava na Terra Branca, da rádio Auri-Verde. Só não continuou porque, o Tidei contou a passagem pra mim uma vez: o meu irmão, recém formado, antiga FAFIL, hoje é USC, aquele negócio todo, filosofia, professor, mas tava empolgado. O João com rádio, diz que o pai, ele homem feito, claro, né? ô, esse negócio de rádio aí tá muito bom, cê é gerente, mas e daí? cê estudou e tal, professor, vamos: [bate palma] ver aí a profissão! Aí, praticamente... acho que... num sei se o João vai falar isso aí.. mas o Tidei deu a entender que o João foi forçado a deixar os caminhos do rádio e partir pra profissão! Como eu que queria ser jogador, he! meu pai me deixava jogar uma bolinha mas sabia que eu num ia chegar, porque... era o mínimo só de domingo, sábado, quando ia lá e tal... não! Vai estudar, filho! É, vai estudar e ter diploma!

W.: inaudível

L.: eu me lembro quando eu fui casa ele falou: tudo bem, cê vai casar, né? Tá, mas... falou na cara, na minha cara e na cara da minha, hoje, né? esposa, menor de idade, e da minha sogra, meu sogro, falou: ó, casa, hein? Mas continua, vai te formar! é, vai formar!

W.: hum, hum!

L.: Vai formar! Aí eu me formei, tudo, por coincidência, no ano que eu coleí grau ele foi na festa, minha mãe dançou, tudo, aí, passou uns meses, tal, seu Conrado bateu asas pra São Paulo. Só voltou pra morrer em Penápolis, 92 anos, tornou-se... tornou-se? Continuou dançando... nos anos 80 ele pediu o divórcio! Eu falei: pra que... ele veio em casa e pediu pra divorciar! Eu falei: que divórcio? Minha mãe nunca exigiu nada do senhor, nada! Única coisa eu que fui lá e lhe pedi, pra não dizer que exigi, uma procuração, até porque eu tava fazendo jus ao meu diploma, pelo menos, do pouco de terra que o senhor deixou aqui, pra mamãe. Porque minha mãe nunca recebeu pensão, nunca exigiu pensão, nunca precisou. A casa meu avô doou até, pra minha mãe, tudo. Isso é coisa até, vou confessar, é coisa que marcou muito a minha... o meu início de recém formado, e até no rádio, na minha vida pessoal, mexeu um pouco. Porque meu pai era meu ídolo eu osso confessar uma coisa pra você, era tão ídolo que o dia que eu fui lá e peguei a procuração, eu voltei, claro, de Expresso de Prata, né? Que era viagem

que a gente fazia, o trem já tava acabando, eu chorei de São Paulo até Bauru. Um homem, formado e... pelo baque, né? Meu pai deixou tudo, deixou família e foi... foi duro!

W.: pra mim também.

L.: é? heheheh

W.: seu Lisboa, brigado!

L.. brigado você! Falei muito! Depois cê seleciona o que quer aí!

W.: não,claro! Beleza! Obrigado!

L.: Tchau!

ANEXO 6: Questionário proposto pela UNESCO, desenvolvido por Eugênio Bucci, Marcos Chiaretti e Ana Fiorini (2012), respondido pela direção da UNESP FM

No primeiro grupo de perguntas (2012, p.26), tratamos sobre a missão e os propósitos da empresa ou instituição:

1. A emissora e a sua mantenedora têm missão, valores, objetivos e visão que constam de um documento claro e oficial para orientar sua ação cultural?

R - Existe um Regimento Interno do CRTVCE que normatiza e regulamenta as atividades das duas emissoras; Rádio e TV UNESP.

2. Esses fundamentos foram estabelecidos com envolvimento dos funcionários?

R- O atual Regimento foi elaborado com a participação do Conselho Superior do CRTVCE e aprovado pelo Conselho Universitário da UNESP.

3. Esses fundamentos são regularmente revisados e atualizados em convenções internas com bom nível de participação?

R – Tramita na Assessoria Jurídica da Universidade uma proposta de um novo Regimento que foi elaborada por uma Comissão especialmente constituída pelo Conselho Superior do CRTVCE.

4. A missão, os valores, os objetivos e a visão da instituição encontram-se verdadeiramente à disposição do público?

R – Conforme o que está proposto no Regimento Interno, sim.

5. Além deles, há diretrizes gerais para a programação nos diversos horários, para os diversos públicos?

R – Há sim uma orientação da atual gestão neste sentido.

6. Essas diretrizes são públicas, de modo que o telespectador ou o ouvinte possam verificar os propósitos de cada programa ou de cada grupo de programas?

R – Essas informações constam no site da emissora.

7. Há missões específicas por programa?

R – A emissora tem caráter cultural e educativo, sendo assim, toda a programação tem como missão a disseminação do conhecimento, informações e orientações.

8. Elas são públicas?

R - Sim

9. Existem critérios para a montagem da grade?

R – A grade está montada há tempos, mas a medida que novos projetos importantes surgem, a grade pode ser alterada para atender às essas demandas.

10. Estes critérios são de conhecimento público?

R - Não

11. Existe uma comissão responsável por esses critérios e para avaliar se eles estão sendo devidamente observados pela direção executiva da instituição?

R - Não

12. Essa comissão é escolhida de forma transparente?

R – Não há comissão.

13. Existem critérios de avaliação das equipes?

R – Não, existe apenas uma avaliação de desempenho profissional desenvolvido pela área de RH da Reitoria da Universidade, os servidores da emissora são avaliados particularmente.

14. Há metas editoriais para avaliar a performance dos funcionários?

R - Não

15. Estes critérios são públicos?

R- Não há.

16. Existe um órgão interno de avaliação periódica do conteúdo?

R - Não

17. As avaliações desse órgão interno são abertas ao público, mesmo que a posteriori?

R- Não há.

18. Existem critérios claros e públicos para a escolha dos dirigentes da emissora?

R – Atualmente, conforme o Regimento Interno, a escolha do dirigente da emissora acontece a partir de eleição direta pelos membros do Conselho Superior, com a elaboração de uma lista tríplice, a qual é encaminhada ao Reitor da Universidade, que faz a indicação do nome entre os três da lista.

19. Existe um plano de carreira?

R- Da emissora não. Existe o plano de carreira da Universidade.

20. O plano de carreira da emissora é seguido sistematicamente?

R – Da Universidade sim.

Seguindo o segundo grupo de questões (2012, p.27), sobre a administração de recursos, as questões são:

21. Publicam-se balanços regularmente?

R – A prestação de contas da emissora é feita mensalmente para a Divisão de Finanças e Contabilidade da Reitoria da UNESP e fica à disposição do Tribunal de Contas do Estado.

22. Eles estão bem traduzidos ou são montados de forma que só contadores sejam capazes de decifrá-los?

R- São bem traduzidos e detalhados, com toda a documentação anexada.

23. Os balanços são auditados por organismos externos independentes?

R – Sim.

24. Os balanços são auditados internamente seguindo estes mesmos parâmetros utilizados por organismos externos?

R - Sim

25. O orçamento anual também é publicado, com uma clara destinação de cada parte dos recursos?

R – É publicado juntamente com o orçamento da Universidade Estadual Paulista

26. Os critérios pré-definidos de utilização dos recursos são abertos para o público?

R – Estão à disposição nos setores de Finanças da Universidade

27. Há normas, manuais ou guias para o custeio do conteúdo produzido ou comprado pela emissora?

R - Sim

28. Essas guias são franqueadas ao público, amplamente divulgadas e explicadas?

R – São publicados no Diário Oficial do Estado

29. Os custos da programação são apresentados ao público em detalhes?

R – Nos órgãos oficiais.

30. Há indicações sobre os custos dos programas nos créditos finais de cada um deles?

R - Não

31. É possível para o público saber quanto custa cada programa?

R - Não

32. Existem critérios para cadastramento de fornecedores?

R – Sim, mas as aquisições de equipamentos são realizadas pelo setor de compras da Reitoria.

33. Os valores que orientam esses critérios – sustentabilidade, relações de trabalho dignas etc. – são de conhecimento público?

R – Como órgão público, a Universidade tem que atender a todos esses critérios.

34. Os critérios são aplicados e sua aplicação é auditada?

R - Sim

35. Os salários dos quadros dirigentes são de conhecimento público?

R – Estão dispostos nos órgãos do serviço público

36. As despesas adicionais e os benefícios dos dirigentes são de conhecimento público?

R - Sim

O terceiro conjunto de questões, mira o nível de diálogo com a sociedade (2012, p.27):

37. Os cidadãos participam com críticas ou sugestões aos balanços, ao orçamento e à administração dos recursos?

R - Não

38. Os cidadãos são estimulados a participar?

R - Não

39. Como a instituição acolhe as sugestões?

R – Se houver, são recebidas e respondidas.

40. Como a instituição dá respostas a elas?

R – Responde às indagações com as devidas explicações e ou justificativas.

41. Existem critérios objetivos para a participação do público no processo de avaliação?

R - Não

42. Há questionários que as pessoas possam responder pela internet se quiserem participar?

R - Não

43. De que modo a participação dos telespectadores é absorvida e divulgada internamente na emissora?

R – Individualmente, com o funcionário diretamente envolvido com a área e ou programa citado pelo ouvinte.

44. Existe um ombudsman ou ouvidor?

R – Ainda não, mas já tramita nas instâncias superiores um projeto para a instalação de Ouvidoria.

45. Esse profissional tem espaço diário na programação para comentar as críticas do público?

R – Essa proposta está contida no Projeto.

46. Existem formas de interação do público nos noticiários?

R - Sim

47. A função dispõe de recursos para ser realizada com eficiência?

R – Considero que ainda é ineficiente.

48. Há arquivos registrando os comentários e cartas do público?

R - Sim

49. O prazo das respostas é satisfatório?

R - Sim

50. Existe comunicação interativa com o telespectador ou ouvinte que deseja discutir a programação ou as decisões editoriais?

R – Ainda não.

51. A emissora tem presença permanente nas redes sociais?

R – Timidamente ainda.

52. A emissora tem páginas próprias nas redes sociais?

R – Sim.

53. Os programas da grade têm páginas nas redes sociais?

R - Alguns

Chegamos ao grupo de questões relativas à diversidade cultural:

54. A grade inclui programas destinados a públicos de idades diversas?

R - Sim

55. A grade inclui programas destinados a públicos de regiões geográficas diversas?

R - Não

56. A grade reflete a diversidade de identidades – étnicas, religiosas, populares, etárias, de orientação sexual, de preferências estéticas etc. – que estão presentes na sociedade (note-se que “refletir” não significa “impor” uma série de categorias ou cotas artificialmente definidas)?

R – Entendo que sim.

57. A grade tem procurado proteger manifestações culturais “ameaçadas de extinção”, de modo a contribuir com a preservação do patrimônio imaterial?

R - Não

58. Existe uma orientação ou manual relacionado com a questão da diversidade?

R – Sim, no Regimento Interno.

59. Este orientação ou manual é aplicado?

R - Sim

No quesito cobertura geográfica e oferta de plataformas (2012, p.28), temos o seguinte::

60. A emissora pode ser sintonizada em todo o território de cuja população recebe recursos?

R - Não

61. A emissora tem instalações e equipes distribuídas pelas diversas regiões das quais provêm seus recursos?

R - Não

62. Sua programação reflete a diversidade geográfica que ela deve representar?

R - Não

63. De outro lado, as populações das diversas regiões têm entrada nessa programação?

R - Não

64. As pessoas das diversas regiões aparecem nessa programação?

R- Não

65. No jornalismo, há reportagens sobre as diversas cidades ou regiões?

R – Sim....há o aproveitamento de material das agências de notícias.

66. Há produções culturais geradas pelas diversas regiões de cujas populações recebe recursos?

R - Não

67. A emissora mantém escritórios ou representações nas diversas regiões?

R- Não

68. A produtividade dessas representações justifica o custo que elas têm?

R - Não

69. A emissora tem convênios com outras emissoras públicas nacionais?

R –

A TV UNESP tem convênio com o Canal Futura. A Rádio tem parcerias.

70. A emissora tem convênios com outras emissoras públicas internacionais?

R – Parceria com a Rádio França Internacional

71. Existem canais digitais?

R – Rádio não, mas TV UNESP possui.

72. Eles são de acesso gratuito?

R - Sim

73. Os sinais de ondas eletromagnéticas (nas emissoras de rádio e TV aberta) podem ser sintonizados em toda a área geográfica que deveria ser coberta?

R - Sim

74. Há canais de TV fechada que veiculam a programação da emissora?

R – Da TV UNESP sim

75. Se são pagos, as justificativas para sua manutenção justificam sua existência? (Lembremos que emissoras públicas devem ser gratuitas e de acesso universal.)

R – O Canal Futura, que é transmitida em canal fechado, veicula alguns programas da TV UNESP.

76. A emissora tem portal ou portais abertos na web?

R - Sim

77. A emissora tem aplicativos (apps) disponíveis para dispositivos móveis?

R - Sim

78. A emissora tem uma política definida de uso de novas tecnologias e consegue se manter atualizada nessa matéria?

R – Ainda não.

79. A emissora tem uma política de colaboração com outras emissoras públicas no mundo?

R – Rádio França Internaonal

Os autores seguem sua proposta, agora falando sobre o padrão público do jornalismo (2012, p.29):

80. A emissora tem uma grade definida de noticiários?

R - Sim

81. O noticiário abrange toda a área geográfica coberta pela emissora?

R - Não

82. O noticiário trata em profundidade, com regularidade, de pautas produzidas em várias praças de cobertura da TV?

R - Não

83. Os cidadãos e as comunidades que a sustentam são também protagonistas das notícias, das coberturas, dos documentários e dos debates veiculados por ela?

R – Certa parte, nem toda.

84. A emissora se corrige publicamente quando alguma reportagem ou noticiário deixa passar, inadvertidamente, um erro?

R sim

85. A emissora se corrige publicamente quando alguma reportagem ou noticiário deixa passar, inadvertidamente, um conteúdo de proselitismo e de convencimento político disfarçado de jornalismo?

R - Sim

86. A emissora tem orientações expressas em seus parâmetros editoriais para evitar o proselitismo religioso disfarçado de documentário de cunho cultural (como, por exemplo, transmissão de cerimônias de uma determinada religião)?

R - Sim

87. Essas orientações são bem sucedidas para evitar o proselitismo religioso?

R - Sim

88. Os diversos pontos de vista estão representados nos debates de ideias?

R - sim

89. O jornalismo é objetivo – no sentido de evitar a subjetividade – e independente (ver próximo item)?

R - sim

90. As fontes ouvidas nas reportagens refletem os padrões de diversidade que pautam a programação geral da emissora?

R - Sim

91. Há um Conselho Editorial – ou um órgão análogo – independente do governo ou do órgão de Estado ou de governo ao qual a emissora seja eventualmente vinculada?

R - Não

92. Esse Conselho tem um estatuto próprio?

R -

93. O estatuto está publicado, é de fácil acesso para o cidadão?

R -

94. Ele é simples, direto, compreensível?

95. Existe uma lei ou documento legal definindo as atribuições do Conselho?

96. A escolha dos membros do Conselho é autônoma em relação ao governo?

97. O Conselho escolhe executivo mais alto da emissora?

98. Esse executivo tem mandato?

R – Sim, de 4 anos.

99. Ele tem poder para contratar e demitir seus assessores ou os diretores que lhe são subordinados?

R - Não

100. O Conselho pode demitir o executivo principal da emissora?

R - Não

101. O Conselho aprova o planejamento anual da

102. empresa?

R - Não

103. • O Conselho aprova o orçamento da empresa?

R - Não

Ainda em relação à independência, agora sobre a operação de linha da emissora (2012, p29). Vamos às questões:

104. Uma vez aprovado o planejamento, a emissora tem autonomia na definição de sua grade?

R – Deve passar pela aprovação do Conselho Superior.

105. A emissora tem autonomia total na contratação de seus funcionários?

R - Não

106. A emissora tem autonomia na gestão de suas equipes?

R - Sim

107. A emissora tem autonomia para licitar a contratação de seus fornecedores?

R - Não

108. A emissora tem autonomia na escolha de seus parceiros?

R - Sim

109. A emissora tem independência na produção de seus programas?

R - Sim

110. Os jornalistas têm autonomia em sua participação em programas e/ou noticiários?

R - Sim

111. Há organismos de auditoria e crítica independentes, internos à instituição?

R - Não

112. Existe um painel de especialistas reconhecidos, independente, que avalia continuamente e com regularidade o conteúdo dos programas gerados pela emissora?

R - Não

113. A emissora tem liberdade para deliberar sobre o conteúdo que põe no ar ou sua programação, sem ter que se submeter a alguma forma de censura prévia em órgãos estatais?

R - Sim

114. A emissora tem autonomia plena para decidir o que veicula (ou depende da autorização de governamental para a exibição de um programa em particular)?

R - Sim

115. Os sites da emissora estão livres de bloqueios impostos pelo governo ou pelo Judiciário?

R - Sim

Outro conjunto de perguntas desenvolvido pelos autores trata do caráter público do financiamento (2012, p.31). Os indicadores são:.

116. No caso de financiamento público, existe lei definindo formas de financiamento?

R - sim

117. Essa lei impede a ingerência de autoridades na liberação dos recursos?

R - Não

118. A emissora se encontra a salvo de contingenciamentos e outras formas de pressão governamental?

R - Não

119. Existem programas de financiamento da emissora que envolvam a participação direta e voluntária do público (seguindo o modelo da PBS norteamericana)?

R - Não

120. Se veicula publicidade comum, dessa que vende mercadorias ou serviços, como automóveis ou cartões de crédito, a emissora mantém essas receitas abaixo dos 20% de seu orçamento total?

R – Não veicula

121. Há regras oficiais da emissora que limitam a participação da publicidade comercial no conjunto do orçamento?

R - Sim

122. Se a emissora veicula apenas publicidade institucional, há um regulamento que impeça a interferência do anunciante nas decisões sobre a programação?

R Sim

123. A área de captação de recursos da emissora está claramente orientada a não exercer, nem a dizer que exerce qualquer ingerência ou influência sobre a área responsável pela tomada de decisões editoriais?

R – Não há essa área.

124. A área editorial é inteira e claramente independente da área de captação de recursos?

R - ...

125. Essa independência é clara para o público, estando publicada em documento oficial?

R - ...

126. Ela é conhecida e respeitada dentro da emissora?

R -

127. Se consultados em questionários abertos, os funcionários da emissora têm clareza sobre a necessidade e o funcionamento dessa separação (entre a área de captação de recursos e a área editorial)?

128. A escolha de parceiros para a realização de programas está protegida contra os critérios comerciais ou outros critérios estranhos às necessidades, às aspirações e aos direitos do público?

R - Sim

129. Ao dialogar com seus parceiros privados ou anunciantes institucionais, a emissora sabe se diferenciar explicitamente das emissoras comerciais?

R - Sim

130. A emissora sabe se eximir de fazer concorrência com emissoras comerciais quando capta parceiros ou anunciantes?

R - Sim

131. Seu corpo dirigente tem consciência de que essa concorrência seria uma forma de concorrência desleal, uma vez que as emissoras comerciais não podem se dar ao luxo de receber parte de seu orçamento dos cofres públicos?

R - Sim

132. A emissora rejeita outras formas de veiculação de interesses comerciais de empresas ou anunciantes (públicos ou privados) na programação da emissora, como o merchandising, por exemplo?

R - sim

133. O público está informado sobre as relações entre a direção da emissora e seus anunciantes?

R - Sim

134. O público é consultado sobre essas relações?

R - Não

135. O público é chamado a opinar sobre essas relações?

R - Não

Seguindo os testes, falamos sobre o grau de satisfação da audiência (2012, p.32). Eis os tópicos propostos:

136. Existe uma rubrica no orçamento da emissora destinada à realização de pesquisas?

R - Não

137. Fazem-se pesquisas ad hoc?

R - Não

138. Fazem-se pesquisas pré-teste de audiência na definição dos programas?

R - Não

139. Há um processo de tracking da audiência?

R - Não

140. Existe uma área da emissora focada em analisar dados de pesquisas?

R - Não

141. Publica-se o rating dos programas?

R - Não

142. Existe uma diretoria independente de pesquisa que sirva ao conjunto de programas da emissora?

R - Não

143. Existe um processo de feedback das pesquisas em relação à produção?

R - Não

144. Existe um processo de disseminação interna das pesquisas?

R - Não

145. Existe um processo de crítica dos resultados das pesquisas?

R- Não

146. Existe um processo contínuo de pesquisa relacionado com o target dos programas?

R - Não

147. Existe uma pesquisa contínua relacionada com o tempo médio de permanência dos usuários nos programas da emissora?

R - Não

148. A proporção de programas pesquisados em relação à programação total da emissora é suficiente?

R - Não

149. O sistema de manutenção e ajuste de qualidade nos programas da emissora é eficaz – funciona bem – e bem compreendido pelas equipes envolvidas?

R Considero que sim

150. Existem questionários via web para avaliar a opinião do público em geral sobre a programação da emissora?

R – Ainda não..há um projeto em andamento.

151. Usa-se a web para promover a escolha pelo público de programas da emissora? Bucci, Marchetti e Fiorini partem agora para os tópicos que analisam a experimentação e inovação da linguagem (2012, p.31).

152. Há um manual de estilo que estimule a experimentação?

R - Não

153. Os profissionais têm conhecimento de novas técnicas de produção audiovisual?

R - Sim

154. A emissora é percebida pelos seus pares (as outras emissoras, públicas e privadas) como um celeiro de boas ideias e bons profissionais?

R - Sim

155. Há exemplos de programas ou de formatos de programa que foram gerados dentro dela e depois assimilados por outras emissoras?

R – Não tenho conhecimento

156. Ela exporta programação?

R – Oferece sua programação às emissoras parcerias associadas a Associação das Rádios Públicas do Brasil - ARPUB

157. Ela é considerada uma escola por jovens profissionais?

R - Sim

158. Procura-se conciliar a produção dos programas com outras plataformas de publicação, como a web?

R - Sim

159. Os equipamentos são avançados quando comparados às suas concorrentes ou similares?

R - Sim

160. Os técnicos estão em linha com a vanguarda tecnológica, quando comparados os outros profissionais do mesmo mercado, na mesma região?

R - Sim

161. Há grupos de críticos (organizados por pesquisadores) que sirvam de termômetro periódico para a avaliação da qualidade estética da programação?

R - Não

162. A linguagem dos programas é original ou repete padrões conhecidos?

R – É original

163. A originalidade na linguagem dos programas é um pressuposto na criação destes programas?

R – Não necessariamente.

164. Há um procedimento regular de análise da linguagem dos programas?

R - Não

165. Existe um procedimento claro a toda a emissora de como se realiza esta análise?

R - Não

166. Esta análise é realizada por um painel de especialistas, incluindo-se aí especialistas externos à emissora?

R - Não

167. Existe um processo de feedback regular desta análise aos responsáveis pela produção dos programas da emissora?

R - Não

168. Há programas da emissora considerados referência internacional quando comparados a países no mesmo nível de desenvolvimento econômico e educacional?

R - Não

169. Há algum programa da emissora que pode ser considerado referência internacional em sua área específica?

R - Não

170. A emissora recebe premiações nacionais com alguma regularidade?

R - Não

171. A emissora recebe prêmios internacionais com regularidade?

R - Não

172. Os programas da emissora servem para revelação de talentos específicos?

R - Não

173. Os programas da emissora revelam talentos, reconhecidos fora dela, em direção?

R - Não

174. Os programas da emissora revelam talentos específicos, reconhecidos fora dela, na área de jornalismo?

R - Não

175. Os programas da emissora de maneira geral podem ser considerados como uma revelação em suas áreas específicas?

R - Não

176. A imprensa independente e a crítica especializada localizam originalidade e valor estético ou cultural nos programas da emissora? E, finalmente, os autores elencaram índices para avaliar o padrão técnico das emissoras públicas (2012, p.33).

R - Não

177. Os equipamentos de produção são atualizados regularmente, dentro de padrões equivalentes ou superiores aos da concorrência ou das instituições análogas na mesma região?

R - Sim

178. A proporção entre equipamentos novos e relativamente obsoletos está dentro dos padrões das empresas da área no mesmo país?

R - Sim

179. O padrão de investimento em tecnologia é compatível com o as melhores práticas do segmento em que a emissora atua?

R - Sim

180. O software utilizado nas diversas fases de produção é considerado como estando dentro do estado da arte?

R - Sim

181. Existe um programa de manutenção técnica constante?

R - Sim

182. Os profissionais da emissora estão tecnicamente capacitados para operar seus equipamentos da melhor maneira possível?

R - Sim

183. Os profissionais da emissora recebem constante treinamento para utilizar seus equipamentos da melhor maneira possível?

R - Não

184. Os estúdios da emissora estão dentro das melhores padrões técnicos disponíveis?

R - Sim

185. Os equipamentos de edição estão entre os mais modernos à disposição no mercado?

R - Sim

186. Os equipamentos de captação de vídeo estão entre os melhores à disposição no mercado?

R - Sim

187. Os equipamentos de captação de áudio estão entre os melhores à disposição no mercado?

R - Sim

188. Os equipamentos de externa estão entre os melhores, quando comparados ao de outras instituições semelhantes?

R - Sim

189. Há um sistema de arquivamento (dentro dos melhores padrões técnicos disponíveis) do material produzido pela emissora?

R - Sim

190. O arquivo guarda pelo menos a melhor parte da programação da emissora?

R - Sim